

PATRÍSTICA

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Da incompreensibilidade de Deus
Da providência de Deus
Cartas a Olímpia



SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

DA INCOMPREENSIBILIDADE
DE DEUS

DA PROVIDÊNCIA DE DEUS
CARTAS A OLÍMPIA



Índice

[Apresentação](#)

[Introdução](#)

[DA INCOMPREENSIBILIDADE DE DEUS](#)

[Primeira homilia](#)

[Segunda homilia](#)

[Terceira homilia](#)

[Quarta homilia](#)

[Quinta homilia](#)

[DA PROVIDÊNCIA DE DEUS](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[CARTAS A OLÍMPIA](#)

[Carta 1](#)

[Carta 2](#)

[Carta 3](#)

[Carta 4](#)

[Carta 5](#)

[Carta 6](#)

[Carta 7](#)

[Carta 8](#)

[Carta 9](#)

[Carta 10](#)

[Carta 11](#)

[Carta 12](#)

[Carta 13](#)

[Carta 14](#)

[Carta 15](#)

[Carta 16](#)

[Carta 17](#)

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da

“teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antigüidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antigüidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antigüidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antigüidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antigüidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antigüidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antigüidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

1. Vida

São João Crisóstomo (345?-407) foi um dos maiores teólogos da Igreja Oriental, juntamente com Gregório Nanzianzeno, Gregório de Nissa e Basílio de Cesaréia. Fecundo pregador e escritor, deixou considerável obra em homilias, exortações e comentários às Escrituras. Foi Patriarca de Constantinopla entre 398 e 404.

Nascido de abastada família cristã em Antioquia da Síria, foi orientado ao estudo de filosofia e retórica, provavelmente tendo em vista uma carreira burocrática como a do pai. Companheiros de juventude, no entanto, conduzem-no à imersão na vida eclesial e em seguida ao batismo. Em 371, aos 21 anos, é ordenado leitor pelo bispo Melécio. A mística de sua época leva-o a frustrar o projeto da família e a renunciar à dispersão promovida pela cultura urbana. Por seis anos permanece retirado na periferia de Antioquia e depois no deserto, dedicando-se exclusivamente à solitude e ao estudo das Escrituras, até que questões de saúde o pressionam a voltar à cidade, em 381. Nessa ocasião é ordenado diácono por Melécio. Cinco anos depois, em 386, o novo bispo Flaviano ordena João presbítero e encarrega-o de pregar ao povo na cidade.

Desde o início do novo ministério, João dedica-se com ardor à tarefa de explicar ao povo cristão a doutrina e as Escrituras, tornando-se assim famoso pela eloquência e pelo senso evangélico. Prega em favor dos pobres, da justiça e de uma economia solidária, em detrimento do clientelismo e dos privilégios da elite. A maior parte de suas homilias exegéticas provém dessa época, bem como muitos escritos de índole pastoral. Desde então é-lhe dado o epíteto Crisóstomo, em grego, “boca de ouro”.

A fama de líder e excelente pregador chega à capital do império, Constantinopla. Por isso, quando da morte do bispo Necário, em 397, a escolha do imperador recai sobre João. Ele é convocado e, no início de 398, consagrado bispo por Teófilo, patriarca de Alexandria, que aguardará algum tempo até se declarar como seu antagonista. Não muito tempo, contudo, pois imediatamente o confronto entre o estilo ascético de João, a hipocrisia dos clérigos e a ostentação da vida na corte gera tensões e desperta antipatias. Em seu novo posto, João não só não está disposto a negociar a radicalidade evangélica, como logo começa a pressionar clero e corte por uma ampla reforma ética na sociedade. Por isso se torna rapidamente tão amado pelo povo simples quanto odiado pelas elites.

Ao patriarca de Alexandria une-se a imperatriz, também incomodada pelas exigências de justiça, para derrubar o novo bispo. Em 403 um concílio regional é convocado com o objetivo de exigir sua deposição. O imperador cede, mas o povo de Constantinopla se revolta e exige a permanência de João. No ano seguinte, contudo, seus inimigos voltam à carga e promovem tumultos, conseguindo enfim sua deposição definitiva e desterro para a Armênia.

O povo e os amigos não o abandonam, e muitos continuam procurando as palavras do Boca de Ouro mesmo no exílio. O afluxo de fiéis à Armênia em busca de seu líder espiritual logo motiva sua remoção para a costa oriental do Mar Negro, a caminho da qual João morre, em 407. A reabilitação

pública acontece apenas em 438, quando seus restos mortais são transferidos para Constantinopla.

2. *Obra*

João Crisóstomo foi um dos teólogos cristãos mais fecundos da Antigüidade. Em meio aos sermões escriturísticos que caracterizaram sua ação pastoral, deixou-nos tratados e cartas cuja importância transcende seu contexto histórico-cultural. Esteve fortemente imbuído da disputa com o judaísmo pela reforma da herança cultural e religiosa da Roma pagã; daí nasceram homilias francamente anti-semitas, cuja negação ingênua – ou reafirmação maldosa – seria bem mais perigosa na atualidade do que em seu contexto original. Sua maior preocupação, contudo, foi a prática da justiça em todos os níveis da existência humana, em função da qual empregou sua vasta cultura bíblica.

De fato, a melhor parte da herança literária do Boca de Ouro versa sobre as Escrituras, na tentativa de elucidar o sentido espiritual precedendo-o de atenta análise formal. João Crisóstomo utiliza o método da escola antioquena de investigação exegética, que prioriza o sentido material do texto a fim de não iludir o ouvinte com interpretações alegóricas sem vínculo com a divina revelação.

Fortemente comprometido com o ideal da justiça do Reino de Deus, preocupou-se constantemente com a purificação das práticas comuns da vida monástica, ideal que motivou a publicação de tratados, sermões e cartas. No entanto, o ponto alto de sua teologia está na ardente e constante preocupação do arcebispo com os pobres e marginalizados, nos quais via o próprio Cristo, em estrita coerência com o Evangelho. Não se pode desprezar o significado político desta opção que, assumida e proclamada desde a cátedra de Constantinopla, soa como verdadeira afronta à elite político-ecclesial, convencida de merecer os privilégios de que gozava. João, pois, procurava viver conforme ensinava a viver. A simplicidade de seus hábitos pessoais, aliada à eloquência com que denuncia a miséria de uns e o desperdício por outros, torna-se nada menos que perigosa para o Império Romano do Oriente.

As duas primeiras obras apresentadas neste volume – *Da incompreensibilidade de Deus* e *Da providência de Deus* – têm em comum uma necessidade pastoral e o fundamento teológico. João Crisóstomo preocupa-se em apresentar, por meio de abundantes argumentos filosóficos e bíblico-teológicos, o caráter absoluto da transcendência divina e as conseqüências doutrinárias e morais dessa fé. As cartas do exílio são a reafirmação contínua e serena das convicções que custaram a liberdade e a vida do arcebispo de Constantinopla.

A primeira obra é uma seqüência de homilias, nas quais pitadas de bom humor, o delicado trato de questões do cotidiano e a força dos arroubos poéticos temperam agradavelmente a exposição de um tema que muitos reputariam árido, estranho às preocupações populares. No entanto, é o povo cristão comum que se acotovela para aplaudir as palavras de seu bispo. A este povo reunido em assembléia, João Crisóstomo se preocupa em apresentar as Escrituras em perfeita conexão com as questões de seu tempo. Sempre preocupado com a fidelidade ao texto sagrado, é fiel aos ditames da escola antioquena de exegese: busca o *sentido contextual* das palavras e dos acontecimentos bíblicos, em vez de se apropriar da forma em função de suas necessidades retóricas.

A segunda obra é um tratado, provavelmente da época do exílio, em que João Crisóstomo retoma pontos fundamentais da teologia judaico-cristã já expostos em obras anteriores. Sua preocupação maior, agora, é refutar a decepção e o esfriamento na fé daqueles que não podiam compreender a

perseguição de seu líder, num momento em que o cristianismo parecia ter superado totalmente suas diferenças com o poder estabelecido.

Embora o foco de suas palavras pareça direcionado à santificação do indivíduo, a intensa preocupação de João Crisóstomo em defender a transcendência absoluta de Deus tem evidente intenção política. Ele recusa de modo claro e inequívoco qualquer possibilidade de confusão entre os poderes terrenos e o poder divino – na contramão da teocracia constantinopolitana, que teria pretendido firmar seu poder no imaginário monoteísta judaico-cristão. Por isso causa tanto escândalo em sua época a defesa irrestrita da incompreensibilidade de Deus.

Deus não pode ser analisado, dissecado, compreendido: não poderá jamais ser *controlado* pela criatura. Importa não tentar usurpar o lugar de Deus ou, no caso de outro vir a fazê-lo, ter a atitude moral, política e espiritual necessária para resistir a tal tentativa de usurpação. Por isso os *anomeus* escandalizam a comunidade de fé. Por isso, igualmente, não tem cabimento preocupar-se com o sofrimento causado pela perseguição; menos ainda submeter-se a qualquer autoridade terrena, seja religiosa ou civil, dedicada ao exercício da injustiça – mesmo que isso custe a própria liberdade. De excepcional atualidade é a evocação da memória de João Batista, “que preferiu ser decapitado a perder sua magnífica liberdade de expressão” (*Providência*, 22,3).

Em momento algum João Crisóstomo coloca a dor, a miséria ou o sofrimento como objetivamente desejados por Deus: é a *perseguição por causa da justiça* a motivação da suprema bem-aventurança, pelos benefícios morais que proporciona. Não será outro o principal motivo de suas cartas à diaconisa Olímpia, estimada amiga e colaboradora em Constantinopla. Nas cartas são abundantes as referências a Abraão no contexto do sacrifício de Isaac, a José no Egito e a Jó, modelos veterotestamentários de resistência e de fidelidade a toda prova diante das adversidades. O encanto dessas personagens está, para João Crisóstomo, em cumprirem a vontade de Deus na ausência de qualquer sinal de recompensa terrena. Evidenciam, assim, do modo mais excelente, que a máxima recompensa a que pode aspirar o fiel é o cumprimento da vontade divina.

Bibliografia:

BERARDINO, Angelo Di et alii (org.). *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. São Paulo/Petrópolis: Paulus/Vozes, 2002.

KELLY, J. N. D. *Golden Mouth: the Story of John Chrysostom - Ascetic Preacher, Bishop*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 1995.

SCHAFF, Phillip (ed.). *A select library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Vol. IX: Saint Chrysostom. Edimburgo/Grand Rapids, Michigan: T&T Clark/Eerdmans. Disponível em www.ccel.org/ccel/schaff/npnf109.ii.html. Acessado em 08/03/2007.

DA INCOMPREENSIBILIDADE DE DEUS

PRIMEIRA HOMILIA

Como é isto? O pastor ausente e as ovelhas em perfeita ordem! Grande feito do pastor: o rebanho, não apenas em sua presença, mas até durante a ausência, demonstra ardente zelo! Efetivamente os animais irracionais, quando se ausenta o pastor que os conduz às pastagens, devem necessariamente ficar dentro do cercado, ou, se vão sozinhos para fora do redil, põem-se a vaguear por lugares remotos. Aqui, porém, nada disso. Apesar da ausência do pastor, chegastes às costumeiras pastagens, em perfeita ordem.

Ou melhor, acha-se presente o pastor, não física, mas espiritualmente; não corporalmente, e sim devido à boa ordem do rebanho. Por isso, mais ainda o admiro e proclamo feliz, pois conseguiu transmitir-vos tamanho desvelo. Na verdade, um general deixa-nos mais extasiados quando, apesar de sua ausência, as tropas continuam disciplinadas. Era o que Paulo tinha em vista ao exortar os discípulos: “Portanto, meus amados, como sempre tendes obedecido, não em minha presença, mas também particularmente agora em minha ausência...”.¹ Por que profere essas palavras: “particularmente agora em minha ausência”? Porque, na presença do pastor, se o lobo ataca o rebanho, facilmente é repellido para longe das ovelhas, enquanto, na ausência, elas se encontram necessariamente em maior perigo, porque desprotegidas. Além disso, se ele ali está, partilha com elas o mérito da diligência, ao passo que, se estiver ausente, põe a descoberto o denodo que elas possuem. Essas palavras vos dirige o mestre distante; onde quer que agora se encontre, está a imaginar vossa assembléia, e não tanto olha os que tem diante de si quanto divisa a vós, apesar de afastados.

Conheço bem a caridade ardente, inflamada e calorosa, irreprimível, que ele tem arraigada no íntimo da alma e mantém tão esmerada. Na verdade, ele sabe exatamente que se trata do principal de todos os bens, deles todos raiz, fonte, matriz e que, onde falta a caridade, as outras virtudes de nada nos servem, porque ela constitui a marca dos discípulos do Senhor, a característica dos servos de Deus, o distintivo dos apóstolos. Com efeito, está escrito: “Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos”.² Em quê? Dize-me. Em ressuscitar os mortos, purificar os leprosos ou expulsar os demônios? Não, assegura ele; omite tudo isto e declara: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”. De fato, as outras faculdades são dons da graça do alto exclusivamente, enquanto a caridade é também efeito da diligência humana. Ora, a nobreza da alma geralmente se caracteriza menos pelos dons recebidos do alto do que pelos êxitos obtidos por nossos próprios esforços. Por esta razão, conforme Cristo disse, não se revelam seus discípulos por intermédio de milagres, e sim pela caridade. Onde, pois, existe a caridade, a seu possuidor não falta parte alguma da sabedoria; ao contrário, está de posse da virtude inteira, completa e perfeita, enquanto o que dela carece acha-se privado de todos os bens. Por isso, Paulo a celebra e exalta em palavras; entretanto estes elogios ficam ainda aquém do que ela merece.

O que, pois, iguala-se à caridade, resumo das profecias, da lei, sem a qual nem a fé, nem a ciência, nem o conhecimento dos mistérios, nem o próprio martírio etc. poderá salvar seu detentor? Pois, diz

ele: “Ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria”.³ E mais adiante, querendo demonstrar ser ela a maior e a mais elevada das virtudes, afirma: “Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá... Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade”.⁴

Essas palavras referentes à caridade nos sugerem um problema bem importante. Não oferece dificuldade asseverar que desaparece o dom da profecia e cessa o dom das línguas, porque foi por certo tempo que essas graças nos foram dispensadas e podem acabar sem prejuízo para a palavra; de fato, o dom da profecia e o das línguas atualmente já não existem, mas nem por isso criou-se obstáculo ao anúncio sagrado. Se passar a ciência, contudo, surgirá um problema. Efetivamente, depois de ter dito: “Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão”, acrescenta: “Quanto à ciência, também desaparecerá”. Se desaparecer a ciência, nossa condição, em vez de melhorar, há de piorar, porque sem ela perderemos o que é peculiar ao homem.

Pois, está escrito: “Teme a Deus e guarda os mandamentos, porque nisto está o homem todo”.⁵ Se, portanto, é peculiar ao homem temer a Deus, temor esse proveniente da ciência, e se a ciência deve passar, conforme assegura Paulo, quando não existir mais a ciência, estaremos completamente perdidos; tudo o que nos é peculiar desaparecerá e não estaremos em situação superior, porém até muito inferior à dos animais. De fato, nossa superioridade sobre eles consiste nisso, uma vez que, em relação às outras vantagens todas, ao menos quanto às dependentes do corpo, eles nos superam em grau muito maior. O que quer dizer, então, Paulo, e de que fala, ao assegurar que “a ciência também passará”?

Ele o diz, não no tocante ao conhecimento total, mas à ciência parcial, denominando desaparecimento a passagem a um estado melhor, porque a ciência parcial desaparecerá para deixar de ser parcial e tornar-se perfeita. Igualmente, a infância desaparece, não para a destruição do ser; pelo contrário, é por causa do crescimento nesta idade e pela passagem ao estado adulto. O mesmo sucede à ciência, porque esta ciência pequena, diz ele, já não será pequena quando tiver crescido. Tal o sentido da palavra “desaparecerá”, que ele próprio nos explica mais claramente no prosseguimento da explanação. De fato, a fim de que se compreenda que a palavra há de ser entendida, não no sentido de aniquilamento, mas de aumento e progresso, após ter dito: “desaparecerá”, acrescentou: “Pois nosso conhecimento é limitado, e limitada nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá”, de sorte que não seja mais inacabado, e sim perfeito. Deste modo, será a falta de acabamento da ciência que desaparecerá, para não ser mais imperfeita, e sim perfeita. Esse “desaparecimento” é, portanto, acesso a um estado melhor e à plenitude.

Considera, por favor, a sabedoria de Paulo. Pois, ele não diz: “Conhecemos uma parte das coisas”, e sim: “O nosso conhecimento é limitado”, ou seja, apreendemos a parte de uma parte. Talvez queirais ouvir qual a importância da parte que apreendemos e a da que nos escapa, e se é a maior ou a menor que apreendemos? A fim de ficares ciente de que apenas apreendes a menor, e não apenas a menor, mas a centésima ou milésima parte, escuta como prossegue. Ou melhor, antes de vos ler as palavras do Apóstolo, apresentarei uma comparação que vos faça perceber – quanto for possível por meio de uma

comparação – a respectiva importância da parte que nos escapa e da que apreendemos no momento. Qual é, portanto, a distância entre a ciência que nos será dada mais tarde e a que possuímos agora? Será tão grande quanto a que medeia entre um adulto e uma criança de peito. Tal é, de fato, a superioridade da ciência futura sobre a de hoje. É ainda o próprio Paulo que vai nos dizer que é realmente assim e tal é, na verdade, a supereminência da primeira. Após ter escrito: “Pois nosso conhecimento é limitado”, no intuito de mostrar a medida desta limitação e como é ínfimo o que conhecemos desde agora, acrescentou: “Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança”.⁶ Compara, portanto, o conhecimento presente com o estado de uma criança e o conhecimento futuro com o de um adulto. E não diz: “quando era menino” (porque ainda se denomina assim aos de doze anos); diz: “quando era criança”, referindo-se a um recém-nascido que mama, um lactente. Para se verificar que é exatamente o sentido que a Escritura dá à expressão criança, ouve o salmo: “Senhor, Senhor nosso, quão admirável é teu nome em toda a terra! Tua magnificência foi exaltada acima dos céus. Pela boca das crianças e lactentes dispuseste teu louvor”.⁷ Vês que sempre ela denomina criança o lactente.

Em seguida o Apóstolo, prevendo em espírito a impudência dos homens do futuro, não se deteve numa comparação apenas; deu-nos certeza por segunda e terceira comparação. Igualmente Moisés, enviado para junto do povo de Israel, recebeu a faculdade de demonstrar por meio de três sinais, de tal sorte que, se não acreditassem no primeiro, ouvissem ressoar o segundo e se menosprezassem ainda este, em atenção ao terceiro, acolhessem o profeta.⁸ Paulo também utiliza três comparações: primeiro, a da criança, ao declarar: “quando eu era criança, raciocinava como criança”; segundo, a do espelho, terceiro, a do enigma. Na verdade, tendo dito: “quando eu era criança”, acrescentou: “Agora vemos em espelho, em enigma”.⁹ Eis que a segunda comparação aponta para nossa atual fraqueza e nosso imperfeito conhecimento. A terceira consiste nas palavras “em enigma”. De fato, inúmeras coisas vê, entende e profere a criança, mas nada de nítido vê, entende ou profere; pensa também, mas não analisa. Eu mesmo conheço muitas coisas cuja explicação ignoro. Por exemplo, sei que Deus está em toda parte e todo inteiro em toda parte; como está? Ignoro. Ele não tem começo nem fim, eu o sei; mas de que modo? Não sei. Realmente a razão não alcança ser possível a uma essência existir sem receber o ser de si mesma ou de outro princípio. Sei que ele gerou um Filho, porém como? Ignoro. Sei que o Espírito procede dele, todavia como procede? Não sei. Eu absorvo os alimentos, mas de que maneira se diferenciam para se transformarem em humor, sangue, linfa, bÍlis? Não sei. Dessa forma, ignoramos até mesmo o que vemos e comemos todos os dias, e tentamos conhecer a essência de Deus!

Onde estão, portanto, os pretensos detentores de um conhecimento total, que, no entanto, mergulharam no fundo do abismo da ignorância? Ora, os que afirmam possuí-lo totalmente, agora, excluem-se do conhecimento completo no futuro. Com efeito, se confesso conhecer apenas parcialmente, mesmo admitindo que este conhecimento desaparecerá, estou caminhando para uma condição melhor e mais perfeita, visto que o conhecimento parcial desaparecerá apenas para se tornar mais completo. Pretender, contudo, possuir alguém conhecimento completo, inteiro e perfeito e, apesar disso, confessar que este desaparecerá no futuro, seria comprovar que será privado de qualquer

conhecimento, visto ter desaparecido o que possuía e não haver outro, mais perfeito, a adquirir, porque o primeiro era, em sua opinião, o conhecimento perfeito. Vede: quem fizer a tentativa de mostrar que já possui tudo aqui na terra não terá o que é deste mundo e ao mesmo tempo perderá tudo no outro? Tal a grave malícia de não nos contermos nos devidos limites por Deus assinalados desde o começo. Foi assim que Adão, ambicionando dignidade mais elevada, perdeu até a que lhe competia. O mesmo sucede aos que amam o dinheiro: freqüentemente ocorre a muitos anelar por bens maiores e perder até os que já têm. De igual modo, aqueles, ao imaginarem ter aqui na terra todos os bens, privam-se até dos parciais.

Por conseguinte, exorto-vos a evitar sua insensatez, porque é o cúmulo da loucura tentar conhecer a essência de Deus. No intuito de compreenderdes que é o cúmulo da loucura, manifestá-lo-ei por meio do testemunho dos profetas. Pois não somente os profetas evidenciam ignorar o que ele é em sua essência, mas nem sabem descrever a extensão de sua sabedoria. Ora, não é a essência que se origina da sabedoria, e sim a sabedoria que é oriunda da essência. Quando, portanto, os profetas não podem abranger exatamente a sabedoria, qual não será a loucura dos que julgam possível submeter a própria essência a seus raciocínios? Escutemos, pois, o que assevera o profeta a respeito: “O conhecimento que tens de mim é maravilhoso”.¹⁰ Vejamos, contudo, mais adiante sua palavra: “Eu te celebro, porque és admirado com temor”.¹¹ O que significam as palavras: “com temor”? Muitas são as coisas que apenas admiramos, contudo não o fazemos com temor; por exemplo, a beleza das colunas, ou as obras-primas da pintura, ou o vigor corporal. Ficamos extasiados também com a imensidão ou o abismo ilimitado do mar; com temor, porém, se nos inclinamos sobre esse abismo. Igualmente o profeta, tendo-se inclinado sobre o oceano infundo e abissal da sabedoria de Deus, sente vertigens e, tomado de admiração e grande temor, recua, exclamando: “Eu te celebro porque és admirado com temor; admiráveis são tuas obras”. E ainda: “O conhecimento que tens de mim é maravilhoso; é alto demais: não posso atingi-lo”.¹²

Vede os bons sentimentos do servo: “Eu te dou graças”, declara, “porque tenho um Senhor incompreensível”. E não se refere aqui a sua essência. Omite, como fato conhecido, que seja incompreensível. Quanto à onipresença de Deus, ele a afirma, visando mostrar que desconhece até de que modo Deus está presente em toda parte. Para convencer-te ser exatamente sobre isso que ele fala, escuta como prossegue: “Se subo aos céus, tu lá estás; se desço ao Xeol, aí te encontro”.¹³ Sabes de que maneira Deus está presente em todo lugar? O profeta não o sabe, mas sente vertigens, hesita, perturba-se até mesmo quando procura apenas raciocinar. Não seria, portanto, o cúmulo da insensatez pretenderem alguns, tão inferiores em graça, perscrutar a própria essência de Deus? E, contudo, é o mesmo profeta que diz: “Os mistérios e os segredos de tua sabedoria tu me ensinas”.¹⁴ Apesar deste conhecimento dos mistérios e dos segredos de sua sabedoria, ele a proclama em si mesma inacessível e incompreensível. De fato, diz ele: “O Senhor é grande e onipotente, e sua inteligência é incalculável”,¹⁵ a saber, incompreensível. Que dizes? A sabedoria é incompreensível para o profeta, e a nós, a essência nos seria compreensível? Não seria evidente loucura? Sua grandeza é ilimitada e queres circunscrever sua essência?

Quando se pôs a refletir sobre a questão, Isaías disse: “Quem relatará sua geração?”.¹⁶ Não diz: “Quem a relata?”, e sim: “Quem a relatará?”, e assim exclui futuras possibilidades. Davi, porém, declara: “O conhecimento que tens de mim é maravilhoso”.¹⁷ Não é, contudo, só para si: para toda a natureza humana é que Isaías não admite a possibilidade deste relato. Vejamos se Paulo não a conheceria, pelo fato de usufruir de graça mais abundante. Entretanto, foi ele próprio quem disse: “O nosso conhecimento é limitado e limitada nossa profecia”.¹⁸ E ele não o diz exclusivamente neste lugar, mas em outra parte, também ali referindo-se não à essência, mas à sabedoria revelada na providência. Não examina a providência geral acerca dos Anjos, Arcanjos, Virtudes do alto, mas a parte da providência que cuida dos homens na terra, e esta ainda particularmente. Pois ele não a examina em seu conjunto, enquanto faz brilhar o sol, infunde as almas, plasma os corpos, nutre os homens sobre a terra, mantém o cosmos, fornece os gêneros alimentícios de cada estação do ano; omite, porém, tudo isso e examina somente pequena parte da providência divina, enquanto rejeita os judeus e acolhe os pagãos, e ao concentrar-se nessa minúscula porção, tomado de vertigens como se visse um mar infundo, ou dando um salto para trás diante de um abismo imenso, emite forte grito, exclamando: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos!”.¹⁹ Não diz: “incompreensíveis”, e sim: “insondáveis”. Se é impossível sondá-los, sobremaneira impossível é compreendê-los. “Ininvestigáveis seus caminhos”.²⁰ Impossível investigar seus caminhos; seriam, então, compreensíveis? Responde-me. E por que digo: “seus caminhos”? As recompensas a nós reservadas são também incompreensíveis. Efetivamente, “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam”.²¹ Aliás, seu dom é inexprimível: “Graças sejam tributadas a Deus por seu dom inefável”.²² e: “A paz de Deus excede toda compreensão”.²³

O que dizes? De Deus os juízos são insondáveis, ininvestigáveis os caminhos, a paz excede toda compreensão, os dons são inefáveis, não foi percebido pelo coração do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam, tem grandeza ilimitada, inteligência sem medida. Assim, sendo nele tudo incompreensível, seria apenas ele mesmo compreensível? Não seria o cúmulo da demência? Segura o herege; não o deixes escapar! Dize-lhe: Como se exprime Paulo? “Nosso conhecimento é limitado”. Não o afirma, responde ele, a respeito da essência divina, mas acerca da economia. Perfeitamente. Se com efeito, se tratasse da economia, ser-nos-ia mais fácil alcançar a vitória, pois, se este governo é incompreensível, com maior razão Deus em si mesmo. Mas nessa passagem ele não trata da economia, e sim do próprio Deus; escuta, pois, como continua. Depois de ter dito: “Nosso conhecimento é limitado, e limitada é nossa profecia”, acrescentou: “Agora meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido”. Ora, por quem ele é conhecido? Por Deus ou pela economia? Evidentemente, por Deus; em consequência, é de Deus que seu conhecimento é limitado.

E não diz limitado porque conheça uma parte da essência divina e não outra – pois Deus é simples –, mas porque sabe que Deus existe, e ignora qual é sua essência; está ciente de que é sábio, e desconhece a extensão desta sabedoria; não ignora que é grande, e não conhece como é, nem a

natureza desta grandeza; conhece que está presente em todo lugar, e não sabe como isso pode ser; não desconhece que ele prevê, sustenta e governa tudo, até os ínfimos pormenores, e ignora o modo como ele o realiza. Eis por que assevera: “Nosso conhecimento é limitado, e limitada é nossa profecia”.

Entretanto, se te apraz, deixemos Paulo e os profetas e subamos aos céus; talvez lá encontremos alguns que conhecem a Deus em sua essência. Justamente se lá existem espíritos dotados de conhecimento, nada têm em comum conosco, pois grande é a distância que separa os anjos dos homens. No entanto, para te certificares sem dúvida alguma de que nem ali criatura alguma possui tal conhecimento, escutemos os anjos. Como? Eles discutem lá em cima sobre a essência divina, debatem entre si? De forma alguma. Então, o que fazem? Glorificam, adoram, entoam incessantemente os cânticos vitoriosos e místicos com profunda veneração. Uns exclamam: “Glória a Deus nas alturas”.²⁴ Os serafins, por sua vez: “Santo, santo, santo”,²⁵ e desviam os olhos, porque não podem sustentar a visão da condescendência de Deus. Os querubins, porém, cantam: “Bendita seja a glória do Senhor desde a sua morada!”.²⁶ Não significa que Deus esteja circunscrito num lugar. De forma alguma. Seria como dizermos em nosso linguajar humano: “onde quer que esteja”, ou melhor: “seja qual for seu modo de ser”, se é lícito assim referir-se a Deus – dispomos apenas de termos humanos. Observaste o temor que prevalece no alto e o desprezo que se encontra aqui em baixo? Aqueles rendem glória, estes procuram satisfazer a curiosidade; os primeiros aclamam, os segundos ocupam-se de questões supérfluas; aqueles desviam o olhar, estes se esforçam por fixar vergonhosamente os olhos na glória inefável. Quem não haveria de gemer, de deplorar tais aberrações, tão enormes loucuras?

Tenciono desenvolver esta questão mais longamente, mas, visto ser a primeira vez que desço à arena para tal combate, creio que será vantajoso contentar-vos com as reflexões que acabo de propor; não aconteça que, sobrevivendo de forma excessiva e impetuosa, as subsequêntes apaguem a lembrança das primeiras. Aliás, se Deus quiser, trataremos do assunto em outra oportunidade com mais vagar. Há muito, angustiado, anelava por dirigir-vos tais palavras, mas retardava, diferia, porque observara que muitos dos infeccionados por este erro vinham ouvir-me prazerosamente, e não queria espantar minha presa; impedia minha língua de atacar, até que, depois de tê-los completamente em meu poder, pudesse entrar por minha vez na ofensiva. Mas, uma vez que, pela graça de Deus, ouvi deles o desafio espontâneo e importuno de travar a luta, confiante me despojei para a liça e tomei as armas apropriadas para destruir todo raciocínio e todo orgulho que se eleva contra o conhecimento de Deus. Entretanto, não tomei as armas no intuito de prostrar meus adversários, e sim para erguê-los do chão. Tal é efetivamente a virtude dessas armas: ferir os obstinados, tratar cuidadosamente dos ouvintes bem dispostos. Em vez de causar ferimentos, curam as doenças.

Não nos irriteemos, portanto, contra eles; não interponhamos cólera entre nós. Dialoguemos com moderação. Nada mais forte que a moderação e a doçura. Por essa razão também Paulo recomendou que adotemos cuidadosamente tal atitude, nesses termos: “Ora, um servo de Deus não deve brigar; deve ser manso para com todos”.²⁷ Não disse: “para com os irmãos somente”, e sim: “para com todos”. E ainda: “Que vossa moderação se torne conhecida”. E não acrescentou: “dos irmãos”, e sim “de todos os homens”.²⁸ De que serve, está escrito, que ameis aqueles que vos amam? Se a amizade

deles te é prejudicial e te arrasta a participar da impiedade, até mesmo se forem os próprios pais, foge deles! Se teu olho te prejudica, arranca-o! Com efeito, foi dito: “Se teu olho direito te escandalizar, arranca-o!”.²⁹ Evidentemente, aqui não se trata do corpo. E então? Ora, se fosse atinente à natureza corporal, a censura atingiria o Criador dessa natureza; aliás, não é somente um dos olhos que é forçoso arrancar; o esquerdo que restasse nos escandalizaria de idêntica forma. A fim de saberes que não se trata dos olhos, designou o direito para mostrar que se talvez te escandalizar um amigo, apesar de tão caro quanto o olho direito, deves repeli-lo e afastar tal amizade. Efetivamente, de que serve ter um olho se ele causa a ruína do corpo todo? Quando, portanto, conforme eu dizia, as amizades nos ocasionam dano, forçoso é rompê-las e fugir. Todavia, se não nos fazem mal relativamente à religião, chamemos e atraíamos esses amigos; de outro lado, se não lhes proporcionas proveito e te prejudicas, lucrarás com a ruptura pacífica e fuga das amizades nocivas; foge apenas, evitando combate ou disputa. Assim exorta Paulo ao declarar: “Procurando, se possível, viver em paz com todos, por quanto de vós dependa”.³⁰

És servo do Deus da paz. Ele, que expulsava os demônios e espalhava inumeráveis benefícios, quando o chamaram demoníaco, não fez os injuriadores reconsiderarem, não os esmagou, não lhes queimou a língua tão impudente e insensata, embora o pudesse fazer; contentou-se em repelir a acusação, assegurando: “Eu não tenho demônio, porém honro aquele que me enviou”.³¹ E quando o servo do sumo sacerdote lhe bateu, o que disse a ele? “Se falei mal, mostra em que; mas, se falei bem, por que me bates?”³² O Senhor dos anjos defende-se; e se presta contas ao servo, não emprega longos discursos. Tu, apenas revolve as palavras na mente, medita-as sem cessar, e diz: “Se falei mal, mostra em que; mas, se falei bem, por que me bates?”. Pondera quem fala, a quem fala, sobre que assunto. Terás essas palavras como fórmula mágica, divina, sempre a teu dispor e poderão acalmar qualquer irritação. Considera a honra do ultrajado, a indignidade do injuriador e o excesso do ultraje. Ora, ele não foi somente injuriado, e sim batido, e não só isso, mas também esbofeteado, o mais humilhante dos golpes. Entretanto, suportou tudo para que aprendas bem a correção. Não convém pensar nisso somente neste momento; na ocasião oportuna recorda. Aceitai minhas palavras. Por atos demonstrai vossa aceitação. Na verdade, o atleta se exercita na arena apenas com a finalidade de demonstrar em seguida, nos combates, a utilidade dos exercícios; tu também, pois, quando surgir a ira, demonstra o proveito que retiraste das palavras aqui ouvidas e repete constantemente a frase: “Se falei mal, mostra em que; mas, se falei bem, por que me bates?”. Grava estas palavras em teu espírito. Repito-as constantemente no intento de recordar as palavras precedentes, e de guardardes delas recordação indelével, retirando proveito desta lembrança. De fato, se as conservarmos gravadas no íntimo da mente, ninguém será tão duro, tolo e insensível para se deixar levar à cólera. Servir-nos-ão de freio e medida. Serão capazes de reter a língua no momento em que ela se exalta além da medida e da conveniência, de acalmar o espírito agitado e moderá-lo constantemente, e de estabelecer em nós permanentemente a paz perfeita. Possamos gozar desta paz para sempre, pela graça e pelo amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem pertence a glória, assim como ao Pai e ao Espírito Santo, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

¹ Fl 2,12.

² Jo 13,35.

[3](#) 1Cor 13,3.
[4](#) 1Cor 13,8.13.
[5](#) Ecl 12,13.
[6](#) 1Cor 13,11.
[7](#) Sl 8,2-3.
[8](#) Cf. Ex 4,8-9.
[9](#) 1Cor 13,12.
[10](#) Sl 138,6.
[11](#) Sl 138,14.
[12](#) Sl 138,6.
[13](#) Sl 138,8.
[14](#) Sl 50,8.
[15](#) Sl 146,5.
[16](#) Is 53,8.
[17](#) Sl 138,6.
[18](#) 1Cor 13,9.
[19](#) Rm 11,33.
[20](#) Rm 11,33.
[21](#) 1Cor 2,9.
[22](#) 2Cor 9,15.
[23](#) Fl 4,7.
[24](#) Lc 2,14.
[25](#) Is 6,3.
[26](#) Ez 3,12.
[27](#) 2Tm 2,24.
[28](#) Fl 4,5.
[29](#) Mt 5,29.
[30](#) Rm 12,18.
[31](#) Jo 8,49.
[32](#) Jo 18,23.

SEGUNDA HOMILIA

Vamos! Aprontemo-nos para combater os ímpios anomeus. Se eles se indignarem com a designação de ímpios, fujam da impiedade e eu retiro o nome; renunciem aos pensamentos incrédulos e desistirei do apelativo injurioso. Se, porém, eles pelas obras profanam a fé e não se escondem, cobertos de vergonha, debaixo da terra, por que se irritam contra nós, que condenamos com palavras o que eles manifestam em ações?

Recentemente já descêramos ao estádio da discussão, como recordais, e travamos a luta, de repente interrompida pelos combates a sustentar contra os judeus. Não era prudente descuidar de nossos próprios membros doentes. Falar contra os anomeus é oportuno em todo tempo. Porém, quando a moléstia atingia os irmãos, contagiados pelo judaísmo, se não tomássemos a dianteira a fim de arrancá-los de lá imediatamente, as chamas judaicas os consumiriam. De nada serviria em seguida exortá-los, visto terem sido atingidos pela falta relativa ao jejum.

Depois da luta contra os judeus, sobreveio a vinda de numerosos pais espirituais de diferentes lugares. Não era oportuno, quando todos eles confluíam como rios num mar espiritual, estender-nos em palavras. Enfim, depois da partida deles, apresentaram-se ininterruptamente as memórias dos mártires, e não convinha descurar do elogio a tais atletas. Relembro e enumero todos esses fatos para não atribuídes à hesitação ou à negligência de nossa parte o retardo no prosseguimento dos combates contra os anomeus.

Agora, portanto, que estamos libertos da luta contra os judeus, nossos pais voltaram para a pátria e desempenhamos devidamente o elogio aos mártires; vamos adiante! Chegou o momento de pôr fim à demorada e angustiada expectativa de nos ouvir. Efetivamente, estou ciente de ser tão grande minha ansiedade por proferir estas homilias quanto a vossa por ouvi-las. Ela tem por causa o fato de existir há muito em nossa cidade o amor a Cristo e de terem os ancestrais vos transmitido em herança jamais permitir que se falsifique a doutrina religiosa.

Não seria ocioso comprová-lo? No tempo de vossos antepassados, alguns desceram da Judéia que, alterando a pureza dos ensinamentos dos apóstolos, queriam manter a circuncisão e a lei de Moisés. Os habitantes de vossa cidade não suportaram em silêncio a inovação. Cães valentes, vendo os lobos atacarem e dizimarem o rebanho, saltaram sobre eles e não cessaram de repeli-los e expulsá-los de toda parte enquanto não obtiveram dos apóstolos decretos, remetidos a todo o mundo a fim de reprimir o assalto contra os fiéis, proveniente deles e posteriormente de seus sequazes.¹

Como iniciar o discurso contra eles? De que modo senão acusando-os de pecarem contra a fé? Com efeito, todas as suas ações, seus empreendimentos têm por finalidade extinguir a fé da mente dos ouvintes. Como mereceriam pior estigma de irreligião? Quando Deus revela, importa aceitar com fé sua palavra, sem nos imiscuirmos audaciosamente em questões ociosas.

Se um fortuito interlocutor dentre eles acusar-me de incredulidade, não ficarei indignado. Por quê? Porque demonstro por obras que denominação me convém. Que direi? Acusem-me de ímpio; até me

chamem de louco em Cristo. Alegrar-me-ei também com isso, como se fosse coroado, visto que partilharei este apelativo com Paulo. Pois, efetivamente este declarou: “Somos loucos por causa de Cristo”.² Esta loucura é mais racional que toda espécie de sabedoria. Ora, o que a sabedoria do mundo não pudera descobrir, a loucura por causa de Cristo o alcançou com êxito. Dissipou as trevas terrenas e restaurou a luz do conhecimento. Mas, o que significa ser louco por causa de Cristo? Significa apaziguar nossos pensamentos a divagarem de maneira inoportuna, esvaziar a mente, livre do saber mundano, a fim de receber os ensinamentos de Cristo, disponível, como que bem varrida, a acolher as palavras divinas. Ao revelar Deus uma verdade que não deve ser investigada indiscretamente, importa recebê-la com fé. A propósito de tais revelações, querer inquirir as causas, proceder a verificações, procurar saber como se realizarão, é peculiar à alma repleta de insolência e temeridade. Tento novamente demonstrá-lo a vós, baseado nas próprias Escrituras.

Zacarias era um homem admirável e grande. Investido do sumo sacerdócio, Deus lhe confiara a primazia no meio de todo o povo. Ora, Zacarias entrara no Santo dos santos, para onde lhe era lícito olhar, a ele só, exclusivamente, naquele dia – é digno de nota que ele, como mediador entre Deus e os homens, representava a multidão inteira para oferecer a Deus as orações do povo e tornar o Senhor propício a seus servos! – viu ali dentro um anjo de pé, e como, diante da visão, ficara estupefato, o anjo lhe disse: “Não tenhas medo, Zacarias, porque tua súplica foi ouvida, porque terás um filho”.³

Onde está a conseqüência lógica? Ele rezava pelo povo, implorava misericórdia pelos pecados, suplicava fossem perdoados seus confrades e o anjo lhe diz: “Não tenhas medo, porque tua súplica foi ouvida”, e ele aponta como prova de ter sido ela atendida o fato de que Zacarias terá um filho, a saber, João. E isto se justifica completamente. Efetivamente, se intercedia por causa das transgressões do povo, ia ganhar um filho que exclamaria: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”;⁴ com toda razão declara o anjo: “A tua súplica foi ouvida”, porque terás um filho.

O que fez, então, Zacarias? Propomo-nos demonstrar ser imperdoável procurar indiscretamente saber de que modo se realizarão os oráculos divinos; em vez disso, essas revelações devem ser recebidas com fé. Ele considerava sua idade, seus cabelos brancos, seu corpo debilitado. Ponderava a esterilidade da mulher e permaneceu incrédulo. Ao procurar saber a maneira pela qual isso se faria, pergunta: “De que modo saberei disso?”,⁵ isto é, “como isso será possível?”. Efetivamente, sou velho, coberto de cãs, minha mulher é estéril e de idade avançada; passou o tempo de procriar, a natureza a isso se furta. Seria razoável tal promessa? Eu, o semeador, não tenho forças e estéril é o terreno a semear. Acaso não há os que opinam ser ele digno de perdão, ao investigar assim a seqüência dos fatos, e proferir palavras aparentemente sensatas? Mas Deus não o julgou merecedor de vênia. E com razão. Quando Deus fala, não é lícito argumentar, nem contrapor a seqüência dos fatos ou as forçosas leis da natureza, nem algo de semelhante, porque a força da palavra divina é superior a tudo isso e nenhum obstáculo a retém.

O que fazes, ó homem? Deus promete e procuras defender-te sob o pretexto de idade, contestas com a velhice! A velhice seria mais forte do que a promessa de Deus? A natureza teria maior poder do que o autor da natureza? Teria esta maior poder do que seu criador? Não sabes que obras possantes realizam suas palavras?⁶ Sua palavra firmou os céus, sua palavra fez a criação, sua palavra criou os

anjos, e tu, tu duvidas acerca de um nascimento? Por esta razão o anjo se indignou e não perdoou a Zacarias, nem mesmo levando em conta o sacerdócio; ou melhor, justamente por causa deste castigou-o mais ainda. Na verdade, quem ultrapassava os demais em dignidade devia também superá-los na fé. Qual foi a forma do castigo? “Eis que ficarás mudo e sem poder falar”. Tua língua, que serviu para formular palavras incrédulas, suportará a pena de tua incredulidade. “Eis que ficarás mudo e sem poder falar até o dia em que isso acontecer.”⁷ Nota a bondade do Senhor para com os homens. Tu não confiaste em mim, diz ele, recebe agora teu castigo; e quando eu tiver dado uma comprovação pelos fatos, então terminará minha cólera; ao reconheceres que foste punido com justiça, então livrar-te-ei do castigo.

Ouçam os anomeus quanto Deus fica encolerizado por ser perscrutado indiscretamente! Se Zacarias é punido por ter duvidado do nascimento de um mortal, tu que procuras penetrar no mistério inefável de uma geração superior, como escaparás do castigo? Dize-me. Zacarias nada afirmou. Queria somente saber e não obteve perdão; e tu, que te empenhas por conhecer até mesmo o que é impossível a todos contemplar e compreender, de que maneira te defenderás? Que castigo não atrairás contra ti mesmo?

Entretanto, para falar da geração divina, esperemos o momento oportuno. Por enquanto, retornemos à decisão anterior, que deixamos em suspenso anteontem para tentar arrancar a nefasta raiz, mãe de todos esses males, donde germinaram para eles essas doutrinas. Qual a raiz de todos esses males? Crede-me. Arrepio-me horrorizado se quero nomeá-la, pois tremo ao formular com a boca o que eles revolvem incessantemente na mente. Qual é, então, a raiz desses males? Um homem que ousou afirmar: “Eu conheço a Deus como Deus mesmo se conhece”. Será preciso refutar tal afirmação? Exige provas do contrário? Só o fato de pronunciar essas palavras não basta para manifestar a impiedade que contêm? É evidente loucura, demência imperdoável, espécie inteiramente nova de impiedade; ninguém jamais teve a audácia de revolver algo de semelhante na mente ou exprimi-lo com a língua.

Considera, pobre infeliz, quem és tu e a quem procuras cercar de curiosidade! És um homem e investigas indiscretamente a Deus? Somente essas expressões bastariam para mostrar o cúmulo de tua loucura. O homem é pó e cinza,⁸ carne e sangue,⁹ erva e flor da erva,¹⁰ sombra,¹¹ fumaça¹² e vaidade,¹³ a menos que existam ainda coisas de menor consistência e de menor valor do que estas. E não creiais que, ao falar assim, queira acusar a natureza. Aliás, não sou eu que assim falo: são os profetas que desta forma meditam, não para desrespeitar o gênero humano, mas somente para rebaixar a arrogância dos insensatos. Não estão desprezando nossa natureza: querem apenas humilhar a temeridade insensata desses loucos. De fato, apesar de tantas e tamanhas palavras, ainda existem os que vencem o diabo em vanglória. Se nenhuma delas tivesse sido proferida, onde a temeridade louca não os teria lançado? Dize-me. Se com o remédio às mãos continuam inchados, até onde não teria ido sua vaidade e seu orgulho insensato, se aqueles escritores não tivessem falado freqüentemente e tão bem da natureza humana? Escuta, portanto, o que diz de si o justo patriarca: “Eu que sou poeira e cinza”.¹⁴ Ele conversava com Deus; no entanto, a confiança no falar não o exaltava. Pelo contrário, ela própria o induzia a ser comedido. Alguns, porém, que nem por sombra igualam-se ao patriarca,

julgam-se maiores que os próprios anjos. Demonstram estar no cúmulo da loucura.

Queres ingerir-te, dize-me, em questões relativas a Deus, ser que não teve começo, imutável, incorpóreo, incorruptível, onipresente, ser supremo, superior a toda a criação? Escuta as meditações dos profetas sobre ele e teme: “Ele olha a terra e ela estremece”.¹⁵ Basta-lhe um olhar para abalar a vasta extensão da terra. “Toca as montanhas e elas fumegam”;¹⁶ “Abala a terra sob os céus desde os fundamentos e faz vacilar suas colunas”;¹⁷ ameaça o mar e o faz secar;¹⁸ “Ele diz ao abismo: Mudarte-ás em deserto”;¹⁹ “O mar viu e fugiu, o Jordão voltou atrás; os montes saltaram como carneiros, e as colinas como cordeiros”.²⁰ Todo o universo está abalado, espantado, trêmulo; somente eles desprezam, desdenham, descuidando da própria salvação, para não dizer que o fazem relativamente ao Senhor do universo.

Antes, nós os incitávamos à sabedoria por meio das virtudes superiores, Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins; agora, nós o fazemos mediante a criação insensível, mas nem assim eles se convertem. Não vês o céu, como é belo, grande, coroado pelo coro variegado dos astros? Há quanto tempo dura? Efetivamente, há cinco mil anos, ou mais, que perdura, e este acúmulo de séculos não o fez envelhecer. Como um corpo jovem, cheio de força e vida, que floresce e desabrocha na flor da idade, assim o céu conserva a beleza que teve por partilha desde a origem, e que o tempo de forma alguma diminuiu. Mas, céu belo, grandioso, brilhante, estrelado, inalterável e perdurável é o mesmo Deus – o qual perscrutas e queres abranger com teus pensamentos – que o fez com tanta facilidade quanto alguém brincando construiria uma cabana. É o que exprime Isaías, com essas palavras: “Ele estende os céus como uma tela, abre-os como uma tenda acima da terra”.²¹ E queres igualmente considerar a terra? Ele a fez também como se nada fosse. Pois, se o profeta diz a respeito do céu: “Ele estende os céus como uma tela, abre-os como uma tenda acima da terra”, afirma a respeito desta: “Está entronizado sobre o círculo da terra, ele a fez como se nada fosse”,²² ela, de tamanha extensão, tão vasta.

Pensa, portanto, na enorme dimensão das montanhas, nas múltiplas raças dos homens, nas plantas, tão elevadas e variadas, na quantidade de cidades e no tamanho das construções, enfim, quantos os quadrúpedes, feras selvagens e animais de toda espécie que ela sustenta em sua superfície! Entretanto, apesar de ser tal e tão imensa, com tamanha facilidade ele a criou que o profeta, não conseguindo encontrar termo de comparação, disse que ele fez a terra “como se nada fosse”.

Visto que a grandeza e a beleza das coisas visíveis não bastam para manifestar o poder do Criador, porque ficam muito aquém de toda a grandeza e força de quem as fez; os profetas, na medida do possível, encontraram outro recurso, a fim de melhor nos revelar o poder de Deus. Qual? Não se contentam em apontar-nos a grandeza da criação: declaram o modo pelo qual foi feita. Assim, de duas formas, quer tendo em conta a grandeza da obra realizada, quer a facilidade da ação criadora, podemos, de acordo com nossas forças, obter uma noção justa do poder de Deus. Não ponderes, pois, somente a grandeza das coisas criadas, mas ainda a habilidade de quem as fez.

E isto evidencia-se não somente a respeito da terra, como também acerca da própria natureza humana. Efetivamente, ora o profeta diz: “Ele está entronizado sobre o círculo da terra, cujos

habitantes são como gafanhotos”,²³ ora declara: “Para ele as nações não passam de uma gota que cai de um balde”.²⁴ Não ouças desatento essas palavras: aprofunda-as e examina-as cuidadosamente. Pensa em todas as nações: sírios, cilícios, capadócius, bitínios, os habitantes das margens do Ponto Euxino, da Trácia, da Macedônia, de toda a Grécia, das ilhas, da Itália, e das regiões mais longínquas que as notórias, os das ilhas Britânicas, da Sarmácia, da Índia, da Pérsia, em seguida outros povos e nações inúmeras, até anônimas, e de todos esses povos diz o profeta: “para ele não passam de uma gota que cai de um balde”? No entanto, que parcela és tu dessa gota, dize-me, tu que indagas indiscretamente quem é este Deus, para o qual as nações “não passam de uma gota que cai de um balde”?

Por que então falar do céu, da terra, do mar e do gênero humano? Suba nossa dissertação além do céu e chegue até os anjos. Sabeis sem dúvida que um só anjo vale toda a criação visível; ou melhor, é muito superior. De fato, se o mundo inteiro não é digno de um justo, como o demonstra Paulo ao dizer: “Eles, de quem o mundo não era digno”,²⁵ com maior razão jamais poderia ser digno de um anjo, porque os anjos ultrapassam de longe os justos. Existem no alto dez mil miríades de Anjos, mil milhares de Arcanjos e os Tronos, as Dominações, os Principados, as Virtudes, infindas virtudes incorpóreas e grupos enormes; no entanto, as virtudes todas foram com tal facilidade criadas por ele, que palavra alguma o pode exprimir. Sempre bastou-lhe querer, e como em nós o ato da vontade não acarreta cansaço, foi sem esforço algum que ele criou tais e tão grandes virtudes. O profeta o revela nesses termos: “O Senhor fez tudo o que desejou no céu e sobre a terra”.²⁶ Vede que não foi somente na criação das realidades terrestres, mas também na das virtudes superiores que foi suficiente apenas sua vontade.

Ao ouvires isto, não te lamentas, dize-me, e não te escondes debaixo da terra, tu que chegaste, em relação àquele a quem apenas se deve glorificar e adorar, ao extremo da loucura de querer indiscretamente perscrutar e examinar como se fosse o mais vil objeto? Por esta razão, Paulo, repleto de sabedoria, ao ponderar a excelência incomparável de Deus e a vileza da natureza humana, indignava-se contra os que pretendiam penetrar os planos divinos e, irritado, exclamava com grande veemência: “Mais exatamente, quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?”.²⁷ Quem és tu? Pondera primeiro tua natureza; não existe palavra capaz de exprimir teu nada.

Dirás tu: como homem, possuo o privilégio da liberdade. Ora, tal privilégio não o recebeste a fim de discutires, mas para que possas obedecer àquele que to concedeu. Deus te deu tal privilégio não para o ultrajares, e sim para o glorificares. Ora, ultraja-o quem perscruta indiscretamente sua essência. Efetivamente, se é glorificado pela aceitação de suas promessas sem exame, quando alguém se põe, ao invés, a perscrutar de forma indevida e a sondar não apenas as palavras, mas ainda quem as profere, o injúria. Escuta Paulo, a fim de ficares ciente de que o fato de acolher suas palavras sem examiná-las equivale a glorificá-lo, quando diz a respeito de Abraão e da obediência e fé total que demonstra: “Viu seu corpo já amortecido e o seio de Sara sem vida. Ante a promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança, mas se fortaleceu na fé”.²⁸ Se a idade e a natureza, afirma, induziam-no à desesperança, a fé lhe oferecia as melhores esperanças. “Mas fortaleceu-se na fé, dando glória a Deus,

convencido de que ele é capaz de cumprir o que prometeu.”²⁹ Vede que glorifica a Deus quem se convence plenamente daquilo que Deus assevera. Ora, se crer em Deus o glorifica, o incrédulo faz recair a injúria sobre sua própria cabeça.

“Mais exatamente, quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?” Depois, querendo mostrar quanto se distancia o homem de Deus, Paulo não o consegue convenientemente, mas a comparação que utiliza possibilita-nos conceber distância muito maior. Ora, o que diz? “Vai acaso o vaso de argila dizer ao artífice: Por que me fizeste assim? O oleiro não pode formar de sua massa, seja um utensílio para uso nobre, seja outro para uso vil?”³⁰

Que dizes? Hei de me submeter a Deus qual argila ao oleiro? Sim, assegura Paulo, pois a distância entre o homem e Deus é análoga à que separa a argila do oleiro, ou antes, não é análoga, mas muito maior. De fato, argila e oleiro têm a mesma substância, segundo o Livro de Jó: “Omito os que moram em casas de barro, pois fomos feitos da mesma argila”.³¹ Se o homem parece superior à argila e mais belo, a diferença não provém de desigualdade relativa à natureza, mas da perícia do artífice, pois em nada te distingues da argila. Se duvidas, convençam-te os caixões e as urnas funerárias. Visita os túmulos dos ancestrais, e te certificarás de ser exatamente assim. Não há diferença entre argila e oleiro, enquanto entre a essência de Deus e a dos homens a diferença é tal que não pode ser expressa pela palavra, nem medida pelo pensamento. Da mesma forma que a argila obedece às mãos do oleiro, seja como for que a torneie e modele, hás de ficar mudo como a argila quando Deus quiser realizar algum desígnio seu. Certamente não foi no intuito de abolir nossa liberdade – longe disso – ou de arruinar o livre-arbítrio que Paulo assim se expressou, mas para impor silêncio radical a nossa arrogância.

Se te apraz, vejamo-lo igualmente. Que conhecimento queriam, portanto, atingir aqueles cuja boca Paulo fechava com tanta energia? Estavam perscrutando indiscretamente a essência divina? De forma alguma. Jamais alguém teve tal audácia; tinham propósitos mais modestos, procuravam conhecer os desígnios de Deus; por que razão, por exemplo, alguém é punido, enquanto um outro é poupado; por que este escapa do castigo quando aquele é atormentado; por que um obtém perdão, e outro, não. Eram perguntas tais que eles formulavam. Como o sabemos? Pelas palavras precedentes. Paulo, de fato, dissera: “De modo que ele faz misericórdia a quem quer e endurece a quem ele quer. Dir-me-ás então: por que ele ainda se queixa? Quem, com efeito, pode resistir à sua vontade?” Então ele acrescenta: “Mais exatamente, quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?”³²

Quando eles quiseram perscrutar os desígnios de Deus, Paulo impõe-lhes silêncio. Por conseguinte, ele não lhes permite nem isso; e tu, ao investigares o Ser bem-aventurado, que governa o universo, não mereces ser fulminado dez mil vezes? Não seria o auge da loucura? Escuta o profeta, ou antes, Deus que fala através dele: “Mas se eu sou pai, onde está minha honra? Se eu sou senhor, onde está o temor que me é devido?”³³ Quem for temente a Deus não perscrute: adore; não pesquise indiscretamente: bendiga e glorifique.

Aprende isso das virtudes superiores e do bem-aventurado Paulo. Ele, que censura as pretensões alheias, não sofre do mesmo mal. Escuta o que diz aos filipenses, declarando que possui apenas ciência parcial – da mesma forma que escrevia aos coríntios: “Nosso conhecimento é limitado” – e

ainda não conhece tudo; e exclama: “Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado”.³⁴ O que há de mais claro do que esta palavra? Grito a ressoar com maior intensidade que o som da trombeta, ensinando a todos que devem amar e apreciar o conhecimento limitado que lhes foi dado e não acreditar que já apreenderam tudo.

O que declaras? Dize-me. Tens o Cristo a falar em ti e afirmas: “Irmãos, eu não julgo que eu mesmo tenha alcançado”. Se o asseguro, responde, é justamente porque Cristo fala em mim; ele mesmo mo ensinou. Assim, portanto, ao dizer Paulo: “Eu não julgo ter alcançado”, aqueles outros, se não estivessem totalmente desprovidos da assistência do Espírito e não houvessem afastado da alma a influência dele oriunda, não julgariam estar de posse de toda a verdade!

Daí, evidencia-se, dir-se-ia, que Paulo nessa passagem alude à fé, ao conhecimento e às crenças e não ao tipo ou estilo de vida, como se ele tivesse dito: considero-me imperfeito quanto ao tipo e estilo de vida. Ou melhor, ele o manifesta declarando: “Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça”.³⁵ Quem está prestes a receber a coroa e terminou a carreira não dirá: “Eu não julgo ter alcançado tudo”. Além disso, não é questão obscura quais as ações lícitas ou ilícitas; são evidentes e manifestas a todos, mesmo aos bárbaros, aos persas e a todo o gênero humano.

Para esclarecer melhor o que digo, vou colocar as passagens no respectivo contexto. Paulo havia dito: “Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários”,³⁶ em seguida, tendo dedicado várias frases aos que introduziam erroneamente doutrinas judaicas, acrescenta: “Mas, o que era para mim lucro, eu o tive como perda, por amor de Cristo. Mais ainda: tudo eu considero perda, para ser achado nele, não tendo a justiça da Lei, mas a justiça que vem de Deus, apoiada na fé em Jesus Cristo”.³⁷ Depois, determina qual a fé: “Para conhecê-lo, conhecer o poder de sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos”.³⁸ Que significa: “o poder de sua ressurreição”? Paulo afirma que nos é revelado um novo modo de ressurreição. Ora, antes dele, muitos mortos, de múltiplas maneiras, haviam ressurgido, mas nenhum dessa forma. Todos os outros, após a ressurreição, haviam retornado à terra e, isentos temporariamente do domínio da morte, acabavam recaindo sob seu poder. Ao contrário, o corpo do Senhor não retornou à terra após a ressurreição, mas subiu aos céus; ele destruiu a tirania do inimigo; fez ressuscitar consigo a terra inteira e agora está sentado no trono real.

Paulo, considerando tudo isso e no intuito de mostrar que tais e tão grandes maravilhas jamais poderiam ser-nos explanadas pela razão, mas que apenas a fé é capaz de no-las ensinar e esclarecer, diz sobre a fé: “conhecer o poder de sua ressurreição”. De fato, se a razão não pode absolutamente nos sugerir qualquer espécie de ressurreição – porque ultrapassa a natureza humana e o curso habitual das coisas –, que argumentos aduzir acerca dessa ressurreição totalmente diversa? Certamente nenhum. Mas, precisamos da fé para acreditar que um corpo mortal ressuscitou e alcançou uma vida imortal, ilimitada, sem fim. É exatamente o que Paulo assinala, aliás, nesses termos: “Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele”.³⁹ Dupla maravilha, isto é, a primeira, ressuscitar, depois ressuscitar desse modo! Desse modo, ele assevera sobre a fé: “conhecer o poder de sua ressurreição”. Se é impossível abranger pela razão sua

ressurreição, quanto mais no tocante à geração divina.

Referindo-se ao assunto e também à paixão e cruz, Paulo demonstrou derivar tudo isso do poder da fé. Depois de todas essas asserções, prossegue: “Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado”. Ele não afirma: “Irmãos, eu não julgo saber”, e sim que não “tenha alcançado”. Atesta assim não possuir nem ignorância crassa, nem conhecimento abrangente. Pois dizer: “Eu não julgo que o tenha alcançado” significa chegar a determinado ponto da caminhada, andar e avançar e, contudo, de forma alguma ter atingido o termo.

Ele dá aos outros este mesmo conselho quando assim se expressa: “Todos nós que somos perfeitos tenhamos esses sentimentos, e, se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá”.⁴⁰ Não é, pois, a argumentação, assegura ele, que vos ensinará, e sim Deus, que vos há de revelar. Vês bem que não se trata de comportamento ou gênero de vida, mas de doutrina e fé. Pois não são a conduta e o gênero de vida que exigem revelação, mas a doutrina e o conhecimento. Em outra passagem ele manifesta ainda idêntico parecer: “Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber”.⁴¹ Não diz simplesmente: “Não sabe”, e sim: “ainda não sabe como deveria saber”; realmente possui conhecimento, não, porém, exato nem completo.

Para perceberes que isso é verdade, não é absolutamente necessário falarmos das coisas divinas; se te apraz, dissertemos sobre as realidades inferiores, relativas à criação visível. Vês o céu? Tem a forma de uma abóbada, nós o sabemos, não através de raciocínios, mas pela divina Escritura; e envolve toda a terra, nós o sabemos igualmente por meio dela. Porém, ignoramos qual sua essência. Se alguém contradiz e quer disputar, declare de que substância se origina o céu. Acaso de água congelada? De uma nuvem condensada? De ar espesso? Nada disso pode alguém afirmar com certeza. Tens ainda necessidade de prova, responde-me, para reconhecer a insensatez dos que pretendem saber quem é Deus? Não podes explicar a natureza do céu que vemos diariamente; no entanto, proclamas conhecer exatamente a essência do Deus invisível! Quem é bastante insensato para não perceber que se acham no auge da loucura os que empregam tal linguagem?

Por esta razão, exorto-vos a tratá-los como frenéticos e desarrazoados e a tentar curá-los, à medida de vossas forças, falando-lhes com doçura e equidade. Com efeito, a loucura induziu-os a tal opinião e a incharem-se de orgulho; ora, os ferimentos inflamados não suportam nem o contato das mãos, nem maior pressão. Por isso os médicos peritos limpam esta espécie de chagas com esponjas delicadas. Uma vez que eles têm igualmente na alma uma ferida inflamada, e como se tira água potável e benéfica com uma esponja macia, tentemos, derramando por cima boas palavras, reduzir esta inflamação e suprimir o inchaço. Mesmo, caríssimo irmão, se te injuriarem, te derem pontapés e te cuspirem, se fizerem seja o que for, não desistas dos curativos. De fato, os que cuidam de um homem louco devem suportar muitas coisas desta espécie e não podem abandoná-lo apesar de tudo, mas devem apiedar-se e lastimá-lo tanto mais por se tratar de manifestação da doença.

Dirijo-me aos mais fortes dentre vós, aos menos influenciáveis, aos mais capazes de freqüentes contatos com eles sem sofrer dano. Os mais fracos, ao contrário, fujam da companhia deles e evitem o diálogo, não suceda que o pretexto de amizade se transforme em oportunidade de irreligião. Agia Paulo da seguinte maneira: aproximava-se dos enfermos, conforme declara: “Para os judeus, fiz-me

como judeu. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei”,⁴² mas desaconselha aos discípulos e mais fracos que o imitem, por meio desses avisos e ensinamentos: “As más companhias corrompem os bons costumes”⁴³ e: “Saí do meio de tal gente e afastai-vos, diz o Senhor”.⁴⁴

Quando o médico visita um doente, com frequência resultam benefícios para ambos, mas se alguém um tanto fraco vai para junto dos doentes, simultaneamente causa dano a eles e a si mesmo, porque em nada lhes será útil, e a doença lhe acarretará grande mal. Os que ficam olhando pacientes atingidos de oftalmia contraem a moléstia; assim também os que se unem aos blasfemadores, se são mais fracos, arriscam-se a participar de sua impiedade.

A fim, portanto, de evitar tão graves perigos, fujamos da companhia deles e contentemo-nos com rezar e implorar a Deus que ama os homens, quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, para que os liberte do erro e das ciladas do diabo e reconduza-os à luz da verdade, a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, em união com o vivificante e santíssimo Espírito. A ele glória e poder, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

¹ Cf. At 15,1-31.

² 1Cor 4,10.

³ Lc 1,13.

⁴ Jo 1,29.

⁵ Lc 1,18.

⁶ Cf. Gn 1,1-26.

⁷ Lc 1,20.

⁸ Cf. Gn 18,27.

⁹ Cf. Mt 16,17.

¹⁰ Cf. Is 40,6.

¹¹ Cf. 1Cr 29,15.

¹² Cf. Sl 101,4.

¹³ Cf. Sl 38,5.

¹⁴ Gn 18,27.

¹⁵ Sl 103,32.

¹⁶ Sl 103,32.

¹⁷ Jó 9,6.

¹⁸ Cf. Is 51,10.

¹⁹ Is 44,27.

²⁰ Sl 113,3-4.

²¹ Is 40,22.

²² Is 40,22-23.

²³ Is 40,22.

²⁴ Is 40,15.

²⁵ Hb 11,38.

²⁶ Sl 134,6.

²⁷ Rm 9,20.

²⁸ Rm 4,19-20.

²⁹ Rm 4,20-21.

³⁰ Rm 9,20-21.

³¹ Jó 4,19.

³² Rm 9,18-19.20.

³³ Ml 1,6.

³⁴ Fl 3,13.

³⁵ 2Tm 4,7-8.

³⁶ Fl 3,2.

³⁷ Fl 3,8-9.

³⁸ Fl 3,10.

[39](#) Rm 6,9.

[40](#) Fl 3,15.

[41](#) 1Cor 8,2.

[42](#) 1Cor 9,20.

[43](#) 1Cor 15,33.

[44](#) 2Cor 6,17.

TERCEIRA HOMILIA

Ao observarem os agricultores diligentes uma árvore estéril ou silvestre que resiste a seus esforços e danifica o cultivo das plantas, por suas raízes muito grandes ou pela sombra espessa, apressam-se em abatê-la. Muitas vezes irrompe o vento e presta auxílio em arrancá-la. Atacando a árvore pelo cimo e sacudindo-a violentamente, ajuda a quebrá-la e a jogá-la por terra, diminuindo assim para eles grande parte do labor. Visto que queremos também nós abater uma árvore silvestre e inculta, isto é, a heresia dos anomeus, peçamos a Deus que nos envie a graça de seu Espírito, a fim de que esta, desencadeando-se com maior violência que o vento, extirpe a heresia até às raízes e alivie assim em grande parte nosso labor.

Freqüentemente brotando do seio de um terreno inculto, não trabalhado por mãos humanas, fervilham ervas más, grande quantidade de espinhos e árvores silvestres. Assim também, da alma dos anomeus, deixada a si mesma e privada dos cuidados das Escrituras, irrompe esta heresia selvagem e feroz. Pois nem Paulo plantou¹ esta árvore, nem Apolo a regou, nem Deus a fez crescer.² Plantada pela inoportuna curiosidade dos raciocínios, irrigada por um orgulho insensato, foi incrementada pela ambição dos louvores.

Precisamos da chama do Espírito não somente para arrancá-la, como também a fim de consumir pelo fogo esta funesta raiz. Invoquemos, portanto, ao Deus que eles blasfemam e que nós bendizemos; supliquemos que nos mova a língua com mais eloquência e nos abra a mente a entender melhor o que vamos dizer.

Por causa dele, portanto, e de sua glória, ou melhor, por nossa salvação, despendemos esses esforços. De fato, é tão impossível, bendizendo, aumentar o esplendor de Deus, quanto prejudicá-lo ultrajando-o. Ele permanece imutável em sua glória; não cresce se o bendizemos, nem diminui se o blasfemamos. Aqueles dentre os homens, porém, que o glorificam o quanto é justo, ou antes, visto ser impossível glorificá-lo o quanto merece, à medida das próprias forças, recolhem o benefício deste louvor; os que o blasfemam e depreciam-no, contudo, prejudicam sua própria salvação.

Por este motivo, a palavra: “Aquele que joga uma pedra para o ar joga-a sobre sua cabeça”³ aplica-se aos blasfemadores, pois aquele que joga uma pedra para o ar certamente não transpassa a abóbada celeste, nem mesmo adianta-se até essa altura, mas recebe o golpe sobre a própria cabeça, porque a pedra recai sobre aquele que a jogou. Da mesma forma, quem blasfema o ser bem-aventurado não o prejudica, por ser ele grande demais e excessivamente elevado para sofrer qualquer dano, e a espada que deste modo alguém afiar se voltará contra sua própria alma, em punição da ingratidão a seu benfeitor.

Invoquemo-lo, portanto, como o Deus inexprimível, inconcebível, invisível e incompreensível. Ele ultrapassa a força da linguagem humana e escapa ao alcance da inteligência de qualquer mortal; não podem os Anjos investigá-lo, nem os Serafins contemplá-lo, nem os Querubins compreendê-lo; é invisível aos Principados, às Potestades, às Virtudes e a todas as criaturas sem exceção; somente o

Filho e o Espírito o conhecem.

Sei que serei acusado de arrogância porque assegurei ser ele incompreensível até mesmo às virtudes superiores. Mas, pelo contrário, hei de convencê-los de que estão no auge da loucura e demência. Ora, não é arrogância afirmar que o Artífice está acima da compreensão de todos os seres criados; ao contrário, sê-lo-ia assegurar que possam os que rastejam na terra, muito inferiores às virtudes do alto, circunscrever e compreender com seus fracos raciocínios o Ser incompreensível àquelas virtudes. Em meu caso, se não consigo provar o que afirmei, reconhecerei que foi justa a acusação de arrogância. Quanto a vós, depois que eu tiver demonstrado ser Deus incompreensível às virtudes superiores, se ainda discutis com obstinação e persistis na pretensão de conhecê-lo, quantas vezes merecereis ser lançados no fundo dum abismo, de um precipício, por vos vangloriardes de conhecer exatamente o que é invisível a todas as virtudes incorpóreas?

Procedamos à demonstração, recorrendo novamente à oração; efetivamente, não raro, simplesmente em consequência da oração encontramos a desejada demonstração. Invoquemos, pois, a Deus, “o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu nem pode ver. A ele, honra e poder eterno! Amém!”.⁴ Não são minhas estas palavras, e sim de Paulo. Anota a piedade e o temor arraigados em sua alma. Ao mencionar o nome de Deus, não concorda em prosseguir a explanação da doutrina antes de lhe prestar a devida homenagem, terminando a frase com uma doxologia. E com efeito, se “a memória do justo é bendita”,⁵ a memória de Deus merece muito mais ser louvada.

É o que faz Paulo no início das Epístolas. Não raro, ao começar uma Epístola, desde que menciona o nome de Deus, não prossegue a exposição da doutrina antes de lhe ter tributado o devido louvor. Escuta como se expressa ao escrever aos Gálatas: “Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados a fim de nos livrar do presente mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém”.⁶ E em outra passagem: “Ao Rei dos séculos, incorruptível, invisível, ao Deus único e sábio, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!”.⁷

Age assim apenas relativamente ao Pai, e não acerca do Filho? Escuta, então, como age do mesmo modo para com o Unigênito. Tendo dito: “Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos, de meus parentes segundo a carne”, prossegue: “aos quais pertencem a adoção filial, as alianças, a legislação, o culto, as promessas; deles descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos! Amém”.⁸ Assim como ao Pai, tendo dado glória ao Unigênito, continua, por ter ouvido que Cristo disse: “A fim de que todos honrem o Filho como honram o Pai”.⁹

No intuito de saberdes que a própria oração nos fornecerá a prova, apresentemo-la: “O Rei dos reis”, diz Paulo, “e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível”. Pára aqui e pergunta ao herege qual o significado dessas palavras: “que habita uma luz inacessível”. Presta atenção à exatidão de Paulo. Ele não diz: aquele que é uma luz inacessível, e sim “que habita uma luz inacessível”, a fim de que saibas que, se a morada é inacessível, muito mais Deus,

que ali habita! Ele assim se exprimiu, não certamente para imaginares Deus numa casa e em determinado lugar, mas para que assaz reconheças ser ele incompreensível.

Igualmente não disse: “aquele que habita uma luz incompreensível”, e sim “inacessível”, o que é muito melhor. De fato, diz-se que algo é incompreensível quando os que o examinam não conseguem apreendê-lo, apesar das pesquisas e buscas. Inacessível, porém, é o que desde o início se furta a qualquer investigação, sequer permite aproximação. Por exemplo, pode-se dizer que as profundezas do mar são inacessíveis porque os mergulhadores que nele descem e mergulham o mais profundamente possível não conseguem encontrar o fundo; mas o que se chama inacessível é o que desde o início não é possível procurar e sondar.

O que replicarias? Que ele é incompreensível aos homens, mas não aos anjos nem às virtudes do alto. E tu, dize-me, acaso és um anjo e fazes parte do coro das virtudes incorpóreas? Não és um homem, e da mesma substância que eu? Esqueces, por conseguinte, qual é tua natureza? Concedamos ser Deus inacessível apenas aos homens, embora isso não esteja determinado e Paulo não tenha dito: “ele habita uma luz inacessível aos homens, mas não aos anjos”. Se te apraz, façamos essa concessão. Mas tu, acaso não és homem? Que importa que não seja inacessível aos anjos? Em que isso importa a ti, que sustentas e pretendes assegurar ser a essência divina compreensível à natureza humana?

Para que saibas que é inacessível não somente aos homens como também às virtudes superiores, escuta o que diz Isaías – e quando me refiro a Isaías, quero dizer a palavra do Espírito, visto que todo profeta fala sob a ação do Espírito: “No ano em que faleceu o rei Ozias, vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado; em torno dele, em pé, estavam Serafins, cada um com seis asas; com duas cobriam a face, com duas cobriam os pés”.¹⁰ Por que motivo, dize-me, escondiam as faces com as asas? Por que, senão por não suportarem o brilho e o fulgor da luz que o trono irradiava? E no entanto não viam esta claridade em sua intensidade, não contemplavam a essência divina em toda a incolumidade, mas tinham sob os olhos sinais visíveis de sua condescendência. Que condescendência? A de Deus aparecer e mostrar-se não tal qual é, mas o quanto visível a quem for capaz, adaptando à fraqueza dos videntes o modo de apresentar a visão.

As próprias palavras do profeta comprovam que houve neste caso condescendência: “Vi o Senhor, disse ele, sentado sobre um trono alto e elevado”. Mas Deus não está sentado, pois esta posição só a tomam os seres corporais. E disse: “Sobre um trono”, porém, um trono não contém a Deus, porque a divindade não pode ser circunscrita. Entretanto, essas virtudes superiores não eram capazes nem mesmo de sustentar a condescendência divina, embora estivessem muito próximas: “Em torno dele, em pé estavam Serafins”. Ou melhor, não podiam olhá-lo justamente devido a sua proximidade. No entanto, o Espírito Santo não diz que estavam localmente perto de Deus; quer dizer que, apesar de serem mais semelhantes do que nós à essência divina, nem por isso podem contemplá-la; e em consequência disse: “em torno dele, em pé estavam Serafins”, sem acenar a um lugar, mas com a finalidade de apontar com a utilização desta proximidade local uma afinidade maior com Deus que a nossa.

Com efeito, não discernimos a incompreenbilidade de Deus quanto a essas ilustres virtudes, e isso na mesma medida em que elas são mais puras, sábias e perspicazes que a natureza humana. Da mesma forma que o cego apreende menos do que o vidente o que há de inacessível nos raios do sol,

igualmente nós apreendermos menos bem do que elas a incompreensibilidade de Deus. A distância que separa um vidente de um cego se iguala à diferença entre elas e nós. Por isso, ao ouvires o profeta declarar: “Vi o Senhor”, não calcules que viu a essência; não captou senão algo de sua condescendência, e isso ainda sob forma mais imperceptível do que vêm as virtudes do alto, pois ele certamente não possuía a mesma acuidade de visão que os Querubins.

E por que falar da essência bem-aventurada, se ao homem não é possível ver sem temor nem mesmo aos anjos? Para que saibais que isso é verdade, trago perante vós um amigo de Deus, um homem a quem a sabedoria e a justiça que possuía davam muita confiança e já se assinalara por várias ações importantes, o santo profeta Daniel. Assim, após apresentá-lo inerte, desfeito e cambaleante, em consequência da presença de um anjo, ninguém julgará que o desfalecimento foi provocado por seus pecados ou por consciência onerada; estando fora de dúvida a segurança de seu espírito, restará apenas a acusação de fraqueza da natureza.

Ora, Daniel jejuara durante três semanas; não havia ingerido alimento nutritivo de pão, nem vinho, nem carne haviam entrado em sua boca, e não se ungira com óleo. Foi então que teve esta visão, estando sua alma mais predisposta a receber tal aparição, pois se tornara, devido ao jejum, mais leve e mais espiritual. E que diz ele? “Levantei os olhos para observar. E vi: um homem revestido de *baddis* – isto é, uma veste sacerdotal –, com os rins cingidos de ouro puro de Ophaz; seu corpo tinha a aparência dos tesouros de Tarsis, e seu rosto o aspecto do relâmpago; seus olhos, como lâmpadas de fogo, seus braços e suas pernas, como o fulgor do bronze polido, e o som de suas palavras, como o clamor de uma multidão. Somente eu vi esta aparição. Os homens que estavam comigo não viam a visão e, no entanto, um grande tremor se abateu sobre eles, a ponto de fugirem de medo. Não restou força alguma em mim, e minha glória mudou-se em corrupção”.¹¹

Ora, que significa: “minha glória mudou-se em corrupção”? Daniel era um belo jovem; quando o temor que lhe inspirava a presença do anjo o deixou lívido como um moribundo, perdeu o vigor da juventude e as belas cores de sua tez; foi assim que, segundo sua própria expressão, sua “glória mudou-se em corrupção”. Da mesma forma que, se um cocheiro fica com medo e solta as rédeas, os cavalos se precipitam para onde for e o carro vira, o mesmo acontece normalmente à alma dominada pelo medo e pela angústia. Apavorada, solta quais rédeas as energias sensíveis do corpo, relaxa os membros e estes, privados da força que os animava, desfalecem e tombam. Eis o que Daniel então sentiu.

E o que fez o anjo? Reergueu-o e disse: “Daniel, homem das predileções de Deus, compreende as palavras que vou te dizer. Põe-te de pé em teu lugar, porque é para ti que fui enviado”.¹² Ele se ergueu então, todo trêmulo. E como o anjo recomeçava a lhe falar e dizia: “Desde o primeiro dia em que aplicaste teu coração a mortificar-te diante de teu Deus, tuas palavras foram ouvidas. E é por causa de tuas palavras que eu vim”,¹³ novamente caiu por terra, conforme acontece aos que desmaiam. Algumas vezes eles se recuperam, voltam a si e olham-nos enquanto os sustentamos e jogamos-lhes água fria no rosto; depois de repente desmaiam novamente em nossos braços. Foi o que sucedeu ao profeta. Sua alma, cheia de temor, incapaz de sustentar a visão da presença deste outro servo de Deus e sendo-lhe insuportável o brilho daquela luz, agitava-se, impelida como estava de se libertar das

cadeias da carne. Mas o anjo ainda a reteve.

Que me ouçam os que tentam perscrutar indiscretamente o Senhor dos anjos! Daniel, diante de quem os leões abaixavam os olhos, Daniel que, num corpo humano, era dotado de poder sobre-humano, não agüentava a presença deste outro servo de Deus e jazia ali sem alento. “Minhas entranhas se comoveram diante desta visão, nem sequer me restava o próprio alento.”¹⁴ E homens tão distantes da virtude deste justo se gabam de conhecer com inteira exatidão o Ser supremo e primeiro que criou miríades de anjos; entretanto, Daniel não pôde suportar a visão de um só dentre eles!

Voltemos, porém, a nosso precedente discurso, e comprovemos que as Virtudes superiores não podem contemplar a Deus, mesmo quando há condescendência. Com efeito, por que razão, diz-me, os Serafins utilizam as asas para voar? Por nenhuma outra, a não ser para anunciar por atos a palavra do Apóstolo: “Ele habita uma luz inacessível”; e não são os únicos a proceder desta forma, pois também os Querubins, acima deles, o fazem. Os primeiros ficam de pé junto de Deus, enquanto os segundos lhe servem de trono. Não quer isso dizer que tenha Deus necessidade de um trono: isso é a fim de que te certifiques da dignidade destas virtudes.

Escuta agora outro profeta a falar a respeito delas. “Veio a palavra do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, junto ao rio Cobar”.¹⁵ Ele se encontrava, portanto, às margens do rio Cobar, enquanto o outro estava às margens do Tigre.¹⁶ Com efeito, cada vez que Deus quer apresentar a seus servos uma visão extraordinária, leva-os para fora das cidades, em local tranqüilo, a fim de que a alma, não perturbada por coisas visíveis ou por algum ruído, e gozando de inteira serenidade, ocupe-se apenas de contemplar tal visão. Que viu, então, Ezequiel? “Vi uma nuvem, diz ele, que vinha do norte, cercada de grande luz e um fogo chamejante em torno dela; no centro algo que parecia electro e era fulgurante. No centro algo com forma semelhante a quatro animais, cuja aparência fazia lembrar uma forma humana. Cada qual tinha quatro faces e quatro asas”. E disse ele que tinham alta estatura e eram terríveis. Os quatro tinham o dorso rodeado de olhos. Sobre suas cabeças havia algo que parecia uma abóbada, brilhante como o cristal, estendida sobre suas cabeças. Cada um tinha duas asas que lhe cobriam o corpo. Por cima da abóbada havia uma pedra de safira em forma de trono, e sobre esta forma de trono, bem no alto, havia um ser com aparência humana. Viu um brilho como de electro, da cintura para cima; e daí para baixo, algo que parecia fogo e um brilho em torno dele, algo que sugeria o arco que, em dia de chuva, aparece nas nuvens.”¹⁷

E depois disso, querendo demonstrar que nem o profeta, nem aquelas virtudes abordavam a essência divina, o profeta acrescenta: “Tal era a aparência, semelhante à glória do Senhor”.¹⁸ Não vês, aqui e ali, que se trata da condescendência de Deus? E, contudo, as próprias virtudes velam-se com as asas, exclusivamente pelo motivo supracitado (apesar de serem muito prudentes, sábias e puras).

Como se evidencia isso? Por seus próprios nomes. De fato, como o anjo é assim denominado, porque anuncia aos homens os desígnios de Deus, e o arcanjo, porque comanda os anjos, assim também as virtudes são assim nomeadas devido a sua sabedoria e pureza. As asas, porém, assinalam sua sublime natureza. Por esta razão, Gabriel aparece alado. Não significa que os anjos tenham asas, e sim para te certificares de que eles deixam as regiões superiores e a convivência celeste para se aproximarem da natureza humana. Assim também as asas indicam apenas a excelência de natureza.

Da mesma forma, pois, que as asas designam a sublimidade de sua natureza, o trono significa que Deus nelas repousa, e os olhos designam a acuidade de sua visão; como a proximidade do trono e os hinos incessantes mostram sua vigilância insone, igualmente o nome de umas exprime a sabedoria e o das outras, a pureza. Efetivamente, que quer dizer “Querubim”? Conhecimento perfeito. Que é “Serafim”? Boca abrasada. Vês como seus nomes aludem à pureza e à sabedoria?

Se, por conseguinte, onde se encontra o conhecimento perfeito não se vê a Deus de modo claro, embora haja condescendência, onde existe conhecimento limitado, segundo a palavra de Paulo: “O nosso conhecimento é limitado, em espelho e de maneira confusa”, que loucura não seria pretender conhecer e ver claramente as realidades, invisíveis até àquelas virtudes?

E não é apenas aos Querubins e Serafins, mas também aos Principados, Potestades, a todas as virtudes criadas que Deus é incompreensível. Agora queria demonstrá-lo, mas nosso espírito desfalece, não pela quantidade, porém pela terribilidade do que deve dizer. Pois a alma treme e estremece quando permanece por muito tempo em contemplações celestes. Façamo-la descer dos céus, ainda trêmula reconduzamo-la e refugiemo-nos na habitual exortação. Em que consiste? Em rezar, a fim de que os atingidos por esta moléstia afinal fiquem curados. Se vos pedimos que supliqueis a Deus pelos doentes, os condenados às minas, os submetidos a dura escravidão, os possessos, muito mais devemos fazê-lo por estes hereges, porque sua impiedade é mais nociva que a do demônio. A insânia dos possessos tem perdão, enquanto esta doença não tem desculpa alguma.

Uma vez, porém, que aludi à oração pelos possessos, quero recorrer a vossa caridade para extirpar da Igreja um mal pernicioso. Ora, seria estranho dispensarmos tantos cuidados aos de fora e menosprezarmos ao mesmo tempo nossos próprios membros. Mas, qual é a doença? Esta multidão extraordinária que agora aplaude e ouve tão atenta, muitas vezes no momento mais sagrado, inutilmente a procuro com os olhos. Lastimo-o profundamente. Fala alguém, servo de Deus apenas como vós; grande é o empenho e intenso o interesse; aglomeram-se e ficam até o fim; ao contrário, quando Cristo vai aparecer no decurso dos mistérios sagrados, a igreja fica vazia e deserta!

Que desculpas merece tal fato? Esta negligência vos faz desmerecer todos os elogios a vosso zelo em escutar a palavra. Na verdade, quem não vos condenaria e também a nós, verificando que desaparecem tão depressa os frutos da palavra que ouvistes? Porque se escutásseis o que vos é pregado como é preciso, pelas obras manifestaríeis vosso zelo. Escapar-vos logo que acabastes de ouvir significa que o espírito nada captou, nem reteve do que foi dito. Entretanto, se nossos ensinamentos se imprimissem em vossas almas, certamente eles vos haveriam de manter dentro da igreja e fariam com que participásseis com maior piedade de nossos terríveis mistérios. Entretanto, como se houvésseis ouvido um citarista, ides embora logo que o pregador termina, sem retirar proveito.

Qual a gélida desculpa de muitos? Eu posso, dizem eles, rezar também em casa, enquanto é impossível ouvir em casa homilia ou instrução. Enganas-te a ti mesmo, ó homem. Se, de fato, podes rezar em casa, não podes rezar do mesmo modo que na igreja, onde se encontra grande número de Pais e onde um clamor unânime sobe até Deus. Ao invocares o Senhor particularmente não és atendido tão bem como na companhia dos irmãos. Aqui existe algo mais, a saber, a concordância dos espíritos e a unanimidade das vozes, o nexoda caridade e as orações sacerdotais. Efetivamente, os sacerdotes presidem a fim de que as orações do povo, mais fracas, unidas às deles, mais fortes, simultaneamente

se elevem para o céu.

Aliás, qual a utilidade duma homilia, se não conjugada à oração? A oração vem em primeiro lugar, em seguida a palavra, conforme dizem os apóstolos: “Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da palavra”.¹⁹ Assim igualmente age Paulo quando reza nos proêmios das Epístolas, a fim de que, à semelhança do brilho de uma lâmpada, a luz da oração abra caminho à palavra. Se te acostumas a rezar com fervor, não terás necessidade de ser instruído por outros servos de Deus, o qual, sem intermediários, iluminará ele próprio teu espírito.

Se a oração de um só tem tal poder, quanto mais a oração feita com o povo. Efetivamente, o vigor desta é bem maior e a confiança mais segura do que as da oração feita em casa, particularmente. Como o sabemos? Ouve Paulo: “Foi ele que nos libertou de tal morte e dela nos libertará; nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte. Vós colaboraríeis para tanto mediante vossa prece; assim, a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças de muitos em nosso favor”.²⁰ Assim também Pedro escapou do cárcere: “A Igreja não cessava de fazer orações a Deus por ele”.²¹

Se a oração da Igreja foi tão útil a Pedro e tirou da prisão esta coluna, diz-me como tu podes menosprezar sua eficácia, e que defesa terás? Escuta o próprio Deus a afirmar que ele se torna propício quando o povo o invoca de boa mente. Aconteceu isso quando ele se defendia das queixas de Jonas, por causa da planta da mamona, nesses termos: “Tu tens pena da mamona, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer. E eu não terei pena de Nínive, a grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil homens?”.²² De propósito ele destaca o número dos habitantes, para que saibas que a oração de muitas vozes unidas tem grande poder. Quero mostrá-lo igualmente por um exemplo da história humana geral.

Há dez anos alguns homens foram presos, como sabeis, porque tentavam apossar-se do poder supremo. Entre eles, havia um homem investido de alta dignidade que foi reconhecido culpado e amordaçado, e já estava a caminho da morte. Então toda a cidade correu ao hipódromo; os trabalhadores, tendo abandonando as oficinas, e o povo todo reunido, conseguiram arrancar da cólera imperial o condenado que, no entanto, não merecia absolutamente o perdão.

Assim, quando quereis acalmar a ira de um príncipe da terra, acorreis todos com as mulheres e as crianças, mas, ao se tratar de tornar propício o rei dos céus e de arrancar-lhe, se irado, não apenas um pecador, como então, nem dois, nem três, nem cem, mas todos os pecadores do mundo, e livrar das redes do diabo os possessos, ficais sentados lá fora, em vez de acorrerdes todos em comum para que Deus, tocado pela unanimidade das vozes, isente-vos do castigo e vos perdoe os pecados?

Se estás nesse momento na praça pública, ou em casa, ou implicado em negócios inadiáveis, não deves, com ímpeto maior que o de um leão, romper os laços que te prendem e escapar para participar das preces comuns? Que esperança de salvação não terás naquele momento, diz-me, caríssimo irmão? Não somente os homens emitem esses sagrados e terríveis clamores, como também os próprios anjos se lançam aos pés do Senhor e os arcanjos suplicam. Têm um momento favorável quando a oblação ajuda-os no combate.

Da mesma forma que os homens cortam ramos de oliveira e agitam-nos diante dos reis para

relembrar-lhes por meio desta planta a misericórdia e a bondade, também os anjos, nesse momento, apresentando, em vez de ramos de oliveira, o próprio corpo do Senhor, invocam o Senhor em favor da natureza humana, dizendo mais ou menos o seguinte: “Nós te suplicamos por estes, que tu mesmo julgaste dignos de receber teu amor preveniente, a ponto de dares a própria vida; por eles difundimos nossas preces, como tu, em seu favor, derramaste teu sangue; nós te invocamos por aqueles em cujo benefício ofereceste em sacrifício teu corpo, aqui presente”.

É igualmente por este motivo que, neste momento, o diácono chama os possessos, ordena-lhes que apenas inclinem a cabeça, a fim de suplicarem ao menos pela atitude corporal, pois não lhes é permitido participar das orações comuns dos irmãos. Foi animado por este pensamento que ele os chama a fim de que, movido de piedade diante de sua tribulação e de seu mutismo, uses de tua intercessão junto de Deus em favor deles, com a habitual confiança. Pensando em tudo isso, acorremos nesse momento visando atrair a misericórdia divina e encontrar graça e auxílio oportuno.

Aprovastes minhas palavras. Acolhestes essa exortação com ruidosos aplausos. Mas, a fim de manifestardes aprovação por meio de atos, não havemos de esperar muito tal prova de vossa obediência. Pois à exortação sucede imediatamente a oração. Eis a aprovação, e os aplausos que procuro; os dos próprios atos. Incitai-vos, pois, mutuamente, a ficar no lugar em que estais, e se um dentre vós faz um movimento de se retirar, procurai retê-lo. Assim, recebendo a dupla recompensa do próprio zelo e da solicitude para com os irmãos, expandis vossas súplicas com maior confiança e, tornando Deus propício, podereis obter os bens presentes e os futuros, pela graça e amor de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual seja dada glória nos séculos dos séculos. Amém.

[1](#) Cf. 1Cor 3,6.

[2](#) Cf. 1Cor 3,6.

[3](#) Eclo 27,25.

[4](#) 1Tm 6,15-16.

[5](#) Pr 10,7.

[6](#) Gl 1,3-5.

[7](#) 1Tm 1,17.

[8](#) Rm 9,3-5.

[9](#) Jo 5,23.

[10](#) Is 6,1-2.

[11](#) Dn 10,5-8.

[12](#) Dn 10,11.

[13](#) Dn 10,12.

[14](#) Dn 10,16-17.

[15](#) Ez 1,3.

[16](#) Dn 10,4.

[17](#) Cf. Ez 1,4-28.

[18](#) Ez 1,28.

[19](#) At 6,4.

[20](#) 2Cor 1,10-11.

[21](#) At 12,5.

[22](#) Jn 4,10-11.

QUARTA HOMILIA

Poderíamos nos contentar em ter recentemente demonstrado que Deus é incompreensível aos homens e até mesmo aos Querubins e Serafins, dando por terminada nossa tarefa, e nada mais nos restaria a explicar. Porém, como nossos desejos e esforços se concentram não tanto em fechar a boca de nossos opositores, quanto em instruir cada vez mais Vossa Caridade, voltamos hoje ainda ao mesmo assunto e levamos mais adiante a exposição. O tempo que nisso gastarmos aumentará vossos conhecimentos e tornará nossa vitória mais brilhante, limpando o terreno de quaisquer objeções ainda restantes. Não é necessário somente cortar as más ervas por cima – brotariam novamente das raízes escondidas na terra –, como também arrancá-las das entranhas e do seio da terra para expô-las descobertas ao calor dos raios solares, a fim de murcharem rapidamente.

Vamos. Esforcemo-nos ainda uma vez por vos transportar pela palavra ao céu, porém, não no intuito de ali nos intrometermos em inútil e indiscreta curiosidade, mas por termos pressa em eliminar as objeções inoportunas dos que, ignorantes do que são, não aceitam os limites da natureza humana. Por isso, mostramos amplamente que não somente uma aparição de Deus, mas até mesmo a dos anjos foi insuportável ao justo cuja história inteira mencionamos; continuamente mostramos o bem-aventurado Daniel pálido, trêmulo, semelhante a um moribundo, cuja alma procurava romper os liames da carne. Da mesma forma que uma pomba domesticada e mansa que mora num pombal, ao ser assustada, voa de repente intimidada para o teto e procura uma saída pelas janelas, querendo livrar-se de sua angústia, igualmente a alma deste bem-aventurado aspirava voar para fora do corpo e apressava-se para o exterior; teria certamente voado e escapado, abandonando o corpo a si mesmo, se o anjo não tivesse imediatamente se antecipado e não a libertasse da angústia, reconduzindo-a à própria morada.

Dizíamos tudo isso a fim de que eles, tendo compreendido a diferença entre o anjo e o homem, e esclarecidos sobre a eminente dignidade deste confrade, se libertassem da loucura que os contrapunha ao Senhor. Esse justo não pôde suportar a vista de um anjo, embora fosse dotado de tão grande confiança, ao passo que eles, de tal modo afastados da virtude daquele, pretendem examinar curiosamente não um anjo, mas o próprio Senhor dos anjos! Daniel domou o furor de leões, enquanto nós não somos capazes de vencer nem raposas; ele fez um dragão arrebentar-se,¹ dominou a natureza deste monstro, pela confiança em Deus, ao passo que nós temos medo de simples répteis; ele deteve o furor de um rei, desencadeado como o de um leão e, quando a cólera de Nabucodonosor irrompia com maior violência que uma torrente de chamas contra os exércitos bárbaros, ele, interpondo-se, conteve-a e transformou as trevas em luz. Ora, aquele que produzira esta luz, diante do anjo que deles se aproximava, foi tomado de molestas vertigens. Qual será, então, a excusa dos que empreendem penetrar naquela bem-aventurada natureza?

Mas não interrompemos neste ponto nosso discurso. Fizemos o assunto elevar-se às virtudes cheias de sabedoria. Nós as mostramos desviando o olhar, estendendo as asas sobre o rosto, eretas, com

clamores incessantes, essas virtudes incorpóreas revelando de modo geral espanto e tremor. Na medida em que são sábias e estão mais próximas da inefável e bem-aventurada essência, sabem melhor do que nós quão incompreensível ela é. Pois a sabedoria, à medida que cresce, faz aumentar o respeito.

Dissemos o que representa ser inacessível; é mais abrangente do que ser incompreensível. E qual a razão disso, a saber, o que é incompreensível revela-se como tal após ser examinado, enquanto o inacessível recusa pesquisa, até mesmo a tentativa de aproximação. Recorremos então à comparação do alto-mar. Paulo, acrescentamos, não disse que Deus é uma luz inacessível, e sim que “habita uma luz inacessível”; se a moradia já é inacessível, o que não será Deus que a habita! Ao se exprimir assim, Paulo não circunscreve a Deus em determinado lugar, mas destaca evidentemente o quanto é inconcebível e inacessível.

Aludimos igualmente a outras virtudes, os Querubins, e assinalamos acima deles uma espécie de abóbada, uma pedra de cristal, a aparência de um trono e uma forma humana, um metal brilhante, um fogo, um arco-íris e como, depois disso tudo, o profeta dizia: “Tal era o aspecto da semelhança da glória do Senhor”.² Por meio de todas essas explicações, evidenciávamos a condescendência de Deus, que, no entanto, ainda é intolerável até às virtudes superiores.

Não é sem razão que recapitulo tudo isso. Mas, como tenho uma dívida para convosco, isto é, minha promessa, quero ter certeza do que já paguei e o restante a saldar. Assim procedem os devedores a crédito. Trazem o registro que encerra a conta e, depois de mostrá-lo aos credores, pagam o que ainda devem. Eu também, tendo folheado o livro, isto é, as lembranças gravadas em vosso espírito enquanto falo, mostro-vos de certo modo com o dedo o que já paguei, antes de prosseguir relativamente ao restante da dívida.

O que falta indicar? Que não existe Principados, nem Virtudes, nem Dominações, nem qualquer virtude criada que possua compreensão completa de Deus. Existem, efetivamente, outras virtudes, das quais até os nomes desconhecemos. Notemos a insensatez dos hereges: nós não conhecemos nem mesmo os nomes dos servos, e eles pretendem perscrutar até a essência do senhor! De fato, existem Anjos, Arcanjos, Tronos, Dominações, Principados, Potestades, mas não são os únicos povos que habitam os céus. Lá existe ainda um número indefinido de nações e tribos inúmeras, impossível de exprimir por palavras. E como estamos cientes de que até a maioria das virtudes nos é anônima? É Paulo quem nos informa, ao se referir a Cristo, nesses termos: “Fazendo-o assentar muito acima de qualquer Principado e Potestade e Virtude, de todo ser que se pode nomear não só neste século, mas também no vindouro”.³ Vede que existe lá em cima nomes, agora ignorados, que serão conhecidos mais tarde. Por este motivo, ele declarou: “todo ser que se pode nomear não só neste século, mas também no vindouro”.

E seria espantoso que essas virtudes não possam compreender inteiramente a essência divina? É fácil comprová-lo. Pois, muitos dos desígnios de Deus são ignorados pelas virtudes do alto, os Principados, as Potestades e as Dominações. Recorrendo ainda às palavras do Apóstolo, demonstraremos ter sido simultaneamente conosco que as virtudes tiveram conhecimento de certos desígnios, antes de nós por elas ignorados. Ou, antes, não apenas entenderam simultaneamente

conosco, porém ainda por nosso intermédio: “Às gerações e aos homens do passado ele não foi dado a conhecer, como foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas: os gentios são co-herdeiros com os judeus, membros do mesmo corpo e co-participantes das promessas – que haviam sido feitas aos judeus –, por meio do evangelho. Desse evangelho eu, Paulo, me tornei ministro”.⁴ E como sabemos que nessa ocasião as virtudes do alto ficaram cientes disso? As palavras mencionadas referiam-se aos homens. Escuta, então, como continua: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo”.⁵ O que significa a palavra: “insondável”? Algo que não é possível investigar. Não apenas: que não se pode encontrar, mas ainda: de que nem mesmo os vestígios podem ser descobertos. Ouçam eles novamente como são firmes e incessantes os projéteis que Paulo lhes lança. Pois se a riqueza é insondável, como não o seria aquele que a concedeu? “...e de revelar a todos os homens a dispensação do mistério oculto em Deus, para dar agora a conhecer aos Principados e às Potestades, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus”.⁶ É então somente, e não antes, que essas virtudes o souberam. Um escudeiro não conhece os projetos do rei. “Para dar agora a conhecer aos Principados e às Potestades, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus.” Vede a honra prestada à natureza humana. É conosco e por meio de nós que as virtudes do alto são informadas acerca dos segredos do rei.

Mas, como sabemos que se trata aqui precisamente das virtudes celestes? Pois Paulo pôde dar esses nomes de Principados e Potestades também aos demônios, quando declarou: “Pois nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo e deste século de trevas”.⁷ Acaso está dizendo que foram os demônios então informados? Certamente não. Refere-se na verdade às virtudes superiores, porque, depois de ter nomeado “os Principados e as Potestades”, prossegue: “que povoam as regiões celestiais”. Esses Principados e essas Potestades são as do céu, enquanto as outras permanecem embaixo, e por isso ele as denomina “Dominadores deste mundo”, a fim de mostrar que o céu é inacessível para aqueles que manifestam seu poder só no mundo atual.

Viste como as virtudes superiores foram informadas conosco e por meio de nós? Entretanto, empreguemos o restante do discurso para saldar nossa dívida, demonstrando que nem os Principados nem as Potestades conhecem a essência de Deus. Quem, pois, o garante? Não é mais Paulo, nem Isaías, nem Ezequiel, mas outro vaso de santidade,⁸ o próprio *filho do trovão*,⁹ o bem-amado de Cristo, João, que se reclinou sobre o peito do Senhor¹⁰ e bebeu diretamente da fonte divina.¹¹ Que diz ele, pois? “Ninguém jamais viu a Deus”.¹² Realmente é *filho do trovão*, porque emite uma voz mais forte que o som da trombeta, capaz de confundir todos os contraditores.

Vejamos suas objeções. O que afirmas, ó João? Dize-me. “Ninguém jamais viu a Deus.” O que faremos dos profetas que asseguram ter visto a Deus? Isaías declara: “Vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado”.¹³ E Daniel: “Eu continuava contemplando quando foram preparados alguns tronos e o Ancião dos Dias sentou-se”.¹⁴ Miquéias, porém: “Eu vi o Senhor, o Deus de Israel, sentado sobre seu trono”.¹⁵ E outro profeta ainda: “Vi o Senhor que estava de pé sobre o altar do sacrifício e

ele disse: ‘Bate no propiciatório’ ”.¹⁶ Seria possível aduzir muito de tais testemunhos. Como, então, pôde João afirmar: “Ninguém jamais viu a Deus”? Fica sabendo que ele fala com cuidadoso entendimento e conhecimento apurado a respeito de Deus. Pode-se deduzir da diversidade entre as visões de cada um que estas provinham da condescendência divina, e que nenhum dos profetas viu sua essência integralmente. Na realidade, Deus é simples, sem composição, nem figura; no entanto, todos esses profetas perceberam-no em diferentes aspectos.

Além disso, ele bem o manifesta pela boca de outro profeta e prova a eles que não viram sua própria essência, nesses termos: “Multiplicarei as visões e por meio dos profetas falarei em parábolas”.¹⁷ Quer dizer, não lhes manifestei minha própria essência: adaptei-me por condescendência à fraqueza de seu olhar. Não foi somente dos homens que disse João: “Ninguém jamais viu a Deus”, princípio que resulta certo e indiscutível também das palavras do profeta que acabo de citar: “Multiplicarei as visões e por meio dos profetas falarei em parábolas”, e duma declaração feita a Moisés – como este desejava vê-lo com os próprios olhos, Deus lhe disse: “O homem não pode me ver e continuar vivendo”.¹⁸

Eis, então, um ponto certo e bem estabelecido: não foi apenas sobre a raça humana, mas também a respeito de todas as virtudes do alto que João disse: “Ninguém jamais viu a Deus”. Por isso, mostra-se que do Unigênito aprendeu esta verdade. Para evitar que se diga: como o podemos saber? – ele acrescenta: “O Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”;¹⁹ por conseguinte, introduz-nos testemunha e mestre fidedigno desta verdade. Se tivesse querido nos ensinar o mesmo que Moisés, teria sido supérfluo acrescentar que o Unigênito no-lo declarara; pois então não seria: “O Unigênito” que “o deu a conhecer”, mas bem antes que João o teria afirmado, após ouvi-lo do Unigênito, seria o profeta que o teria declarado, conforme ouvira de Deus. Como, porém, ele queria fazer-nos uma revelação mais extensa que a precedente, isto é, que mesmo as virtudes superiores não vêem a Deus, por isso acrescenta ter sido ensinada esta verdade pelo Unigênito.

Deves entender que visão aqui consiste no conhecimento. Efetivamente, as virtudes incorpóreas não têm pupilas, olhos, pálpebras; o que para nós é visão, nelas é conhecimento. Por esta razão, ao ouvires dizer que “ninguém jamais viu a Deus”, pondera que ninguém jamais conheceu a Deus em sua essência com inteira exatidão. E ao ouvires dizer que os Serafins desviam os olhos e protegem o rosto, e que os Querubins agem de idêntico modo, não julgues que tenham olhos e pupilas, características corporais; acredita que o profeta quer designar sua inteligência. Se, portanto, assegura o profeta que eles não podem sustentar a visão de Deus, mesmo em sua condescendência, não afirma outra coisa senão que eles não suportam o conhecimento acurado, perfeito e compreensivo, e não ousam olhar fixamente sua essência tal qual é em sua integridade e incolumidade, mesmo ao usar de condescendência. E “olhar fixamente” aqui significa conhecer.

Por esse motivo, igualmente o evangelista, ciente de ser a natureza humana incapaz de tal ciência e de ser Deus incompreensível também às virtudes do alto, oferece-nos por mestre desta verdade aquele mesmo que está sentado à direita de Deus, perfeito conhecedor da questão. Ele não diz simplesmente “o Filho”, embora só este nome bastasse para fechar a boca dos impudentes. Da mesma forma que se pode falar de vários cristos,²⁰ mas, de fato, existe um só Cristo, ou de vários senhores quando existe

realmente um só, de vários deuses e entretanto há um só Deus; assim pode-se falar de vários filhos, mas o Filho é único e a adição do artigo é suficiente para sublinhar a excelência do Unigênito. Ele, contudo, não se contentou com isso, mas, depois de ter dito: “Ninguém jamais viu a Deus”, acrescentou: “O Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”. Disse primeiro: “Unigênito”, depois: “Filho”; efetivamente, como vários mutilam sua glória porque este nome é muito comum e consideram-no um filho entre muitos outros – sendo o nome de filho comum a todos –, ele colocou primeiro o que exprime sua excelência, é-lhe peculiar e não convém a nenhum outro, a saber, o “Unigênito”, a fim de compreenderes que este nome comum não o é na realidade, porém é-lhe peculiar, pertence-lhe propriamente e não convém a nenhum outro da mesma forma que a ele.

Para tornar mais claro o que quero dizer, darei explicações mais amplas. O nome *filho* é atribuído aos homens e é atribuído ao Cristo, mas, enquanto a ele pertence no sentido próprio, não se aplica a nós senão em sentido lato; quanto à expressão *Unigênito*, é exclusivamente dele e não cabe, nem em sentido impróprio, a nenhum outro. A fim de que, portanto, esse nome que não compete senão a ele, exclusivamente, fizesse entender-te que a outra designação, embora atribuída a muitos, é-lhe própria, João falou primeiro do Unigênito, depois do Filho. E se não bastasse, prossegue ele, acrescentarei outra indicação, contudo pesada e muito humana, contudo, capaz de levar os espíritos mais rasteiros a uma noção da glória do Unigênito. Qual é? “Aquele que está no seio do Pai.” Expressão pesada, porém, capaz de comprovar a filiação legítima, se a tomarmos numa acepção digna de Deus. Da mesma forma que, se ouves falar de um trono e duma cátedra à direita, não imaginas um trono material em lugar delimitado, e sim que essas locuções de trono e de associação numa cátedra exprimem semelhança e igualdade de glória, do mesmo modo, ao ouvires falar de seio, não penses que se trata de um seio carnal que se encontra em tal ou tal lugar, mas entende que essa palavra exprime a proximidade e a confiança do Filho para com Aquele que o gerou. Com efeito, entre estar o Filho sentado à direita do Pai e estar em seu seio, é esta expressão que nos revela e representa com maior clareza sua proximidade relativamente Àquele que o gerou. Pois o Pai não toleraria ter o Filho no seio se este não tivesse sua própria essência, e igualmente o Filho, se fosse de natureza inferior, não poderia ficar no seio paterno.

Por conseguinte, sendo Filho, Unigênito e habitando no seio do Pai, conhece perfeitamente todos os segredos do Pai. Foi por isso que o evangelista recorreu a estas expressões, para que entendas o conhecimento perfeito que o Filho tem do Pai. De fato, trata-se de conhecimento; se assim não fosse, por que falaria de seio? Se Deus não tem corpo – e de fato, não tem – e se não se trata de expor a filiação e a proximidade do Filho relativamente Àquele que o gerou, a palavra foi empregada inútil e ocasionalmente; não nos traria proveito. Ora, ela não foi usada fortuitamente. Deus não o permita! Porque o Espírito nada profere ao acaso; ela expressa, portanto, a proximidade do Filho relativamente ao Pai. O evangelista, tendo feito esta importante declaração, de que nem mesmo as criaturas celestes vêem a Deus, isto é, não o conhecem perfeitamente, e querendo fornecer seguro transmissor dessa verdade, expressou-se deste modo, a fim de confiáres inteiramente no Filho, o Unigênito, aquele que permanece no seio do Pai e doravante não tenhas dúvida alguma. Se quiser alguém renunciar à contradição e à oposição impudente, digo que esse texto exprime a duração da eternidade. De fato, como da palavrada a Moisés: “Eu sou aquele que é”²¹ deduzimos a eternidade de Deus; e também

desta palavra: “aquele que está no seio do Pai”, é possível concluir que o Filho está desde toda eternidade no seio do Pai.

Tudo o que acabamos de dizer comprova ser a essência de Deus incompreensível para qualquer criatura. Resta apenas provar que somente o Filho e o Espírito Santo conhecem a Deus de modo inteiramente perfeito. Porém, reservemos este ponto para outro sermão, a fim de não sobrecarregar vossa memória com a abundância dos assuntos, e dirijamos agora nossas palavras à habitual exortação.

Qual é, então, minha exortação habitual? Que vos entregueis assiduamente à oração com espírito sóbrio e alma vigilante. Ultimamente nós vos entretivemos sobre esta questão, e verifiquei que obedestes prontamente a meus desejos. Ora, seria absurdo que, depois de vos ter repreendido por causa do relaxamento, não vos louve quando melhorais de conduta. Quero, pois, louvar-vos hoje e agradecer-vos pela obediência. Agradecerei, ensinando-vos por que esta oração deve ser feita antes das outras e por que o diácono ordena neste momento que entrem os possessos e os doentes de insânia perniciosa e inclinem a cabeça. Por que age deste modo? O motivo é que a influência dos demônios é cadeia perniciosa e insuportável, cadeia mais sólida que o ferro. Pois, da mesma forma que ao aparecer o juiz em público e tomar assento no tribunal, os guardas da prisão tiram do cárcere todos os prisioneiros e levam-nos às grades e cortinas do tribunal, sujos, sórdidos, desgrehados, maltrapilhos, assim também nossos Padres determinaram que, no momento em que Cristo vem se sentar, por assim dizer, no tribunal e manifestar-se em seus próprios mistérios, os possessos devem ser introduzidos, como prisioneiros, não para prestar contas do que cometeram, como aqueles cativos, nem para sofrer a pena e o castigo, mas para que todo o povo, toda a cidade congregada eleve em sua intenção súplicas comuns, todos com um só coração supliquem em seu favor ao único Senhor e implorem piedade com fortes clamores.

Censurávamos então aos que abandonavam esta oração e neste momento iam para fora; agora quero repreender os que ficam dentro, não certamente porque ficam, mas porque, embora permaneçam, não se comportam melhor do que aqueles que saem, enquanto num momento tão terrível conversam entre si.

Que fazes tu, ó homem? Vês esta multidão de cativos dentre teus irmãos de pé perto de ti, e tu conversas sobre negócios que não lhes interessa absolutamente! Este espetáculo por si só não é, portanto, capaz de te abalar e despertar tua compaixão? Teu irmão em cadeias e tu te despreocupas? Que indulgência encontrarás, responde-me, se te mostras a tal ponto sem compaixão, desumano e cruel? Não temes que, enquanto conversas e te entregas à leviandade e à indiferença, um demônio escape de uma dessas almas e, encontrando a tua desocupada e varrida, não venha se instalar facilmente nela como numa casa sem porta?

Não conviria que então todos juntos dêem curso às lágrimas, que se vejam todos os olhos banhados de lágrimas, que lamentações e gemidos se elevem de toda a assembléia reunida? Após a participação nos mistérios, após o benefício do batismo, após a agregação a Cristo, pôde aquele lobo arrancar do redil essas ovelhas, e retê-las junto de si e tu, a vista de tal infelicidade, não derramas uma lágrima? Como desculpar tal atitude? Recusas condoer-te da infelicidade de teu irmão? Então, ao menos, receia por ti mesmo e desperta em teu próprio interesse! Se vês a casa do vizinho em chamas, dize-me, não

acores para extinguir o fogo, mesmo se teu vizinho é teu pior inimigo, de medo que o incêndio se alastre até a porta de tua própria casa? Raciocina, portanto, do mesmo modo a respeito dos possesores, pois é realmente um incêndio e um abrasamento terrível a possessão de demônios. Cuida de que o maligno em sua caminhada não se aposse de tua alma e, desde que constatas sua presença, refugia-te apressadamente junto do Senhor a fim de que o demônio, vendo tua alma fervorosa e vigilante, teu espírito para ele sempre seja tido por inacessível. Se te vê divertindo-te e descuidado, depressa entrará em ti como numa cabana abandonada; ao invés, se te notar atento, vigilante e diretamente elevado ao céu, de resto jamais ousará olhar-te de frente. Assim, mesmo se tu menosprezas teus irmãos, ao menos cuida de ti mesmo e fecha a entrada de tua alma ao demônio maligno.

Ora, para entricheirar-nos contra seu ataque, não existe habitualmente melhor refúgio que a oração e a súplica contínuas. De fato, a exortação dirigida a todos pelo diácono: “De pé, bem eretos”, não foi estabelecida ao acaso e em vão, e sim para elevarmos nossos pensamentos rastejantes e, eliminando o enervamento ocasionado pelos negócios da vida cotidiana, possamos nos apresentar com espírito reto diante de Deus. A fim de ver que isso é verdade e que tais palavras não se referem ao corpo, mas à alma, e nos convidam a reerguê-la, escutemos como Paulo emprega a mesma expressão de forma idêntica. Ao escrever a homens abatidos, aos quais o assalto das tribulações faziam perder a coragem, ele dizia: “Reerguei as mãos enfraquecidas e os joelhos trôpegos”.²² O que poderíamos dizer? Falaria de mãos e joelhos do corpo? De forma alguma, pois não está se dirigindo a corredores ou lutadores; exorta, a fim de reanimar por tais palavras a força interior das almas abatidas por causa das provações.

Pensa ao lado de quem te encontras, em companhia de quem estás para invocar a Deus. Em companhia dos Querubins! Considera aqueles que formam um coro contigo, e bastará para te empenhar na vigilância quando perceberes que, apesar de revestido de corpo e ligado à carne, foste julgado digno de cantar, unido às virtudes incorpóreas, ao Senhor comum de todos. Ninguém, portanto, tome parte nesses hinos sagrados e místicos com fervor diminuído; ninguém neste momento conserve o pensamento voltado para a vida material, mas cada um, afastando do espírito qualquer idéia terrestre, transporte-se inteiramente para o céu, como se estivesse ali voando ao lado do trono de glória em companhia de Serafins, e dirigindo assim o hino santíssimo ao Deus glorioso e magnífico.

Eis por que nos é ordenado permanecermos firmes naquele momento. Permanecer firmes outra coisa não é senão manter-se como convém ao homem na presença de Deus, “com temor e tremor”,²³ com alma vigilante e atenta. Outra palavra de Paulo nos mostra igualmente que a expressão é relativa à alma, nesses termos: “Permanecei firmes no Senhor, ó amados”.²⁴ Da mesma forma que o arqueiro, quando quer alcançar o alvo com suas flechas, em primeiro lugar cuida da própria posição e não começa a lançá-las senão depois de se ter colocado exatamente defronte o alvo, se tu queres atingir com tuas setas a cabeça maldita do demônio cuida em primeiro lugar da disposição de teus pensamentos, a fim de que, após ter assegurado uma atitude firme e adequada, possas expedir as flechas de cheio contra o inimigo.

Aí está o que se refere à oração. Porém, desde que, além da negligência nas orações, o diabo imaginou outro meio de preencher de desalento, é preciso opor também contra esse defesa que lhe

impeça o acesso. O que urdiu, pois, o demônio maligno?

Vendo-vos congregados como num só corpo e inteiramente atentos a nossas palavras, não ousou enviar alguns de seus servos a fim de vos distrair na escuta, por meio de conselhos e exortações, certo de que nenhum de vós os acolheria com tais conselhos; colocou de mistura, contudo, no meio do povo, ladrões e cortadores de bolsas que tiraram mais de uma vez a vários dos presentes, aqui reunidos, o ouro que traziam consigo. E isso aconteceu aqui mesmo, freqüentemente e a muitos. No intuito de que isso não suceda mais e vosso desejo de nos ouvir não venha a se extinguir com o correr do tempo devido às perdas de dinheiro, se um grande número dentre vós as sofressem, peço e exorto a todos que não tragam ouro consigo ao entrar aqui. Vosso ardor em escutar não se torne para eles oportunidade de crime, e o prazer que sentis nas reuniões aqui não se dissipe pelo roubo do que vos pertence.

Com efeito, o diabo não tramou este plano para vos empobrecer, mas para que a perda dos bens e o intenso desgosto que vos causa retire a disposição de ouvir. Foi assim que despojou Jó de todas as suas riquezas, não para empobrecê-lo, mas para despojá-lo da piedade. Pois o fim que ele se propõe não é arrebatrar riquezas – ele sabe que isso nada vale –, mas sim que, roubando-as, induza a alma ao pecado e, se não o conseguir, julgará nada ter alcançado.

Ciente do projeto dele, caríssimo, quando te for subtraído o ouro, seja por meio de ladrões, seja por outro meio qualquer, glorifica o Senhor. Ser-te-á muito proveitoso, pois assim infligirás duplo golpe ao inimigo, de um lado evitando a cólera e, de outro, dando graças. Se ele verifica que este prejuízo pecuniário te abate e te leva a irritar-te contra o Senhor, não desistirá de provocá-lo, mas se perceber que, longe de blasfemar contra Deus teu Criador, dá-lhe graças em cada tribulação que te advém, cessará de ocasionar-te provações, vendo que a adversidade experimentada proporciona motivo de ação de graças e assim te assegura coroas mais brilhantes e prêmios mais numerosos. Foi, aliás, o que sucedeu a Jó. Após ter o diabo privado-o das riquezas e ferido seu corpo, ao verificar que ele dava graças, não ousou prosseguir nos ataques e, submetido a uma derrota vergonhosa e irremissível, afastou-se, pois conseguiu apenas realçar o esplendor do atleta de Deus.

Uma vez que isso nos é notório, não tenhamos senão uma só coisa, o pecado, e suportemos corajosamente o restante: perda de bens, doença corporal, circunstâncias difíceis, injustiça, calúnia, ou qualquer outro evento infeliz, pois tudo isso, por sua própria natureza, não somente não nos prejudicará, como possivelmente nos será em extremo útil, se o suportarmos com ações de graças, porque nos obterá maiores recompensas. Vede que Jó, após ter cingido todas as coroas da paciência e da coragem, recuperou o dobro de tudo que perdera. E tu, não é apenas o dobro ou triplo das perdas que hás de readquirir, mais o cêntuplo, se tudo suportares generosamente, e receberás em herança a vida eterna. Alcancemos esses bens todos nós, pela graça e pelo amor de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam dados poder e glória, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

¹ Cf. Dn 6,17-24.

² Ez 1,28.

³ Ef 1,21.

⁴ Ef 3,5-7.

⁵ Ef 3,8.

⁶ Ef 3,9-10.

⁷ Ef 6,12.

⁸ Cf. At 9,15.

⁹ Mc 3,17.

[10](#) Jo 21,20.
[11](#) Jo 7,38-39.
[12](#) Jo 1,18.
[13](#) Is 6,1.
[14](#) Dn 7,9.
[15](#) 1Rs 22,19.
[16](#) Am 9,1.
[17](#) Os 12,11.
[18](#) Ex 33,20.
[19](#) Jo 1,18.
[20](#) Cf. 1Cor 5,6.
[21](#) Ex 3,14.
[22](#) Hb 12,12.
[23](#) Fl 2,12.
[24](#) Fl 4,1.

Se alguém se dispuser a tratar de assunto muito importante que reclame vários discursos e não o pode tratar a fundo num dia nem em dois ou três, pois há de gastar muito mais tempo para esgotá-lo, a meu ver, não deve transmitir de modo global e de uma só vez ao espírito dos ouvintes o que quer ensinar. Convém, ao invés, dividir o assunto em várias partes e tornar o fardo do discurso assim distribuído mais leve e mais fácil de se levantar.

De fato, a língua, o ouvido e cada um de nossos sentidos tem medida, regra, confins precisos, e quem talvez forçar esses limites excederá os limites e a energia disponíveis. O que há de mais suave, dize-me, que a luz? O que há de mais aprazível que os raios do sol? Entretanto, se os olhos forem expostos sem comedimento a tal suavidade e prazer, hão de transformar-se em ônus e sofrimento. Assim também Deus estabeleceu que ao dia suceda a noite, a qual cuida dos olhos fatigados, distendendo as pálpebras, repousando as pupilas, diminuindo o cansaço da vista, de modo a torná-la mais apta a contemplar o dia seguinte. Por isso, a vigília e o sono, embora opostos entre si, tornam-se muito agradáveis quando se alternam, e se afirmamos que a luz é suave, declaramos agradável o sono, o qual, porém, nos retira da luz.

Por conseguinte, a falta de medida é sempre pesada e onerosa, como a justa medida é aprazível, útil e salutar. Por isso, nós também, que há quatro ou cinco dias estamos vos falando sobre o Deus Incompreensível, e não tencionamos ainda terminar hoje, queremos somente apresentar a questão à Vossa Caridade em justa medida, e deixar em seguida vosso espírito novamente descansar.

Em que ponto da homilia nos detivemos ultimamente? É forçoso que retomemos deste ponto, porque existe certa seqüência lógica na doutrina. Relembrávamos a palavra do Filho do trovão: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”.¹ Hoje é preciso que saibamos em que lugar o Filho único de Deus o ensinou. Refere João: “Jesus respondeu aos judeus: ‘Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai’ ”.² Ver, aqui, é tomado no sentido de *conhecer*.

E ele não assegurou simplesmente: “ninguém conhece o Pai” e em seguida calou-se, porque desse modo poder-se-ia acreditar que não se trata senão dos homens, mas, querendo mostrar que nem os anjos, nem os arcanjos, nem as virtudes do alto o conhecem, manifestou-o claramente nas palavras subseqüentes. Com efeito, depois de ter dito: “não que alguém tenha visto o Pai”, acrescentou: “só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”. Se houvesse dito apenas: “ninguém”, muitos dos que ouviam essas palavras poderiam ter acreditado talvez que tais palavras se referiam apenas ao gênero humano; contudo, ao declarar: “ninguém”, acrescentando: “senão o Filho”, ao citar o Unigênito, exclui todos os seres criados. Então, objeta-se, exclui igualmente o Espírito Santo? Absolutamente não, pois este não pertence à criação. Ora, esta palavra “ninguém” emprega-se sempre por oposição, relativamente apenas às criaturas. Assim, quando se refere ao Pai, não exclui o Filho e, quando se refere ao Filho, não separa o Espírito.

Evidenciando desde agora que a palavra “ninguém” não é proferida na intenção de excluir o Espírito, mas somente em contraste com as criaturas, no tocante a este conhecimento que a Escritura atribui somente ao Filho, ouçamos as palavras que Paulo dirigia aos coríntios. Quais? “Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus ninguém o conhece, senão o Espírito de Deus”.³ Por conseguinte, da mesma forma que aqui a palavra “ninguém” não exclui o Filho, quando é usada a respeito de Cristo, não exclui o Espírito Santo. Assim fica provada a veracidade de nossa asserção. Pois se, ao dizer: “Não que alguém tenha visto a Deus; só aquele que vem de junto de Deus”, ele tenha querido excluir o Espírito, seria estranho que Paulo possa dizer que o Espírito Santo, de igual modo como o homem, sabe o que há em si, conhece com exatidão o que é de Deus.

De igual forma é que se usa a expressão: “um só”, porque tem idêntica força e vigor. Considera o seguinte: “Existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe”.⁴ Se o fato de dizer que há um só Deus, o Pai, apartasse o Filho da divindade, o fato de afirmar a existência de um só Senhor, o Filho, excluiria o Pai do senhorio; mas, efetivamente, o Pai não é de forma alguma excluído do senhorio por esta afirmação de que “existe um só Senhor, Jesus Cristo”. Em consequência, o Filho não é de modo algum excluído da divindade por esta afirmação de que existe um único Deus, o Pai.

Se alguém retrucar que o Pai é denominado o único Deus porque, se o Filho também é Deus, não o é como o Pai, dessas premissas se deduziria que o Filho – não somos nós que o dizemos! – foi denominado Senhor porque, se o Pai também é Senhor, não o é como o Filho. Mas, se esta última asserção é ímpia, a precedente não tem razão de ser. Da mesma forma que as palavras: “um só Senhor” não excluem o Pai do senhorio perfeito e deste não investem apenas o Filho, igualmente a expressão: “um só Deus” não aparta o Filho da verdadeira e autêntica divindade, atribuindo-a exclusivamente ao Pai.

De fato, evidencia-se que o Filho é Deus, e Deus tal como o Pai, continuando a ser o Filho, da adição da palavra Pai. Se o nome de Deus pertencesse apenas ao Pai e não pudesse designar outra hipóstase a não ser a hipóstase primeira e ingênita, à qual somente ela conviria como nome próprio e peculiar, então o acréscimo da palavra Pai seria supérfluo; bastaria dizer que é “o único Deus” e saberíamos de quem se trata. Porém, de fato, o nome de Deus é comum ao Pai e ao Filho, e ao dizer “um só Deus”, Paulo não especificava de quem falava; foi-lhe necessário, por este motivo, aditar a palavra Pai, a fim de precisar a referência à hipóstase primeira e ingênita, uma vez que a palavra Deus, pertencente em comum a ela e ao Filho, não bastava para designá-la.

Com efeito, entre esses nomes, alguns são comuns e outros são próprios. Os primeiros destacam a identidade da essência e os segundos, a propriedade das hipóstases. Então, “Pai” e “Filho” são nomes próprios dessas duas hipóstases, enquanto “Deus” e “Senhor” são nomes comuns. Tendo, portanto, empregado um nome comum, dizendo “um só Deus”, Paulo precisou acrescentar o nome próprio, a fim de se saber de quem falava, e não reincidir no erro insensato de Sabélio.

Aliás, a palavra Deus não tem significado mais importante que a palavra Senhor, e a palavra Senhor não tem sentido menos importante que o termo Deus. Comprovo. Em todo o Antigo Testamento, o Pai

é continuamente chamado de Senhor: “o Senhor teu Deus”, quer dizer, “o Senhor é o único”;⁵ depois: “É ao Senhor teu Deus que adorarás, e a ele servirás”;⁶ em seguida: “Nosso Senhor é grande e onipotente e sua inteligência é incalculável”;⁷ e ainda: “Saberão assim que só tu tens o nome de Senhor, o altíssimo sobre a terra inteira”.⁸ Se este nome fosse inferior ao de Deus, e se fosse indigno de sua essência, não se deveria dizer: “Saberão assim que só tu tens o nome de Senhor”. Igualmente, se *Deus* fosse termo maior e mais honroso do que *Senhor*, não deveria ser atribuído ao Filho, que segundo eles é inferior ao Pai, nome adequado ao Pai e propriamente apenas seu. Mas, certamente não é assim. Na verdade, o Filho não é inferior ao Pai, e o nome de Senhor equivale ao de Deus. Por isso, a Escritura aplica indiferentemente os dois apelativos ao Pai e ao Filho.

Ouvistes que o Pai é denominado Senhor; vamos agora demonstrar que também o Filho é denominado Deus. “Eis que a Virgem concebeu e dará à luz um filho e porá nele o nome de Emanuel, que significa: Deus-conosco”.⁹ Vês como o nome de Senhor é aplicado ao Pai, e o de Deus ao Filho? Do mesmo modo, na Escritura: “Que se saiba que teu nome é Senhor”, lê-se também: “Porá nele o nome de Emanuel”. E ainda: “Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado e seu nome será: Anjo do Grande Conselho, Deus forte, poderoso”.¹⁰ Observa, por favor, o entendimento dos profetas e sua sabedoria espiritual; a fim de evitar que, ao dizerem simplesmente “Deus”, acredite-se que falam do Pai, começam a evocar a Encarnação, pois o Pai não nasceu duma Virgem e jamais foi criança.

Outro profeta fala nesses termos: “É ele o nosso Deus e nenhum outro se contará ao lado dele”.¹¹ De quem diz isso? Do Pai? De forma alguma. Escuta-o a evocar a Encarnação. Depois de ter dito: “É ele o nosso Deus e nenhum outro se contará ao lado dele”, acrescenta: “Foi ele que descobriu todo o caminho da ciência e o deu a conhecer a Jacó, seu servo, e a Israel, seu bem-amado. Depois disso ele apareceu sobre a terra e no meio dos homens conviveu”.¹² Paulo, por sua vez, diz: “Dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos. Amém”.¹³ E noutra passagem: “Nenhum impuro ou avarento tem herança no reino de Cristo e de Deus”.¹⁴ Noutro trecho fala da “aparição de nosso grande Deus e Salvador, o Cristo Jesus”.¹⁵ E João dá-lhe o mesmo nome quando diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.¹⁶

Sim, dirão, agora mostra-nos uma passagem da Escritura que, mencionando o Pai com o Filho, dê ao Pai o título de Senhor. Não apenas hei de demonstrá-lo, como hei de provar também que ela chama o Pai de Senhor e o Filho de Senhor, e chama o Pai de Deus e o Filho de Deus, reunindo cada vez essas denominações num mesmo trecho. Onde encontrar isso? Ao se entreter um dia com os judeus, disse-lhes Cristo: “Que pensais a respeito do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe: ‘De Davi’. Ao que Jesus lhe disse: ‘Como então Davi, falando sob inspiração, chama-o Senhor, ao dizer: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita?’”.¹⁷ Aí, portanto, temos: “Senhor” e “Senhor”.

E queres saber onde a Escritura, unindo numa só citação o Pai e o Filho, deu a ambos o título de Deus? Ouve, neste intuito, o profeta Davi e o apóstolo Paulo, que no-lo mostrarão: “Teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos! O cetro de teu reino é cetro de retidão! Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria como a nenhum de teus

companheiros”.¹⁸ E Paulo uniu àquele seu testemunho, nesses termos: “A respeito dos anjos está escrito: Torna em vendavais seus anjos... Do Filho, porém, lê-se: Teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos”.¹⁹

Por que, então, dirão, nessa passagem, chama-se ao Pai de Deus e o Filho de Senhor? Não é fortuitamente e sem finalidade determinada que o faz, mas porque dirigia-se a gregos, afetados de politeísmo. A fim de que não pudessem replicar: Vós nos censurais de admitirmos vários deuses, vários senhores e caís sob os golpes de crítica idêntica ao vos referirdes a deuses e não a um só Deus; é por este motivo e por condescendência para com sua fraqueza que ele dá ao Filho outro nome, que possui, aliás, o mesmo conteúdo.

Para mostrar que isso é verdadeiro, voltemos à mesma passagem e vereis claramente que não se trata de mera suposição nossa: “No tocante às carnes sacrificadas aos ídolos, é inegável que todos temos a ciência exata. Mas a ciência exata incha; é a caridade que edifica. Por conseguinte, a respeito do consumo das carnes imoladas aos ídolos, sabemos que um ídolo nada é no mundo e não há outro Deus a não ser o Deus único”.²⁰ Vês como ele se dirige com insistência a homens que acreditam na existência de vários deuses? “Se bem que existam aqueles que são chamados deuses e senhores, quer no céu, quer na terra (de novo, é contra eles que se combate) – e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores (isto é, assim se diz) –, para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe”.²¹

Se ele empregou essa expressão: “um só”, foi visando que eles não o possam julgar suspeito de reintroduzir o politeísmo. Se deu ao Pai o nome de Deus único, não quis apartar o Filho da divindade, e igualmente, se deu ao Filho o nome de único Senhor, não foi por pretensão de retirar do Pai o senhorio: quis assim atender à fraqueza deles e não lhes dar ocasião de qualquer pretexto. Tal é também o motivo pelo qual os profetas não deram a conhecer aos judeus o Filho de Deus de maneira clara e manifesta, mas somente rara e levemente. Pois, apenas libertados do erro politeísta, os judeus, se ouvissem falar de Deus e Deus, recairiam no mesmo mal. Por isso os profetas repetem constantemente que existe um só Deus, e “além dele não há outro”.²² Não procuram assim rejeitar o Filho – Deus não o permita! – mas querem atender à fraqueza deles e simultaneamente persuadi-los de que renunciem a sua crença em deuses numerosos e inexistentes.

Ao ouvires, portanto, as palavras: “um só” e “ninguém” e outras semelhantes, não diminuas o conceito da glória da Trindade; certifique-se por meio delas, isso sim, da distância que a separa da criação. Pois, foi dito em outra passagem: “Quem conheceu o espírito do Senhor?”.²³ Aqui, trata-se bem disso, mas o Filho e o Espírito possuem este conhecimento, conforme precedentemente assaz o demonstramos, ao exemplificarmos com o testemunho: “Quem, pois, dentre os homens, conhece o que é do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”.²⁴ E o Filho disse também: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho”.²⁵ E igualmente noutra passagem: “Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”.²⁶ Indica também simultaneamente a perfeição com a qual ele conhece o Pai e a razão pela qual ele o conhece. Qual é? Porque vem dele. E,

vice-versa, o fato que vem dele é comprovado pela perfeição da ciência que possui. Com efeito, ele o conhece exatamente porque vem dele, e doutro lado essa ciência perfeita é sinal de sua proveniência. Pois uma essência não poderia conhecer bem uma essência superior, mesmo se a distância entre elas fosse pequena.

Escuta, portanto, o que diz o profeta da pequena diferença entre os anjos e a natureza humana. Após ter dito: “Que é o homem para dele te lembrares, e o filho do homem para o teres em consideração?”, acrescentou: “E o fizeste pouco menos que os anjos”.²⁷ E contudo, embora o intervalo seja pequeno, uma vez que existe, não conhecemos perfeitamente a essência dos anjos e, mesmo por meio de longos raciocínios, torna-se-nos impossível penetrá-la.

Entretanto, por que falar dos anjos, se nem mesmo a essência de nossa alma nos é suficientemente conhecida, ou, antes, é-nos totalmente desconhecida? Se eles objetam que a conhecem, pergunta-lhes qual a essência da alma: seria ar, sopro, vento ou fogo? Mas, não darão nenhuma dessas respostas, pois todas essas coisas são corporais, enquanto a alma é incorpórea. Assim, eles não conhecem os anjos, nem suas próprias almas; contudo, pretendem conhecer perfeitamente o Senhor e Criador do universo! É possível haver insensatez pior que a deles?

E por que perguntar qual a essência da alma? É impossível explicar até mesmo como ela se encontra no corpo. Mas o que se poderia dizer a respeito? Que ela se estende por todo o volume do corpo? Seria absurdo. Tal coisa convém apenas às realidades corporais. Aliás, o que prova que assim não acontece com a alma é o fato de que todas as vezes que se cortam as pernas ou os braços de um homem, ela permanece inteira, e não fica truncada por esta mutilação corporal. Mas, se ela não se acha em todo o corpo, é contida em alguma de suas partes? Resultaria daí necessariamente que as outras partes ficariam mortas, pois tudo o que não é animado é morto. Nem isso, contudo, pode-se dizer. Assim, sabemos que a alma se encontra em nosso corpo, mas ignoramos de que modo. Se Deus impediu este conhecimento foi para nos fechar a boca e conter-nos mais facilmente, a fim de nos ensinar a permanecer em nossa pequenez, não querer perscrutar o que está acima de nós e desistir de uma curiosidade indiscreta.

Recorramos novamente à Escritura, a fim de não resolvermos estas questões baseados apenas no raciocínio. “Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”.²⁸ Que significa isto? – perguntarão. Esse texto não é suficiente ainda para testemunhar que ele possui conhecimento perfeito. Sem dúvida, mostra que a criatura não conhece a Deus, por essas palavras: “Não que alguém tenha visto o Pai” e novamente indica que o Filho o conhece, acrescentando: “Só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”. Mas ainda não demonstra que ele conhece perfeitamente e do mesmo modo como Deus conhece a si mesmo. De fato, dirão, é possível que Deus não seja conhecido perfeitamente nem pela criatura, nem pelo Filho, mas que este o conheça melhor que as criaturas, entretanto não tenha dele conhecimento perfeito. Ora, ele assegura que vê e conhece o que é o Pai, mas não afirma ainda que o conheça perfeitamente e de idêntica maneira como conhece a si mesmo.

Quereis então que atestemos isso pela Escritura, e pelas próprias palavras de Cristo? Escutemos então o que ele diz aos judeus: “Como o Pai me conhece eu conheço o Pai”.²⁹ Que podes reclamar

ainda de mais perfeito que esse conhecimento? Interroga teu contraditor: o Pai conhece perfeitamente o Filho, tem dele conhecimento absolutamente perfeito? É verdade que ele nada ignora do que é atinente ao Filho e sua ciência é sobre isso completa? Sim, responderá. Então, ao saberes que o Filho o conhece do mesmo modo como o Pai conhece o Filho, nada mais procures, pois o conhecimento é exatamente igual em ambos.

Ele no-lo demonstra ainda noutra passagem, nesses termos: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.³⁰ E ele não revela tudo o que sabe: somente o quanto somos capazes de receber. Pois, se Paulo assim age, com maior razão o Cristo também assim faz. Ora, o Apóstolo diz a seus discípulos: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnaís, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar”.³¹

Porém, dirão: foi somente aos coríntios que ele se dirigia. O que teríamos a responder, se mostramos que ele tinha conhecimento de coisas que nenhum outro conhecia e que, ao sair desta vida, ele era o único a conhecer? Onde encontrar a prova do que afirmei? Na Epístola aos Coríntios, onde diz: “Ouvi palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir”.³² E, no entanto, o próprio Paulo que ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir, possui um conhecimento limitado e muito inferior ao conhecimento futuro. Pois ele, que isso dizia, também afirmou o seguinte: “Pois nosso conhecimento é limitado, e limitada é nossa profecia”, e em seguida: “Quando eu era criança, pensava como criança, raciocinava como criança”, e enfim: “Agora vejo em espelho e de maneira confusa, mas, depois, verei face a face”.³³

Com isso ficam refutados todos os sofismas desses hereges. Mas, se a respeito da essência divina, ignora-se não que exista, mas o que é, seria o auge da loucura impor-lhe um nome. Aliás, mesmo se nos fosse manifesta e conhecida, ainda não nos seria seguro dar por nós mesmos e por própria iniciativa um nome à essência do Senhor. Ora, Paulo não ousou denominar as virtudes do alto: “Fez o Cristo assentar a sua direita nos céus, muito acima de qualquer Principado e Potestade, de toda virtude e de todo nome que se pode nomear não só neste século, mas também no vindouro”.³⁴ Ao nos ensinar desse modo que essas virtudes têm nomes que conheceremos mais tarde, não quis substituir esses nome por outros, nem procurar curiosamente saber quais são eles.

Como, pois, seriam dignos de perdão e justificação os que ousam empreender tal coisa a respeito da essência do Senhor? Uma vez que essa essência nos é desconhecida, importa fugir desses hereges como se evitam os dementes. Que Deus seja ingênito é verdade certa, mas que tal seja o nome adequado a sua essência, não o disse profeta algum, nenhum apóstolo o sugeriu, nenhum evangelista. E é natural, pois como, ignorando qual a essência, poderiam declarar-lhe o nome?

Ora, por que falar das divinas Escrituras, quando tal absurdo é tão evidente e esta aberração tão excessiva, que os próprios gregos, por mais que estivessem longe da verdade, jamais forjaram algo de semelhante? Nenhum deles, com efeito, ousou definir a essência divina e encerrá-la num nome só. E por que referir-se à essência divina se, ao indagarem a natureza dos seres incorpóreos, eles não deram destes definição verdadeira e contentaram-se, em vez de definir, com uma descrição, um esboço impreciso?

Qual é, porém, o sábio argumento de nossos contraditores? Então, dizem eles, tu não conheces o que adoras? A isto não é absolutamente necessário responder, quando já foi largamente demonstrado com o auxílio das Escrituras ser impossível conhecer a Deus em sua essência. Porém, visto que nossas palavras não derivam de inimizade, e sim do desejo de reconduzi-los à verdade, vamos, empenhemo-nos em mostrar que não é por ignorar a essência de Deus que alguém o desconhece, mas, ao contrário, por pretender conhecê-la.

Dize-me, suponhamos dois homens a ponto de brigar por causa da extensão do céu, que ambos pretendem conhecer; o primeiro declara que olhos humanos não podem abrangê-la, enquanto o segundo objeta ser possível medi-la toda inteira com a palma da mão. Qual dos dois, em nossa opinião, conhecerá o tamanho do céu? O que pretende saber quantos palmos possui, ou quem confessa ignorá-lo? Se, quando se trata do céu, quem recua diante de sua imensidade é quem melhor a conhece, não teremos, com referência a Deus, a mesma prudência? Como não seria o cúmulo da demência?

Aliás, não nos é pedida senão uma só coisa, isto é, não perscrutar sua essência. Escuta o que assegura Paulo acerca deste assunto: “Pois aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe”.³⁵ Em outro trecho o profeta, reprovando a impiedade de um homem, não o acusa de ignorar o que é Deus, mas de não saber que Deus existe: “Diz o insensato em seu coração: ‘Deus não existe!’”.³⁶ Igualmente, segundo ele, a impiedade não consiste em desconhecer a essência de Deus, mas sim em ignorar que Deus existe; basta, porém, à piedade saber que Deus existe.

Eles apresentam, contudo, outra objeção cuidadosamente elaborada. Qual é? Foi afirmado, dizem eles, que “Deus é espírito”.³⁷ Podemos, então, definir sua essência, dize-me? Quem o admitirá entre os que se aproximaram um tanto das portas da divina Escritura? De fato, dessa forma, Deus seria também fogo; pois como se acha escrito: “Deus é espírito”, também está escrito: “O nosso Deus é um fogo abrasador”.³⁸ E em outra passagem: “Ele é a fonte de água viva”.³⁹ E ele não seria apenas espírito, fonte e fogo, como também alma, vento, inteligência humana, e outras coisas bem mais absurdas; não é, porém, necessário esgotar esta série, nem imitar a insensatez deles. A palavra *espírito* tem muitos sentidos. Designa entre outras coisas a alma, como diz Paulo: “Entregai tal homem a Satanás, a fim de que o espírito seja salvo”.⁴⁰ Designa também o vento, quando diz o profeta: “Tu os destroçarás pela violência de teu espírito”.⁴¹ Aplica-se igualmente aos dons espirituais: “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar”,⁴² e em outra passagem: “Orarei com meu espírito, mas hei de orar também com minha inteligência”.⁴³ Aplica-se também à cólera, porque diz Isaías: “Não eras tu que pensavas, com teu sopro violento, em aniquilá-los?”.⁴⁴ Enfim, o socorro enviado por Deus é também chamado de espírito: “O sopro de nossas narinas, o Cristo Senhor”.⁴⁵ Por conseguinte, se acreditarmos neles, Deus será para nós tudo isso simultaneamente e será composto de todas essas realidades.

Chega de palavreado. Em vez de nos ocuparmos de objeções que não merecem refutação, interrompamos aqui a discussão e voltemo-nos inteiramente para a oração. Quanto mais ímpios são eles, mais devemos rezar e interceder em sua intenção para desistirem enfim de sua loucura. Desse

modo nossa atitude será “aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”.⁴⁶

Não devemos, portanto, cessar jamais de suplicar em seu favor. Pois a oração é arma poderosa, tesouro imperecível, riqueza inesgotável, porto abrigado, depósito de tranqüilidade; a oração é raiz, fonte, mãe de milhares de bens e tem maior poder que a própria realeza. Várias vezes o próprio detentor do diadema foi visto abatido e deitado no leito, ardendo em febre; a seu redor, prestam-lhe assistência médicos, guardas, servos, generais, mas nem a arte dos médicos, nem a presença dos amigos, nem o serviço dos domésticos, nem a variedade dos remédios, nem a magnificência do ambiente, nem a abundância das riquezas, nem qualquer outro recurso humano consegue amenizar a força da doença. Se, contudo, apresenta-se alguém que cheio de confiança fala com Deus, basta tocar o corpo estendido e proferir por ele uma oração pura para afugentar toda moléstia. O que não alcançara a riqueza, a multidão dos servos, a ciência dos peritos, as pompas da realeza, obtém-no a oração de um só homem, muitas vezes pobre e mendigo.

Porém, a oração a que me refiro não é vazia e assaz negligente; é oração fervorosa, feita com a alma aflita e o espírito contrito. Eis a oração que sobe até o céu. Da mesma forma que a água não sobe se corre em planície e goza de espaço para transbordar, mas, se a mão dos trabalhadores, comprimindo seu leito embaixo e impelindo-a para uma passagem estreita, fá-la jorrar para o alto, mais rápida que uma flecha, assim o espírito humano, quando goza de plena tranqüilidade, relaxa e se dispersa, ao passo que, se as circunstâncias o apertam na parte inferior, então, convenientemente comprimido, envia para o céu puras e intensas preces.

E para que saibas que as orações podem ser atendidas melhor quando proferidas na angústia, escuta o que diz o profeta: “Em minha angústia eu gritei ao Senhor e ele me ouviu”.⁴⁷ Reanimemos, portanto, o fervor da consciência, aflijamos a alma com a lembrança de nossos pecados, aflijamo-la, não para atormentá-la, e sim para dispô-la de modo a ser ouvida, torná-la sóbria e vigilante e assim permitir-lhe atingir os céus. Nada mais apropriado a expelir a preguiça e a negligência que a dor e a angústia, que concentram inteiramente o espírito, fazendo-o voltar a si. Aquele que reza assim na angústia poderá, depois da oração, experimentar grande alegria espiritual. À semelhança das nuvens que, acumuladas, primeiro obscurecem a atmosfera, e depois de sucessivamente emitirem os flocos de neve, ou fazerem cair toda a chuva que continham, tornam a atmosfera serena e brilhante, igualmente a depressão, acumulada no coração, entenebrece os pensamentos, mas quando, devido às palavras da oração acompanhadas de lágrimas, ela exala e se dissipa, grande brilho penetra na alma, pois a proteção de Deus se difunde como um raio de sol na alma do orante.

Mas, qual a fria resposta de tantos? Não tenho confiança, diz-se, estou cheio de confusão e não posso abrir a boca. Essa timidez é satânica, é pretexto que esconde as veleidades, porque o diabo quer te fechar as portas de acesso a Deus. Não tens confiança? Ao contrário, é grande confiança, e em si grande vantagem acreditar que não se tem motivo de confiança, assim como constitui vergonha e causa de grande condenação crer que se tem todo motivo de estar seguro de si mesmo. Com efeito, mesmo se fizeste muitas boas ações, e não estás consciente de pecado algum, se crês ter razões para estar seguro, perdes todo o benefício da oração. Ao invés, se tua consciência está sobrecarregada sob o

peso de milhares de pecados, por pouco que estiveres convicto de ser o último de todos os homens, poderás dirigir-te a Deus com toda confiança.

Considerar-se pecador quem verdadeiramente o é, não constitui, contudo, humildade. A humildade pertence a quem, apesar de consciente de ter praticado muitas boas ações, não tem de si mesmo alta estima, àquele que, sendo semelhante a Paulo e podendo repetir com ele: “A minha consciência de nada me acusa”, acrescenta imediatamente: “Mas nem por isto estou justificado”,⁴⁸ ou ainda: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro”.⁴⁹ A humildade consiste no seguinte: ser alguém grande em obras e humilde em espírito.

Todavia Deus, em seu inefável amor aos homens, não acolhe e recebe somente os que se humilham, mas também os que confessam generosamente seus pecados, e basta essa atitude para encontrar propiciação e benevolência. E a fim de saberes como é bom não teres de ti mesmo alta estima, imagina dois carros. A justiça e o orgulho vêm atrelados a um deles, ao outro, o pecado e a humildade. Verás o carro ligado ao pecado sobrepujar o da justiça, não certamente pela própria força, mas pelo impulso da humildade que lhe está unida, enquanto o outro será superado não por causa da fraqueza da justiça, mas por causa do ônus e do fardo do orgulho. Efetivamente, como a humildade, devido a sua imensa força de elevação, triunfa da carga do pecado e em primeiro lugar sobe para junto de Deus, também o orgulho, por causa de seu grande peso e volume, chega a superar a leveza da justiça e a arrasta facilmente para baixo.

E para que percebas ser uma dessas atrelagens mais rápida que a outra, lembra-te do fariseu e do publicano. O fariseu atrelava juntos a justiça e o orgulho, a ponto de dizer: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, ávidos, nem como este publicano”.⁵⁰ Que loucura! Não bastava a seu orgulho rebaixar a natureza humana em geral. Insultava ainda com muito orgulho o publicano, de pé junto dele. E que fez então este último? Não repeliu as injúrias, não se irritou com a acusação: acolheu tais palavras com prudência. A seta do inimigo transformou-se-lhe em remédio e cura, a injúria, em elogio, a censura, em coroa. A humildade é tão bela, tão vantajosa que não sente as mordeduras dos agravos de outrem e não se enfurece pelos ultrajes do próximo. É até possível tirar desses ataques grande e excelente fruto, como aconteceu no caso do publicano. Na verdade, ao aceitar as injúrias, ele depôs o fardo de seus pecados e, ao dizer: “Tem piedade de mim, pecador!”.⁵¹ voltou para casa justificado, mais do que o outro.

Assim, as declarações superaram as obras e as palavras tiveram valor maior que as ações. Com efeito, um prevaleceu-se de sua justiça, de seus jejuns e de seus dízimos, enquanto o outro proferiu simples palavras e ficou livre de todas as culpas. Deus, portanto, não ouvira somente essas palavras; vira a alma de quem as pronunciava e, encontrando-a humilde e contrita, teve compaixão e benevolência. Certamente não me exprimo assim para pecarmos, e sim a fim de nos humilharmos. Se um publicano, isto é, um homem da pior categoria, mesmo sem ter se humilhado verdadeiramente, somente por ter mostrado bons sentimentos, declarando seus pecados e confessando o que era, atraiu sobre si tal benevolência da parte de Deus, que grande apoio não encontrarão os que praticaram grande bem, mas não tiveram de forma alguma alta estima por si mesmos?

Eu te peço, pois, suplico e conjuro. Confessa sem cessar tuas faltas a Deus. Não quero te levar a um

teatro diante de teus infelizes companheiros e não te obrigo de forma alguma a manifestar teus pecados aos homens. Revela tua consciência a Deus, mostra-lhe tuas feridas e dele implora os remédios; dirige-te a ele, não como a um censor, mas como a um médico. Aliás, apesar de te calares, ele tudo conhece. Fala, portanto. Fala a fim de que, depondo todos os pecados, dali te retires puro e libertado do que cometeste, e assim isento do ônus intolerável duma confissão pública.

Os três jovens estavam na fornalha. Eles davam a vida por confessarem o Senhor, e contudo, após tantos e tão grandes méritos, diziam: “E agora, não podemos sequer abrir a boca; a vergonha e o opróbrio caíram sobre teus servos e aqueles que te adoram”.⁵² Por que, então, abris a boca? Diz-se que é para afirmar justamente que não podem abrir a boca e por isso mesmo atrair a benevolência do Senhor.

A força da oração extinguiu o poder do fogo, freou o furor dos leões, pôs termo às guerras, interrompeu os combates, acalmou as tempestades, expulsou os demônios, abriu as portas do céu, rompeu as cadeias da morte, afugentou as doenças, repeliu as intrigas, consolidou as cidades abaladas, afastou os flagelos vindos do alto e as ciladas armadas pelos homens, em uma palavra, todos os perigos. Por oração mais uma vez entendo, não a dos lábios, mas a que brota do fundo do coração. Ora, à semelhança de árvores cujas raízes penetram profundamente, mesmo se os ventos se desencadeiam mil vezes contra elas, não se quebram nem são arrancadas, porque suas raízes estão fortemente fincadas no chão, assim as orações que sobem do fundo do coração, cuidadosamente arraigadas, elevam-se ao céu com toda segurança e não se desviam por pensamentos que a assaltem. Por este motivo disse o profeta: “Das profundezas clamo a ti, Senhor”.⁵³

Não digo isso visando apenas obter aplausos, mas para que deis aprovação por atos. Se o fato de contar aos homens tuas próprias tribulações e descrever-lhes tragicamente teus males ocasiona algum alívio a tuas dores, como se por meio de tuas palavras soprasse uma brisa, com quanto mais razão, se é a teu Senhor que participas os sofrimentos de tua alma, não encontrarás farta orientação e reconforto! Ora, muitas vezes os homens suportam mal, apartam e repelem quem procura se queixar e chorar junto deles; Deus, porém, não age deste modo. Ao contrário, faz com que te aproximes e a si te atraí, e mesmo se passares o dia inteiro a expor-lhe tuas tribulações, ficará ainda mais inclinado a amar-te e a atender a tuas súplicas.

Justamente isso queria Cristo mostrar-nos ao proclamar: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso de vosso fardo e eu vos darei descanso”.⁵⁴ Assim ele nos convida. Não lhe desobedeçamos. Ele nos atrai a si. Não escapemos dele. Se nossos pecados são inúmeros, empenhem-nos em correr para ele; são a tais que ele chama, pois assegura: “Eu não vim chamar justos, mas pecadores”,⁵⁵ para que se arrependam. Aponta assim para os que carregam pesados fardos, os que estão sofrendo, os esmagados sob o peso de seus pecados. Ele é denominado Deus da consolação, Deus das misericórdias,⁵⁶ pois continuamente opera, consolando, encorajando os doloridos e aflitos, mesmo se cometeram milhares de pecados.

Portanto, cuidemos somente de correr para junto dele, não o largar. Aprenderemos então por experiência a verdade dessas palavras, e nada do que existe poderá nos fazer sofrer, se nossa oração for fervorosa e bem determinada, pois, devido a ela, tudo o que sobrevém será facilmente afastado.

E por que havemos de ficar admirados de que o poder da oração é capaz de solucionar as dificuldades humanas, quando se vê que ela extingue e dissipa facilmente as propriedades do pecado? Se queremos, pois, atravessar com felicidade a vida presente, apagar as manchas dos pecados, e apresentar-nos com confiança perante o tribunal de Cristo, usemos seguidamente deste remédio, reforçado por lágrimas, fervor, perseverança e força de alma. Assim haveremos de gozar de contínua saúde e obter os bens futuros. Todos vós possais alcançá-los, por graça e amor de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual damos glória ao Pai, com o Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

- [1](#) Jo 1,18.
- [2](#) Jo 6,46.
- [3](#) 1Cor 2,11.
- [4](#) 1Cor 8,6.
- [5](#) Dt 6,4.
- [6](#) Dt 6,13.
- [7](#) Sl 146,5.
- [8](#) Sl 82,19.
- [9](#) Is 7,14; cf. Mt 1,23.
- [10](#) Is 9,5.
- [11](#) Br 3,36.
- [12](#) Br 3,37-38.
- [13](#) Rm 9,5.
- [14](#) Ef 5,5.
- [15](#) 2Tm 1,10.
- [16](#) Jo 1,1.
- [17](#) Mt 22,42-44.
- [18](#) Sl 44,7-8.
- [19](#) Hb 1,7-8.
- [20](#) 1Cor 8,1-4.
- [21](#) 1Cor 8,5-6.
- [22](#) Dt 4,35; Is 45,5.21.
- [23](#) Is 40,13; Rm 11,34.
- [24](#) 1Cor 2,11.
- [25](#) Lc 10,22.
- [26](#) Jo 6,46.
- [27](#) Sl 8,5-6.
- [28](#) Jo 6,46.
- [29](#) Jo 10,15.
- [30](#) Mt 11,27.
- [31](#) 1Cor 3,1-2.
- [32](#) 2Cor 12,4.
- [33](#) 1Cor 13,9-12.
- [34](#) Ef 1,20-21.
- [35](#) Hb 11,6.
- [36](#) Sl 13,1.
- [37](#) Jo 4,24.
- [38](#) Hb 12,29.
- [39](#) Jr 2,13.
- [40](#) 1Cor 5,5.
- [41](#) Sl 47,8.
- [42](#) Rm 8,16.
- [43](#) 1Cor 14,15.
- [44](#) Is 27,8.
- [45](#) Lm 4,20.
- [46](#) 1Tm 2,4.
- [47](#) Sl 119,1.
- [48](#) 1Cor 4,4.

- [49](#) 1Tm 1,15.
- [50](#) Lc 18,11.
- [51](#) Lc 18,13.
- [52](#) Dn 3,33.
- [53](#) Sl 129,1.
- [54](#) Mt 11,28.
- [55](#) Mt 9,13.
- [56](#) Cf. 2Cor 1,3.

DA PROVIDÊNCIA DE DEUS

INTRODUÇÃO

1. Os médicos, ao cuidarem de febricitantes ou de outras espécies de doentes, em primeiro lugar procuram visitar os pacientes, porque de longe não os atingiriam de acordo com suas próprias possibilidades. Tal a arte, tal a natureza das moléstias.
2. Nós, em vez disso, que nos dedicamos a curar não apenas a este ou àquele doente, mas a todos os que no mundo suportaram escândalos, de nada disso precisamos. Com efeito, não exigimos visitas em domicílio, nem saber onde estão acamados; nem mesmo procuramos ver os enfermiços. Não manipulamos tais instrumentos. Não ocasionamos despesas, ordenando aos enfermos que adquiram remédios.
3. Entretanto, até mesmo a desconhecidos, a habitantes nos confins da terra ou no meio de bárbaros, ou ainda a prostrados em extrema miséria, ou a pobres a ponto de faltar-lhes o indispensável à subsistência, nada disso nos impede de dar-lhes tratamento. Curamos a doença, apesar de morarmos em determinado lugar, estarmos desprevenidos de instrumentos e remédios, de comida, bebida e dinheiro, e sem prolongada ausência de casa.
4. Como? Quais os meios empregados? Preparando o remédio da palavra. Ela constitui tudo isso para os doentes e é preferível aos mencionados socorros. Nutre mais que o pão, restaura melhor que os remédios, cauteriza de forma indolor mais intensamente que o fogo, causando o refluxo da torrente fétida dos raciocínios perversos; mais afiada que o ferro, amputa de forma indolor as partes afetadas, e isso sem acarretar despesa alguma nem aumentar a pobreza. Tendo preparado tal poção, nós a expedimos para todos, e todos, eu o sei, tirarão proveito do tratamento, contanto que acolham com atenção e boa vontade as nossas palavras.

CAPÍTULO 1

1. Visto que, relativamente ao corpo, em geral o diagnóstico da moléstia não constitui para o paciente auxílio insignificante, e sim importante meio de se livrar da doença (pois, conhecida a causa, não apenas poderá curar-se da moléstia que o ataca, como não recairá, visto que sabe qual o motivo de ter uma vez caído doente, e acautela-se), vejamos também nós: expliquemos inicialmente aos que passam por tais sofrimentos donde se lhes originou o mal do escândalo.
2. De fato, se o conhecem e querem cuidadosamente preservar-se, não o contraem; evitam-no, bem como a muitos outros incômodos, não só agora como sempre. Este remédio é terapêutico no momento atual e preservativo de males futuros.
3. Existem muitos e não apenas um, dois ou três motivos de escândalo para os mais fracos na vida presente. Nossa palavra pretende livrar os atingidos por esses males, contanto que ao menos – conforme assegurei acima – queiram aprender e observar o que foi proferido.

4. Faço a poção, haurindo não somente das Sagradas Escrituras, mas também dos acontecimentos que sem cessar ocorrem na vida presente, de tal sorte que, mesmo para os que não meditam as Escrituras, sirva de corretivo comum, contanto que o queiram aceitar.
5. Pois, não cessarei de repetir: impossível é impor esse tratamento por força e coação, quando o doente acaso se opõe e não aceita os ensinamentos divinos. Com efeito, a cura vem desses ensinamentos, e bem mais deles que da comprovação dos acontecimentos.
6. Temos de crer que a revelação de Deus é mais fidedigna que as coisas visíveis. Aliás, castigo mais severo aguarda os que não querem se corrigir, porque, apesar de terem recebido as Escrituras, delas não tiram proveito algum. Desta forma, a fim de não sofrerem tal castigo, vamos, comecemos a corrigi-los, explicando-lhes primeiro a causa desta doença.

CAPÍTULO 2

1. Qual a causa de tão grande mal? Consiste na opinião indiscreta e curiosa de querer saber a causa de todos os acontecimentos, disputar com a incompreensível e inefável providência de Deus, ilimitada e insondável, e de não ter vergonha de tornar-se curioso e indiscreto.
2. De fato, quem mais sábio do que Paulo? Dize-me, não era ele um vaso de eleição?¹ Não aspirou a graça abundante e inefável do Espírito? Não tinha em si o Cristo a falar? Deus não o fizera partícipe de palavras inexprimíveis? Não foi o único a ouvir o que não é lícito a homem algum proferir? Não foi raptado ao paraíso e elevado ao terceiro céu?
3. Não atravessou terra e mar? Não persuadiu bárbaros a se tornarem cristãos? Não possuía poderes numerosos e multiformes do Espírito? Não estabeleceu ordem em povos inteiros e cidades? Não confiou Deus a suas mãos a terra inteira? Entretanto, esse homem de tamanha grandeza e de tais qualidades, tão sábio, poderoso, espiritual e que usufruiu de tais privilégios, ao meditar na providência de Deus, não globalmente, mas apenas sob um de seus aspectos... escuta como fica estupefato, tomado de vertigens, como depressa recua, apartando-se do que é incompreensível.
4. Ora, eis o que diz, sem pesquisar como Deus providencia sobre anjos e arcanjos, querubins, serafins e outras potências invisíveis, nem como sustenta o sol, a lua, o céu, a terra, o mar, nem como vela por todo o gênero humano e os seres irracionais, as plantas, as sementes, as ervas, os ares, os ventos, as fontes, os rios, nem como cuida de seu nascimento, seu crescimento, sua subsistência de acordo com a natureza, nem de outras coisas semelhantes, (5) mas detém-se num só aspecto de sua providência, o referente a judeus e gregos; sobre esses pontos faz um discurso inteiro, expondo ter Deus chamado os gentios e rejeitado os judeus, mas depois, por piedade, haver operado a salvação de ambos.
6. Após ter vislumbrado, neste ponto, abrir-se um ocea-no imenso e ter querido sondar o abismo desta providência, tomado de certa vertigem diante da impossibilidade de explicar seus planos, cheio de admiração e de espanto diante da inefável, infinita, indizível e incompreensível sabedoria e providência de Deus, ele recuou, estupefato, deixando escapar esta exclamação: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!”²

7. Em seguida, mostrando que viu sua profundidade, mas não pôde medi-la, acrescenta: “Como são insondáveis seus juízos e imperscrutáveis seus caminhos!”.³ Não disse apenas: *incompreensíveis*, mas: *insondáveis seus juízos*. De fato, não somente é impossível compreendê-los, como até começar a expô-los, de sorte que não só é impossível chegar ao termo final, como até mesmo investigar o início de seus desígnios.

8. Tendo dito: “Como são insondáveis seus juízos e imperscrutáveis seus caminhos!”, admirado e estupefato, encerra o discurso com uma doxologia, assim introduzida: “Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor, ou quem se tornou seu conselheiro? Quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos. Amém”.⁴

9. Significa o seguinte: ele é a fonte, é a causa de todos os bens, não precisa de partilha alguma, de nenhum conselheiro; não recebe de empréstimo conhecimento ou inteligência para atuar e realizar maravilhas; ele próprio é o começo, a causa, a fonte de todos os bens, ele próprio é o criador, que chamou à existência o que não era e ele próprio governa, dispõe em ordem e conserva os seres que chamou à existência segundo sua vontade.

10. “Tudo é dele, por ele e para ele”⁵ – palavras de quem indica ser Deus a causa dos seres, o criador, o dominador, o sustentador da coexistência dos entes todos. Assim ainda, lembrado do dom recebido, exclama Paulo em outra passagem: “Graças sejam tributadas a Deus por seu dom inefável!”.⁶ E não apenas declara que vai além de toda palavra e supera qualquer descrição a paz que nos foi dada, mas igualmente que ultrapassa toda compreensão. Por isso ele diz: “A paz de Deus, que excede toda compreensão, guardará vossos corações”.⁷

11. Sendo, portanto, ilimitado o abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus, insondáveis os seus juízos, imperscrutáveis os seus caminhos, inefável o seu dom, e excedendo sua paz toda compreensão: a minha, a tua, a de qualquer um e não somente a de Pedro ou de Paulo, mas ainda a dos próprios Arcanjos e Potestades do alto, diga-me que desculpas terás, qual permissão de agir com tanta loucura e estultice que procures compreender o que é imperscrutável e pedir satisfação de alguma manifestação da providência de Deus?

12. Ora, se Paulo, possuidor de tão grande conhecimento das coisas de Deus, confiante com inefável certeza, cumulado de tais dons, recua e extasia-se ao buscar compreender, porém não consegue descobrir, nem mesmo tenta explicar a origem dos desígnios divinos (coisa impossível!), não seria o maior dos infelizes e atingido da pior loucura aquele que segue o caminho oposto?

13. Paulo, contudo, não se detém neste ponto; no entanto, ao escrever aos coríntios acerca desse conhecimento, assevera que, apesar de termos aprendido muito, temos, contudo, conhecimento limitado e reduzido. Exprime-se mais ou menos nos seguintes termos: “Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber”.⁸ Depois, declara que nosso conhecimento muito deixa a desejar, que a maior parte está reservada para o futuro e agora nos é concedida somente uma parcela reduzida; e acrescenta: “Pois nosso conhecimento é limitado e limitada nossa profecia. Mas, quando

vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá”.⁹

14. Paulo não fica nisso: querendo revelar qual a distância entre o conhecimento terreno e o do alto, e restar ainda muito, Paulo destaca-o por meio de determinadas imagens: “Quando eu era criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, fiz desaparecer o que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas depois veremos face a face”.¹⁰

15. Vês a diferença? É a que existe entre uma criancinha e um adulto, entre a visão das coisas num espelho e em enigma ou outra maneira obscura de ver a realidade (em comparação com a visão clara; tal o sentido da expressão *face a face*). Por que então essa loucura e essa raiva de defrontar ao acaso e em vão as coisas proibidas? Por que não obedecer a Paulo, que diz: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Vai acaso a argila dizer ao artífice que a plasmou: ‘Por que me fizeste assim?’”.¹¹

16. Vês que docilidade exige? Que silêncio? Não é certamente para suprimir nosso livre arbítrio que assim se expressa. Tal não aconteça! Porém, quer acentuar que há de se calar quem se dá a tal procura, conforme é natural à argila prestar-se à modelagem do artífice sem resistência ou ingerência. Visa lembrar-nos nossa natureza ao mencionar a argila e o oleiro. Ora, argila e oleiro realmente estão em idêntica condição.

17. Se, porém, em idêntica natureza a docilidade deve ser igual, quando a diferença é infinita em relação ao ser, ao conhecimento e a todo o restante, que indulgência obterá o ousado e impudente que fizer perguntas indiscretas por causa das determinações de Deus que o criou? Pensa, ó homem, quem és tu! Isso mesmo assinalam as palavras: “Quem és tu?”. Não és argila? Não és cinza e escória? Não és pó? Não és fumaça? Não és erva? Não és flor da erva?

18. Os profetas empregam continuamente todas essas imagens, rivalizando entre si para nos apresentar a insignificância de nossa natureza. Aquele, contudo, que sujeitas à tua curiosidade indiscreta é imortal, imutável, sempre existente, inalterável, sem começo, infinito, incompreensível; supera a inteligência, desafia o raciocínio, é inexprimível, indizível, inacessível não somente a mim e a ti, aos profetas e apóstolos, mas também às Potestades do alto, embora puras, invisíveis, incorpóreas e habitantes perpétuas do céu.

CAPÍTULO 3

1. Se vires serafins voarem em torno desse trono elevado e sublime, protegendo os olhos com as asas, velando os pés, o dorso e o rosto e exclamando cheios de espanto, não creias terem eles penas, pés, asas, (2) pois essas potestades são invisíveis, mas, através dessas imagens, reflete na inacessibilidade, na incompreensibilidade do que está sentado no trono. Na verdade, para aquelas também ele é incompreensível, inacessível, embora use de condescendência; pois ele não é tal como então aparecia. Efetivamente, Deus não se assenta, não usa trono, não está circunscrito a um lugar.

3. Mesmo se estivesse sentado a reinar do trono, cercado por aquelas potestades (seria sinal de condescendência; de fato não se acha sentado), elas não poderiam vê-lo. Por não suportarem a

irradiação da luz fulgurante, protegiam os olhos, cobrindo-os com as asas e apenas glorificavam, cantavam, fazendo ecoar, com estremecimento sagrado, o misterioso canto a exaltar sua santidade.

4. E tu, não irias esconder-te, não te meterias num buraco, tu que, com tal audácia querias perscrutar a providência de um Deus cujo poder é indizível, inexprimível, incompreensível às potestades do alto?

5. Tudo o que lhe é referente só é conhecido de modo completo pelo Filho e pelo Espírito Santo, e por mais ninguém. O evangelista João manifestou uma dessas verdades; a outra, o apóstolo Paulo. O Filho do trovão,¹² porém, o discípulo amado com predileção por Cristo¹³ (assim era designado), que demonstrava grande virtude e usufruía de tal confiança, que podia reclinar-se sobre o peito de Cristo, assim se exprime: “Ninguém jamais viu a Deus”. Visão aqui significa o conhecimento.

6. “O Filho unigênito, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer”.¹⁴ O próprio Cristo, com efeito, manifestou-o outrora ao discursar para o povo hebreu: “Não que alguém tenha visto o Pai: só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai.”¹⁵

7. O vaso de eleição, no intuito de expor os desígnios de Deus, e querendo falar de todos os segredos que captou e como os conheceu, exprime-se nesse termos: “Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu. (8) Se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito, o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam”.¹⁶ Como, pois, nós o conhecemos, Paulo? Quem no-lo revelou, quem tornou claras essas coisas impossíveis de serem vistas, ouvidas, e percebidas pelo coração do homem?

9. Dize-nos, aponta-nos quem nos concedeu conhecimento tão admirável. “A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito”.¹⁷ Mas, a fim de que não se julgue que o Espírito sabe apenas o que Deus nos revelou por meio dele e não possui todo o poder de conhecer, adita: “Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”.¹⁸ O sentido de suas palavras é o seguinte: da mesma forma que o homem conhece o que lhe toca, o que quer, o que tem em mente e com toda a exatidão, igualmente o Espírito possui com apuro o inexprimível conhecimento de Deus.

10. Ao dizer, portanto: “O que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”, exclui deste conhecimento preciso não apenas os homens, como também todas as criaturas superiores. Daí os sábios conselhos: “Não procures o que é muito difícil para ti, não investigues o que vai além de tuas forças. Aplica-te àquilo que te é acessível, pois foi mostrado a ti mais do que o homem pode compreender”.¹⁹

11. Eis o sentido dessas palavras: não aprendeste por ti mesmo aquilo que compreendes, nem a natureza te bastou para conheceres todas as coisas; do alto recebeste o conhecimento da maior parte

dos seres, pois é vasto demais para que o apreendas pela inteligência. Por que então pretendes perscrutar por ti mesmo coisas excessivamente profundas, quando a maior parte de teus conhecimentos, recebida de outrem, ultrapassam tua faculdade de raciocínio?

12. É o que Paulo queria dar a entender, nesses termos: “Que é que possúis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?”.²⁰ Renuncia, portanto, afinal a este gosto pela contradição e aceita o conselho muito sábio: “Não é preciso dizer: ‘O que é isto? Por que aquilo? Porque tudo foi criado para uma finalidade’ ”.²¹

CAPÍTULO 4

1. Por esse motivo, quando a criação inteira começou a existir e foi ornada com peculiar beleza, quando surgiu esta obra cheia de harmonia e maravilha que provoca enorme admiração, enquanto muitos insensatos e loucos se dispunham a atacar a criação, vê como o legislador, refutando previamente o juízo despropositado, a opinião louca deles, reprimiu com uma palavra as línguas despudoradas, dizendo: “Deus viu tudo o que tinha feito; e era muito bom”.²²

2. Uma vez, portanto, que entre as coisas visíveis havia luz e também sombra, frutos e também espinhos, árvores cultivadas e igualmente silvestres, planícies extensas e montanhas, vales e sorvedouros, não apenas homens como também répteis venenosos, não somente peixes como também monstros marinhos, não só ondas tranqüilas, porém mar refratário à navegação, (3) sol, lua e estrelas, raios e tempestades, ventos favoráveis e também impetuosos, não somente pombas e pássaros canoros, mas ainda milhafres e falcões e animais devoradores de homens, não somente carneiros e bois, mas lobos, leopardos e leões, não exclusivamente cervos, lebres e ouriços, mas ainda escorpiões, víboras e serpentes; e entre as ervas, não somente plantas medicinais, mas também deletérias, muitos haveriam de se escandalizar e criar heresias.

4. Quando as coisas criadas chegaram à existência e cada qual foi dotada de beleza peculiar, ele nos mostra o criador a fazer o elogio da criação, ou melhor, de cada coisa, uma após a outra e de todas juntas, a fim de que ninguém, por mais ousado e impudente que seja, conhecendo o juízo emitido sobre elas, perca tempo doravante em perscrutar o restante das realidades visíveis.

5. Por isso, depois de ter declarado que a luz apareceu, ele acrescenta: “E Deus viu que a luz era boa”,²³ e o mesmo faz relativamente a cada ser. Em seguida, a fim de não prolongar o discurso chamando pelo nome todos os seres, com uma palavra externa seu parecer sobre todos simultaneamente, repetindo: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”.²⁴

6. Não está a afirmar que Deus só conheceu a beleza das coisas criadas após terem adquirido existência. Absolutamente. Pois, se o artista, simples homem, antes de executar uma obra, percebe a beleza do que vai produzir, com maior razão a sabedoria inefável que chamou à existência todos os seres por efeito somente de sua vontade, conhecia a excelência deles, antes de criá-los.

7. Não lhes teria dado a existência se não os houvesse conhecido. Por que então dizer tudo isso? Pelo

motivo supramencionado. Assim, após ouvires o profeta dizer-te que Deus viu todas as coisas e as elogiou, não busques outra pesquisa e comprovação da bondade delas e não digas: “Em que são boas?”. Com efeito, mais convincente que a prova extraída das próprias obras é a manifestação do parecer e do juízo emitido por aquele que as criou.

8. Certamente foi por isso que ele empregou um estilo muito elementar. De fato, se um inexperto vai comprar remédios, pede que antes sejam mostrados ao médico; se percebe claramente que este os examina e dá seu consenso, não procura outra comprovação de eficácia, mas, ao saber que o médico os conhece e aprova, contenta-se com a fórmula daquele que os compôs.

9. De igual modo Moisés, a fim de eliminar qualquer curiosidade impudente da parte dos que, em seguida, deverão usufruir da criação, anunciou e proferiu que Deus viu, elogiou e sentenciou serem boas todas essas coisas; e não somente boas: ótimas.

10. Não formules, portanto, questões importunas, nem te entregues a raciocínios curiosos sobre as coisas criadas, porque tens um testemunho valioso acerca da suma bondade delas. Se esta palavra não te basta e podes empenhar-te no exame das criaturas, fiado somente no mar agitado e nas ondas tempestuosas dos raciocínios, não acrescerás teus conhecimentos, mas prepararás molesto naufrágio a ti mesmo. Efetivamente, não encontrarás a motivação de cada criatura, mas hás de criticar bom número dentre as que agora te parecem boas, pelo fato de teres apelado para um irrefletido raciocínio.

11. Ora, os raciocínios dos homens são tão fracos que freqüentemente são arrastados em direções contrárias, e muitos se opõem diametralmente a outros em relação ao conceito sobre todo o criado. Os gregos, admirando-o além da conveniência e da medida, reputaram-no um deus.

12. Diferentemente, dentre os maniqueus e outros hereges, uns disseram que a criação não é obra de um deus bom; outros, depois de ter-lhe tirado uma parte, atribuíram-na a uma matéria gerada espontaneamente e declararam-na indigna da ação criadora de Deus. Assim, apresso-me a asseverar, se empregar alguém raciocínios e reflexões irrefletidas, há de condenar muitas coisas evidentemente boas.

13. O que julgas haver de mais belo que o sol? Esse astro luminoso e suave arruína os olhos doentes, cresta a terra dardejando seus raios por demais ardentes, provoca febres, seca muitas vezes a colheita, inutilizando-a, torna infrutíferas as árvores e transforma uma parte da terra em região inóspita.

14. Pois bem! Dize-me: vamos censurar o sol por causa disso? Não, mas deixando de lado os raciocínios e o tumulto que acarretam, apeguemo-nos a este rochedo que é a palavra supracitada: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”.²⁵ Por conseguinte, são inteiramente boas e úteis aquelas que acabo de enumerar. Desde então, conforme afirmei antes, devemos voltar incessantemente a esta palavra e repetir: todas as coisas criadas por Deus são inteiramente boas.

15. Mas, seria bom entregar-se à vida desordenada, aos risos, aos prazeres? Certamente não. Escuta o que diz Salomão, tipo de uma vida dissoluta: “Mais vale visitar a casa em luto que a casa em festa”.²⁶ E a noite, é coisa má? Convém empregarmos o raciocínio de nossos adversários.

16. Sim, mas também traz consigo interrupção de fadigas, afastamento de preocupações, alívio de doenças, pausa de temores e perigos. Rejuvenesce o corpo, revigora a mente, repousa a carne fatigada. E a doença, é um mal? Sim, mas por qual motivo Lázaro foi coroadado? E a pobreza? Então por que razão Jó se tornou célebre? E as tribulações sucessivas e ininterruptas?

17. Por que razão os nomes dos apóstolos se difundiram? Qual o caminho que conduz à vida? Não é o estreito e apertado?²⁷ Não digas, portanto: “Por que tudo isso? Com que finalidade?”. Mas ao se tratar dos planos e obras de Deus, o silêncio que mantém a argila diante do oleiro guarda-o tu também perante o Deus que te criou.

CAPÍTULO 5

1. Como? – dizem. Não queres que eu conheça claramente a providência universal de Deus e nela creia? Certamente, quero, faço votos, anelo ardentemente; não, porém, que te dediques a perscrutar sua providência e faças perguntas curiosas. Pois se sabes e tens convicção, não procures mais. Caso, porém, duvides, interroga a terra, o céu, o sol, a lua, interroga os gêneros variados dos irracionais, as sementes, as plantas, os mudos peixes, os rochedos, as montanhas, os vales, as colinas, a noite, o dia.

2. De fato, a providência de Deus é mais manifesta que o sol com seus raios e, em cada tempo e lugar, no deserto, nos países habitados e inóspitos, na terra e no mar, em qualquer lugar a que vás, perceberás a memória clara e suficiente, antiga e nova, desta providência, vozes que se elevam de todas as partes, mais penetrantes que a voz do homem racional, e que falam de sua solicitude a quem quiser escutar.

3. Por isso o profeta, a fim de demonstrar a superioridade dessas vozes, dizia: “Não há palavras, nenhuma língua em que a voz deles não se ouça”.²⁸ A nossa, de fato, só é notória aos que falam a mesma língua que nós, e não aos que se exprimem em outro idioma; a voz da criação, contudo, é perceptível a todos os povos espalhados sobre a terra.

CAPÍTULO 6

1. Para os dotados de boas disposições, é suficiente a revelação de Deus, antes mesmo da prova extraída de suas obras, para mostrar sua providência e ainda seu extremado amor por nós; pois ele não cuida simplesmente de nós, porém o faz por amor, amando-nos de um amor inconcebível, amor isento de paixão e contudo ardente e intenso, autêntico, indissolúvel, inextinguível.

2. No intuito de no-lo apresentar, a Sagrada Escritura propõe comparações extraídas das ações humanas, propõe numerosos exemplos de amor, de previdência e de solicitude. Não quer que nos detenhamos nisso, mas que superemos esses exemplos pelo raciocínio. Não constituem provas suficientes de sua afeição, mas são fatos bem conhecidos dos ouvintes e mais capazes do que os outros de demonstrá-la.

3. Quero dizer o seguinte. A alguns que certa vez se afligiam e lastimavam, dizendo: “O Senhor me abandonou; o Deus de Israel se esqueceu de mim”, o profeta responde: “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre?”²⁹ – isto é, se

uma mulher não se esquece de seus filhinhos, tampouco Deus se esquecerá do gênero humano.

4. Depois, a fim de entenderes que o profeta não utilizou esta comparação no intuito de mostrar assim que a medida do amor de Deus é comparável ao amor da mãe pelo fruto de seu seio, mas porque considerava bem sabido que a medida desse amor ultrapassa a dos outros amores – e certamente o amor de Deus é ainda muito maior que aquele – acrescentou: “Ainda que as mulheres se esquecessem de seus filhinhos, eu não me esquecerei de ti, diz o Senhor”.^{[30](#)}

5. Vede como ele ultrapassa a medida do amor materno. Visando a que entendas ultrapassar este amor superabundantemente a ternura de uma mãe e a afeição do pai para com seus filhos, declara o profeta: “Como um pai é compassivo com seus filhos, o Senhor é compassivo com aqueles que o temem”.^{[31](#)} E introduz novamente a comparação com o amor, ciente, contudo, de que este amor supera certamente os outros.

6. O Senhor dos profetas e de todas as coisas manifesta que a solicitude de Deus supera imensamente a medida do amor paterno; quanto à diferença entre a luz e a sombra, entre a maldade e a bondade, tanto a distância entre a bondade e a providência de Deus e a ternura de um pai. Ouve o que assevera:

7. “Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso pai, que está nos céus, dará coisa boas aos que lhe pedem!”^{[32](#)} Com isso revela que, na medida em que a maldade difere da bondade, tanto a bondade de Deus supera a solicitude dos pais.

8. Formulei esses exemplos a fim de que, se eu aduzir outras imagens de amor, não limites teu pensamento à medida usada pelos profetas, mas, de acordo com essa regra, o raciocínio te leve além e contemples o inefável excesso do amor de Deus. Com efeito, as medidas naturais não bastam; deixando-as de lado, ele visa mais alto e apresenta ainda outros exemplos.

9. Assim é aquele que ama. Quer sempre oferecer mais testemunhos de amor ao amado. Deus age da mesma forma, empregando comparações que exprimem a medida das distâncias locais; mas novamente, não no intuito de creres que seu amor é exatamente igual, e sim porque a medida das distâncias para os ouvintes é mais expressiva e notória.

10. Ele diz, portanto, por meio de Davi: “Como o céu se eleva acima da terra, é forte seu amor por aqueles que o temem”, e “Como o Oriente está longe do Ocidente, ele afasta de nós as nossas transgressões”;^{[33](#)} e por meio de Isaías: “Meus pensamentos não são vossos pensamentos, e meus caminhos estão acima de vossos caminhos. Quanto os céus estão acima da terra, tanto meus caminhos estão acima de vossos caminhos, e meus pensamentos acima de vossos pensamentos”.^{[34](#)} Assim se expressava logo após ter falado sobre a remissão dos pecados nesses termos: “Perdoarei completamente vossas transgressões”.^{[35](#)}

11. Depois de manifestar qual a medida de seu perdão, acrescenta este exemplo. Não se contenta simplesmente com tais comparações; passa a imagem mais rude. No livro de Oséias, ele dizia: “O que

te farei, ó Efraim, o que te farei, ó Judá? Como poderia eu abandonar-te como a Adama, tratar-te como a Seboim? Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas se comovem”.³⁶

12. Quer dizer o seguinte: nem mesmo uma palavra de ameaça pude suportar, diz ele. Exprima-se embora à maneira de um homem, não imagines algo de humano, longe disso; mas partindo de uma rude expressão, concebias qual o amor digno de Deus. É autêntico, indissolúvel.

13. Quando se ama loucamente, escolhem-se até as palavras, visando não aborrecer o amado; por isso, assim diz ele: “Mal falei e arrependi-me de minha palavra”. “Meu coração se contorce dentro de mim”.³⁷ Ele não receia empregar essas imagens pesadas a fim de manifestar seu amor. Exatamente como é peculiar àquele que ama.

14. Não se deteve, porém. Foi novamente mais longe, apresentando exemplo profundamente expressivo, nesses termos: “Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que teu Deus terá em ti”.³⁸ Com efeito, é sobretudo no começo que estão cheios de ardor os que se amam. Assim se exprime, não a fim de pensares em algo de humano – não me cansarei de repetir – mas para que, por meio destas palavras, notes o ardor, a autenticidade, a superabundância, a chama de seu amor.

15. Em seguida, tendo afirmado amar ele qual pai e mais que pai, qual mãe e mais que mãe, qual noivo e mais que noivo; ser tão grande quanto a distância entre céu e terra e até maior, tão afastado quanto o Oriente do Ocidente e ainda mais, não interrompe as comparações, mas emprega exemplo bem mais humilde.

16. Jonas, após a fuga e a reconciliação dos ninivitas com Deus, achava-se perplexo porque suas ameaças não surtiram efeito; sofria, seu sofrimento era bem humano e estava muito triste. O Senhor ordenou aos raios do sol que dardejassem mais ardentes. Em seguida mandou à terra que fizesse bem depressa brotar uma planta para abrigar a Jonas, o que o encorajou bastante e aliviou; porém, depois fez desaparecer o abrigo e desgostou-o. Ao vê-lo primeiro reconfortado e logo desanimado, escuta o que lhe declara: (17) “Tu tens pena da mamona, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer! E eu não terei pena de Nínive, a grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil homens, que não distinguem entre direita e esquerda!”.³⁹

18. Eis o que ele quer dizer: a sombra da planta não te aliviou mais do que eu me alegrei pela salvação dos ninivitas, e a destruição de uma não te causou tanto pesar quanto a mim a ruína desse povo; assim, tua perda é contrária a meu juízo. Vê como, aqui ainda, ele vai além da comparação. De fato, não diz: “tu querias poupar uma mamona”, e calou-se, mas acrescentou: “que não te custou trabalho e que não fizeste crescer”.

19. Uma vez que os jardineiros estimam sobremaneira as plantas que lhe custaram esforço maior, ao querer Deus demonstrar que ama os homens e ama-os com esta espécie de amor, aditou: “Se defendes com tal ardor o trabalho de outrem, disse ele, com maior razão devo eu defender a obra que me pertence e da qual sou criador”. Logo, atenua a acusação lançada contra os ninivitas, nesses termos: “que não distinguem entre direita e esquerda”.⁴⁰ e assevera ter sido antes por ignorância que por

malícia que cometeram erros, o que comprova seu arrependimento.

20. E censurando a outros que se lastimavam, sob o pretexto de terem sido abandonados, emite as seguintes palavras: “Pedi-me sinais a respeito de meus filhos, quereis dar-me ordens a respeito da obra de minhas mãos”.⁴¹ Ele quer dizer: “Quem traz a um pai a lembrança de um filho e exorta-o a cuidar dele? Ou a um operário ou artista que não deixe arruinar-se sua obra?”. Por conseguinte, se entre os homens a natureza e a arte servem de suficientes provas de solicitude, pensais que tenha eu necessidade de alguém para incitar-me a cuidar de meus filhos e de minhas obras?”.

21. Assim falando não visava impedir as súplicas, mas a fim de saberem que, mesmo antes de pedirem, Deus faz o que lhe compete; quer, no entanto, que se reze porque sabe que os que rezam retiram dessa oração grande proveito. Vede por esses exemplos como as manifestações de sua inefável providência brilham mais claras e radiantes que o sol.

22. Verifica-o. Ele deu como exemplos: o pai, a mãe, o noivo, a distância entre o céu e a terra, o espaço entre Oriente e Ocidente, o jardineiro cuidadoso relativamente às plantas, o arquiteto de futuras construções, o amante apaixonado, perturbado por ter causado pesar, fosse apenas por palavras, ao ser amado; com todos esses exemplos demonstrou diferir a bondade de Deus de tudo isso, quanto da benignidade a maldade.

CAPÍTULO 7

1. Para os bem-dispostos, como disse, essas considerações bastam; mas, a alguns mergulhados no lodo, indômitos, indóceis, carnais, vamos mostrar-lhes, à medida do possível, a providência de Deus por meio de suas obras. Com efeito, não é fácil apresentá-la totalmente, nem mesmo sob suas últimas conseqüências, por ser ela infinita e indescritível e brilhar nas pequenas e nas grandes realidades, nas visíveis e nas invisíveis. Em suma, vamos extrair as provas primeiro das coisas visíveis.

2. Esta criação admirável e inteiramente harmoniosa, ele a fez somente para ti, e por tua causa tornou-a tão bela, grande, variegada, rica, adaptada às necessidades, útil e sob todos os aspectos benéfica, apta a nutrir e a sustentar o corpo, e conduzir a alma à sabedoria e ao conhecimento de Deus.

3. Os anjos dela não precisavam. Como precisariam, se existiam anteriormente? Escuta como Deus disse a Jó, ao se entreter com ele, que muito mais antigos do que ela são os anjos: “Quando apareceram os astros, aplaudiram todos os anjos e cantaram-me com voz possante”,⁴² isto é, ficaram admirados diante da exuberância de astros, de sua beleza, ordem, utilidade, variedade, luminosidade, brilho, harmonia e as outras qualidades que eles abrangem, de forma muito mais apurada que nós, com a visão.

4. Embelezou o céu não somente com astros; ornou-o ainda com o sol e a lua, ocasionando-te, conforme a oportunidade, ora grande prazer, ora enorme utilidade. O que há de mais maravilhoso que o céu, que ora resplandece sob o sol, ora, como que com olhares fulminantes, ilumina a terra pelo número infinito de astros e serve de bússola aos marinheiros e viajantes, e os conduz pela mão, em certo sentido?

- 5.** Aquele que fende o mar, sentado ao leme, diante dos vagalhões e o ímpeto das águas desencadeadas sob a pressão de ventos violentos, apesar das trevas de uma noite sem luar, penetra cheio de confiança no caminho que lhe é apontado.
- 6.** E o astro, situado embora nas alturas, orienta com toda exatidão, como se estivesse próximo e vizinho, o homem sentado a tão grande distância; leva-o ao porto sem proferir palavra; ao assinalar o caminho diante dos olhos dos marinheiros, permite-lhes atravessar o mar com segurança e mostra o momento favorável, de sorte que ora eles retêm o navio no porto, ora dirigem-no a alto-mar, cheios de confiança e, apesar da incerteza do futuro imprevisível, se sobrevier um dia tempestuoso, sem perigo de naufrágio.
- 7.** Os astros não apenas marcam a duração da totalidade dos anos e das estações, mas indicam precisamente a cada noite a hora e o curso do tempo. Dão a conhecer aos que os contemplam se a maior parte já decorreu, se resta menos, ou ainda, em vez disso, o que é vantajoso tanto aos navegantes quanto aos viajantes, que não empreendam viagem em hora intempestiva da noite ou não fiquem em casa quando convém partir. A esse respeito, como os astros, as fases da lua oferecem indicações exatas e fidedignas.
- 8.** Assim como o sol regula as horas do dia, a lua estabelece as da noite; além disso, presta outros serviços, pois suaviza a temperatura e produz o orvalho para as sementes germinarem; é profícua também para a organização doméstica, e ocupa lugar intermédio entre o esplendor do coro dos astros e o do sol; é inferior a este, mas muito superior e maior que o dos astros.
- 9.** Pequenos não são o prazer e o proveito ocasionados por esta variedade aos que contemplam os astros, nem fortuitas as vantagens provenientes do momento oportuno, das horas, da duração do tempo, longa ou breve, de sua indescritível variedade. Há possibilidade de se ver um astro pequenino, outro maior e mais brilhante e alguns outros que aparecem em diversos momentos.
- 10.** A superabundância, porém, da sabedoria criativa produz por toda parte enorme variedade. Simultaneamente manifesta seu poder peculiar de operar maravilhas, cuida do proveito dos que considera, oferece-lhes indescritíveis vantagens e, além de tudo isso, é aprazível.
- 11.** O que há de mais encantador, de fato, que o céu, ora um tecido puro e transparente estendido acima de nossas cabeças, ora um prado a exhibir sua coroa de múltiplas e variegadas flores? Certamente não é tão agradável ver um prado à luz do dia quanto aprazível e encantador olhar, à noite, o céu constelado de toda parte das mil flores de estrelas, flores que jamais fenecem, sempre de beleza incontaminada e peculiar.
- 12.** O que há de mais agradável, uma vez passada a noite e antes de dardejarem os raios do sol, do que o céu enfeitado com um véu de púrpura e açafrão ao raiar do sol? Que espetáculo mais belo que o do sol levante depois da aurora, que instantaneamente ilumina com seus raios toda a terra, o mar todo, montanhas, bosques e colinas, o céu inteiro, e despojando as coisas visíveis do manto noturno, desnuda-as diante de nossos olhos?
- 13.** Como não admirar seu percurso, a boa ordem, o serviço ininterrupto e desimpedido durante tão

longos períodos de anos, sua beleza sempre florescente, sua luminosidade, seu brilho, sua pureza jamais contaminada, apesar do contato com tantos corpos? E também o indescritível proveito que traz às sementes, às plantas, ao corpo dos homens, dos quadrúpedes, dos peixes, dos alados, às pedras, aos vegetais, à terra, ao mar e ao ar, numa palavra, ao universo visível?

14. Pois todos os seres têm necessidade dele, recebem seus benefícios, melhoram ao participar de seu influxo e não somente os corpos e as plantas, mas também as águas, os lagos, as fontes, os rios; a própria atmosfera fica mais leve, purificada e mais transparente.

15. Por conseguinte, querendo mostrar sua beleza, sua luz sempre radiante, o momento de atingir o zênite, o brilho indefectível, o esplendor, a forma perfeita, o múnus desempenhado sem obstáculos, o salmista diz: “No sol ele pôs sua tenda”, isto é, nos próprios céus. Assim se exprime, referindo-se à tenda de Deus. “Ele sai, qual esposo da alcova”.[43](#)

16. Em seguida, mostrando o zelo com o qual se desincumbe de sua tarefa, o salmista acrescenta: “Como alegre gigante, percorrendo o caminho”. Depois, como é suficiente para o bem da terra inteira: “Ele sai de um extremo do céu e até o outro extremo vai seu percurso”. Enfim, a utilidade e a ajuda que traz a todos: “E nada escapa ao seu calor”.[44](#)

17. Poderias ainda, se não estás fatigado, conhecer a providência de Deus por meio de outros testemunhos, quais seriam: as nuvens, as estações, a revolução dos astros, os ventos, o mar e toda espécie de seres que o povoam, a terra e os quadrúpedes que contém, os répteis, as aves que cortam o ar e as que vivem em terra firme, os anfíbios dos pântanos, das fontes e dos rios, a terra habitada e a inóspita, as sementes que germinam, as árvores, as plantas, a vegetação dos lugares áridos e dos férteis, (18) a flora das planícies, das colinas, das montanhas, dos vales, as plantas que nascem espontaneamente e as produzidas pelo esforço e pelo cultivo, os animais aprisionados e os que estão em liberdade, as feras selvagens e os animais domésticos, os pequenos e os grandes, as aves que aparecem no inverno, no verão e no outono, os quadrúpedes, os peixes, as plantas, os vegetais, os que nascem à noite e os que nascem durante o dia, as chuvas, a medida dos anos, a morte, (19) a vida, o labor que nos coube por sorte, a tristeza, a distensão, a comida e a bebida que nos foram dados, os costumes, as artes, a madeira, a pedra, as montanhas que encerram minas de metais, o mar navegável e o refratário à navegação, as ilhas, os portos, as costas escarpadas, a superfície do mar, a profundidade das águas, os elementos da natureza de que se compõe o mundo em nosso favor, a sucessão das estações, a duração desigual do dia e da noite, (20) a doença e a saúde, os nossos membros, a constituição da alma, as artes, a habilidade que elas requerem e de que foram dotados os homens, as vantagens que nos trazem os irracionais a nosso serviço, as plantas e demais criaturas, os seres vivos menores e mais vis. O que há de menor e mais vil que uma abelha? De mais banal que as formigas e as cigarras? No entanto, elas também falam eloqüentemente da providência, do poder, da sabedoria de Deus.

21. Por esse motivo o profeta que foi considerado digno de ser tão abundantemente inspirado pelo Espírito, detendo-se no conjunto da criação e havendo relembrado certo número de pormenores, emite,

sob o efeito de profunda surpresa, esta admirável palavra: “Quão numerosas são tuas obras, Senhor, e todas fizeste com sabedoria!”.⁴⁵

22. E tudo isso por ti, ó homem! Com efeito, os ventos também foram criados por tua causa – voltemos mais uma vez ao começo de nosso discurso –; eles refrescam nossos corpos fatigados, purificam a terra da contaminação da lama e o ar poluído pela fumaça, pelo fogo e por outras exalações, atenuam o calor dos raios solares, aliviam a sufocação do calor, nutrem as sementes, fazem germinar as plantas, no mar acompanham-te, na terra servem à agricultura; ora impelem os barcos mais depressa que as flechas e tornam assim a navegação fácil e amena, (23) ora fazem contigo a triagem na eira e separam a palha do grão, diminuindo a labuta; a fim de tornar o ar leve e suave, para te encantar, ora murmuram suave e agradavelmente, ora sopram ligeiramente sobre as plantas e agitam as folhas das árvores, (24) para te conceder no verão e na primavera um sono mais delicioso e doce que o mel; como fazem com as árvores, atuam sobre a superfície do mar e as torrentes dos rios; mostram-se no ar para te proporcionar, com sua visão, muito prazer e, mais do que este gosto, uma grande utilidade.

25. Além disso, os ventos de outra forma são profícuos às águas, pois não permitem que se corrompam estagnadas, mas as agitam constantemente e ventilam; fazem-nas renovadas, frescas e mais adequadas a dessedentar os animais que aí se vêm banhar.

26. Se queres examinar a própria noite, verás, nela também, a grande providência do criador. De fato, ela repousa teu corpo cansado, relaxa e distende os membros tensos pelos esforços diurnos, produz uma alteração e restitui-lhes, pelo repouso, vigor pleno.

27. E não somente isso, mas livra-te das tribulações diárias, liberta das preocupações importunas, às vezes até baixa a febre do doente, por ação do antídoto do sono, fazendo assim a arte insegura dos médicos chegar a um porto tranqüilo e livrando o enfermo de múltiplos sofrimentos. Tal a utilidade da noite. Tão grandes são suas vantagens, tamanha sua utilidade que, para os que foram privados do repouso noturno, o dia fica muitas vezes perdido.

28. De fato, quando à mente se recusam a calma, a pausa e o retiro da noite, por meio dos quais todos os seres descansam, enquanto a alma esgotada e o corpo fatigado se preparam para retomar, revigorados, a tarefa cotidiana, o ser vivente mostra-se inutilizado.

29. Se alguém une a noite aos dias, ficando acordado, e se, trabalhando ou mesmo sem nada fazer, continua desta forma, este morrerá seguramente ou, ao menos, vindo a ser vítima de uma longa doença, ele não tirará mais nada do dia para o desenvolvimento da atividade que lhe é útil, pois sua força se extinguiu.

30. Se, ademais, prolongarmos nosso discurso até o mundo ilimitado dos peixes, os dos tanques, das fontes, dos rios, dos mares navegáveis, dos mares intransponíveis; ou se observarmos os indescritíveis gêneros de aves, os do ar, os da terra, os que vivem igualmente nas águas e na terra – pois existem muitos anfíbios entre elas – as bravias, as mansas, as selvagens que foram aprisionadas, as que permanecem sempre indômitas, as comestíveis, as que não o são, se examinarmos curiosamente a

beleza, a plumagem, a voz melodiosa de cada uma, (31) se atendermos somente às diferenças de seu canto, de sua alimentação, de sua espécie de vida, em seguida se descrevermos os hábitos, os costumes, a utilidade, os serviços que nos prestam, o tamanho, a pequenez, o nascimento dos filhotes, a subsistência, sua diversidade ilimitada e indescritível; e se fizermos o mesmo relativamente aos peixes e, daí passarmos à vegetação que brota por toda parte da terra e examinarmos em relação a cada uma, os frutos, a utilidade, o bom odor, o aspecto, a constituição, as folhas, a cor, a forma, o tamanho, a pequenez, os préstimos, o cultivo, (32) as diferenças de casca, haste, ramos, as nascidas nos prados e as dos jardins; e logo se passarmos aos aromas variados, se examinarmos atentamente os lugares de toda espécie onde brotam, a maneira de os encontrar, cuidar, cultivar; e a cura que nos proporcionam nas doenças; e em seguida se passarmos às montanhas que contêm metais e são tão freqüentes; se pesquisarmos atentamente os outros seres criados, ainda mais numerosos, que discurso ou que lapso de tempo nos bastaria para ter de tudo isso conhecimento exato?

33. E tudo isso, ó homem, criado para teu bem! As artes são para teu benefício, os ofícios, as cidades, as aldeias, o sono, a morte, a vida, o crescimento e tantos fenômenos naturais, e este mundo tão grande a ti destinado, agora e mais tarde, quando será ainda melhor. Ouça como se exprime Paulo de que será melhor e por tua causa: “A criação também será liberta da escravidão da corrupção”, isto é, de ser corruptível. E demonstra que será favorecida de tal honra por tua causa, nesses termos: “Para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus”.[46](#)

34. Se minha dissertação não estivesse já longa demais e além da medida, poderia extrair muitas lições da realidade da morte, e mostraria sobretudo nela a sabedoria e a providência de Deus. Assaz diria sobre a corrupção, a putrefação, os vermes, as cinzas, diante das quais a maioria chora e se condói porque nosso corpo será reduzido a cinzas, a pó, a vermes; e mostrarei, após tudo isso, a inefável providência, a proteção de Deus.

35. Foi por sua providência e bondade que ele nos criou, quando não existíamos; pelo mesmo motivo, dispôs que morrêssemos e chegássemos ao termo desta maneira. Pois, se as criaturas diferem entre si, resultam de idêntica bondade. Quem parte não é lesado, quem vive daí retira grande proveito, recolhendo utilidade peculiar de um corpo alheio.

36. Se virmos um homem que ainda ontem e nos dias precedentes caminhava a nosso lado, já coberto de vermes, em putrefação, em cinzas, reduzido a pó, mesmo se tivermos o louco orgulho do diabo, ficamos apavorados, humilhados, comedidos, aprendemos a refletir e damos acesso em nosso espírito à mãe de todos os bens: a humildade.

37. Por sua vez, quem parte não é lesado, pois obtém um corpo incorruptível e imortal, e quem ainda está no meio da peleja retira as maiores vantagens do fato de que o outro não é lesado. A morte, portanto, não nos foi trazida qual fortuita mestra de vida espiritual, porque conforma nossa mentalidade, controlando as paixões da alma, apaziguando suas tempestades e estabelecendo a serenidade.

38. Após entendermos, de acordo com o que dissemos e segundo muitos outros argumentos, que a

providência de Deus resplandece da forma mais fulgurante que a luz terrena, não perscrutes curiosamente as realidades que te ultrapassam, não corras atrás de coisas ininteligíveis, procurando a causa de todas as coisas. Pois a própria existência, Deus no-la concedeu por pura bondade, visto não ter absolutamente necessidade de nosso serviço.

39. Compete-nos admirá-lo e adorá-lo, não só pelo fato de nos ter criado, de nos ter doado uma alma espiritual e racional, de nos ter feito melhores que as demais criaturas, de nos haver entregado a realza sobre as coisas visíveis, confiando-nos o cetro, mas também porque não tinha absolutamente necessidade de nós. O sinal mais admirável de sua bondade é o seguinte: sem ter necessidade de nosso serviço, deu-nos o ser. Efetivamente, antes de existirmos nós e os anjos e potências celestes, ele existia, e possuía sua própria glória e bem-aventurança. Foi unicamente por amor que nos chamou à existência e tudo isso, ele o fez por nossa causa. E bem mais.

CAPÍTULO 8

1. Por esta razão, promulgou-nos uma lei, enviou profetas, operou prodígios e, sobretudo, tendo plasmado o homem, deu-lhe por mestre a lei natural, sobrepondo-a aos nossos raciocínios, qual piloto ao navio, e freio ao cavalo. Assim a conhecia Abel, antes de existirem documentos, profetas ou apóstolos, ou qualquer ensinamento escrito, existindo apenas a lei natural.

2. O mesmo sucedeu a Caim. Ambos a conheciam, reconheciam-lhe a soberania, mas seguiram caminhos opostos: um a estrada do vício, o outro, a da virtude. Deus, contudo, não abandonou o homem em tal situação, embora tivesse caído e houvesse sido suplantado; ele o reconduzia ao bom caminho e cercava-o de solicitude, primeiro exortando e dando conselhos, depois por meio de temor e tremor advertindo-o, educando-o, instruindo-o.

3. Mas, como a maior parte dos homens atraçou tão grande dom – isto é, o bem que podiam retirar do ensino ministrado pela natureza –, mesmo então Deus não os abandonou e não os entregou a uma ruína universal, mas aguardava, educando-os e exortando-os por obras, benefícios, castigos, pela própria criação, que diariamente se renova e cumpre a tarefa costumeira, pelos eventos extraordinários, pelos justos primitivos.

4. Com efeito, ele foi transferindo de lugar em lugar esses homens admiráveis e cheios de sabedoria. Fez, por exemplo, inicialmente Abraão partir para a Palestina, depois para o Egito, e Jacó para a Síria. Em seguida, Moisés para o Egito, os três jovens para a Babilônia, Daniel, Ezequiel e Jeremias para o Egito. Promulgou uma lei, enviou profetas, feriu, afrouxou o rigor, entregou ao cativo, concedeu a liberdade e do começo ao fim não cessou de fazer o possível e de empregar todos os recursos em favor de nossa raça.

5. De fato, não se contentou com o ensinamento transmitido através da criação, que leva ao conhecimento de Deus; como muitos homens, por ignorância própria, daí não retiravam proveito, abriu outras vias de conhecimento; enfim, levou ao extremo os benefícios enviando o próprio Filho.

6. Aquele que é da mesma natureza de Deus tornou-se o que eu sou; caminhando sobre a terra,

convivia com os homens, operava milagres, fazia promessas e as cumpria. Aqui na terra já concedia alguns bens; outros, porém, eram reservados para o futuro. Garantia de que os dará são os milagres operados enquanto estava na terra e em seguida o cumprimento de tudo o que havia pronunciado: “Quem poderá dizer as proezas do Senhor e fazer ouvir todo o seu louvor?”.⁴⁷ Quem não ficaria extasiado, não estremeceria diante de sua indizível solicitude, pensando como Deus, em prol de servos ingratos, entregou seu Unigênito à morte maldita, mais ultrajante, à morte dos criminosos?

7. Foi pregado numa alta cruz, cuspiam-lhe, batiam-lhe com bastões, era esbofeteado, escarnecido, foi sepultado por caridade, e teve o túmulo selado. E tudo isso ele o suportou por ti com solícita bondade, a fim de suprimir a tirania do pecado, destruir a cidadela do diabo, quebrar os laços da morte, abrir-nos as portas do céu, fazer desaparecer a maldição, apagar a primeira culpa, ensinar-te a paciência, treinar-te à resistência de modo que nenhum dos acontecimentos da vida presente te aflija, nem a morte, nem os insultos, nem as injúrias, nem as zombarias, nem os açoites, nem as ciladas dos inimigos, nem as calúnias, nem os ataques, as denúncias, as suspeitas etc.

8. Viveu, também ele, no meio de tudo isso e o partilhou contigo, dominou-o de modo extraordinário, demonstrando e ensinando-te a não temeres nenhuma dessas provas. Mas, tudo isso não lhe bastou. Subiu aos céus, concedeu-nos a graça inefável do Espírito Santo e enviou os apóstolos, seus servidores.

9. E mesmo vendo esses arautos da vida sofrerem mil males, serem batidos com varas, insultados, lançados ao mar, torturados por fome e sede, diariamente angustiados, viverem no meio de perigos cotidianos e mortais, ele o permitia por ti, com bondade cheia de solicitude. Preparou-te, ó homem, um reino, bens indescritíveis, porção reservada nos céus, moradia excelente e variegada, bem-aventurança inexprimível por palavras.

10. Se possuis tantas provas de sua providência no Novo Testamento e no Antigo, na vida presente e na futura, no que será e no que é, nos eventos diários, nos acontecimentos iniciais, medianos, finais, nos seres sempre existentes, nas realidades físicas e espirituais, e se verificas, provenientes de todos os lados, nuvens de provas a proclamarem sua providência, tu ainda duvidas?

11. Não, não duvidas; crês que ele exerce sua providência e disso tens certeza. Não formules, portanto, perguntas indiscretas, bem ciente de que tens um senhor mais terno que um pai, mais solícito que uma mãe, mais amante que um esposo ou uma esposa amorosa, que considera tua salvação um repouso para si e mais que tu se alegra de escapares aos perigos e à morte – atestei-o com o exemplo de Jonas – dando todas as demonstrações de amor, tais (12) as do pai para com os filhos, da mãe para com os filhinhos, do jardineiro relativamente às plantas, do arquiteto quanto a sua obra, do recém-casado para com sua esposa, do jovem em relação à jovem, de um amor que procura afastar de ti os males tanto quanto o Oriente se distancia do Ocidente, tanto quanto o céu se eleva acima da terra – também já o manifestamos – ou antes, não só, porém muito mais, conforme o mostramos, suscitando a esse respeito o raciocínio e estimulando-te a não te deteres nas imagens, mas ultrapassares as cogitações. De fato, ele é de inexplicável providência, incompreensível solicitude, inefável bondade, de amor imperscrutável.

13. Se, portanto, conheces todas as coisas pelas quais ele se revelou, por cujo intermédio atua e há de atuar, não formules questões curiosas, não sejas impertinente, não digas: “Por que isso? Por que aquilo?” Não seria louco e excessivamente insano e demente? Então, não se torne alguém impertinente em relação ao cirurgião que opera, cauteriza, receita remédios amargos, mesmo se for um escravo; o senhor, porém, ao sujeitar-se a tais tratamentos, guarda silêncio e agradece-lhe a cauterização, a operação, os remédios, e mesmo diante da incerteza do que vem – pois os médicos já mataram muitos doentes com tais atos –, obedece com grande submissão enquanto ele assim procede, conforme se faz com o piloto, o arquiteto e os peritos em diversos ofícios.

14. Se é ridículo, digo, julgar que um ignorante e inexperto pode exigir do arquiteto as motivações do que ele faz, é também grotesco levantar questões importunas sobre esta sabedoria infável, inexprimível, indizível, incompreensível e procurar a razão de tal e tal acontecimento, quem está perfeitamente ciente de ser infalível a sabedoria de Deus, imensa a bondade, inenarrável a providência, e de que tudo o que dele nos provém orienta-se para excelente termo, contanto que não lhe oponhamos obstáculo, porque ele a ninguém quer perder, e sim salvar. Não se trata de loucura além de todos os limites fazer perguntas indiscretas ao que quer e pode nos salvar a todos, desde o começo e imediatamente, sem aguardar o final dos acontecimentos?

CAPÍTULO 9

1. Acima de tudo, porém, não se deve levantar questões não pertinentes, nem no começo, nem na continuação; mas, se és curioso e indiscreto, aguarda o final e verifica como terminam os acontecimentos; não te abales, nem te perturbes desde o início. Da mesma forma que um inexperto vendo o fundidor começar a derreter o ouro e misturá-lo com cinza e palha, se não espera o final, pensará que este pedacinho de ouro está perdido; assim como um homem nascido e criado no mar e que posteriormente muda-se de modo definitivo para a terra, jamais tendo ouvido absolutamente falar de seu cultivo, (2) se vir o trigo depositado e guardado atrás de portas e ferrolhos, preservado da umidade, e depois pelo camponês retirado, dispersado, lançado ao vento, espalhado pela terra diante de todos os transeuntes e não somente estar desabrigado da umidade, mas ainda estar jogado no lodo e no pântano, sem proteção alguma, não julgará que o grão está perdido e não repreenderá o camponês por agir assim?

3. Ora, essa crítica não está de acordo com a natureza das coisas, mas origina-se da inexperiência e da tolice daquele que não julga bem, exprimindo desde o começo uma opinião apressada. Pois, se esperasse o verão, se visse as messes ondulantes, a foice afiada e o mesmo trigo, que fora espalhado, ficara abandonado, apodrecera, corrompera-se, entregue ao lodo, levantar-se, multiplicar-se, (4) surgir verdejante, despojado da primitiva casca, e erigir-se com viço, como que cercado de satélites e guardas, erguendo a haste, para encanto do espectador, nutrição e bom lucro, então ficaria ainda mais extasiado porque o grão, através de tantas aventuras, frutificou com tal florescência e beleza.

5. E tu, ó homem, sobretudo, não formules perguntas ao senhor do universo: se és sedento de discussão e bastante audacioso para chegares a tal loucura, aguarda o termo dos acontecimentos. Efetivamente, se o lavrador espera todo o inverno, sem considerar o tratamento imposto ao trigo

durante a estação fria, mas as vantagens que daí vai retirar, com maior razão tu, diante daquele que lavra a terra inteira e as nossas almas, seria justo aguardares o termo; não digo apenas o fim na vida presente – pois muitas vezes ele virá desde aqui – como principalmente na vida futura. O plano de Deus, de fato, está elaborado em função de cada uma dessas duas vidas, em vista de nossa salvação e de nossa glória. Se é dividido pelo tempo, o termo lhe dá unidade e, da mesma forma que ora é inverno, ora primavera e a sucessão das estações visa a um único resultado, a maturidade dos frutos, assim acontece conosco.

6. Quando vires a Igreja dispersa, sofrendo as piores provas, expulsos os que nela ocupam um lugar destacado, batidos com varas, exilado para longe o que a preside, não pondera somente as tribulações, e sim o que delas resulta: o salário, a recompensa, o prêmio do combate e da luta. “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”,⁴⁸ diz a Escritura. No Antigo Testamento, quando a doutrina da ressurreição ainda não estava difundida, ambas se realizavam na vida presente; já no Novo Testamento não sucede sempre assim, há casos em que os eventos dolorosos se dão aqui na terra e a felicidade aguarda nossa partida daqui.

7. Entretanto, embora para eles a felicidade a esperar aqui se realizasse na vida presente, os que dela não usufruísem seriam mais admiráveis, pois, sem conhecerem claramente a doutrina da ressurreição e vendo os fatos contrários às promessas de Deus, não se escandalizavam, não se comoviam nem se perturbavam; entregavam-se à providência incompreensível, sem se escandalizarem com as adversidades, mas, cientes da riqueza, da perícia de sua sabedoria, aguardavam o termo e, antes do fim, tudo o que se ousava contra eles suportavam-no com ações de graças e não cessavam de glorificar a Deus, apesar de permitir essas provas. Entretanto, essa dissertação talvez vos pareça um tanto obscura; esforçar-me-ei por torná-la mais clara.

CAPÍTULO 10

1. Abraão estava velho e, em conseqüência da idade, tinha o corpo sem vida, incapaz de procriar; para se tornar pai, não era mais capaz que os mortos, apesar de continuar a viver. O justo, por conseguinte, estava velho, há muito tinha ultrapassado os limites além dos quais a natureza não permite mais procriar e tinha uma companheira mais estéril que uma pedra, quando Deus lhe anuncia que ele se tornará pai de tão numerosos filhos que sua quantidade igualará a multidão dos astros.

2. Tais os obstáculos que se lhes deparavam: ele, pela idade, nos limites da velhice; quanto à mulher, a idade e a natureza a haviam tornado incapaz de conceber, pois não era somente a velhice: o impedimento vinha de impotência natural. Com efeito, mesmo quando jovem, a capacidade natural ficara sem efeito, pois era estéril.

3. Ora, são Paulo, querendo descrever a situação, exprimia-se nesses termos: “O seio de Sara estava sem vida”.⁴⁹ Ele não disse simplesmente: “Sara estava sem vida”, para evitar que se visse nisso somente uma questão de idade; disse: “O seio de Sara estava sem vida”, o qual assim se achava não somente pelo peso dos anos, mas também por natureza. E contudo, conforme disse, apesar de tais obstáculos, Abraão, conhecedor da promessa de Deus, de quanto é rico de meios e recursos, e de que a

promessa não seria frustrada pelas leis da natureza, nem pelas dificuldades da empresa, nem por qualquer impedimento, mas que evoluiria entre os obstáculos e levaria à realização o que fora renunciado, (4) acolheu a palavra, prestou fé à promessa e, sem se deixar de forma alguma abalar pelo tumulto dos raciocínios, julgou – conforme a verdade – que o poder do promitente incutia confiança no cumprimento do que fora anunciado, sem procurar como e de que maneira isso se realizaria, e por que razão não fora na juventude, mas na velhice, tardiamente, tanto tempo depois.

5. Paulo igualmente o aplaude em alta voz, dizendo: “Ele, contra toda esperança, acreditou que se tornaria pai de muitos povos”.⁵⁰ O que significa: “acreditou contra toda esperança”? Contra a esperança humana, com esperança em Deus, que triunfa sobre todas as coisas, tudo pode e tudo supera. E acreditou não somente que seria pai, mas ainda que o seria duma multidão de povos, ele, um ancião impotente e que possuía uma mulher estéril e já velha; “conforme lhe fora dito: (6) Tal será tua descendência. E foi sem vacilar na fé que viu seu corpo já amortecido – ele tinha cerca de cem anos – e o seio de Sara sem vida. Ante a promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança, mas se fortaleceu na fé, dando glória a Deus, convencido de que ele é capaz de cumprir o que prometeu”.⁵¹ Essas palavras significam o seguinte: depois de se ter libertado e de prontamente ficar isento da fraqueza humana, depois de se ter elevado à altura daquele que prometeu e ter refletido em seu inefável poder, deixa-se persuadir, na certeza de que a palavra proferida por ele se realizaria completamente.

7. Por esse motivo sobremaneira rendeu glória a Deus, sem curiosidade nem levantar questões importunas, mas cedendo diante da incompreensibilidade de sua sabedoria e de seu poder, sem discutir de forma alguma o que lhe fora dito. Eis como principalmente se presta glória a Deus: cedendo sempre diante da incompreensibilidade de sua providência, diante de seu poder e sabedoria indizíveis, sem curiosidade nem questões ociosas ou interrogações: Por que isto? Para que aquilo? Como se fará?

8. E não somente essa atitude é admirável, mas também que, depois da promessa, tenha recebido ordem de sacrificar este filho único e legítimo. Mesmo então ele não se scandalizou. Entretanto, não faltavam motivos suscetíveis de scandalizar um homem que não estivesse atento e vigilante. Primeiro, a ordem em si mesma: se Deus recebe tais sacrifícios, se ordena aos pais que matem os filhos, ponham termo à vida deles por morte violenta, inflijam-lhes morte prematura, sejam assassinos daqueles que eles próprios geraram, se quer seu altar manchado do sangue deles, que uma mão paterna se arme contra um filho único, e um justo seja mais cruel que assassinos...

9. Além disso, havia a tirania da natureza a manifestar-se tumultuosa e perturbadora, não somente porque ele era pai, mas pai afetuoso de tal filho, legítimo, único, de belo aspecto, de reconhecida beleza. Com efeito, estava na flor da idade, havia atingido o mais alto grau de virtude, irradiava dupla beleza, a espiritual e a corporal.

10. Não constituía pequeno motivo de afeto o fato de lhe ter sido dado contra toda esperança. Sabes, efetivamente, como são ternamente amados os filhos nascidos além de toda esperança e expectativa, concedidos contra as leis da natureza, como era o caso. E sobretudo, mais próprio de scandalizar era

o anúncio e a promessa, pois a ordem dada era-lhes oposta; de fato, de um lado lhe tinha sido anunciado: “Tua posteridade será tão numerosa quanto as estrelas do céu”⁵² e doutro lado foi-lhe prescrito que o filho único por cujo intermédio ele devia povoar a terra inteira fosse excluído, entregue à morte e cruelmente estrangulado.

11. No entanto, o justo não se scandalizou, não se perturbou, não experimentou o que seria natural que experimentassem os irrefletidos, atraídos pelo bens terrenos; pois não disse a si mesmo: Então! Enganei-me? Fui iludido? Esta ordem vem de Deus? Recuo! Não obedeco! É oposto à justiça que eu seja o assassino de meu filho e que manche minha mão com tal sangue. E como se realizará o que me foi predito? Donde brotarão os frutos? Se esgoto a fonte, donde nascerão os rios? Se estrangulo meu filho, donde me virá esta multidão de descendentes cujo número deve igualar o das estrelas?

12. Mas, como me foi prometida uma coisa e agora me é ordenado o contrário? Nada de semelhante proferiu, nem pensou; refugiou-se, contudo, no poder daquele que lhe havia renunciado tais coisas, poder inefável, bem dotado de meios e recursos, que resplandece no meio de acontecimentos adversos e domina as leis da natureza, o todo-poderoso, sem nenhuma oposição, desconhecedor de qualquer obstáculo, e obedeceu inteiramente à ordem; imolou o filho, ensangüentou as mãos, manchou a espada e enterrou-lhe o cutelo na garganta. Se não chegou aos fatos, ao menos na intenção executou tudo isso.

13. Por esse motivo, Moisés, cheio de admiração diante dele, assim se expressa: “Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: ‘Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai a uma montanha que eu te indicarei’ ”.⁵³ São essas as palavras da promessa, as palavras do anúncio, a declararem que ele seria o pai duma multidão de descendentes e que sua posteridade seria como as estrelas do céu?

14. Vê como, depois dessas palavras, tendo recebido a ordem de estrangular o filho, ele aceitou suprimir e imolar aquele do qual devia sair tão grande multidão, tirá-lo do meio dos vivos e oferecê-lo a Deus como vítima. Quanto a Paulo, por esta razão o admirava e o aplaudia, dizendo: “Foi pela fé que Abraão, tendo sido provado, ofereceu Isaac”. Depois, mostrando a grande ação que ele realizou e de quanta fé deu provas, acrescenta: “Tendo recebido as promessas, ofereceu o filho único”.⁵⁴

15. O sentido dessas palavras é o seguinte: não se pode dizer que ele possuía dois filhos legítimos e que, desaparecendo um, podia esperar ser pai duma multidão por intermédio do outro, e sim que tinha um só e a este único referiam-se os termos do anúncio. Contudo, preferiu imolá-lo. Igualmente, diante da promessa de seu nascimento, nem seu próprio estado, o de um corpo sem vida, nem a impotência natural da mulher não o haviam impedido de crer; assim, agora não lhe obstacularizara a fé diante da morte.

16. Comparem-se, portanto, esses eventos com o que se dá agora e verás a pusilanimidade, a vileza da alma dos que se scandalizam, e compreenderás claramente que o escândalo não tem outra origem senão a falta de entrega à providência incompreensível de Deus e a procura incessante do modo como se desenrolam seus planos, a exigência de explicações a respeito dos acontecimentos e o esforço de perscrutar cada um deles.

17. Se Abraão houvesse tido esses sentimentos, teria sido fraco na fé. Não foi, contudo, indiscreto; por isso celebrou-se e todos os prenúncios se realizaram. Não se scandalizara nem pela velhice, nem pela ordem subsequente; não ponderou ser a ordem obstáculo à realização da promessa, nem que o sacrifício arrebatava-lhe a certeza; não perdeu a esperança na promessa, embora chegasse a realizar os atos. Não repliques que Deus não permitiu que a ordem fosse cumprida, nem que a mão do justo se ensanguentasse; mas, considera que Abraão nada disso sabia, nem que recobriria seu filho em vida e assim voltaria para casa, mas toda a sua atenção se concentrava na imolação.

18. Por isso, foi chamado duas vezes do alto dos céus. Pois Deus não lhe disse: “Abraão” uma só vez, e sim: “Abraão, Abraão”,⁵⁵ retendo e reprimindo, por meio dessa repetição, a vontade que tendia para o sacrifício, visto estar ele inteiramente absorvido pela ordem dada. Vede como ele a cumpriu conforme a intenção. De escândalo, absolutamente nada. Qual o motivo? Ele não perscrutava os desígnios de Deus.

19. E José? Dize-me. Não experimentou também algo de semelhante? Com efeito, tivera a graça imensa da promessa de Deus e, no entanto, os acontecimentos eram opostos ao que lhe fora prenunciado. Ora, a promessa feita em sonhos era de que os irmãos se ajoelhariam diante dele; dupla visão o pressagiara, a das estrelas e a dos feixes; mas os acontecimentos sobrevindos após as visões eram o oposto do que vira.

20. Primeiro, dura batalha se desencadeou contra ele na casa paterna; os irmãos, tendo desatado os laços de idêntico nascimento, rompido as leis da comum origem, quebrado os liames da condição fraterna e transtornado as normas estabelecidas pela natureza, após estes sonhos, tornaram-se hostis, inimigos, mais selvagens que lobos para com o irmão e, como feras cruéis que dividem entre si um cordeiro, a cada dia eles lhe armavam ciladas.

21. A origem dessa luta era a inveja irracional e o ódio injusto. Ardendo em cólera, exalavam cada dia um odor mortífero, pois a inveja ateava essa fornalha e reavivava o fogo. Como não podiam fazer-lhe mal algum enquanto vivia em casa e residia com os pais, atacam a consideração de que gozava, criam-lhe má reputação, descarregam sobre ele uma acusação abominável, no intuito de assim arruinar o amor que o pai lhe dedicava e apanhá-lo mais facilmente em suas ciladas.

22. Depois, atraíram-no para longe das vistas paternas e, encontrando-o na solidão, quando foi vê-los e levar-lhes a comida, não tiveram prazer algum com o que era a causa de sua visita, não coraram diante do alimento que lhes trazia o irmão; aguçavam as espadas, preparavam-se para o crime, tornavam-se todos assassinos do irmão, e no entanto não podiam censurar nem leve nem gravemente aquele que iam fazer perecer, mas que devia ser coroado, havia de ser exaltado, por meio daqueles mesmos que o invejavam, combatiam, caluniavam.

23. Quanto a ele, não fugiu de sua companhia, mas, em situação tão ruim, demonstrava disposições fraternas. Aqueles dispunham-se a fazê-lo desaparecer. E assim fizeram-no desaparecer, morrer; ao menos intencionalmente ensanguentaram as mãos, realizaram o fratricídio.

24. Entretanto, a sabedoria de Deus, opulenta em meios e recursos até mesmo em perigo de penúria,

de um abismo e de um ataque mortal, arrebatou-o de mãos assassinas. Na verdade, um dos irmãos aconselhou a não se cometer o crime; foi, porém, Deus quem inspirou esta idéia e impediu a imolação. Não era, contudo, o fim dos horrores; estes retornavam mais fortes. Impedidos de matá-lo, enquanto seus sentimentos ainda estavam em ebulição, a cólera atingira o auge e desencadeara-se o embate das paixões, a ira tomou outra forma.

25. Após despi-lo, amarrá-lo, esses homens cruéis jogaram-no numa cisterna e, semelhantes a feras, regalavam-se com a refeição que ele lhes trouxera. José estava numa cisterna, em extremo pavor, enquanto eles se fartavam e embriagavam-se. E a loucura não parou aí; vendo chegarem bárbaros que, longe do próprio país, iam para o Egito, tomaram o irmão e venderam-no, ocasionando-lhe deste modo uma espécie de morte mais longa, mais penosa e repleta de múltiplos sofrimentos.

26. Esse jovem, verdadeiramente ainda muito jovem, criado em plena liberdade na casa paterna, inexperiente de uma escravidão e do sofrimento que ela acarreta, imagina o que não terá sentido vendo-se de repente escravo em vez de livre, estrangeiro em vez de cidadão, sujeito ao péssimo tratamento de um prisioneiro de guerra. E não somente a escravidão, mas ainda a separação do pai, da mãe, de todos os parentes, nu, estrangeiro, sem casa nem cidade, entregue pelas leis da escravidão a mãos bárbaras.

27. Não seria mais do que suficiente para perturbá-lo? O acúmulo, o imprevisto, o desmentido à esperança, a dureza da tribulação, causada por irmãos, e irmãos amados, aos quais não fizera mal algum, nem leve nem grave – ao contrário, havia-lhes feito grande bem. E suportar semelhante coisa! Nada disso, contudo, o perturbava. Deixava-se levar para o Egito por esses comerciantes, trocando escravidão por escravidão.

28. Ora, ele se tornava escravo e habitava numa casa bárbara, embora fosse hebreu, bem nascido, e duplamente livre, de corpo e de alma. Nem por isso ficou de forma alguma perturbado ou escandalizado com os acontecimentos, lembrado das visões que lhe anunciavam o contrário. Não perguntava de maneira importuna: “Por que acontece tal coisa?”

29. Eles, assassinos de seu irmão, lobos e feras, apesar de consumada a injustiça, levavam vida despreocupada na casa paterna. José, destinado a reinar sobre eles, prisioneiro, escravo, vendido a mãos estrangeiras, passou pelo sofrimento extremo não só de não ter reinado sobre eles, mas de se ter tornado seu escravo, suportando provas diametralmente opostas às promessas; pois não somente não obteve a realeza, como foi privado da pátria, da liberdade, da vista dos pais.

30. E não foi este o termo de suas lutas: abria-se um abismo mais profundo, encerrando ainda uma vez a morte e o crime, uma morte ignominiosa, um vergonhoso assassinato. Pois aquela que o tinha em seu poder, tendo-o olhado com olhos culpados, cativa da beleza do jovem, subjugada por seu aspecto esplêndido, também ela, por sua vez, urdia astúcias e ciladas.

31. Após ter armado em todo lugar as redes de sua devassidão, cada dia ela espreitava o jovem para prendê-lo em suas próprias redes, para arrastá-lo ao abismo do adultério e entregá-lo a uma morte perpétua. Cada dia saía à caça de sua presa, aguilhoada pela paixão e por um amor desordenado. [56](#)

Uma vez, tendo-o encontrado sozinho, procurava arrastá-lo à força ao leito do pecado, obrigá-lo a unir-se a uma estrangeira, tentando manchar sua virtude.

32. No entanto, este justo não sofreu dano algum: a tirania da paixão, o tumulto da adolescência, o assalto da mulher sem pudor, as ciladas daquela de quem era escravo, a perturbação inerente à juventude e tudo o que devia resultar da aproximação dessa mulher, seu aspecto, sua loucura, tudo isso atravessou em completa serenidade, como uma águia abre as asas que a elevam às alturas, tendo tirado o manto que deixou em mãos audaciosas, despiu as vestes, revestido apenas de sua esplêndida virtude, mais fulgurante que um vestido de púrpura.

33. Em seguida, ela afiava de novo seu gládio e planejava a morte; as vagas mais se sublevavam e a louca paixão da mulher acendia chamas mais ardentes do que as da fornalha de Babilônia. O desejo surgia mais forte, a cólera, paixão ainda mais temível, acrescentava-se com extrema selvageria. Ela visava ao assassinato, corria para a espada, desejava apaixonadamente uma iníqua morte, tinha pressa em fazer desaparecer o atleta da virtude, o campeão da resistência e da paciência.

34. Tendo se precipitado para seu marido e denunciado o que se passara, não segundo a verdade, mas representando a comédia da denúncia, persuadiu do que queria a esse juiz, censurou seu isolamento e, sob o pretexto de ter sido ultrajada, reclamava vingança, apresentando com suas mãos impuras, como prova do que afirmava, as vestes do jovem inocente.

35. E o juiz corrupto não fez comparecer ao tribunal o acusado, não permitiu a defesa, porém condenou aquele que nem havia visto o tribunal, como se tivesse sido preso em flagrante delito e convencido de falta, como se houvesse consumado o adultério; lançou-o na prisão e entregou-o às cadeias. Quem havia tecido tais coroas de virtude estava na prisão com impostores, violadores de túmulos, assassinos, com os que haviam ousado cometer os piores crimes.

36. No entanto, nada disso lhe causava emoção. Aquele que ofendera o rei foi libertado, mas ele continuava por muito tempo preso, sofrendo o último dos castigos por coisas que deveriam lhe valer coroas e boa fama. Mesmo então não ficou perturbado, não se scandalizou, não dizia: Que é isso? Por quê? Eu, que devia reinar sobre meus irmãos, fui privado não somente de tal honra, mas também da pátria, de minha casa, de meus pais, da liberdade, da tranqüilidade, e aqueles que deviam prostrar-se diante de mim fizeram-me desaparecer? (37) Em seguida, após esta tentativa de assassinato, fui vendido, tornei-me escravo de bárbaros, tive em troca novos donos; e minhas provações não se limitaram a isso, mas de toda parte eram sorvedouros e escolhos! Após a cilada armada por meus irmãos, a tentativa de assassinato e de escravidão, a primeira e a segunda, de novo a morte me persegue. Em seguida, esta calúnia mais cruel do que a primeira, a conjuração, o ataque, o tribunal corrupto, a acusação vergonhosa que acarreta a morte. (38) Sem que me fosse permitido defender-me, fui lançado na prisão, simplesmente e de qualquer forma, fui posto em ferros com adúlteros, assassinos e ousados criminosos. O copeiro-mor foi tirado das cadeias e da prisão, enquanto eu não posso nem mesmo gozar, como ele, de certa tranqüilidade. Para ele o sonho se realizou segundo minha interpretação, enquanto eu vivo em meio de sofrimentos intoleráveis. (39) Era isso o que mostravam minhas visões? Esse o grande número de astros? São estes os feixes? Onde estão os prenúncios? E as

promessas? Fui enganado, iludido? Como meus irmãos poderão prostrar-se diante de mim, escravo, prisioneiro, algemado, reputado adúltero, exposto aos piores perigos, banido para longe deles? Tudo isso desapareceu, perdeu-se!

40. Nada disso falou nem pensou: aguardava o final. Conhecia, ele também, a riqueza dos meios de que Deus dispõe e sua sabedoria repleta de recursos. Não somente não se scandalizou, como irradiava alegria e recebia bem os acontecimentos.

41. E Davi? Dize-me. Depois de ter sido sagrado rei, após ter recebido o domínio sobre o povo hebreu por vontade de Deus e ter alcançado o troféu contra o bárbaro, não suportou os males mais penosos? Em guerra, era alvo das ciladas de Saul, tinha a própria vida ameaçada, era enviado contra inimigos perigosos, continuamente expulso para o deserto, errante, banido, sem cidade nem casa, exilado.

42. Para que dizer mais? No fim, foi completamente expulso da pátria e do próprio país, vivia entre inimigos bárbaros e hostis e suportava a vida penosa da escravidão; faltava-lhe até o alimento indispensável. E isso, ele o suportava após a vinda de Samuel, após a unção do óleo, a promessa do reino, depois de ter recebido o cetro, a coroa, após a consagração da parte de Deus e do desígnio deste a seu respeito.

43. Todavia, não se scandalizou; também ele não disse: Por que isso? Eu que sou rei, ia gozar de tal poder, não posso nem mesmo ter a segurança de um simples particular? Acho-me errante, banido, sem cidade nem casa, exilado! Fui expulso para um país bárbaro, privado do alimento indispensável, sujeito aos piores sofrimentos, diariamente em perigo iminente. Onde estão as promessas de realeza? Onde o anúncio do poder? Não profere nem pensa nada disso. Não se scandalizou com os eventos; aguardava, ele também, a realização das promessas.

44. Poder-se-iam citar mil outros que, incorrendo em tais dificuldades, não se abalaram, mas apegaram-se à palavra de Deus, mesmo quando os acontecimentos eram contrários às promessas; devido à mais admirável paciência, teciam esplêndidas coroas. E tu também, caríssimo, aguarda o final; pois ele se realizará certamente aqui na terra ou no século futuro. Admite, em todas as ocasiões, a incompreensibilidade da providência de Deus e não digas: Como tantos erros serão corrigidos? Não te applies a perscrutar o modo da ação maravilhosa de Deus.

CAPÍTULO 11

1. Os justos de outrora não cogitavam como e de que maneira as promessas se realizariam. Mesmo ao verificarem que tudo se achava em péssimo estado, segundo as ponderações humanas, não se abalavam, não se perturbavam; suportavam tudo com nobreza. Tendo em mira, qual prova evidente de um futuro melhor, o poder daquele que fizera a promessa, não se entregavam ao desespero ao ver o desmentido dos acontecimentos.

2. Na verdade, sabiam claramente que, sendo Deus provido em meios e sábio, as condições, no começo adversas, poderiam ser por ele restabelecidas em estado melhor que antes e os fatos prenunciados podiam realizar-se com a maior facilidade. E tu também, caríssimo, se alcanças a

solução final das tribulações, desde a vida presente, glorifica a Deus. Se as condições pioram, mesmo então, dá graças e não te escandalizes, bem ciente de que a providência de Deus é infinita, inexplicável e, seja como for, os eventos chegarão ao fim adequado, na vida presente ou na futura.

3. Se um pusilânime, ao ouvir falar do futuro, fica impaciente por ver o termo, diremos a ele que a verdadeira vida e as realidades seguras e imutáveis nos aguardam futuramente. Pois as da vida presente constituem o caminho, enquanto as da vida futura, a pátria. As coisas terrenas assemelham-se a flores primaveris, e as do alto, a rochedos inabaláveis. Lá em cima as coroas e as recompensas sem fim; lá, o prêmio do combate e da luta; aqui, as punições e os castigos penosos reservados àqueles que praticaram o mal.

4. Dirás, no entanto: Que fazer pelos que não cessam de se escandalizar? Não te referes àqueles cujo mérito é brilhante, e relembras os que usam a máscara da piedade e foram convencidos de erro! Não vês o ouro purificado? O chumbo denunciado? A palha separada do grão? Os lobos das ovelhas? Os simuladores dos que vivem na verdadeira piedade? Ao constatares os escândalos causados por eles, pensa na boa fama dos primeiros.

5. Alguns falharam; muito mais numerosos, porém, são os que ficaram de pé e reservaram para si maior recompensa por não se terem abalado nem pelo poder dos inimigos, nem pelas dificuldades dos tempos. Quanto aos que se escandalizam, reflitam no próprio caso. Com efeito, os três jovens, arrebatados do meio dos sacerdotes, do templo, do altar do sacrifício, das obrigações impostas pela Lei, abandonados num país bárbaro, continuavam a observá-la perfeitamente. Também Daniel e muitos outros. Uns, levados ao cativeiro, não haviam praticado o mal; outros, que ficaram em casa, usufruindo de todos os bens da pátria, erraram e foram condenados.

CAPÍTULO 12

1. Se procuras saber por que motivo se deram tais fatos, se não aceitas as razões inexplicáveis dos planos divinos, mas cuidas sempre de propor questões importunas, ao avançar, continuarás com muitas dúvidas. Por exemplo: Por que foram permitidas as heresias? Por que o diabo? Por que os demônios? Por que os malvados, que fazem cair um grande número? E, o pior de tudo, por que o Anticristo deve aparecer, tendo tal poder de enganar, que seus atos, conforme disse Cristo, seriam capazes de iludir, se possível fosse, os próprios eleitos?

2. No entanto, não se deve pesquisar tudo isso, e sim entregar-se à incompreensibilidade da sabedoria de Deus. O homem generoso e solidamente apoiado em Deus, mesmo se mil vagas, mil tempestades o assaltarem, não somente não sofre dano algum como torna-se mais forte; pelo contrário, o homem fraco, alquebrado e negligente, cai com freqüência, mesmo quando nada o perturba. Se queres saber qual a razão, escuta a que nos é notória. Há muitas outras para Deus, que governa por meios diferentes e variados o que nos diz respeito. Quanto ao que conhecemos, vem imediatamente em seguida.

3. Afirmamos que os escândalos são permitidos a fim de não diminuïrem as recompensas dos justos. Foi o que Deus revelou ao entreter-se com Jó, nesses termos: “Pensas que agi para contigo por outro motivo senão manifestar tua justiça?”.⁵⁷

4. Paulo também dizia: “É preciso que haja cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados”.⁵⁸ E tu, ao ouvires dizer: “É preciso que haja cisões”, não creias estar ele proferindo uma ordem ou promulgando uma lei. Não. Ele prenuncia o que há de acontecer e explica previamente que os homens vigilantes daí hão de tirar grande proveito. Pois a virtude daqueles que não se deixarem seduzir, disse ele, manifestar-se-á mais esplêndida.

5. Além disso, foi facultado aos maus agirem livremente por outra razão: a fim de que não fossem privados do bem resultante da conversão, se tivessem sido anteriormente impedidos. Deste modo Paulo foi salvo; foi assim que o ladrão, a cortesã, o publicano e muitos outros igualmente o foram. Se tivessem deixado a terra antes da conversão, nenhum deles teria sido salvo. A respeito do Anticristo, Paulo dá outra razão. Qual? Foi para suprimir desse modo todo meio de defesa dos judeus. Que escusa teriam eles, efetivamente, eles que não receberam o Cristo e acreditariam no Anticristo? Por isso disse: “e serem condenados todos os que não creram na verdade”, a saber, o Cristo, “mas antes consentiram na injustiça”⁵⁹, isto é, o Anticristo. Foi assim, com efeito, que eles afirmavam não crer em Cristo, porque ele se denominava Deus.

6. “Nós te lapidamos porque, sendo apenas homem, tu te fazes Deus”,⁶⁰ apesar de o terem ouvido muitas vezes referir-se a seu Pai, dizer que viera segundo sua vontade e comprová-lo de muitos modos. Que dirão, ao acolherem o Anticristo que se declara Deus, não relembra o Pai e acolhe tudo o que se lhe opõe? Disto Cristo os censurava, renunciando-lhes: “Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o receberíeis”.⁶¹ Eis por que os escândalos foram permitidos.

7. Se falas dos que se escandalizaram, mostrar-te-ei os que daí obtiveram glória e repetirei o mesmo: não convinha que, pela negligência e preguiça de outrem, os que podiam estar atentos, vigilantes e tecer para si mil coroas ficassem em inferioridade ao se tratar das recompensas. Eles, com efeito, teriam sido lesados se não tivessem tido ocasiões de combater, mas aqueles, tendo sofrido dano, não deveriam de direito imputar sua queda a nenhum outro, senão a si próprios. Poderiam lançar-lhes condenação não somente os que não se escandalizaram, mas os que, por isso, se mostraram mais valentes e gloriosos.

CAPÍTULO 13

1. De que sacerdote dispôs Abraão? Dize-me. De que mestres? De que doutrina? De que exortações? De que conselhos? Onde não havia documentos escritos, nem lei, nem profetas, nada de semelhante. Ele navegava num mar impraticável, percorria uma estrada intransitável, originava-se de uma casa e de um pai ímpios. Entretanto, nada disso o prejudicou, mas brilhou por tanta virtude, que antecipou as que existiram muito tempo depois, após os profetas, a Lei, a admirável formação que Cristo devia dar aos homens por meio de sinais e prodígios, (2) demonstrando-as em obras: caridade autêntica e calorosa, desprezo das riquezas, solicitude paterna para com os seus. Calçou aos pés todo orgulho, renunciou a uma vida fácil e dissoluta, levando vida mais austera que os monges atuais, que galgaram

o cume das montanhas.

3. Pois não tinha casa; a este justo a sombra das árvores servia de teto e abrigo. Apesar de estrangeiro, não foi indolente na prática da hospitalidade; pelo contrário, estrangeiro como era, em país estrangeiro, exerceu a hospitalidade, acolhendo sempre os que chegavam durante o calor do meio-dia, e os servia. Não assumia tal tarefa sozinho: associava sua mulher a esta boa obra.

4. O que não fez em favor do sobrinho, embora esse não tivesse agido como convinha? Atacou os chefes, e isso após a opção pela separação. Não derramou sangue? Não armou todos os seus servos? Não se expôs a si mesmo a evidente perigo? E ao receber a ordem de deixar sua casa, ir para uma terra estrangeira, não obedeceu imediatamente, após ter abandonado a pátria, os amigos e todos os parentes, e ter obedecido ao preceito de quem lhe ordenava, deixando o conhecido e aderindo ao desconhecido, como sendo muito mais garantido por causa da promessa de Deus, o que constituía sinal de submissão e fé?

5. Em seguida, coagido pela fome, exilou-se novamente; sem se abalar, sem se perturbar, mostrava idêntica docilidade, sabedoria, igual resistência ao sofrimento, a mesma paciência. Depois partiu para o Egito e, embora fosse obediente a Deus, que tal lhe ordenava, foi-lhe roubada a mulher, e ele a viu ultrajada; por causa de sua vinda à casa do egípcio, passou por sofrimentos piores que a morte, ferido no que tinha de mais caro. O que há de mais penoso, diga-me, depois de tantas boas ações, do que ver a mulher que vos está unida pela lei do matrimônio arrebatada pela intemperança de um bárbaro, levada à corte do rei, desonrada?

6. Se não se chegou à realização, ao menos ele o receava, e suportava tudo com nobreza; nem as tribulações fizeram-no tropeçar, nem a prosperidade o encheu de orgulho; nas diferentes ocasiões, conservava igualdade de ânimo. Como? Ao lhe ser prometido um filho, não havia mil obstáculos sugeridos por raciocínios? Aquiesceu a tudo, fez calar a perturbação daí resultante e refulgiu na fé.

7. Quando, porém, recebeu a ordem de sacrificar o filho, não o levou prontamente, como se o conduzisse ao leito nupcial e como se conduzisse uma jovem a seu esposo? Ultrapassando de certo modo os limites da natureza e liberto da condição humana, oferecia um sacrifício novo e desconcertante, e sozinho travou a luta, sem auxílio da mulher, nem de um servo, de nenhum dos que o cercavam.

8. Sabia, de fato, conhecia muito bem o tamanho do escolho, o peso da ordem, a grandeza do combate. Por isso, enfrentou sozinho a corrida, correu, combateu, foi coroadado, exaltado. Que sacerdote lhe ensinou isso? Que mestre? Que profeta? Nenhum. Mas, por ter a alma bem disposta, pôde enfrentar tudo.

9. E Noé? Que sacerdote teve? Que mestre? Que guia? Quando sozinho, enquanto a terra toda estava corrompida pelo mal, ele tomou o caminho reto, praticou a virtude, resplandeceu a ponto de salvar-se a si mesmo do naufrágio da terra inteira e de subtrair a outrem, pela superabundância da própria virtude, ao perigo ameaçador. De que modo tornou-se justo? Por meio de que recursos atingiu a perfeição? Que sacerdote e que mestre teve ele? Ninguém o poderá dizer.

10. Mas o filho, apesar de ter continuamente um mestre notável, a virtude do pai, e dispusesse dos avisos expressos em palavras e atos, embora tivesse visto o andamento dos fatos, a admoestação da tribulação e a da salvação, foi maldoso para com o pai; escarneceu-lhe a nudez e entregou-o à zombaria de outros. Vês que é necessário ter, em todas as ocasiões, a alma bem disposta?

11. E Jó? Dize-me. Que profetas pôde ouvir? De que ensinamento pôde aproveitar? Nenhum. E apesar de não ter auxílio dessa espécie, deu exemplo de virtude perfeita e muito apurada; pois, se possuía bens, era para distribuí-los aos necessitados, e não somente seus bens, mas suas próprias forças físicas.

12. Com efeito, ele acolhia os viajantes em sua casa e esta lhes pertencia mais que ao proprietário. Devido a suas forças físicas, protegia os que haviam sofrido dano, e por meio da prudência e da sabedoria da palavra fechava a boca dos insolentes. A conduta de um anjo resplandecia em todos os seus atos.

13. Reflete: “Bem-aventurados os pobres em espírito”,⁶² diz Cristo. O próprio Jó o realizou em atos: “Se deneguei seu direito ao escravo ou à escrava, quando pleiteavam comigo... Que lhe responderei quando o Senhor me interrogar? Quem me fez a mim no ventre não o fez também a eles? Quem nos formou a ambos não... foi num só seio?”.⁶³ “Bem-aventurados os mansos, pois herdarão a terra.”⁶⁴ Quem foi mais manso do que aquele de quem diziam os servos: “Oxalá nos deixassem saciar-nos de sua carne!”,⁶⁵ tão ardente era a afeição que lhe dedicavam?

14. “Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados.”⁶⁶ Jó não desconheceu essa virtude. Escuta o que ele diz: “Se após ter pecado involuntariamente, oculteí meu delito aos homens, escondendo minha culpa...”.⁶⁷ Com tais sentimentos, é claro que deplorava excessivamente sua falta.

15. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.”⁶⁸ Vede com que perfeição ele o realizou: “Quebrava as mandíbulas do malvado para arrancar-lhe a presa dos dentes”;⁶⁹ “A justiça vestia-me como túnica, o direito era meu manto”;⁷⁰ “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.⁷¹ Ele não era misericordioso devido a sua fortuna, revestindo os nus, alimentando os que tinham fome, restabelecendo a viúva em seu direito, cercando de solicitude os órfãos, suavizando com boas palavras todas as fraquezas da natureza, e sim pela compaixão de sua alma diante do sofrimento.

16. “Não chorei com o oprimido, não tive compaixão do indigente?”⁷² Como se fosse o pai comum de todos, diante das tribulações de cada um, restaurava a alguns, por outros chorava, e por meio de palavras, atos, compaixão, lágrimas, de todos os modos, aliviava os infelizes, era uma espécie de porto aberto para todos.

17. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.”⁷³ Isso nele se realizava de modo notável. Com efeito, escuta como Deus lhe presta testemunho: “Na terra não há outro igual; é um

homem íntegro e justo, verídico, que teme a Deus e se afasta do mal”.⁷⁴

18. “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino dos céus.”⁷⁵ Esta constituiu também para ele fonte abundante de combates e de recompensa. Efetivamente, não eram os homens que o perseguiam, e sim o demônio, chefe dos malvados, que o atacava e, tendo ativado todas as maquinações, lançou-se contra ele. Expulsou-o de casa e da pátria, lançou-o numa estrumeira, roubou-lhe todas as riquezas, os bens, os filhos, a própria saúde, e entregou-o a fome extrema. Depois do demônio foram uns amigos que propositadamente caíram sobre ele e reabriam-lhe as feridas da alma.

19. “Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande vossa recompensa nos céus”.⁷⁶ Jó usufruiu fartamente dessa bem-aventurança. Com efeito, os que o cercavam caluniavam-no dizendo que seu castigo era menor que suas faltas, infligiam-lhe acusações e discursos cheios de mentiras e calúnias.

20. No entanto, quando por sua vez estiveram em perigo, ele os arrancou aos golpes da cólera divina, não conservando rancor algum por causa do que haviam dito. Cumpria assim o mandamento: “Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”.⁷⁷ Pois eles os amou, rezou por eles e afastou a cólera de Deus, livrando-os do pecado. No entanto, não havia ouvido nem profetas, nem evangelistas, nem sacerdotes, nem mestre, nem qualquer outro que lhe desse conselhos de virtude.

21. Vês que alma nobre, como bastava-se a si mesma para a prática da virtude, mesmo sem usufruir de qualquer solicitude? Entretanto, entre seus antepassados não apenas houve alguns que não foram bons, como também existiram os que manifestaram grande maldade. É exatamente de um antepassado seu que Paulo disse: “Nem haja impuro algum, ou profano, como foi Esaú, o qual, por uma só refeição, vendeu seu direito de primogenitura”.⁷⁸

CAPÍTULO 14

1. Como foi no tempo dos Apóstolos? Dize-me. Não sucediam mil fatos semelhantes? Ouve o que afirma Paulo: “Tu sabes que todos os da Acaia me abandonaram, dentre eles Figelos e Hermógenes”.⁷⁹ Os mestres não estavam nas prisões, carregados de cadeias? Não sofreram os piores males da parte dos próximos e dos estrangeiros? Por acaso lobos temíveis não entraram depois deles e em seu lugar no redil? Paulo não o assinalava aos efésios, que chamara a Mileto?

2. Diz ele: “Eu sei que, depois de minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho, e no meio de vós surgirão homens que farão discursos perversos com a finalidade de arrastar discípulos atrás de si”.⁸⁰ Alexandre, o ferreiro,⁸¹ não lhe causou mil aborrecimentos? Atacando-o de todos os lados, combatendo-o, perseguindo-o de golpes, travou-lhe tal luta, que Paulo põe de sobreaviso o discípulo, nesses termos: “Tu, guarda-te também dele, porque se opôs fortemente a nossas palavras”.⁸²

3. A nação inteira dos gálatas não foi corrompida por alguns falsos irmãos? Nos primórdios da pregação, Estêvão, cuja eloquência fluía mais abundante que os rios e fechava a boca de todos; ele, que punha freio às línguas impudentes dos judeus, a quem ninguém podia resistir; e que confundiu as opiniões dos judeus, ergueu brilhante troféu e obteve vitória retumbante, (4) este homem nobre, sábio, cheio de graça, benfeitor de tão grande igreja, embora não tivesse se dedicado longamente ao anúncio da mensagem, foi arrastado com outros, julgado e lapidado como blasfemador. E Tiago? Não foi no começo e, por assim dizer, no obstáculo inicial, que foi abatido, teve a cabeça cortada por Herodes, para agradar aos judeus? Dessa forma terminou a vida, tal coluna e tão grande sede da verdade?^{[83](#)}

5. Quantos então se scandalizaram diante desses eventos? Todavia, os que estavam de pé, de pé ficaram. Escuta as palavras da Epístola de Paulo aos Filipenses: “Quero que saibais, irmãos, que o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho: a maioria dos irmãos no Senhor, encorajados pelas minhas prisões, proclamam a palavra de Deus com mais ousadia e sem temor”.^{[84](#)}

6. Vês a coragem? Vês a confiança segura? Vês a energia de alma, o sábio modo de pensar? Viam o mestre encerrado na prisão, encadeado, sufocado, batido, submetido a mil suplícios, e não somente não se scandalizavam, não se abalavam, como adquiriam ardor maior, e os sofrimentos do mestre lhes incutiam maior impulso para os combates.

7. Outros, dizem, eram arrastados para sua perda. Sim; não contradigo. É muito natural que muitos se deixem seduzir diante de tais eventos, mas o que disse muitas vezes e não cessarei de afirmar, vou repeti-lo novamente: será justo, para esses homens, imputá-lo a si mesmos e não à natureza dos acontecimentos. De fato, ao partir da terra, o Cristo nos deixou essa herança, uma vez que nos diz: “No mundo tereis tribulações”,^{[85](#)} e: “Sereis conduzidos à presença de governadores e reis”,^{[86](#)} e ainda: “Virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus”.^{[87](#)} Por conseguinte, é ocioso apresentares incessantemente como objeção aqueles que se scandalizaram, pois isso é o de sempre.

8. E por que mencionar as provações dos Apóstolos? Quantos se scandalizaram diante da cruz de nosso mestre comum a todos e tornaram-se mais malvados e insolentes? Os transeuntes zombavam e diziam: “Tu, que destróis o Templo e em três dias o edificas, a outros salvou, a si mesmo não pode salvar? Se és Filho de Deus, desce da cruz e creremos em ti!”.^{[88](#)}

9. A cruz, porém, não poderia constituir escusa para eles. De fato, o ladrão^{[89](#)} condena a esses tais, não somente porque viu o crucificado e não se scandalizou, como porque daí hauriu razão mais determinante de procurar a verdadeira sabedoria, e tendo ultrapassado as coisas humanas, suspenso pela asas da fé, meditava sobre os bens futuros.

10. Apesar de ter visto o Cristo crucificado, flagelado, injuriado, sorvendo fel, coberto de escarros, escarnecido por todo esse povo, condenado por um tribunal, arrastado à morte, nada o scandalizou. Viu a cruz, os cravos fincados e a multidão corrupta a zombar dele; seguiu, contudo, o caminho reto, dizendo: “Lembra-te de mim em teu reino”.^{[90](#)}

11. Ele fechava a boca dos que pronunciavam palavras injuriosas, confessava as próprias faltas, meditava na ressurreição, e isso sem ter visto os mortos ressuscitados, os leprosos curados, os coxos andarem corretamente, o mar apaziguado, os demônios expulsos, os pães multiplicados e os outros milagres testemunhados pelo povo judeu, que, aliás, apesar de tê-los visto, não deixou de crucificá-lo.

12. O ladrão, contudo, vendo o crucificado, confessou a Deus, lembrou-se de seu reino e meditou na eternidade. Os judeus, ao contrário, que o haviam visto operar milagres, que haviam aproveitado do ensino ministrado em palavras e atos, não somente não tiraram proveito, como foram arrastados ao mais profundo abismo para sua perda, tendo erguido a própria cruz.

13. Vês que os insensatos e descuidados não tiram vantagem do que lhes é útil, mas que os bem-dispostos e vigilantes muito lucram com os mesmos acontecimentos que escandalizam os demais? É possível verificá-lo a propósito de Judas e de Jó. Judas não se salvou nem mesmo por meio de Cristo, que reconduziu ao reto caminho a terra inteira; Jó, porém, não sofreu dano algum da parte do diabo, embora este tivesse causado a ruína de tantos.

14. Um, suportando mil provas, foi coroado. O outro, que vira milagres e ele próprio os operara, ressuscitara mortos, expulsara demônios – pois ele também recebeu este poder –; ele que ouvira tantas coisas sobre o reino e a geena, participara da mística ceia, tomara parte no festim que inspira temor religioso, fora favorecido com a mesma benevolência e solicitude que Pedro, Tiago e João, e até muito mais, (15) – porque, além do cuidado e da condescendência de que fora cumulado, foram-lhe confiados os bens dos pobres – justamente este homem, em seguida, foi tomado de desvario e, tendo-se submetido a Satanás pela avareza, tencionou tornar-se traidor e perpetrou o maior dos crimes: vendeu por trinta moedas tal sangue e traiu o mestre com pérfido beijo.

16. Quantos, pensas tu, não se escandalizaram diante da traição de tal discípulo? Como? Quantos, pensas, não se escandalizaram quando o habitante do deserto, nascido de mulher estéril, filho de Zacarias, julgado digno de batizar a cabeça santa que despertava terror respeitoso, e merecera ser o precursor de seu próprio mestre, foi aprisionado e decapitado, e este assassinato tornou-se o salário de uma dança luxuriosa?

17. E por que digo: então? Quantos, muito tempo depois, ao ouvirem essa narrativa ainda agora não se escandalizam? E por que falar de João, da prisão, desse assassinato, por que deter-me com os servos, quando convinha retirar-me para junto do senhor?

CAPÍTULO 15

1. A cruz de Cristo, que restaurou o mundo, dissipou o erro, transformou a terra em céu, enervou a morte, inutilizou o inferno, destruiu a cidadela do diabo, fechou a boca dos demônios, dos homens fez anjos, destruiu altares, demoliu templos, implantou na terra esta religião nova e surpreendente, autora de mil benefícios que suscitam respeitosa admiração, grandes e dificilmente adquiridos, não causou escândalo para muitos?

2. Paulo não o proclama a cada dia e testemunha sua confusão: “Nós, porém, vos anunciamos Cristo

crucificado, para os judeus escândalo, para os gentios loucura”?⁹¹ Como? Dize-me. Convinha que a cruz não existisse e esse sacrifício terrível não fosse oferecido e tão belas ações não fossem realizadas, porque se tornou escândalo para os que se perderam então, no tempo subsequente e em todas as épocas?

3. Quem seria tão louco, tão insensato para afirmá-lo? Efetivamente, não se deve levar em conta os que se escandalizaram, embora fossem tão numerosos, e sim os que foram salvos, os que foram reconduzidos ao caminho reto, os que tiraram proveito de tal sabedoria. Não se deveria dizer: Que importa os que se escandalizaram? De fato, deviam imputar a falta apenas a si mesmos. E acontece o mesmo ainda agora.

4. No entanto, o escândalo não é oriundo da natureza da cruz, e sim da loucura dos que se escandalizam. Por este motivo, acrescenta Paulo: “Mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”.⁹² Ora, uma vez que o sol faz mal aos olhos frágeis, não deveria existir o sol? O mel parece amargo aos doentes. E então? Dever-se-ia fazê-lo desaparecer? Os Apóstolos não foram para uns odor de morte a acarretar morte, para outros odor de vida a gerar vida? Por causa dos que morreram os que vivem não haverão de utilizar-se de tão grande auxílio?

5. Quantos não ficaram acabrunhados com a própria vinda de Cristo, a nossa salvação, a fonte dos bens, a vida, as maravilhas inumeráveis? Quantos, por causa disso, não foram privados de escusa e perdão? Não ouves o que disse Cristo a respeito dos judeus? “Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado, mas agora não têm escusa para seu pecado”.⁹³

6. Como? Ele não deveria vir por que as faltas ficariam sem escusa devido a sua vinda? Quem ousaria afirmá-lo? Ninguém, nem mesmo os que estão inteiramente fora de si. Além disso, quantos não há, dize-me, para os quais as Escrituras são motivo de escândalo? Quantas heresias nelas encontraram sua própria razão de ser? Dever-se-ia então suprimir as Escrituras por causa dos que se escandalizaram? Ou que não fossem transmitidas desde o começo? Certamente que não. Justamente era necessário que fossem dadas aos que delas tirariam proveito.

7. Os que se escandalizam – não cessarei de repetir os mesmos argumentos – imputem a si mesmos os escândalos. Pois os que das Escrituras deviam retirar as maiores vantagens teriam sofrido prejuízo considerável se, por causa da ignorância e negligência dos outros, fossem privados do que lhes seria tão útil. Não me fales dos que se perdem, pois, assim como disse num texto precedente, ninguém que não se prejudique a si mesmo pode sofrer dano da parte dos outros, mesmo se sua vida está em perigo.

CAPÍTULO 16

1. Em que Abel foi lesado? Dize-me. Não foi abatido pela mão do irmão, sofrendo morte prematura e violenta? Contudo, não lucrou com isso, pois que cingiu uma coroa mais brilhante? Em que Jacó foi lesado, ele que sofreu tantas perseguições da parte do irmão, sem pátria, exilado, fugitivo, escravo e em estado de inanição?

2. Em que José foi lesado, ele também sem pátria, sem casa, prisioneiro, escravo, carregado de cadeias, exposto aos últimos perigos, no seio da família e no estrangeiro, sujeito a tantas calúnias? Em que foi prejudicado Moisés, lapidado por tamanha multidão mil vezes, cercado dos ardis de seus beneficiados? Em que sofreram detrimento todos os profetas, aos quais os judeus infligiram tantos males? Que dano atingiu a Jó, combatido por mil artifícios do diabo?

3. E os três jovens? E Daniel, exposto a perigos extremos em sua vida e liberdade? E Elias, que vivia em extrema pobreza, expulso, prófugo, habitante dos desertos, incessantemente fugitivo, emigrante? Em que foi lesado Davi, que suportou tantos maus-tratos da parte de Saul e finalmente do próprio filho? Não se tornou mais ilustre por ter suportado os piores males do que ao fruir de prosperidade?

4. O que perdeu João por ter sido decapitado? E os Apóstolos, uns decapitados, outros entregues a diferentes tormentos? Em que foram danificados os mártires, cuja alma suportou ruptura por terríveis torturas? Não emitiram todos eles o máximo fulgor ao serem ameaçados, cercados de insídias e resistirem nobremente aos piores suplícios?

CAPÍTULO 17

1. Ao celebrarmos nosso comum Senhor por toda espécie de motivos, não o celebramos principalmente dando-lhe glória, tomados de espanto diante da cruz, esta morte maldita? Paulo a todo instante não aponta sua morte como sinal de amor por nós? Morrer pelos homens, tais quais são? Deixa de se referir ao céu, à terra, ao mar, a tudo o que Cristo fez por nosso bem e alívio e sempre retorna à cruz, dizendo: (2) “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores”.⁹⁴ Em conclusão, sugere-nos as mais belas esperanças, nesses termos: “Pois, se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais agora, uma vez reconciliados, sermos salvos por sua vida”.⁹⁵

3. E não é principalmente por esse motivo que ele próprio se regozija, sente-se altivo, salta, expande-se alegremente, ao escrever aos gálatas: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”?⁹⁶ Por que te admiras se Paulo por isso salta, pula, alegra-se? Aquele mesmo que suportou esses padecimentos chama de glória o suplício. Diz ele: “Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho”.⁹⁷

4. E o discípulo que escreveu isso dizia: “Pois ainda não lhes fora dado o Espírito Santo, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”,⁹⁸ chamando de glória a cruz. E quando quis demonstrar o amor de Cristo, de que falou? Dos milagres? De suas maravilhas? De certos prodígios? Absolutamente, não. Menciona a cruz, dizendo: “Deus tanto amou o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.⁹⁹ (5) E Paulo ainda assegura: “Quem não poupou seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos há de agraciar em tudo juntamente com ele?”.¹⁰⁰ E, ao incitar-nos à humildade, é daí que extrai sua exortação, nesses termos: “Pelo conforto que há em Cristo, pela consolação que há no amor, pela comunhão do Espírito, por toda ternura e compaixão, levai à plenitude minha alegria pondo-vos em acordo no mesmo sentimento, no mesmo

amor, numa só alma, num só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo”.[101](#)

6. Em seguida, à maneira de conselho, acrescenta: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: ele tinha a condição divina e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz”.[102](#)

7. Fazendo de outra vez uma exortação sobre a caridade, volta ao assunto: “Amai-vos uns aos outros, assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave”.[103](#) E para unir em bom relacionamento as mulheres e os maridos, assim se exprime: “E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”.[104](#)

8. E ouve como o próprio Cristo, mostrando quanto a cruz constituía sua principal solicitude e quanto amava o sofrimento, designou o primeiro dos Apóstolos, o fundamento da Igreja, o corifeu do coro dos discípulos que lhe dissera, em sua ignorância: “Piedade, Senhor! Isso jamais te acontecerá!”. Escuta a resposta: “Arreda-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço!”.[105](#) Pela injúria e pela reprimenda excessivas, ele acentuava a enorme importância que atribuía à cruz.

9. Ele quis que a ressurreição se realizasse às escondidas e em segredo. Deixava ao conjunto dos séculos seguintes a tarefa de a provar. A cruz, porém, foi no meio da cidade, em plena festa, entre o povo judeu, quando funcionavam dois tribunais, o dos romanos e o dos judeus, quando a festa reunia a todos, em pleno dia, em comum espetáculo para a terra inteira.

10. E como somente os presentes podiam ver o que se passava, ele ordenou ao sol que anunciasse a todos os pontos da terra, eclipsando-se, o que ele não hesitara em fazer. E certamente, apresso-me a declará-lo, foi um escândalo para muitos. Mas, estes não nos importam, e sim os que se salvaram, os que agiram bem.

11. Por que te admiras se, na vida presente, a cruz é bastante fulgurante para que Cristo a denomine sua glória e Paulo se glorifique por causa dela? No dia terrível, que dá calafrios, quando ele vier em sua glória, vier na glória do Pai, quando se erguer o terrível tribunal, quando comparecer todo o gênero humano, quando rios de fogo estiverem efervescentes, quando as multidões de Anjos e de Potências do alto descerem em fileiras cerradas com ele, quando houver milhares de recompensas, quando uns brilharem como o sol, os outros como astros, (12) quando grupos de mártires, coros de apóstolos, fileiras de profetas, conjuntos de homens generosos apresentarem-se publicamente, então, sim então, nesse esplendor, nessa manifestação geral, ele virá, trazendo a cruz que emite raios brilhantes. Diz a Escritura: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem. O sol escurecerá, a lua não dará sua claridade”,[106](#) o sinal da cruz aparecerá.

13. Ó paixão resplandecente, ó cruz fulgurante! O sol escurece, os astros caem como folhas, mas a

cruz brilha mais resplandecente do que todos eles, a abranger o céu inteiro. Vês como o Senhor se regozija? Vês como revela sua glória, mostrando-a nesse dia à terra inteira com tamanho resplendor?

CAPÍTULO 18

1. E tu, se vires alguns se escandalizarem com esses acontecimentos, reflete primeiro que o escândalo não se origina dos fatos ou, mais propriamente, da fraqueza deles. Demonstram-no muito bem os que não experimentam tais sentimentos. Em seguida, tende em vista que muitos com isso tornaram-se mais ilustres, glorificando a Deus e dando-lhe graças fervorosas por causa desses eventos. Não olha os que ficam abalados, mas os que resistem de modo estável, que ficam imperturbáveis e desse modo se fortificam. Não cogites dos que se agitaram, e sim dos que navegam através das tempestades e são muito mais numerosos do que os que se deixam arrastar. Mesmo no caso de serem estes últimos mais numerosos, melhor seria um só homem cumpridor da vontade de Deus que mil transgressores.

CAPÍTULO 19

1. Lembra-te dos que cingiram a coroa do martírio. Uns foram flagelados, outros lançados na prisão, outros acorrentados como malfeitores, outros expulsos da pátria, outros privados de seus bens, outros emigraram para países além das fronteiras, outros foram decapitados; na realidade uns, outros em expectativa.

2. Pois, enquanto as espadas saíam da bainha, afiavam-se os gládios, diariamente faziam-se ameaças, e alguns começavam por respirar furor, preparavam morticínios e toda espécie de castigos e suplícios; eles não se dobravam, não cediam; firmavam-se inabaláveis na rocha, preferindo fazer tudo e tudo sofrer a participar da injustiça dos que ousavam cometer tais ações; e não eram apenas homens, mas também mulheres.

3. De fato, as mulheres enfrentaram esse combate e comportaram-se com maior coragem que os homens. Não só as mulheres, mas ainda jovens e crianças pequenas. É pouco, diz-me, que a Igreja tenha lucrado tão grande multidão de mártires? Pois todos foram mártires. Não apenas os que foram arrastados ao tribunal, receberam ordem de sacrificar e não obedeceram, e sofrendo o que sofreram, tornaram-se mártires, mas também os que aceitaram suportar algo, fosse o que fosse, para agradar a Deus; e se o problema for atentamente examinado, antes estes últimos do que aqueles.

4. Na verdade, não é a mesma coisa ser ameaçado de morte e de ruína da alma, e aceitar sofrer seja o que for para não perdê-la, e sujeitar-se ao mesmo suplício por um bem de menor valia. Não somente aqueles que foram decapitados, mas os que se dispuseram e estavam prontos a sofrer tal pena cingiram a coroa do martírio. Eu o assegurei anteriormente: aquele que foi decapitado por motivos menos graves é também mártir perfeito. Tentarei mostrá-lo pela voz de Paulo.

5. Começou o bem-aventurado Paulo por enumerar os que entre os antigos se destacaram; nomeia primeiro Abel, chega a Noé, a Abraão, Isaac, Jacó e continua: “Portanto, também nós, com tal nuvem de testemunhas ao nosso redor...”. [107](#)

6. Ora, nem todos foram degolados; ou melhor: nenhum, exceto dois ou três, Abel e João; os demais tiveram morte natural. E o próprio João não foi decapitado por ter sido constrangido a sacrificar e haver recusado, nem por ter sido arrastado diante de um altar ou ídolo, mas por ter proferido uma só palavra. Na verdade, foi porque declarou a Herodes: “Não te é permitido ter por mulher a mulher de teu irmão Filipe”^{[108](#)} que viveu na prisão e foi-lhe infligido tal suplício.

7. Se aquele que condenou a união ilegítima, na medida do possível, porque não conseguiu corrigir o mal (somente o denunciou, não teve poder de eliminá-lo); se, portanto, proferiu uma só palavra e se limitou a isso, tornou-se mártir, e o primeiro dos mártires, por ter tido a cabeça cortada; aqueles que receberam tantos ferimentos, que estiveram prontos para lutar não só contra Herodes, mas contra os poderosos da terra inteira, e não apenas se opuseram a um casamento ilegítimo, mas defenderam as leis ancestrais e as instituições da Igreja então menosprezadas, e por palavras e atos mostraram audácia e confiança, cotidianamente expostos à morte, homens, mulheres e crianças, não seria justo incluí-los no coro dos mártires?

8. Também Abraão, apesar de não ter matado na realidade o filho, teve a intenção de matá-lo e ouviu do alto do céu a palavra: “Tu não me recusaste teu filho, teu único”.^{[109](#)} E geralmente a intenção, se inspirada pela virtude, recebe em plenitude a coroa.

9. Se assim foi exaltado por não ter poupado o filho, imagina o salário que receberão os que não se pouparam a si mesmos, enfrentando tal luta, não durante um ou dois dias e sim a vida inteira, perseguidos por injúrias, ultrajes, ameaças, denúncias. Na verdade, não é pouco. Por isso Paulo demonstra em tais circunstâncias grande admiração, dizendo: “Éreis às vezes apresentados como espetáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam”.^{[110](#)}

10. O que acrescentar sobre os que foram mortos suportando tais provações e ungindo-se para a luta, homens e mulheres? Com justeza Paulo os admira. Efetivamente, muitos deram a fortuna para que prisioneiros e exilados tivessem algum alívio em tão grande penúria. Ao sofrerem rapina de seus bens, acolheram esta privação com alegria, atendendo à palavra do Apóstolo. Alguns foram banidos da pátria e outros perderam a vida.

11. Se vires, portanto, tais riquezas, lucros, objetos trazidos para a Igreja, tais tesouros acumulados, e ainda aqueles, outrora fracos, se tornarem mais ardentes que o fogo; os que não deixavam os teatros partirem para o deserto, transformarem vales e montanhas em outras tantas igrejas; e na carência de quem pudesse ali guiar o rebanho, as próprias ovelhas audaciosamente confiantes e corajosas preencherem o ofício de pastores, os soldados o de chefe, e todos com o conveniente fervor, zelo e exemplar conduta celebrarem os ofícios, não te acometerão espanto e admiração pelos atos de virtude que os fatos ocasionaram?

12. Na verdade, não foram somente os que levavam vida honesta; muitos dos que passavam o tempo nos teatros e freqüentavam os hipódromos, purificados pelo calor de fogo violento, desistiram inteiramente de sua loucura. Eles se precipitaram, por assim dizer, contra as espadas, confiantes e

audaciosos diante dos magistrados, menosprezando as tribulações, rindo-se das ameaças, demonstrando a força da virtude, e que é possível ao inteiramente perdido, por meio do arrependimento e da conversão, adquirir a certeza de atingir o alto dos céus.

13. Se vêς tantas recompensas, tais coroas entretecidas, tal ensinamento difundido, donde vem, diz-me, que tu te escandalizes? – É por causa dos que se perdem, eis a resposta. Entretanto – já disse e não desistirei de repetir – atribuam a si próprios a causa de sua ruína! Nosso discurso tentou mostrá-lo de todos os modos. Mencionei ainda outra vantagem. Quantos usavam em toda parte a máscara da piedade, quantos a de doçura fingida, quantos eram tidos por grandes homens e não o eram, foram inteiramente desmascarados no tempo presente. Os artifícios de sua sedução desabaram e eles se revelaram tais quais eram, e não conforme fingiam e simulavam.

14. Não é pequeno lucro, e sim importante vantagem para quem está atento ao próprio bem, distinguir os que usam peles de ovelhas e não misturar lobos assim dissimulados com verdadeiras ovelhas. As condições presentes constituem uma fornalha que permite discernir, entre as peças de moedas, as de bronze, fundindo o chumbo, queimando a palha e fazendo parecerem de maior valor as matérias preciosas. Isto o demonstra Paulo ao dizer: “É preciso que haja mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são de virtude comprovada”.[111](#)

CAPÍTULO 20

1. Nada disso te escandalize, nem o sacerdote que em sua perversidade devasta o rebanho com mais ferocidade que um lobo, nem o detentor do poder que revela grande crueldade. Lembra-te de que na época dos Apóstolos houve acontecimentos ainda mais penosos.

2. O detentor do poder era um “mistério da impiedade”,[112](#) conforme o denominou Paulo. Entregava-se ao mal sob todas as suas formas e era dotado de suma maldade. No entanto, não prejudicou nem à Igreja, nem àqueles homens cheios de nobreza, mas fê-los mais ilustres. Quanto aos sacerdotes judeus, eram tão perversos e malvados, que Cristo recomendou ao povo que se precavesse de imitá-los.

3. Disse o Salvador: “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem, mas não imiteis suas ações”.[113](#) Ora, o que poderia haver de pior do que sacerdotes cujo exemplo perderia os que os imitassem? Mas, embora os poderosos de então fossem tais, os que se ilustraram e foram coroados não sofreram dano algum; pelo contrário, obtiveram maior glória. Ninguém fique, portanto, fora de si por causa dos acontecimentos. Sem dúvida, de toda a parte advieram tribulações, dos próximos e dos estrangeiros, que pesaram como um jugo sobre os que são vigilantes.

4. Por isso, Paulo, vendo as nuvens precursoras de perigos a amontoarem-se sobre eles e receoso de que alguns discípulos ficassem perturbados, escreveu: “Enviamos Timóteo para que ninguém desfalecesse nestas tribulações. Pois bem sabeis que para isso é que fomos destinados”.[114](#) Ele quer dizer o seguinte: (5) nossa vida, seqüência natural da vida apostólica, consiste em sofrer milhares de tribulações. O que significa: “para isso é que fomos destinados”? Assim como as mercadorias são

transportadas para serem vendidas, a vida apostólica é feita para suportar injúrias, ser maltratada, não poder jamais tomar fôlego, obter uma pausa.

6. E os que são vigilantes, não somente não sofrem dano algum, como ainda lucram. Por esta razão, depois de saber que eles se comportaram nobremente, Paulo se admira; e de alguns outros assegura que, diante de suas prisões e cadeias, destemidos, ousam bem mais ao anunciar a palavra.

7. E Moisés? Dize-me. No meio duma nação bárbara, Deus não permitiu que uns magos exibissem prodígios? Paulo não menciona essa história? “Do mesmo modo como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim também estes se opõem à verdade.”¹¹⁵ Por conseguinte, jamais faltaram escândalos; também não os que por meio deles mereceram a coroa. Reflete nisso e não só: reflete no lucro que dessa questão se originou.

8. Pensa também que existem outras razões misteriosas para tais acontecimentos – pois não nos é possível estar a par de tudo – e que posteriormente estes haverão de mudar para melhor e trarão maiores imprevistos, da mesma forma que, relativamente a José, no começo houve dificuldades e durante muito tempo os fatos se sucediam, aparentemente opostos à promessa, mas enfim superaram a expectativa. No tocante à cruz, não foi logo, no início; não foi no começo que o bom êxito vingou; primeiramente produziu-se um escândalo. Alguns sinais surgiram somente para suscitar espanto e corrigir os que ousaram agir de modo criminoso, mas em breve tudo desapareceu.

9. Se o véu do templo então se rasgou, os rochedos se fenderam, o sol se obscureceu, esses prodígios realizaram-se num só dia e caíram no esquecimento para a maioria. Logo depois os Apóstolos tiveram de fugir, atacados por perseguições, luta e ciladas; ficavam ocultos, escondidos, temerosos, e foi assim que anunciavam a palavra. E o povo judeu manifestava prepotência, arrastando, dispersando, maltratando, atormentando os fiéis. Com efeito, os judeus tinham os poderosos consigo, e a cada dia arrastavam e dispersavam os Apóstolos.

10. E por que falar do povo judeu e dos poderosos? Um fabricante de tendas que passava o tempo ocupado com peles, Paulo – o que existe de mais simples que um fabricante de tendas? – foi assediado de tal loucura, que arrastou violentamente homens e mulheres e os meteu na prisão. E aquele que fora crucificado suportava tudo isso. Considera, no entanto, como na continuação, o que fora perseguidor ultrapassou a todos; seu comportamento brilhou mais que o sol e encheu a terra inteira.

CAPÍTULO 21

1. Dizes: por que no Antigo e no Novo Testamento há tantos perigos, provas, ciladas? Ora, aprende qual a causa de tudo isso. Qual, então, é a razão? A vida presente é arena, ginásio e luta, cadinho, tinturaria onde se retempera a virtude. Como os curtidores tomam as peles, primeiro comprimem, depois estendem, golpeiam, batem contra paredes e pedras e por mil outros processos adaptam-nas para receber a tintura, conseguindo assim uma bela cor; (2) como os ourives jogam o ouro no fogo e o entregam à prova do cadinho para purificá-lo mais; como os instrutores na arena esforçam-se no treino dos atletas, atacando-os com mais violência que os adversários para fortificar totalmente, durante o exercício, o corpo dos alunos em vista de estarem aptos a lutar, prontos a afrontar os ataques

dos inimigos e vencê-los facilmente; Deus age de modo idêntico na vida presente.

3. Querendo preparar a alma a uma virtude adaptada a seus fins, ele a angustia, joga no cadinho, entrega à provação dos sofrimentos, para reprimir os desencorajados e desanimados, e permitir aos que foram comprovados que se façam ainda melhores, inacessíveis às insídias do demônio, às ciladas do diabo, e todos assaz dignos dos bens futuros.

4. De fato, conforme se diz, o homem que não foi provado, não tem valor. E Paulo: “A tribulação produz a paciência, e a paciência uma virtude comprovada”.¹¹⁶ No intuito de fazer com que os homens se tornem mais fortes e mais pacientes, Deus, por todos os meios, permite seja examinada a moeda.

5. Por conseguinte, se permitiu sofrer Jó o que sofreu, quis revelar sua resistência na tribulação e fechar a boca do diabo. Se enviou Apóstolos foi para torná-los mais valorosos e revelar desse modo seu próprio poder; de fato, não se trata de questão insignificante. Por isso também declarava a Paulo que procurava repouso e libertação dos males que o cercavam: “Basta-te minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”.¹¹⁷

CAPÍTULO 22

1. Quanto aos que ainda não acolheram a mensagem do cristianismo, tiram dessas provações maior proveito, se são vigilantes. Cogita como admiram os homens, antigos e atuais, esses extraordinários atletas ao vê-los injustiçados, injuriados, aprisionados, difamados, vítimas de insídias, dilacerados, queimados, afogados e não recuarem diante de perigo algum. Dessa forma, os eventos não são causa de escândalo para os que são vigilantes, e sim oportunidade de mais vasto aprendizado.

2. Foi por isso que Paulo ouviu as seguintes palavras: “É na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”.¹¹⁸ É possível verificar isso tanto no Antigo como no Novo Testamento. Considera, portanto, o pesar de Nabucodonosor, vencido na presença de seu exército por três jovens escravos, prisioneiros, amarrados e expostos ao fogo, pois não pôde superar os três seres reduzidos à escravidão, sob seu domínio, privados de pátria, liberdade, honra, poder e riqueza, e longe dos seus. Se não tivesse sobrevivendo este incêndio, não existiria tão grande recompensa, nem tão esplêndida coroa.

3. Medita nos sentimentos de Herodes, convencido de culpa por um prisioneiro, e verificando que os liames não diminuían sua corajosa audácia, mas que ele preferia ser decapitado a perder sua magnífica liberdade de expressão.

4. Pondera qual dos homens daquela época e dos tempos subseqüentes que, ao ver e ouvir isto, mesmo se completamente abatido, porém dotado de certo entendimento, não retiraria do fato o maior proveito? Não me fales desses miseráveis insensatos, dos estúpidos, carnaís e mais leves que as folhas. Eles caem não somente sob aquelas provações, mas diante de qualquer obstáculo, como o povo judaico que comia o maná e o pão e continuava sempre tão difícil de contentar, quer no Egito ou fora dele, quer estivesse Moisés presente ou ausente.

5. Apresenta-me, contudo, homens vigilantes, despertos, e pensa no proveito que sem dúvida daí retiram, diante desta alma invencível, da sabedoria em nada servil, da língua cheia de corajosa audácia, do habitante do deserto vencedor do rei, do prisioneiro que não cede, da cabeça decepada que não se cala. Não te detenhas; examina o que vem logo após.

6. Herodes decapitou-o; João foi decapitado. A quem, no entanto, todos proclamam bem-aventurado? Qual o que desperta inveja? Quem é apregoadado? Quem é coroado? Quem é elogiado? Quem é louvado? Quem é admirado? Quem ainda hoje denuncia a culpa?

7. Não se exclama em cada Igreja: “Não te é permitido ter por mulher a mulher de Filipe, teu irmão”, [119](#) enquanto, por seu turno, o rei é estigmatizado mesmo após a morte por causa do adultério, da injustiça, da audácia? De acordo com o que foi dito, verifica a força do prisioneiro e a fraqueza do tirano.

8. O primeiro não possui força suficiente para refrear uma só língua, mas, ao suprimi-la, por causa dela e substituindo-a, abrem-se milhares de bocas; o segundo, ao contrário, logo após o crime, atemorizou o rei. O medo transtornou a consciência do assassino a ponto de acreditar ter João ressuscitado dos mortos e operado milagres. Agora e posteriormente sempre, na terra inteira, João o denuncia, por si mesmo ou por intermédio de outros.

9. Com efeito, todo aquele que lê o Evangelho diz: “Não te é permitido ter por mulher, a mulher de Filipe, teu irmão”. Mesmo se não leres o Evangelho, nas conversas e reuniões realizadas nas casas, na praça, em todos os lugares, mesmo se fores à Pérsia, às Índias, à Maurîtânia ou a qualquer parte da terra sob o sol, até os confins do mundo, ouvirás esta voz, verás esse justo a exclamar até hoje em alta voz, fazendo-se ouvir, condenando a maldade do tirano. Não é reduzido ao silêncio, nem desvanece com o decurso do tempo sua acusação.

10. Que mal o termo da vida causou a este justo? Que pôde lhe trazer esta morte violenta? Que lhe ocasionaram as cadeias, a prisão? Quantos ele não recolocou no caminho reto, contanto que fossem sensatos, através das palavras, dos padecimentos, daquilo que até hoje proclama e é idêntico ao que dizia durante a vida? Não me digas: o que lucrou com a morte? Pois adveio-lhe não a morte, e sim a coroa; aquele não era o termo, e sim o início de uma vida melhor. Aprende a reagir com sabedoria e não apenas nada te poderá prejudicar, como ganharás as maiores recompensas.

11. Que sucedeu com a mulher egípcia? Não acusou? Não denunciou? Não aprisionou o justo? Não o jogou na prisão? Não deixou iminente sobre ele o pior dos perigos? Não o fez desaparecer, ao menos quanto lhe era possível? Não o envolveu em má reputação? Por conseguinte, em que o prejudicou, naquele momento ou agora? De fato, da mesma forma que carvões ardentes, se recobertos de palha, no começo parecem escondidos, mas logo devoram de uma só vez o que foi colocado por cima, porque a própria palha faz com que a chama se levante mais alto, assim a virtude, embora aparentemente cumulada de injúrias, ao final, por causa dos próprios obstáculos, mais desabrocha e eleva-se até o céu.

12. O que há de mais feliz que este jovem, devido à denúncia, às insídias que lhe foram armadas, e não

em vista do trono do Egito nem da realza que ali obteve? Efetivamente, em toda parte, aos sofrimentos são reservadas a glória, a estima, as coroas; todos não os cantam pela terra inteira?

13. A longa duração do tempo não permitiu que sua lembrança fenecesse; as imagens de sua virtude e sabedoria encontram-se por toda a terra mais brilhantes e permanentes que as estátuas de reis, entre os romanos, nas regiões dos bárbaros, na consciência e na boca de todos.

14. Todos nós o vemos prisioneiro, reduzido à obediência, aconselhando à miserável e infeliz devassa, fazendo o possível para salvá-la, obrigando-a a enrubescer, extinguindo a fornalha, esforçando-se por arrancá-la à tempestade terrível e reconduzi-la à serenidade. Em seguida, quando a tempestade se levantou e o navio submergiu, enquanto ela soçobrava, vemo-lo escapar das vagas e refugiar-se no rochedo inabalável da sabedoria, abandonar as vestes nas mãos desta mulher, mais esplêndido em seu despojamento que os homens revestidos de púrpura e, como uma espiga ou um troféu fulgurante, erguendo o troféu da sabedoria.

15. Nesses eventos, não perdemos de vista sua lembrança; indo adiante, vemo-lo novamente conduzido à prisão, agrilhado, vivendo na imundície e consumindo-se ali por muito tempo. É sobretudo por isso que o admiramos, proclamamo-lo bem-aventurado, ficamos admirados, louvamo-lo. Se alguém é sábio, ao pensar em José, torna-se mais sábio; se suas paixões estão desencadeadas, a narrativa o conduz à sabedoria e a história torna-o melhor.

16. Ao ler tudo isso, não fiquéis comovidos: tirai proveito do que aconteceu. A paciência dos que lutam seja para vós um mestre de resistência. Ao verificardes que a vida inteira de homens nobres e elevados é entretecida de tais padecimentos, não fiquéis desconcertados nem perturbados diante das provações de cada um ou da comunidade. Ora, foi assim desde o começo, quando a Igreja foi nutrida e cresceu. Não vos admireis. Nada de extraordinário.

17. Na vida corrente, não é onde existe palha, feno e areia, e sim onde há ouro e pérolas que os piratas, os bandidos, os ladrões, os perfuradores de paredes causam incessante tumulto e fazem tentativas. Igualmente o diabo, onde vê riquezas espirituais acumuladas e alentada piedade, põe-se em ação e avança com artifícios. Porém, se as vítimas destes ataques são vigilantes, não somente em nada são superados como acumulam maior tesouro de virtudes. Foi o que sucedeu atualmente.

CAPÍTULO 23

1. Poder-se-ia considerar tudo isso como grande sinal dos grandes feitos acumulados pela Igreja e de sua coragem. Quando a viu o maligno demônio florescente, estimada, em breve tempo elevada a grande altura; zelosa, ao verificar a tendência para o bem dos que já eram de vida comprovada; a conversão para o arrependimento dos que viviam no pecado; a terra inteira a freqüentar a escola desta cidade, ele movimentou todos os artifícios e acendeu lutas intestinas.

2. Quanto a Jó, o demônio provocou contra o justo ora a perda dos bens, ora a privação dos filhos, ora o péssimo estado de saúde, ora a língua da mulher, ora as injúrias, os escárnios, os insultos dos amigos; de igual modo, relativamente à Igreja, é por intermédio de amigos, de inimigos, dos clérigos

em ofício, dos arrolados no exército, dos que possuíam a honra do episcopado, de múltiplas e variadas personagens que ele acionou tudo o que dele dependia.

3. Tendo, porém, urdido tantas ciladas, não somente não a conseguiu abalar como a tornou ainda mais brilhante. Enquanto não fora perseguida, não educou tão bem os homens quanto agora ensina a terra inteira a autodominar-se, a vencer as paixões, a suportar as tentações, a demonstrar paciência, a desprezar as coisas mundanas, a não fazer caso das riquezas, a rir-se das honras, a desprezar a morte, a menosprezar a vida, a não levar em conta pátria, parentes, amigos, pais, disposta a receber qualquer ferida, a precipitar-se sobre as espadas, a julgar todas as grandezas da vida presente, isto é, honras, glória, poder, luxo, como as mais frágeis flores primaveris.

4. E não é apenas um homem que ensina isso, nem dois ou três, mas um povo inteiro, por palavras, bem como por atos, pelos sofrimentos, as vitórias, o triunfo sobre as insídias, a resistência oposta a tudo, mais forte que o diamante e mais dura que a rocha, sem utilizar armas, sem declarar guerra nem lançar dardo ou flecha, mas cada qual cercado pela muralha da paciência, da harmonia, da doçura, da coragem, inculcando vergonha, por meio de seus sofrimentos, àqueles que lhes infligiram.

CAPÍTULO 24

1. Agora, em todo o caso, alguns de rosto radiante, visão desimpedida e indizível audácia perambulam na praça, vivem em casa, comparecem à sinaxe; outros, porém, que cometeram más ações, dissimulam-se sob cada um de seus embustes, com a consciência interiormente pesada, trêmulos, temerosos e andam assim por toda parte.

2. À semelhança de animais ferozes que dificilmente são mortos e que, após o primeiro ou segundo ferimento, precipitam-se com maior ímpeto sobre a ponta das lanças, fazendo mais duro o golpe sob o peso do ataque, enquanto as feridas penetram até as entranhas, e assim como as vagas, que se quebram contra os rochedos, sob seu próprio impulso desaparecem e desvanecem, assim esses homens, pelas ciladas que tramam, para si mesmos cavam um abismo, e não para os outros.

3. Pois os primeiros, sujeitos a hostilidades na terra inteira, são amados, louvados, admirados, apregoados, coroados por aqueles que os conhecem e os que não os conhecem; os que presenciaram suas belas ações ou ouviram falar de seu renome, os que participam em grande número de suas dores e lutas e todos os que lhes desejam felicidade; aos segundos, por sua vez, que elaboram projetos hostis, são tantos e bem mais os que odeiam, acusam, atacam, convencem de crime, envergonham, proferem mil injúrias, querem vê-los castigados e punidos.

4. E tudo isso se passa aqui na terra. Entretanto, lá em cima, que contas vão prestar? Se aquele que escandalizou a um só homem é tão severamente punido que seria melhor para ele ter uma mó amarrada ao pescoço e ser afogado no mar, pondera qual o castigo que sofrerão diante deste temível tribunal, que condenação será infligida àqueles que, na medida em que lhes foi possível, perturbaram a terra inteira, transtornaram as Igrejas, declararam guerra durante uma paz tão profunda, provocaram em toda parte mil escândalos.

5. Os que sofreram da parte deles o que sofreram virão após os mártires, os Apóstolos, os homens nobres e sublimes, ilustres por seus feitos, os sofrimentos, as coroas, as recompensas, a enorme confiança.

6. Eles deverão de ver os outros punidos e não poderão arrancá-los ao castigo, mesmo se o quiserem mil vezes; estenderão seus ramos em súplica, nada, porém, conseguirão. Se o rico que passara ao lado de um só pobre, Lázaro, sofreu tal castigo, e não encontrou alívio algum, o que não deverão de suportar os que a tantos perseguiram e escandalizaram?

7. Ao refletirdes sobre este assunto e extrairdes das Sagradas Escrituras pensamentos semelhantes, para vós abrigo seguro, e apresentardes aos mais fracos as narrativas, como outros tantos remédios, ficai firmes, inabaláveis, à espera dos bens que vos estão reservados.

8. Sem dúvida, portanto, certamente, estará guardada para vós uma recompensa, não apenas equivalente a vossos sofrimentos, mas incomparavelmente maior. Desta forma age Deus, que ama o homem. Aos que optaram por fazer ou dizer algum bem, ele há de superar mediante retribuições e recompensas.

[1](#) Cf. Rm 9,22-23.

[2](#) Rm 11,33.

[3](#) Rm 11,33.

[4](#) Rm 11,33-36.

[5](#) Rm 11,36.

[6](#) 2Cor 9,15.

[7](#) Fl 4,7.

[8](#) 1Cor 8,2.

[9](#) 1Cor 13,9-10.

[10](#) 1Cor 13,11-12.

[11](#) Rm 9,20.

[12](#) Mc 3,17.

[13](#) Jo 21,7.

[14](#) Jo 1,18.

[15](#) Jo 6,46.

[16](#) 1Cor 2,7-9.

[17](#) 1Cor 2,10.

[18](#) 1Cor 2,10-11.

[19](#) Eclo 3,22-23.

[20](#) 1Cor 4,7.

[21](#) Eclo 39,21.

[22](#) Gn 1,31.

[23](#) Gn 1,4.

[24](#) Gn 1,31.

[25](#) Gn 1,31.

[26](#) Ecl 7,2.

[27](#) Mt 7,13-14.

[28](#) Cf. Sl 19,4.

[29](#) Is 49,14-15.

[30](#) Is 49,14-15.

[31](#) Sl 103,13.

[32](#) Mt 7,9-11.

[33](#) Sl 103,11-12.

[34](#) Is 55,8-9.

[35](#) Is 55,7.

[36](#) Os 11,8.

[37](#) Os 11,8.

[38](#) Is 62,5.
[39](#) Jn 4,10-11.
[40](#) Jn 4,11.
[41](#) Is 45,11.
[42](#) Cf. Jó 38,7.
[43](#) Sl 19,5-6.
[44](#) Sl 19,6-7.
[45](#) Sl 104,24.
[46](#) Rm 8,21.
[47](#) Sl 106,2.
[48](#) Mt 10,22.
[49](#) Rm 4,19.
[50](#) Rm 4,18.
[51](#) Rm 4,19-21.
[52](#) Gn 15,5.
[53](#) Gn 22,1-2.
[54](#) Hb 11,17.
[55](#) Gn 22,11.
[56](#) Cf. Pr 7,6-27.
[57](#) Jó 40,8.
[58](#) 1Cor 11,19.
[59](#) 2Ts 2,12.
[60](#) Jo 10,33.
[61](#) Jo 5,43.
[62](#) Mt 5,3.
[63](#) Jó 31,13-15.
[64](#) Mt 5,5.
[65](#) Jó 31,31.
[66](#) Mt 5,4.
[67](#) Jó 31,33-34.
[68](#) Mt 5,6.
[69](#) Jó 29,17.
[70](#) Jó 29,14.
[71](#) Mt 5,7.
[72](#) Jó 30,25.
[73](#) Mt 5,8.
[74](#) Jó 2,3.
[75](#) Mt 5,10.
[76](#) Mt 5,11-12.
[77](#) Mt 5,44.
[78](#) Hb 12,16.
[79](#) 2Tm 1,15.
[80](#) At 20,29-30.
[81](#) 2Tm 4,14.
[82](#) 2Tm 4,15.
[83](#) Cf. Gl 2,9.
[84](#) Fl 1,12-14.
[85](#) Jo 16,33.
[86](#) Mt 10,18.
[87](#) Jo 16,2.
[88](#) Mt 27,40.
[89](#) Cf. Lc 23,40-43.
[90](#) Lc 23,42.
[91](#) 1Cor 1,23.
[92](#) 1Cor 1,24.
[93](#) Jo 15,22.
[94](#) Rm 5,8.
[95](#) Rm 5,10.
[96](#) Gl 6,14.
[97](#) Jo 17,1.

[98](#) Jo 7,39.
[99](#) Jo 3,16.
[100](#) Rm 8,32.
[101](#) Fl 2,1-3.
[102](#) Fl 2,5-8.
[103](#) Ef 5,2.
[104](#) Ef 5,25.
[105](#) Mt 16,22-23.
[106](#) Mt 24,30.
[107](#) Hb 12,1.
[108](#) Mt 14,4.
[109](#) Gn 22,12.
[110](#) Hb 10,34.
[111](#) 1Cor 11,19.
[112](#) 1Ts 2,7.
[113](#) Mt 23,2-3.
[114](#) 1Ts 3,2-3.
[115](#) 2Tm 3,8.
[116](#) Rm 5,3-4.
[117](#) 2Cor 12,9.
[118](#) 2Cor 12,9.
[119](#) Mt 14,4.

CARTAS A OLÍMPIA

CARTA 1

À medida que se intensificam as provações, aumentam os motivos de consolo e adquirimos mais seguras esperanças sobre o futuro. Agora tudo segue a corrente e navegamos com ótimo tempo. Quem viu? Quem ouviu? Escolhos e recifes, turbilhões e furacões se abatem com violência. Noite sem luar, obscuridade profunda, precipícios e rochedos. Ao navegarmos neste mar, contudo, nossas condições em nada são piores que as daqueles que são sacudidos no porto. Com tais reflexões, minha senhora,¹ de Deus muito amada, elevai-vos acima destas agitações e ondas tumultuosas e dignai-vos nos informar sobre vosso estado de saúde. Quanto a nós, estamos bem, de ânimo alegre. Efetivamente, o corpo se fortaleceu, é puro o ar que respiramos. Os guardas encarregados de viajar conosco cuidam de nós de tal forma que não precisamos de servos, porque eles nos prestam os serviços necessários. E assumiram essa tarefa por amor. Em toda parte uma escolta, feliz por nos servir.

Somente uma coisa nos preocupa: não ter a certeza de que vós também gozais de boa saúde. Dai-nos notícias a respeito, para nos alegrarmos e agradecermos profundamente ao senhor Pergâmios, nosso filho querido. Se quiserdes nos responder, fazei-o por seu intermédio, porque é fiel, inteiramente dedicado, bem como respeitoso de vossa moderação e piedade.

CARTA 2

Ainda isso, porém. Libertai-vos dos receios acerca de nossa viagem. De fato, como há pouco escrevemos, fisicamente estamos melhor de saúde e forças, pois a atmosfera é saudável e os que nos conduzem, além do que poderíamos desejar, empregam todo zelo em seu desempenho para nos proporcionar descanso. Estando de partida de Nicéia, expedimos esta carta aos 3 do mês de julho. Escrevei-nos freqüentemente sobre vosso estado de saúde. Sirva de intermediário meu senhor Pergâmios, em quem deposito toda a confiança. Não me informeis apenas sobre o estado de vossa saúde, mas também se teria dissipado a névoa da tristeza. Pois, se o soubermos pelas cartas, enviar-vos-emos epístolas mais freqüentes, visto terem nossas missivas obtido melhor resultado. Se, portanto, desejardes a alegria da assiduidade de nossas cartas, tornai evidente que esta freqüência produz melhor fruto e vereis que as expediremos prodigamente. No entanto agora, apesar de muitos terem vindo daí que podiam ter trazido correspondência, tive o pesar de não ter recebido de vossa parte mensagem alguma.

CARTA 3

Quando vejo a multidão de homens e mulheres espalhada pelos caminhos, nas hospedarias, nas cidades a olhar-nos em prantos, imagino vossos sentimentos. De fato, aqueles que agora nos vêem pela primeira vez assim choram de tristeza e não se refazem facilmente; se enquanto pedimos, suplicamos e exortamos correm rios de lágrimas ardentes, claro está que para vós a tempestade é mais violenta. Mas, quanto mais forte a tempestade, maiores os prêmios, se for suportada com perseverança, ações de graças e a conveniente coragem como, na realidade, a suportais. Ao soprar forte ventania, se os pilotos desfraldam sem medida as velas, reviram o barco. Se governam moderadamente e na justa medida, navegam com segurança.

Ciente disso, senhora caríssima a Deus, não vos entregueis à tirania da tristeza, mas dominai razoavelmente a tempestade. Está realmente em vosso poder; os vagalhões não superam vossa perícia. Informai-nos por carta sobre o assunto a fim de que, apesar do exílio, alegremo-nos por saber que agüentais a tristeza com a adequada inteligência e sabedoria. Estou escrevendo das cercanias de Cesaréia.

CARTA 4

Após escapar da doença que me atacou durante a viagem, cujos resquícios trouxe para Cesaréia, e tendo recuperado perfeita saúde, escrevo da própria Cesaréia, onde me encontro melhor, tendo recebido adequado tratamento. Encontrei excelentes médicos e muito conceituados que não apenas aplicam sua arte, mas cuidam de nós com simpatia e amizade; um deles declarou-se pronto a partir conosco, assim como vários outros dignitários.

Quanto a nós, várias vezes vos escrevemos dando notícias; vós, porém, conforme já vos recrimei, raramente o fazeis. E para perceberdes que provém de negligência e não de escassez de portadores, meu senhor, o irmão do bem-aventurado bispo Máximo, chegou há dois dias e reclamamos cartas. Respondeu que ninguém quis confiar-lhe correspondência e o padre Tígrios, a quem ele fizera a mesma pergunta, não lhe entregara coisa alguma. Peço-vos que o advirta por isso e também a nosso sincero e ardoroso amigo e a todos os companheiros do bispo Ciríaco. Quanto a uma mudança de residência, não importuneis a nenhum outro. Aceitamos a atenção. Talvez o tenham querido, mas não foi possível. Glória a Deus em tudo. Não cessarei de repeti-lo sempre em tudo o que me acontecer. Está bem; não foi possível. Acaso também não poderiam ter escrito?

Agradecei muito a minhas senhoras, irmãs de meu venerando senhor, o bispo Pergâmios, que têm grande solicitude por nós. Elas dispuseram tão bem para conosco o senhor governador, seu genro, que deseja muito, ele também, nos ver aqui.

Transmiti-nos muitas vezes notícias de vossa saúde e daqueles que nos amam. Ficai tranqüila a nosso respeito. De fato, estamos bem, alegres, e nos beneficiamos de grande descanso até hoje. Desejaríamos saber se foram libertados os companheiros do bispo Ciríaco, porque nada nos foi noticiado com clareza. Também sobre isto informai-nos. Ao bispo Ciríaco dissei que, se não lhe escrevo, é por estar aflito.

CARTA 5

Realmente, nem mesmo depois de ter saído da cidade, conseguimos nos desembaraçar daqueles que nos atormentam o espírito. No entanto, aqueles que nos encontram no caminho, quer venham do Oriente, da Armênia ou de qualquer outro ponto da terra, derramam torrentes de lágrimas quando nos vêem. Acrescentam lamentos e acompanham toda a nossa viagem com gemidos. Digo-vos isto para ficardes ciente de serem muitos os que sofrem conosco, o que não constitui pequeno consolo. O profeta, realmente, exprime quanto é pesado e difícil o contrário, lamentando: “Esperei por compaixão, e nada! por consoladores, e não os encontrei”.² É claro que proporciona grande conforto ter como partícipe na tristeza a terra inteira. Porém, se buscais outro consolo, apesar de males tão numerosos e grandes, estamos com saúde, em segurança, em perfeita paz, enumerando nossos

múltiplos e incessantes sofrimentos, tribulações, conspirações e encontrando alegria contínua na lembrança desses males. Também vós, refletindo nessas coisas, dissipai a névoa da tristeza e informai-nos sempre a respeito de vossa saúde.

Uma vez que agora meu senhor, o querido Arábio, acaba de nos enviar uma carta, admiro-me de não haverdes escrito, embora minha senhora, sua nobre esposa, vos seja muito cara. Ponderai o seguinte: os melhores e os piores eventos da presente vida todos passam. Se a porta é estreita e apertado o caminho, é ainda, contudo, um caminho. Lembrai-vos da palavra que tantas vezes vos repeti: “Se a porta é grande, se o caminho é largo, no entanto ainda é um caminho”. Ao vos afastardes da terra e sobretudo dos laços da carne, abri as asas da sabedoria e não a deixeis mergulhar na sombra e na fumaça (tais são as realidades humanas); mesmo se virdes aqueles que nos causaram tantos males deterem o poder em suas cidades, gozarem de consideração e de um cortejo de guardas, repeti a palavra: “Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição”³ e, portanto, é melhor chorar e gemer por eles. Pois, aquele que pratica o mal na terra e, em vez de expiar seu pecado, goza de consideração da parte dos homens, partirá levando tal estima qual penhor mais seguro de castigo. Este o motivo por que o rico ardia horivelmente, e sofria punição não apenas por causa da crueldade para com Lázaro, mas porque a prosperidade de que gozava continuamente, com tamanha crueldade, não o tornara melhor.⁴ Pela meditação destes e de outros pensamentos semelhantes (pois não cessamos de vos cantarolar sempre a mesma coisa), minha senhora, a Deus muito cara, descarregai o fardo da tristeza e comunicai-me o fato a fim de que, segundo escrevi, a notícia de vos trazerem minhas cartas maior consolo induza-me a empregar mais freqüentemente este remédio.

CARTA 6

1. Apenas respiramos desde que chegamos a Cucuso, donde estamos escrevendo. Mal enxergamos enfim, livres da fumaça e da obscuridade espessa dos males que nos atacaram durante a viagem. Agora, porém, passados os sofrimentos, vamos narrá-los. Enquanto padecíamos, não quisemos escrever, para não vos afligir em demasia. Durante quase trinta dias e até mais, pelejei com febres muito molestas, durante esta longa e árdua viagem, estando ainda atacado de outras insuportáveis indisposições estomacais. Calculai então o que aconteceu. Privado de médico, de banhos, do necessário, de qualquer alívio, pressionado de todos os modos pelo medo dos isauros, e por outros males derivados em geral das dificuldades da viagem: inquietação, preocupação, tristeza, carência de alguém que pudesse proporcionar-nos tratamento. Mas agora tudo passou.

De fato, tendo chegado a Cucuso, estamos completamente curados da doença e de suas conseqüências e com ótima saúde. Perdemos o medo dos isauros, porque há muitos soldados aqui, bem equipados contra eles. O necessário nos chega com fartura de todas as partes; todos nos acolhem com benevolência, apesar de ser a região muito deserta. E ainda meu senhor Dióscoro encontra-se aqui; enviou um servo expressamente a Cesaréia a fim de pedir e suplicar que eu não preferisse casa alguma à sua, e muitos outros agiram do mesmo modo. Julguei que devia dar-lhe preferência e descí à sua casa. Ele fez-se tudo para nós, a tal ponto que não cesso de reclamar contra sua grande prodigalidade e a fartura que nos quer dispensar. Por nossa causa, transferiu-se para cá, a fim de nos

cercar de delicadezas e preparar-nos uma moradia conveniente para o inverno, fazendo e movimentando tudo para tal; em resumo, nada negligencia em vista de nos servir. Muitos outros intendentes e ecônomos, tendo recebido ordens escritas de seus senhores, chegam continuamente, prontos a nos aliviar de todos os modos.

Digo-vos tudo isso, as penas anteriores que suportei, mas também as alegrias, para que ninguém vá, por zelo importuno, fazer-nos sair daqui. Se os que querem vos prestar favor nos deixarem a liberdade de residir onde queremos e não determinarem ainda uma vez uma residência a sua escolha, recebei isto qual benefício. Mas, se fazendo-nos sair daqui, enviam-nos para outra residência (e novamente uma viagem, de novo um exílio), ser-me-ia muito mais penoso. Primeiro, receio que nos mandem para região mais longínqua ou mais árdua. Além disso, mais me custa viajar do que mil exílios. Realmente, a dificuldade deste deslocamento por terras estranhas levou-me às portas da morte. Estamos agora em Cucuso, recuperando as forças, continuamente sentados e tranqüilos, e aliviando, com este repouso, o cansaço há muito acumulado, cuidando dos ossos triturados, da carne sofrida.

A diaconisa Sabiniana, minha senhora, chegou aqui no mesmo dia que nós, alquebrada e esgotada de fadiga, porque está numa idade em que é penoso deslocar-se. É, contudo, de ânimo jovem e não se ressentido de coisa alguma. Declarou, de fato, estar pronta a ir até a Cítia, pois corria o boato de que devíamos ser transferidos para lá. Ela está disposta, conforme assegura, a não se apartar de nós de forma alguma, e sim a morar onde estivermos. Os membros da Igreja a acolheram com muita solicitude e benevolência. Igualmente meu Senhor Constâncio, presbítero muito piedoso, aqui se encontra há algum tempo. Havia-me escrito pedindo permissão de vir para cá, pois, sem meu assentimento, não ousava vir, embora muito o desejasse, porque, como afirma, não pode permanecer lá; de tal forma as tribulações o cercam, que ele se esconde e se oculta, segundo afirma. Peço-vos, portanto, não agir de outro modo quanto ao lugar. Se, porém, as investigações vos levarem a apreender o que pensam, nada deveis proferir de própria iniciativa, mas prudentemente buscai conhecer para onde se inclina a escolha deles; isso é possível. Se verificardes que é perto daqui, numa cidade à beira-mar, em Císico ou perto de Nicomédia, aceitai-o. Mas se for mais longe ou tão longe como aqui, recusai. Efetivamente, isso me seria bem pesado e muito espinhoso. Fruímos aqui até agora de grande repouso, a ponto de ter desaparecido em dois dias todo o mal-estar proveniente da viagem.

CARTA 7

1. Vamos! Quero curar-vos a chaga da tristeza e dissipar os pensamentos que ocasionam esta névoa. O que é que vos confunde a mente, entristece e perturba? Será porque a tempestade feroz e tenebrosa se desencadeou sobre as Igrejas e imergiu tudo em noite sem luar, aumentam cada dia amargos e dolorosos naufrágios e propaga-se a devastação universal? Eu o sei, também eu, e ninguém me dirá o contrário. Se quiserdes, posso esboçar a imagem dos acontecimentos a fim de vos tornar mais evidente a tragédia. Vemos um mar agitado de alto a baixo, cadáveres de marinheiros flutuando nas águas, ou submersos, pontes dos navios destruídas, velas rasgadas, mastros quebrados, remos caídos das mãos dos remadores, timoneiros sentados, não ao leme, mas na coberta do navio, mãos cruzadas sobre os joelhos e, impotentes diante dos acontecimentos, a gemer, a emitir gritos agudos e lamentos e a lastimar-se. Nem céu, nem mar, mas escuridão profunda, opaca e caliginosa, de tal forma que, se

alguém olhar para trás, não distinguiria nem os vizinhos; e o enorme rugir das ondas e os monstros marinhos que se jogam contra os passageiros de todos os lados. Até onde iremos atrás do inacessível? Onde quer que procure uma imagem dos males presentes, fogem-me as fracas expressões.

No entanto, ao refletir sobre tais males, não renuncio à mais firme esperança, pensando no comandante do universo que não acalma a tempestade pela perícia, mas acalma a procela com um sinal apenas. Não é, porém, desde o começo, nem imediatamente (pois não é costume seu eliminar os males desde o início), mas só depois que eles se difundiram e chegaram ao cúmulo e a maior parte dos homens perdeu a esperança, é que faz coisas espantosas, demonstrando seu próprio poder e exercendo a persistência dos que atacam.

Não desanimeis. Existe apenas, Olímpia, uma coisa terrível, uma só provação: o pecado. Não nos cansamos de cantar-lhe continuamente este estribilho. O restante não passa de mito, mesmo se forem conjurações, ódios, astúcias, traições, injúrias, acusações, confiscações, exílios, espadas afiadas, alto-mar, conflito com o universo inteiro. Quaisquer que forem, tais coisas são transitórias e perecíveis; atingem o corpo mortal, mas em nada prejudicam a alma vigilante. Por isso, no intuito de mostrar a vaidade dos bens e dos males da vida presente, Paulo resumiu tudo numa só palavra: “O que se vê é transitório”.⁵ Por que então temer as realidades caducas que correm como o fluxo de um rio? Tais são, efetivamente, os bens presentes, bons ou maus. Outro profeta comparou toda a felicidade humana, não ao feno, mas a outra matéria de menor valor, dizendo que é ela toda como a flor do feno. Não designa só uma parte dela, tal como a riqueza só, somente o luxo, o poder ou as honras, mas compara tudo o que aos homens parece brilhante, numa só palavra, a glória, à imagem do feno, dizendo: “Toda a sua graça é como a flor do feno”.⁶

2. Tempos difíceis são terríveis e espinhosos. Entretanto, olhai-os segundo outra imagem, e os desprezareis. Ao comparar as injúrias, os ultrajes, as críticas, as zombarias da parte dos inimigos, e as conjurações a um manto gasto e uma lã corroída, dizia o profeta: “Não temais a injúria dos homens; não fiqueis apavorados com os seus insultos. Com efeito, como um manto ficarão gastos e a traça os devorará como à lã”.⁷

Não vos perturbeis, pois, com os acontecimentos; cessando de apelar a este e àquele e de correr atrás de sombras (pois isto é o socorro humano), suplicai incessantemente a Jesus, a quem adorais, que faça apenas um sinal e tudo se resolverá num instante. Se, tendo suplicado, as coisas não se solucionarem, é porque assim Deus costuma agir: não é desde o início (repito a palavra já dita) que suprime os males, mas só quando atingem o ponto mais alto, quando aumentam e quase não resta mais escapatória à malignidade dos inimigos – então, reconduz tudo à calma total e leva as coisas a uma inesperada estabilidade. Pois ele pode conceder não somente quantos bens almejamos e esperamos, mas ainda muito mais e infinitamente maiores. Por esta razão, declara Paulo: “Ao que é poderoso para realizar por nós em tudo infinitamente além do que pedimos ou pensamos”.⁸ Não teria podido desde o começo impedir que os três jovens fossem submetidos àquela provação? Mas não o quis, acumulando assim os rendimentos em seu favor. Por isso, deixou que fossem entregues às mãos dos bárbaros, e a chama da fornalha se levantasse a indescritível altura; que a cólera do rei se inflamasse mais

furiosamente que a fogueira, e eles, de mãos e pés fortemente atados, fossem jogados ao fogo. Quando todos os espectadores desistiram de vê-los salvos, foi então que inteiramente a ação maravilhosa de Deus, este ótimo artífice, manifestou-se contra toda esperança e despendeu extraordinário brilho. Pois o fogo ficou aprisionado e os prisioneiros foram libertados. A fornalha se transformou num templo de oração, fonte, rocio, e fez-se mais respeitável que o palácio dos reis. Este elemento que tudo devora, que supera o ferro e as pedras, reduz toda matéria, venceram-no os cabelos, apesar de sua natureza. O coro harmonioso dos jovens santos lá se mantinha, a convidar todas as criaturas a este admirável canto. Eles louvavam, faziam subir hinos de ações de graças por terem sido aprisionados, queimados (se isso tivesse dependido dos inimigos), expulsos da pátria, feitos prisioneiros, privados da liberdade, sido banidos, sem teto, exilados para viverem em terra estrangeira e bárbara. Isto é peculiar a uma alma generosa.

E quando a maldade dos perseguidores realizou seus planos (que podiam tentar ainda senão matá-los?), a coragem dos atletas se consumara e a coroa fora tecida, as palmas foram obtidas e nada restara a desejar para sua honra; então os males desapareceram e aquele que acendeu o fogo e os entregou a tal suplício fez-se admirável louvador destes santos atletas e arauto da extraordinária ação de Deus. Envia a todos os pontos da terra mensagens cheias de elogios, narrando os fatos e torna-se o arauto fidedigno dos prodígios operados por Deus, que faz maravilhas. Ora, como se tratava de um antagonista e inimigo, o que escrevia não podia ser suspeito, mesmo aos adversários.

3. Vedes a perícia de Deus? Vedes a sabedoria? Vedes como é extraordinário? Vedes seu amor e providência relativa aos homens? Por conseguinte, não deveis vos agitar, perturbar, mas permanecer sempre em ações de graças a Deus, a louvar, glorificar, invocar, orar, suplicar; mesmo se mil tribulações, mil perturbações advierem, mesmo se irromperem tempestades diante de vossos olhos. Nada disso vos assuste. Pois, nosso Senhor não se deixa superar pela acrimônia dos acontecimentos, mesmo se tudo chegar à extrema ruína. É bastante poderoso para reerguer os caídos, reconduzir os desgarrados, esclarecer os scandalizados, converter e justificar os onerados por milhares de pecados, vivificar os mortos, refazer em melhor estado o que fora demolido e rejuvenescer o que havia envelhecido. Se ele, de fato, cria o que não era e beneficia com a existência o que absolutamente não existia em parte alguma, com maior razão há de restaurar o que é e foi criado.

Entretanto, muitos são os que pereceram, muitos os scandalizados? Muitos desses fatos já se realizaram inúmeras vezes, mas os eventos por fim tomaram a direção certa, exceto alguns homens que permaneceram incuráveis, mesmo após uma mudança de situação. Por que inquietar-se e transtornar-se, visto que um é lançado fora e outro acolhido? Cristo foi crucificado, e Barrabás, o salteador, beneficiava-se de um indulto, e o povo corrupto gritava que se libertasse antes o homicida que o Salvador e benfeitor. Quantos julgais que então se scandalizaram? Quantos se perderam naquela ocasião?

Convém, todavia, retomar o assunto anterior. Este crucificado não fora desde o nascimento exilado, prófugo, e mal saíra das faixas, não teve de fugir com toda a família para uma terra estrangeira, levado a tão longínquo exílio em região bárbara? Rios de sangue jorraram nesta ocasião, assassinatos injustos e matanças. A tenra infância toda, como em batalha e guerra, foi morta à espada. Crianças arrancadas

do peito materno eram entregues ao massacre e, enquanto tinham ainda a boca cheia de leite, era-lhes enterrado o gládio na garganta e no pescoço. O que pode haver de mais trágico? Eis o que fazia aquele que procurava matar o menino, e a longanimidade de Deus suportava tragédia tão atrevida, tanto sangue derramado e suportava quando ainda era possível impedi-lo, demonstrando tamanha longanimidade em sua inefável sabedoria. Ao regressar da região bárbara, já adulto, foi-lhe declarada guerra de todas as partes. Primeiro os discípulos de João enciumados o invejavam, embora o próprio João o respeitasse, e diziam: “Aquele que estava conosco do outro lado do Jordão está batizando e todos vão ter com ele”.⁹ São palavras de alguns que se sentiam incitados, animados de inveja e consumidos de paixão. Por isso, um dentre os discípulos que proferiram estas palavras disputava e discutia calorosamente com um judeu, a respeito da questão das purificações, e comparava um batismo a outro, o de João com o dos discípulos de Cristo, segundo narra o Evangelho: “Originou-se uma discussão entre os discípulos de João e um certo judeu a respeito da purificação”.¹⁰

Quantas calúnias no início dos milagres de Jesus? Uns chamavam-no de samaritano e possesso, dizendo: “É samaritano e tem um demônio”.¹¹ Outros declaravam-no sedutor, que ele não era de Deus, mas enganava o povo.¹² Outros o chamavam de mágico, nesses termos: “É pelo príncipe dos demônios, Belzebu, que ele expulsa os demônios”.¹³ E sem cessar repetiam essas coisas. Denominavam-no inimigo de Deus, glutão, voraz, beberrão, amigo dos maus, dos corrompidos.

Afirma o evangelista: “Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizeis: ‘Eis aí um glutão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores’”.¹⁴ E quando falava com a cortesã, eles o chamavam de falso profeta: “Se esse homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que fala com ele”.¹⁵ Cada dia eles rangiam os dentes contra ele. Não somente os judeus o combatiam assim, como também aqueles que se passavam por seus irmãos não estavam bem-dispostos para com ele, e até dentre os próximos havia quem lhe fizesse guerra declarada. Vede como também eles estavam corrompidos, uma vez que acrescenta o evangelista: “Pois nem mesmo os seus irmãos acreditavam nele”.¹⁶

4. Visto que relembrais o grande número dos scandalizados e desgarrados, quantos julgais terem sido os discípulos scandalizados por causa da cruz? Um o traiu, os outros fugiram, outro o renegou e, enquanto todos se afastavam, sozinho foi levado prisioneiro. Quantos houve entre os que antes viram-no operar milagres, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, expulsar os demônios, multiplicar os pães, praticar outros prodígios, que se scandalizaram naquela ocasião, vendo-o só, em cadeias, arrastado, cercado de vis soldados, seguido pelos sacerdotes judeus com grande ruído e tumulto, ameaçado por todos os seus inimigos que o detinham sozinho no meio deles e na presença do traidor, a se vangloriar nesta ocasião? E depois, ao ser flagelado? Provavelmente ali se achava uma turba incontável. Pois tratava-se de importante solenidade que congregava a todos e era a metrópole que acolhia o drama da injustiça e em pleno meio-dia.

Quantos dos presentes talvez se scandalizaram ao vê-lo em cadeias, chicoteado, esvaindo-se em sangue, citado no tribunal do governador, enquanto se ausentaram todos os discípulos? E quando variadas e incessantes cenas de zombaria se sucediam em torno dele? Ora eles o coroavam de

espinhos, ora envolviam-no numa clâmide, ora punham-lhe nas mãos uma cana, ora caíam por terra e prostravam-se diante dele, utilizando toda espécie de irrisão e motejo. Quantos, vos parece, se escandalizaram, quantos tumultuavam, quando eles se agitavam, batiam-lhe no rosto, dizendo: “Faze-nos uma profecia, Messias. Quem é que te bateu?”.¹⁷ Quando o faziam ir e vir e passavam o dia todo em escárnios, insultos, injúrias, risos, enquanto os judeus assistiam ao espetáculo? E quando o esbofeteou o servo do Sumo Sacerdote? E quando os soldados partilharam entre si as suas vestes? Quando foi estendido despido na cruz, tendo nas costas as marcas do flagelo e era crucificado? Nem mesmo então essas feras selvagens amansaram; ao contrário, tornaram-se mais furiosas, intensificava-se a tragédia, aumentavam os sarcasmos.

Uns, de fato, diziam: “Tu, que destróis o templo e em três dias o edificas...”. Alguns afirmavam: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar”. Outros, porém, diziam: “Se és Filho de Deus, desce agora da cruz e creremos em ti”.¹⁸ E quando, oferecendo-lhe para beber fel e vinagre numa esponja, insultavam-no? E quando os ladrões o injuriavam? E conforme disse mais acima, o cúmulo da injustiça, que faz estremecer, quando esse ladrão e salteador, culpado de mil crimes, foi considerado mais digno de indulto e, em oposição à opinião do juiz, foi preferido Barrabás, numa tentativa não apenas de crucificar o Cristo, mas ainda de infligir-lhe uma reputação infamante? Julgavam que assim podiam provar que ele era pior que um ladrão e de tal forma fora da lei que não podia ser salvo nem por concessão humana, nem em consideração da festa. Faziam tudo isso para arruinar a estima de que gozava. Por isso, crucificaram-no entre dois ladrões. Mas a verdade não estava velada; ao contrário, despendia maior fulgor. Eles o acusavam de ambicionar o poder, nesses termos: “Todo aquele que se faz rei opõe-se a César!”.¹⁹ Àquele que não tinha onde reclinar a cabeça,²⁰ acusavam de ambição do poder. Acusavam-no de blasfêmia. O Sumo Sacerdote rasgou as vestes, dizendo: “Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas?”.²¹

E sua morte? Como aconteceu? Não foi violenta? Não foi a dos condenados? Dos malditos? Não foi a mais vergonhosa? Não foi a dos piores transgressores da Lei e dos indignos de expirar sobre a terra? Seu sepultamento não se assemelha inteiramente a uma obra de caridade? Veio alguém, pediu seu corpo. Quem o sepultou não era do número dos parentes, nem dos beneficiários, nem dos discípulos, nem dos que usufruíram de sua intimidade e de sua salvação. Todos eles fugiram, todos o abandonaram. A quantos não escandalizou, para quantos não serviu de tropeço na ocasião a notícia falsa que forjaram a respeito da ressurreição, nesses termos: “Seus discípulos vieram e o roubaram”?²² E essa declaração então prevaleceu, embora tramada e comprada por dinheiro. No entanto, prevaleceu entre alguns, apesar dos selos, apesar de ser tão manifesta a verdade. A multidão nada sabia sobre a ressurreição, nem os próprios discípulos nela acreditavam. “Pois ainda não haviam compreendido”, diz o evangelista, “que ele devia ressuscitar dos mortos”.²³ Quantos, em vossa opinião, naqueles dias ficaram escandalizados. Deus, porém, cheio de paciência, o tolerava, governando tudo com peculiar e inefável sabedoria.

5. E depois daqueles dias, novamente os discípulos escondidos, ocultos, fugitivos, temerosos,

trêmulos, passavam sem cessar de um lugar a outro, e assim se escondiam; após cinquenta dias começam a mostrar-se e a fazer prodígios, inseguros, no entanto. Em seguida, mil escândalos surgiam para os fracos, quando se viam os torturados, a Igreja atribulada, eles mesmos expulsos, os inimigos poderosos e turbulentos em toda parte. Após terem adquirido, por seus prodígios, liberdade de falar, então a morte de Estêvão desencadeou terrível perseguição, que os dispersou a todos, lançou a Igreja na agitação e para os discípulos de novo o temor, de novo a fuga, de novo a angústia.

Então, de modo geral, a Igreja prosperou, pois florescia no meio de prodígios, esplêndida desde os primórdios. Um dos discípulos desceu através de uma janela na muralha e assim escapou das mãos do etnarca.²⁴ A outros, um anjo tirou da prisão, e assim libertou-os das cadeias.²⁵ A outros, acolhiam-nos negociantes e artífices, enquanto eram perseguidos pelos detentores do poder. Em tudo bem tratados por mercadoras de púrpura,²⁶ fabricantes de tendas,²⁷ curtidores,²⁸ habitantes das periferias das cidades, junto da praia e do mar. Muitas vezes eles próprios não ousavam aparecer no meio das cidades ou, se o ousavam, os hospedeiros não ousavam.

Era assim que se urdia a trama, entre provações e não entre consolações; os que pouco antes haviam se escandalizado voltavam em seguida ao reto caminho, os desgarrados eram reconduzidos, e o que fora arruinado era reconstruído melhor. Desse modo, ao suplicar Paulo que o anúncio fosse realizado somente no meio de consolações, Deus, infinitamente sábio e engenhoso, não atendeu ao discípulo, e não o escutou apesar das preces insistentes, mas garantiu-lhe: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a minha força se manifesta”.²⁹ Se quereis agora distinguir entre acontecimentos felizes e infelizes, vereis que muitos, embora não fossem milagres e prodígios, assemelhavam-se bastante a milagres, constituíam provas e demonstrações inefáveis da providência e da proteção de Deus. Mas, a fim de não receberdes nossas explicações sem esforço, imponho-vos a tarefa de recolher tudo cuidadosamente e estabelecer uma comparação com os vossos infortúnios, a fim de que, entregando-vos a esta ótima ocupação, aparteis a tristeza. Daí, de fato, haveis de retirar muito consolo. Transmitem muitas recomendações a toda a vossa abençoada casa. Permanecei forte e animosa, minha veneranda senhora, de Deus muito amada. Se quiserdes me escrever longamente, declarai, contudo, sem me enganar, que eliminastes toda tristeza e estais tranqüila. Se minhas cartas forem um remédio que vos causem muita alegria, ver-me-eis escrever com mais freqüência. Não me declareis mais uma vez: “Trazem-me grande consolo suas cartas”. Isso eu sei; mas assegurai-me que o consolo é tão grande quanto eu desejo, que não estais consternada, que não chorais e estais, ao contrário, sossegada e alegre.

CARTA 8

1. A carta a vós endereçada recentemente seria suficiente para reprimir o ardor da aflição, mas como a tirania do desalento vos abateu profundamente, julguei necessário acrescentar outra à precedente, a fim de colherdes abundante conforto e, em consequência, consolide-se a vossa saúde.

Vamos. Quero retirar, de outra forma, a poeira de vossa tristeza, porque penso que ela se origina de uma ferida e de edemas dolorosos. O mais seguro é cuidar de si, porque, se não se retira a poeira com esmero, ela prejudica o mais precioso dos órgãos, altera a limpidez da pupila e perturba

completamente a vista do negligente. No intuito de evitar que isso aconteça, eliminemos com solicitude os resquícios do mal. Vamos! Erguei-vos! E estendei-nos a mão. Costuma acontecer no caso dos que sofrem fisicamente que, apesar do tratamento dos médicos, se falta a colaboração dos doentes, o resultado da terapia fica comprometido; o mesmo sucede naturalmente em relação à alma.

Para evitar tal coisa, cuidai de colaborar conosco, com oportuna inteligência, de sorte que haja bastante esforço de ambos os lados. Eu quero, direis talvez, mas não posso. Não consigo dissipar a névoa espessa e sombria da tristeza, por mais que me esforce. É desculpa, pretexto! Porque conheço bem em vós a nobreza dos pensamentos, o vigor da piedade de vossa alma. Estou ciente da acuidade de vossa inteligência, da intensidade de vossa sabedoria e como vos basta somente ordenar ao mar encapelado da tristeza e tudo se acalma.

Mas para que tal se realize mais facilmente, devemos também colaborar. Como, pois, podereis atingir facilmente este fim? Meditando tudo o que continha a carta precedente (onde dissemos muitas coisas sobre o assunto) e agindo também de acordo com o que aconselho agora. O que seria, então? Ao ouvirdes dizer que das Igrejas, uma soçobrou, outra está abalada, outra abatida por ondas terríveis, que esta ou aquela sofreu danos irreparáveis, uma recebeu um lobo por pastor, outra um pirata por timoneiro, outra um algoz por médico; deveis sofrer, concordo (pois não devemos suportar impassíveis tais infelicidades), mas sofrer com moderado pesar.

Com efeito, se nos pontos em que nós mesmos falhamos, e dos quais temos de prestar contas, não é necessário, nem seguro, mas inteiramente nefasto e prejudicial sofrer em demasia, com maior razão, ao se tratar de faltas dos outros, é exagero e inútil ficar abatido e alquebrado; além do mais é obra de satanás e fatal para a alma.

2. A fim de vos certificardes de que é bem assim, vou narrar-lhe uma história antiga. Havia um coríntio que tinha recebido o benefício das águas sagradas e fora purificado pela iniciação batismal, participara da mesa tremenda e entrara em comunhão completa com todos os nossos mistérios (muitos dizem mesmo que tinha o múnus de didáscalos). Após esta santa iniciação, e depois de admitido nos primeiros lugares na Igreja, cometeu gravíssimo pecado. Olhando a mulher de seu pai com olhos culpados, não se deteve nesse mau desejo, mas pôs em ação este pensamento perverso. O que ele ousava, não era apenas luxúria, era um adultério e mesmo um pecado mais horrível que um adultério.

Por isso, são Paulo, tendo conhecimento do fato e sem palavras para qualificar o pecado de acordo com sua gravidade, mostra de outra forma a enormidade da transgressão, nesses termos: “É geral ouvir-se dizer que entre vós existe luxúria e luxúria tal que não se nomeia nem mesmo entre os pagãos”.³⁰ Ele não diz: “não se ousa cometer”, mas: “não se nomeia”, querendo mostrar quanto este pecado ultrapassa todos os limites. Entrega o pecador ao demônio, excomunga-o da Igreja inteira e proíbe que alguém partilhe com ele a mesa comum. Com efeito, declara que não se deve nem mesmo comer com tal homem e, indignado, exige para ele o castigo extremo, empregando Satanás como verdugo que dilacere a carne do culpado.

Porém Paulo, que o separou da Igreja, que a ninguém permitiu admiti-lo à mesa comum, a todos ordenou luto por causa dele. “E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na

tristeza, a fim de que o autor deste mal fosse eliminado do meio de vós?”.³¹ Paulo, que o expulsou de toda parte como uma peste, impediu-lhe o acesso a toda casa, entregou-o a Satanás, exigiu para ele tal castigo, ao vê-lo aflito e arrependido de seus pecados e retratando-se por seus atos, mudou de tal forma de atitude que ordenou o contrário àqueles aos quais havia prescrito tal conduta. Ele que dizia: “Eliminai, afastai-vos, enlutai-vos, que o diabo se aposses dele”, o que diz agora? Dai provas de amor para com ele, afim de que não seja absorvido por tristeza excessiva, e “não sejamos iludidos por Satanás. Pois não ignoramos as intenções dele”.³² Vedes como afligir-se desmedidamente é obra e cilada do demônio, que transformou um desmesurado remédio salutar em veneno deletério?

De fato, é pernicioso e entrega o homem ao diabo cair na falta de medida. Por esse motivo são Paulo dizia: “Não sejamos iludidos por Satanás”. Ele quer dizer o seguinte: a ovelha ficou toda manchada, desgarrou-se, separou-se da Igreja, mas curou-se, voltou a ser novamente a ovelha que era outrora. Tal é a força do arrependimento. De agora em diante pertence ao rebanho. Devemos atraí-la completamente, acolhê-la de braços abertos, cercá-la, envolvê-la, uni-la a nós. Se, com efeito, não o fizermos, o diabo se avantajará, tomando a ovelha que não era sua, mas nossa, devido à negligência de nossa parte, jogando-a ao mar pelo excesso de tristeza e fazendo-a sua para sempre. Por esse motivo Paulo acrescenta: “Pois não ignoramos as intenções dele”. Na realidade, muitas vezes é relativamente a questões úteis, porém tratadas de forma inadequada, que ele costuma fazer com que os negligentes tropecem.

3. Paulo, portanto, não deixa que o pecador se entregue ao remorso por uma falta que cometeu, e falta tamanha. Se ele age com rapidez, apressa-se, tudo faz e utiliza todos os meios para diminuir o fardo da tristeza, afirmando que a falta de medida é satânica, é vitória da malícia do diabo, efeito de seus planos perversos, não seria extrema tolice e loucura atormentar-se e sofrer a ponto de trevas indescritíveis invadirem a mente, com grande inquietação, confusão, agitação e perturbação indizíveis em relação a faltas que outros cometeram e das quais hão de prestar contas? Se me replicardes ainda: “Eu quero, mas não posso”, repetirei eu também: Excusa e pretexto. No entanto, conheço a fibra que tendes na alma, amiga da sabedoria. Doutro lado, para tornar mais fácil a oposição e a vitória contra esse desânimo importuno e prejudicial, observai ainda uma vez o que vos prescrevo.

Ao ouvirdes referências a essa ruína geral, logo afugentai esses pensamentos, acorrei à meditação daquele Dia terrível e refleti sobre o tribunal de arrepiar, o juiz que não se deixa corromper, os rios de fogo, que saem daquele tribunal e ruidosamente crepitam em chama veemente, as espadas desembainhadas, os suplícios rigorosos, o castigo sem fim, a escuridão sem um raio de luz, as trevas exteriores, o verme que inacula veneno, as cadeias inquebrantáveis, o ranger dos dentes, o gemido inconsolável, a visão espetacular da criação inteira, ou melhor, dos dois mundos criados, o superior e o inferior. “Os poderes dos céus serão abalados”.³³ De fato, embora em nada eles se sintam culpados nem devam prestar contas, no entanto, ao assistirem ao julgamento do gênero humano inteiro e de povos incontáveis ficarão temerosos, tamanho será o pavor! Meditai sobre essas coisas e acerca das acusações irrefutáveis.

Na verdade, esse juiz não precisa de acusadores, nem de testemunhas, nem de demonstrações, nem

de comprovantes, mas revela todas as ações como foram praticadas e diante dos olhos dos pecadores. Então ninguém estará ao nosso lado nem nos livrará do castigo. Nem pai, nem filho, nem filha, nem mãe, nem outro parente qualquer, nem vizinho, nem amigo, nem advogado, nem donativo em dinheiro, nem superabundante fortuna, nem poder imenso: tudo isso será sacudido como pó. O réu, em vista da sentença que o absolve ou condena, conta apenas com seus atos. Ninguém é então julgado por ações alheias, e sim de acordo com o que ele mesmo praticou.

Com esse conjunto de reflexões, reavivado o temor e contraposto este último ao pesar satânico e pernicioso para a alma, conservai-vos firme nesta batalha. Mal apareça, podereis fazer com que suma e desvaneça e com maior facilidade do que uma teia de aranha. Esse pesar, aliás, além de vão e exagerado, é assaz nocivo e prejudicial, enquanto o temor a que me refiro é necessário, útil, profícuo e muito proveitoso. Mas passou-me despercebido que me deixara levar pela impetuosidade da alocução, dando conselhos inoportunos. A meu ver, é a mim e àqueles que estão mergulhados na multidão de suas faltas que esta exortação é necessária, porque assusta e reanima; a vós, porém, ornada de tais boas obras e que já atingis a abóbada dos céus, de forma alguma pode abalar. Por isso, vou mudar de tom ao vos falar e preludiar noutra corda, pois este temor não vos cabe, exceto na medida em que atinge os anjos. Mudemos, pois, as expressões e, vamos, mudai também vós e comparai as recompensas devidas a vossas boas ações com os prêmios magníficos, as coroas esplêndidas, o coro das virgens, os palácios sagrados, a câmara nupcial dos céus, a companhia dos anjos, a familiaridade e a intimidade com o esposo, e aquela maravilhosa procissão de archotes, bens superiores à palavra e ao pensamento.

4. Não me interrompais se vos coloquei no coro das virgens sagradas, a vós que viveis na viuvez. Muitas vezes ouvistes-me expor, tanto em particular como em público, a definição da virgindade, e que não se poderia impedir-vos de ser alistada naquele coro; bem mais, que as superais em muito, tendo em outros pontos demonstrado tão grande sabedoria. É por isso que Paulo, ao definir a virgindade, não denomina *virgem* a que não contraiu matrimônio e absteve-se da união conjugal, mas a que cuida das coisas do Senhor. O próprio Cristo, tendo mostrado quanto é superior à virgindade a liberalidade – cujo cetro possuis, cuja coroa cingistes outrora – excluiu deste coro a metade das virgens porque vieram dela desprovidas, ou melhor, não a possuíam profusamente; tinham óleo, na verdade, mas não em boa quantidade. Os recém-chegados sem a virgindade, mas que se achavam inteiramente envolvidos pela caridade, foram acolhidos com muita honra por ele, que os chamou de “benditos de meu Pai”, convidando-os para junto de si, concedendo-lhes a herança do reino e proclamando seu mérito pela terra toda; não hesitou denominá-los nutrícios e hospedeiros seus, na presença dos anjos e da criação inteira.

Ouvireis também essa palavra feliz, gozareis da farta recompensa que vos será concedida. Considerando que só a posse da magnanimidade alcança tais recompensas, tais coroas, tamanho resplendor, tal manifestação e glória, se eu percorresse convosco todos os outros domínios da virtude, que desculpa teríeis de vos atormentar, porque alguém se entregou a atos de loucura, um outro se lançou do alto dos precipícios, abrindo em vossa alma acesso fácil ao diabo que não cessastes de estraçalhar até hoje, em vez de estar daqui por diante em festa, saltar de alegria, dançar, coroar-vos? O

que direi de vossa paciência tão variegada, de tantos aspectos, múltiplas formas? Que discurso bastará para tanto, que extensão dar à narração para enumerar vossos sofrimentos desde a primeira idade até agora, as oriundas dos familiares, as ocasionadas por estranhos, as provenientes dos amigos, dos inimigos, dos consangüíneos, dos que não tinham afinidade alguma convosco, dos poderosos, do vulgo, dos magistrados, dos particulares, dos clérigos? A descrição de cada uma dessas provações, se traçada com pormenores, bastaria para uma história completa.

Se alguém quiser atender a outros aspectos desta virtude e contar, não os sofrimentos causados pelos outros, mas os que vos infligistes, onde se encontrar pedra, ferro, aço que não tivésseis superado em resistência? Pois, dotada de um corpo tenro e delicado, nutrido em toda espécie de bem-estar, de tal forma o cercastes de diversos sofrimentos, que não é mais do que um cadáver, e contraístes tal enxame de doenças que desafia a perícia dos médicos, a eficácia dos remédios, os tratamentos de toda sorte, e viveis com dores contínuas.

5. De quantas palavras necessitaria quem quisesse narrar vossa firmeza, a temperança relativamente à mesa, ao sono? Mas, nem se pode falar a vosso respeito de temperança, de firmeza; seria necessário procurar outra expressão, muito melhor, para essas virtudes. Pois dizemos que é temperante e firme quem é atormentado por uma paixão e a domina. Vós, porém, nada mais tendes a vencer. Desde o começo vos levantastes com grande ardor contra a carne, extinguistes suas concupiscências; não freastes o cavalo, mas o entravastes, o jogastes por terra e o imobilizastes.

Após ter outrora atingido o domínio de si, agora se trata de impassibilidade. O desejo do bem-estar não vos atormenta mais e não tendes dificuldade em superá-lo. Com efeito, de uma vez o eliminastes e tornastes a carne inacessível a este desejo, e acostumastes o estômago a se contentar, quanto à comida e à bebida, com o suficiente para não morrer nem merecer castigo. Por isso, não denomino a isto sobriedade, ou temperança: trata-se de algo maior.

Coisa semelhante se verifica em relação a vossas santas vigílias. O desejo de dormir foi extinto simultaneamente com o outro. Pois comida excessiva alimenta o sono. Vós o cancelastes de outra forma, tendo desde o começo coagido a natureza e passando insone noites inteiras. Mais tarde, o longo hábito tornou-se segunda natureza. Da mesma forma que dormir é para os demais conforme a natureza, para vós a vigília é natural. Essas coisas são maravilhosas e causam espanto, consideradas em si mesmas. Se, porém, forem examinadas as circunstâncias em que tal ascese foi praticada desde a mais tenra infância: sem mestre algum, com uma turba escandalizada e além disso a passagem espiritual dum ambiente ímpio para a verdade, e com um corpo feminino, aliás delicado, por causa da alta posição e do luxo dos pais, que oceano de maravilhas as quais se nos revelam sucessivamente? Omitirei, portanto, o restante, a humildade e a caridade, as demais virtudes de vossa alma santa. Com efeito, mal me refiro as que relembrei e citei, brotam-me mil fontes da mente, que me obriga a descrever, como os da primeira, os aspectos das outras virtudes, embora parcialmente, ou antes nos traços essenciais; do contrário me induziria a um discurso sem fim. Mas não me afastarei do assunto que me propus levar a termo, deixando-me arrastar a um mar infundo. Se não me tivesse empenhado agora em arrancar até à raiz a tristeza de vossa alma, ser-me-ia grato deter-me neste assunto e navegaria num mar sem limites, ou antes nesses mares, percorrendo de cada uma de vossas virtudes as

múltiplas esteiras, que desembocam de novo noutro mar: a paciência, a humildade, sob suas múltiplas formas a esmola, espalhada até os limites da terra, a caridade que superou em ardor mil fornalhas, a inteligência infinda e cheia de dons, além dos limites da natureza. Enumerar as boas ações que daí resultaram seria tentativa de contar as ondas do mar.

6. Percorrendo superficialmente esses mares ilimitados, experimentarei mostrar o leão pelas garras, tendo escolhido apenas alguns pormenores sobre o porte que mantendes, as vestes simples e sem requinte que usais. Tal atitude parece menos importante que outras disposições, mas se cuidadosamente examinada, revelar-se-á grande, peculiar à alma amiga da sabedoria, que calçou aos pés todos os bens terrenos e voa em direção ao próprio céu.

Por esta razão, não foi somente no Novo Testamento, mas também no Antigo – no qual, por meio de sombras e figuras, Deus conduzia o gênero humano e governava de modo mais material as realidades da cidade terrena, e ainda nada se dizia dos bens celestes, não se rememorava a vida futura, não se transmitiam os problemas da atual filosofia, mas eram promulgadas as leis hebraicas, de forma um tanto áspera e carnal, proibindo expressamente vestes luxuosas – que Deus assim fala pelo profeta: “Eis o que diz o Senhor sobre as grandes filhas de Sião: Visto que as filhas de Sião estão emproadas e andam de cabeça erguida, fazendo acenos com os olhos, e caminham com passo afetado, fazendo tilintar as argolas dos pés, o Senhor humilhará as grandes filhas de Sião, desmascarará o porte imponente, suprimirá o luxo de suas roupas. Em lugar de perfume haverá cinza, em lugar de cinto, uma corda, em lugar de ornamento da cabeça, serás afligida de calvície por causa de teus trabalhos, em lugar de uma túnica realçada de ouro, viverás com um saco”.³⁴ Tudo isso em vez de ornamento. Vedes a cólera difícil de se exprimir? Vedes o castigo e a pena rigorosa? Vedes o duro cativo? Daí deduzi a gravidade da falta. Pois aquele que ama os homens jamais teria infligido castigo tão severo se o pecado que o acarretou não tivesse sido maior ainda. Mas, se o pecado é tão grande, claro está que a virtude oposta é enorme. Por isso Paulo, ao se dirigir às mulheres que vivem no mundo, não somente lhes proíbe o ouro, mas nem mesmo lhes permite recobrirem-se de vestes suntuosas. Ele sabe muito bem que se trata de molesta doença da alma, difícil de curar, a maior prova duma inteligência corrompida, carente de um espírito repleto de sabedoria; manifesta-se não apenas nas mulheres que vivem no mundo, que têm relações com homens – nenhuma delas suportaria facilmente tal exortação –, mas mesmo naquelas que parecem praticar a sabedoria e que participam do coro da virgindade.

Muitas, com efeito, havendo se despojado para lutar contra a tirania da natureza, levam até o fim, com pureza, o curso da virgindade; imitam assim a vida dos anjos, mostram num corpo mortal as primícias da ressurreição – pois neste século, diz o evangelho, “nem eles se casam, nem elas se dão em casamento”³⁵ –, travam combate contra as potências incorpóreas, rivalizam com a incorruptibilidade num corpo sujeito à corrupção, e o que muitos nem ouvir suportam, obtêm em atos a perfeição, apartam-se da concupiscência, como de um cão raivoso a latir incessantemente, comandam o mar encapelado, navegam calmamente sobre os vagalhões, com o mar veementemente agitado gozam de vento favorável, mantêm-se na fornalha da concupiscência carnal sem se queimarem; mas, enquanto pisam como se fosse lama sobre esses carvões ardentes, deixam-se prender

vergonhosa e lamentavelmente por tal paixão, e apesar de serem capazes de tão grandes coisas, por esta são vencidas!

7. A virgindade é tão grandiosa e exige tamanho esforço que Cristo, vindo do céu para que os homens se tornassem anjos e na terra se implantasse esta forma de vida superior, não ousou, contudo, impô-la, nem elevá-la à categoria de lei; no entanto, relativamente à morte, promulgou uma lei. É possível haver algo de mais pesado? E ordenou carregar continuamente a própria cruz e fazer bem aos inimigos; não mandou, contudo, permanecer virgem. Deixou-a à opção dos ouvintes, nesses termos: “Quem tiver capacidade para compreender, compreenda!”.³⁶ De fato, é grande a importância da questão, a dificuldade destas lutas, o suor nos combates; e o terreno desta virtude é assaz escarpado.

Revelam-no aqueles que no Antigo Testamento realizaram muito boas ações. Moisés, o grande homem, o chefe dos profetas, o genuíno amigo de Deus, que gozava de tal confiança, que arrebatou seiscentos mil homens ao castigo sentenciado pelo próprio Deus, este homem tão grande e tão poderoso, ordenou ao mar, dividiu as ondas, quebrou os rochedos, alterou a atmosfera, converteu a água do Nilo em sangue, assaltou o Faraó com um exército de rãs e gafanhotos, transformou a criação inteira, realizou mil outros prodígios e muitos atos de virtude. De fato, ilustrou-se em ambos os domínios. Entretanto, não teve a força de enfrentar esses combates, mas precisou do casamento e da companhia de uma mulher e da segurança que daí retirava, e não ousou lançar-se no oceano da virgindade, receoso de seus vagalhões.

E o patriarca, o sacerdote que imolou o filho, teve a força de vencer a paixão mais tirânica da natureza e foi capaz de sacrificar o filho Isaac, ainda na flor da idade, no viço da juventude, o unigênito, o filho genuíno, que lhe fora dado contra toda esperança, e quando nele se apoiava na avançada velhice, e que era dotado de muita virtude; teve a coragem de conduzi-lo à montanha a fim de praticar tal ato, construiu um altar, ajuntou madeira, sobre ele colocou a vítima, pegou um punhal e enterrou a lâmina na garganta do filho. Sim, ele a enterrou e fez jorrar o sangue, este homem de aço, ou melhor, mais resistente que o aço. Na verdade, o aço possui resistência por natureza; ele, porém, foi por sábio propósito que imitou a resistência natural do aço e manifestou em ações a impassibilidade dos anjos. Todavia, quem teve a força de levar até o fim uma luta tão grande e importante, além dos limites da natureza, não ousou empenhar-se nos combates da virgindade, mas teve temor da luta e procurou o reconforto do casamento.

8. Além do supramencionado, quereis que acrescente ainda Jó, justo, verídico, temente a Deus, apartado de todo mal? Este Jó ofuscou a vista do demônio; ferido sem ferir, Jó esvaziou completamente a aljava dele, foi alvo incessante das flechas, suportou qualquer espécie de tentações, todas elas extremamente violentas. Na vida é causa de sofrimento, e efetivamente o é, sobretudo a pobreza, a doença, a perda dos filhos, a hostilidade dos inimigos, a incompreensão dos amigos, a fome, as dores corporais contínuas, os ultrajes, as calúnias e a má reputação. Todos esses males se propagaram num só e mesmo corpo e foram infligidos a uma só alma. O mais penoso é que se abateram sobre alguém que estava desprevenido. Quero dizer o seguinte: quem teve pais pobres, foi criado num casebre, foi treinado e exercitado, há de suportar facilmente o fardo da pobreza; pelo

contrário, quem está cumulado de bens e orgulha-se da riqueza, se cai em situação inteiramente oposta, não aceita de bom grado a mudança. Inexperiente, parece-lhe mais dura a tribulação que se abate totalmente contra ele. Ainda, um homem obscuro, nascido de pais obscuros, continuamente menosprezado, se injuriado ou ultrajado não se altera demais. Quem goza, porém, de boa fama, é em geral bem escoltado, objeto de comentário de todos, por toda parte publicamente elogiado, se cair em menosprezo e vulgaridade, há de sofrer tanto como um rico que se tornasse completamente pobre. Igualmente quem perdeu filhos, mesmo se forem todos, contanto que não seja de uma só vez, restam-lhe os outros para consolá-lo acerca dos que partiram e, passado o luto pela morte dos primeiros, se sobrevém a morte de um outro, essa dor é para ele mais suportável, pois não se ajunta a uma ferida recente, e sim já cicatrizada e fechada, o que não pouco diminui a dor. Jó, porém, viu o coro inteiro dos filhos serem-lhe arrebatados numa só ocasião e pelo mais doloroso gênero de morte. Essa morte, na realidade, era violenta e prematura, e tempo e lugar não pouco acresciam o luto. Era a hora da refeição, numa casa aberta aos hóspedes e essa casa se lhes transformava em sepultura.

Quem poderia ainda descrever a estranha, inexprimível fome de Jó? Voluntária ou involuntária? Não sei, na verdade, como chamá-la, pois não encontro nome para qualificar esta forma espantosa de infortúnio. Com efeito, ele saía da mesa para ele preparada, sem tocar nos alimentos que via. De fato, o mau odor das feridas que lhe recobriam o corpo tirava-lhe o apetite, e a própria mesa incutia-lhe nojo. Assim ele se exprimia: “Considero meus alimentos como uma podridão”.³⁷ A intensidade da fome forçava-o a tocar o que estava diante dele, mas o demasiado mau odor que exalava do corpo ultrapassava o estímulo da fome. Foi por isso que eu disse: não sei como chamá-la. Voluntária? Mas ele queria provar o que estava diante de si! Involuntária? Os alimentos ali estavam e ninguém lhes proibia. Como descrever o seu sofrimento, o pulular dos vermes, o pus que porejava, as injúrias dos amigos, o desprezo dos servos: “Ficam à distância, atrevem-se a cuspir-me no rosto”.³⁸ Quais eram os que intervinham, os que se lançavam contra ele? “Aqueles que eu não teria julgado dignos de estar entre os cães de meus rebanhos, estes se lançaram contra mim, e os últimos dos homens me censuram”.³⁹ Não vos parecem dolorosas todas estas coisas? Certamente.

Direi o principal de seus males, o coroamento de seu infortúnio que mais o angustiava? Era sobretudo a tempestuosa agitação dos pensamentos. Sufocava-o, era-lhe intolerável e a consciência pura provocava-lhe o turbilhão interior, obscurecia-lhe o espírito e conturbava o timoneiro. Se sofrem terrivelmente os que estão conscientes de terem muitos pecados, encontram a razão dos acontecimentos, refletindo sobre as próprias faltas, e assim suprimem a inquietação resultante da incerteza. Ao contrário, aos que, ornados de virtudes, nada lhes pesa na consciência, ao passarem por tal sofrimento, se conhecem a doutrina da ressurreição e refletem nas devidas recompensas, sabem que esses eventos são combates e contêm promessas de mil coroas.

Jó, que era justo e nada conhecia sobre a ressurreição, era sobremaneira sacudido pelas ondas, por não saber a causa do que padecia, e por esta incerteza era muito mais aguilhoado do que pelos vermes e os sofrimentos. E para conhecerdes que assim sucedeu, tendo Deus, que ama os homens, julgado conveniente declarar-lhe a razão de suas lutas: “A fim de que se manifeste que és justo, essas tribulações lhe advieram em grande quantidade”, ele respirou como se nada houvesse padecido e

comprovou-o pelas palavras que proferiu. Antes de conhecer o motivo, ele sofria; suportava, porém, nobremente e depois de ter tudo perdido, pronunciou esta palavra admirável: “O Senhor deu, o Senhor tirou. Conforme foi do agrado do Senhor, assim se fez. Bendito seja o nome do Senhor pelos séculos”.⁴⁰

9. Talvez tenha ido muito além do que me propusera, induzido pelo amor que a ele dedico. Depois de ter acrescentado poucas palavras, voltarei ao assunto. Este homem tão grande e poderoso, que calcou aos pés as exigências da natureza, não ousou empenhar-se no mencionado combate, mas teve uma esposa e tornou-se pai de numerosos filhos. Tais as dificuldades da virgindade, tão elevados e grandes os seus combates, penosos os suores que acarretam continuado esforço. E no entanto, muitas daquelas que se tinham despojado para combater, não triunfaram desta paixão: a requintada vaidade no modo de se vestir; foram iludidas, subjugadas mais que as mulheres de vida mundana. Não me digas que não usam mais objetos de ouro, que não se revestem com mantos de seda tecidos de ouro, não têm colares incrustados de pedras preciosas. Muito mais grave que tudo e que assaz revela o achaque e a tirania da paixão: esforçaram-se, rivalizaram entre si, fizeram-se violência para ultrapassar por meio de vestes simples o luxo das que usam ouro e vestes de seda, de forma a aparecerem assim mais amáveis do que elas, entregando-se a uma questão indiferente, em sua opinião; mas, como a natureza da ocupação o prova, é perniciosa, prejudicial e abissal.

Por isso, com mil vozes devo proclamar nesta questão que aquilo que constitui rude combate para as virgens é fácil e sem esforço para vós que viveis na viuvez, conforme os fatos comprovaram. Entretanto, não admiro somente a simplicidade impossível de descrever de vossa roupa, que supera a dos mendigos, mas sobretudo esta falta de estilo e de artifícios nas vestes, nos calçados, no andar. São as cores da virtude, reveladoras exteriormente da sabedoria que em vossa alma habita. Diz a Escritura: “A veste de um homem é o seu sorriso, os passos do homem revelam o que ele é”.⁴¹ Se não tivésseis fortemente derrubado e esmagado aos pés os pensamentos terrestres da vaidade mundana, não teríeis chegado de um salto a desprezá-la de tal forma, não teríeis vencido vigorosamente e evitado esse pecado horrível.

Ninguém acuse minha linguagem de demasiada, se a denomino pecado horrível. Se, de fato, comportava tal castigo a falta das mulheres dos hebreus que naquela ocasião viviam no mundo, qual a excusa de mulheres que deveriam ser cidadãs do céu e imitar a vida angélica, que vivem no regime da graça, e ousam fazer o mesmo, até com maior exagero?

Ao vires uma virgem lânguida em suas vestes, arrastando suas túnicas – conforme censurado pelo Profeta – vaidosa no andar, na voz, nos olhos e com o porte a preparar uma bebida envenenada aos que a olham sem pudor, a abrir fossas para os que se aproximam, a armar assim ciladas, como ainda lhe darias o nome de virgem e não a contarias entre as prostitutas? Pois estas não atraem tanto como as outras que abrem por toda a parte as asas do prazer. Por isso, nós vos proclamamos bem-aventurada e admiramos porque vos afastastes de tudo isso, e destes neste ponto exemplo de mortificação. Sem ornato, mas cheia de juvenil coragem; sem enfeites, porém bem equipada.

10. Todavia, até aqui só parcialmente mostramos o leão pelas garras, porque não discorri ainda sobre o conjunto de vossas boas ações. Conforme assegurei mais acima, tenho medo de navegar no mar infindo de vossas outras virtudes. Aliás, como não nos propusemos fazer agora o elogio de vossa santa alma, e sim preparar-vos um reconfortante “vamos!” retomemos o assunto anterior. O que dizíamos? Deixando de refletir sobre as faltas deste ou daquele, pensai nas vossas lutas contínuas por meio da constância, da paciência, da temperança, das orações, das vigílias sagradas, da continência, das esmolas, da hospitalidade, das múltiplas, duras e penosas provas. Cogitai que, desde joventinha até hoje, não cessastes de nutrir o Cristo faminto, de dar-lhe de beber se sedento, de vesti-lo se estava nu, de acolhê-lo se estrangeiro, de prestar-lhe cuidados se doente, de visitá-lo se prisioneiro. Considerai o oceano de vossa caridade, cujas margens alargastes de sorte que até os confins da terra espraizou-se com grande impetuosidade. Efetivamente, não é apenas a casa que é mantida aberta aos recém-vindos, mas em geral na terra e no mar são muitos os que foram honrados com vossa hospitalidade. Através dessas reflexões acumuladas, deliciai-vos e regozijai-vos na esperança das coroas e dos prêmios.

Quanto aos transgressores da lei, aos sanguinários, aos que praticam ações mais graves ainda, se quereis vê-los punidos, isso vereis um dia. Com efeito, Lázaro viu o rico a frigar.⁴² Se os respectivos lugares se distinguiram conforme a diferença da vida, se estavam separados pelo abismo, um no seio de Abraão e o outro em intolerável fornalha, Lázaro contudo o viu, ouviu sua voz e lhe respondeu. De modo semelhante, então, vos acontecerá. Se, com efeito, aquele que desprezou um só homem recebe tal castigo e ao que escandalizou apenas um só homem melhor seria que, tendo uma pedra suspensa ao pescoço, fosse projetado no mar, aqueles que escandalizaram a terra inteira, transtornaram tantas igrejas, encheram tudo de tumulto e agitação, ultrapassaram em crueldade e em desumanidade os bandidos e os bárbaros, de posse do poder entregaram-se a transportes de loucura guiados pelo diabo, com a ajuda dos demônios seus sequazes, e transformaram em motivo de zombaria, para judeus e gregos, o ensinamento terrível, cheio de santidade, digno de quem o divulgou, eles que perderam milhares de almas, causaram mil naufrágios na terra inteira, atearam tão grande incêndio, dilaceraram o corpo de Cristo e dispersaram seus membros por todos os lados... “Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte”.⁴³ Entretanto, de que serve o empenho em manifestar sua inexprimível loucura? Qual castigo estará reservado, em vossa opinião, a esses devastadores, a esses sanguinários?

Se, efetivamente, os que não alimentaram o Cristo faminto são condenados com o diabo ao fogo inextinguível, ponderai qual o castigo a que haverão de ser submetidos os que reduziram à fome coros de monges e virgens, à nudez os que estavam vestidos, não somente não acolheram os estrangeiros como ainda os expulsaram, não apenas descuidaram dos doentes, mas os afligiram ainda mais, não visitaram os prisioneiros, mas fizeram lançar na prisão os que estavam livres de cadeias! Então, vê-los-eis inflamados, queimados, encadeados, a ranger os dentes, a chorar, a gemer em vão, arrependidos sem utilidade e sem proveito, como o rico. Eles, por seu turno, vos verão de posse da bem-aventurada herança, coroada, a cantar com os anjos e a reinar com o Cristo. Haverão de gritar muito, lamentar-se e arrepender-se das palavras insensatas que proferiram contra vós, dirigindo-vos súplicas, invocando vossa compaixão e sentimentos humanos, tudo porém em vão.

11. Meditando e cantando para vós mesma tudo isso sem cessar, podereis sacudir tal poeira. Existe, contudo, outro principal motivo de aflição. Eu o sei, vamos! Preparemos um remédio para esse pensamento com o que já dissemos e o que vamos dizer agora. Na verdade, sei que sofreis não apenas por tais motivos, mas ainda por estardes longe deste nada que somos nós, que vos lamentais sem cessar e o dizeis a todo mundo: “Não ouvimos mais esta voz, não fruímos de seus habituais ensinamentos. Sofremos fome. Suportamos agora aquilo com que outrora Deus ameaçou os hebreus: fome não de pão, nem sede de água, mas fome da doutrina divina”.

Que resposta daremos? É possível, em nossa ausência, conviver com nossos livros. E cuidaremos, se encontrarmos correio, de vos enviar sempre cartas numerosas e longas. Mas se desejais ouvir-nos de viva voz, talvez isso aconteça e podereis rever-nos, com a graça de Deus. Não: talvez. Sem dúvida. Relembrar-vos-emos que não o asseguramos em vão, nem para vos enganar e contradizer, mas ouvireis de viva voz o que agora sabeis por carta.

Se a expectativa vos aflige, certificai-vos de não ser inútil, mas alcançar-vos grande recompensa, se tolerada com ânimo forte, sem palavras amargas; em vez disso, glorificando a Deus por esta razão, conforme sempre agis. O combate não é pequeno. Ficar longe de uma alma querida exige ânimo forte, espírito amante da sabedoria. Quem o disse? Se alguém tem verdadeira amizade, se conhece a força do amor, sabe o que quero dizer.

No entanto, para evitarmos delongas em procurar quem ame verdadeiramente (isto é muito raro!), acorramos ao bem-aventurado Paulo, e ele nos dirá a qualidade do combate e que disposição de alma é necessária. O próprio Paulo, que se despojara da carne e renunciara ao corpo, percorria a terra, reduzido quase só ao espírito, e expulsara do pensamento qualquer paixão, imitando a impassibilidade das potências espirituais, e habitara na terra como se fosse o céu, vivendo nas alturas com os querubins e participando nas místicas melodias, facilmente tolerou tudo, padecendo como se fosse em corpo alheio a prisão e as cadeias, as detenções e os açoites, as ameaças e a morte, a lapidação, o naufrágio e todas as espécies de tormentos. No entanto, estando longe de uma alma querida, ficou transtornado e perturbado a ponto de escapar logo da cidade onde não encontrou o amigo que esperava rever. Tornou-se isso perceptível em Trôade, que ele deixou então porque não lhe podia trazer o amigo. Assegurou: “Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho de Cristo, e embora o Senhor me tivesse aberto uma porta grande, não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão. Por conseguinte, despedi-me deles e parti para a Macedônia”.⁴⁴

Que é isso, Paulo? Tendo sido amarrado com os pés em cepos, em prisão, conservando ainda as marcas dos açoites, com o dorso manchado de sangue, praticáveis os ritos da iniciação, batizáveis, oferecíeis o sacrifício e não menosprezáveis um só homem que devesse ser salvo; ao chegardes, porém, a Trôade, vendo o campo lavrado, pronto a receber a semente, a pesca abundante e fácilima, abristes mão de tamanho lucro, apesar de ser este o motivo determinante de vossa vinda! “Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho” (isto é, por causa do evangelho e sem contraditores), “pois me foi aberta uma porta”, afirma ele. E imediatamente de lá fugistes? – “Sim; caí sob o jugo da tristeza, que dominou-me, de sorte que fui obrigado a agir assim”. Não precisamos de conjecturas, porque ele próprio nos informa sobre o que sofreu devido à tristeza. De fato, ele revela a causa de sua

partida nesses termos: “Não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão. Por conseguinte, despedi-me deles e parti”.

12. Vede como constitui rude combate suportar com mansidão o afastamento do ser amado? Como é doloroso e amargo, e faz-se mister possuir uma alma elevada e corajosa? É esse combate que enfrentais agora. Quanto mais intenso o combate, maior a coroa, mais brilhantes os prêmios. Consolai-vos com tal expectativa e porque certamente vos veremos coberta das merecidas flores, coroada e em público proclamada. Com efeito, não basta aos que amam estarem unidos espiritualmente, não o consideram suficiente conforto, mas têm necessidade da presença física. E se esta lhes é negada, não pequena parte de felicidade é-lhes roubada.

Mas, se ainda voltarmos ao nobre rebento da caridade, descobriremos que assim é. Pois, ao escrever aos macedônios, eis como ele se exprime: “Nós, porém, irmãos, órfãos por um momento de vossa companhia, não de coração mas só de vista, desejamos muito vos rever. Quiséramos ir visitar-vos – eu mesmo, Paulo, quis fazê-lo muitas vezes –, mas Satanás me impediu. Por isso, não podendo mais suportar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, e enviamos a Timóteo”.⁴⁵ Que força em cada palavra! Demonstra claramente a flama da caridade que fulgurava em sua alma. Efetivamente, não diz: separados, nem arrancados, nem desunidos, nem abandonados, e sim: órfãos de vossa companhia. Encontrou a palavra exata a fim de exprimir o desgosto de sua alma. E como desempenhava o ofício de um pai para todos, emprega a linguagem dos orfãozinhos que perderam bem cedo o progenitor, manifestando seu excessivo pesar.

Nada de mais doloroso para as crianças do que ficarem órfãos muito cedo, porque devido à idade nada podem por si mesmas, não têm verdadeiramente quem as proteja, e são muitos os que as atacam e lhes armam ciladas, quais ovelhas no meio de lobos que, vindos de todos os lados, as dilaceram e estraçalham. Ninguém por palavras consegue descrever a grandeza desse infortúnio. Por isso, Paulo, hesitante, à busca de um termo que exprimisse abandono, terrível infelicidade, no intuito de manifestar seu sofrimento longe daqueles que amava, utilizou esta palavra; depois acentuou: “Órfãos”, diz ele, “não por muito tempo, mas momentaneamente, e separados, não de pensamento, mas somente de corpo, mesmo assim não suportamos a dor daí resultante e no entanto tínhamos o consolo suficiente de ficarmos unidos espiritualmente, de vos trazer em nosso coração, de vos ter visto recentemente. Mas, nada disso nos livra da angústia”. Mas que quereis e desejais, dissei-me, e desejais com tanto ardor? A própria vista. “Apressamo-nos bastante para vos rever”.⁴⁶ Que dizeis, ó homem tão importante e tão grande? Vós, para quem o mundo está crucificado e estais crucificado para o mundo?⁴⁷ Vós que renunciastes a tudo o que é carnal, e quase sois incorpóreo, vos deixastes assim reduzir à servidão por aquele amor a ponto de declinardes para esta carne lodosa, terrena e sensível? “Sim”, diz ele, “não me envergonho de confessá-lo, mas gabo-me disso, pois tenho dentro de mim uma caridade exuberante, mãe de todos os bens, e é isto que eu procuro”. E não busca apenas a presença física, mas sobretudo deseja ver-lhes o rosto. “Temos muita pressa de ver vosso rosto.” Aspirais a vê-los, dissei-me, e desejais contemplar seu rosto? “Sim, muito”, diz ele. “No rosto acham-se reunidos os órgãos dos sentidos. Pois a alma inteiramente despojada, unida a outra alma, nada fala

nem ouve. Se, porém, eu tiver a presença física, direi alguma coisa, ouvirei aqueles que amo. É por isso que desejo ver vosso rosto. Lá se encontra a língua que emite o som expressivo dos sentimentos, o ouvido que recolhe as palavras, os olhos que transmitem os movimentos da alma. Por meio de tudo isso, gozo melhor da companhia da alma querida.”

13. Para entenderdes que ele suspira por vê-los, depois de dizer: “Apressamo-nos bastante”, como se não fosse suficiente, acrescentou: “com grande desejo”. Além disso, não quer se confundir com os outros, e demonstra amar com mais ardor. Após dizer: “Apressamo-nos bastante e queríamos ir para junto de vós”, distingue-se dos outros e apresenta-se sozinho, acrescentando: “Eu, Paulo, primeira e segunda vez”, mostrando que ele mais se apressava.

Não tendo conseguido, não se contenta com as cartas: envia coisa melhor, seu companheiro Timóteo, em vez de carta. Por esta razão acrescenta: “Não podendo mais suportar...” Nobreza de elocução, vigorosa expressão, prova de amor incontido e irreprimível! Alguém no meio de um incêndio, à procura de proteção contra o fogo, recorre a tudo; assim Paulo, inflamado, sufocado, queimado, descobre possível socorro, quanto lhe é facultado. “Não podendo mais suportar”, diz ele, “enviamos Timóteo, ministro do evangelho” e nosso colaborador, privando-nos do membro mais indispensável da comunidade, trocando um pesar por outro. De fato, ele não suportava de bom grado esta ausência, mas por causa deles aceitou este rude sofrimento, conforme revela na declaração: “Resolvemos ficar sozinhos”. Ó alma, mais precisamente tu te transformaste em caridade. Por se ter separado de um só irmão, assegura que está sozinho, e no entanto havia tantos junto dele!

Meditai incessantemente nisto também vós, porque à medida que é dolorosa a situação, assumida com ação de graças, maior a recompensa. Não são efetivamente apenas as feridas corporais, mas também as dores da alma que alcançam coroas inefáveis, e as aflições da alma, se acolhidas com ação de graças, mais que as do corpo. Se suportardes nobremente ter o corpo estraçalhado e flagelado e, por isso, louvardes a Deus, alcançareis enorme galardão; e também, havendo a alma padecido agora idênticas torturas, aguardai numerosos prêmios. Imaginai que, na realidade novamente nos vereis, ficando livre desta amargura, e retirareis da aflição grande lucro para o futuro e o presente. Bastem estas reflexões para conforto não somente vosso, mas até de um insensato, de alma dura como pedra. Onde houver vasta inteligência, rica piedade e alta filosofia, e uma alma que tenha calcado aos pés a fantasia dos bens terrestres, muito mais rápida será a cura.

Demonstrareis, portanto, a afeição por nós pelo fato seguinte: a grande influência que exercerem sobre vós as nossas cartas, tão forte quanto a da presença. Manifestá-lo-eis com a notícia de que delas tirais algum proveito, ou melhor, não somente algum, mas tão grande quanto nosso desejo. Anelamos, porém, por terdes agora alegria igual à que percebíamos quando estávamos reunidos. E se tal nos for noticiado, não será pequeno o conforto no isolamento em que atualmente nos achamos. Se, pois, quereis que tenhamos maior alegria (sei que quereis e nisso assaz vos empenhais), fazei-nos ciente de que depusestes o fardo da tristeza e estais tranqüila, em retribuição de nossa afeição e benevolência. Efetivamente, sabeis, sabeis muito bem que nos reanimareis se assim agirdes e, por meio de cartas, com sinceridade disso nos certificardes.

1. Por que vos lastimais? Por que vos flagelais e afligis com pesares que os inimigos não tiveram força para vos causar, entregando a alma à tirania da tristeza? Pois as cartas enviadas por intermédio de Patrício revelaram os traumas de vosso espírito. Por isso muito me aborreci e me afligi, porque devíeis vos esforçar e empregar todos os meios para expelir a tristeza da alma, agitada a revolver cogitações dolorosas, a imaginar coisas inexistentes (conforme vós mesma afirmastes), e a atormentar-vos fortuitamente e em vão, com enorme dano. Para que, pois, entristecer-vos, visto que não pudestes nos transferir de Cucuso? Mas, quanto dependeu de vós, nos transferistes, porque tudo movimentastes e empregastes todos os recursos. Se a questão não chegou a bom termo, nem por isto convém atribular-vos. Talvez aprouve a Deus obrigar-me a um percurso mais longo a fim de que as coroas sejam mais brilhantes. Para que sofrer por aquilo que difundem a nosso respeito quando conviria saltar de alegria, formar um coro e cingir coroas, por termos sido considerados dignos de tal honra além de nossos méritos?

É a solidão dos lugares que vos aflige? Mas, o que há de mais agradável que a estada aqui? Tranqüilidade, calma, muito lazer, bem-estar. Se a cidade não possui praça pública nem mercado, não me interessa. Recebo todo o necessário como se proviesse das fontes. De fato, aqui estão meu senhor, o ordinário do lugar, e meu senhor Dióscoro, que só se preocupam com uma coisa: nosso conforto. O excelente Patrício vos dirá como vivemos cercados de alegria, felicidade, cuidados. Foi o que sucedeu desde nossa chegada. Se lamentais os acontecimentos em Cesaréia, não condiz convosco. Ali, foram-nos tecidas esplêndidas coroas, a tal ponto que todos nos exaltam, elogiam publicamente, admiram, estupefatos diante do que sofremos por ocasião da expulsão. Mas ninguém o saiba por ora, apesar de muitos difundirem a notícia. Meu senhor Paiânio contou-me que os presbíteros de Farétrio lá se achavam. Afirmaram que estavam em comunhão conosco, e nada tinham em comum com nossos contraditores, nem com eles mantinham relações ou comunhão. Ninguém, contudo, saiba disso, para evitar-lhes tumultos. Na verdade, o que nos sucedeu foi muito doloroso. Ainda que não tivéssemos outros sofrimentos, bastaria o que ali aconteceu para obtermos mil troféus, a tal ponto foi extremo o perigo. Suplico-vos guardar segredo; vou contar resumidamente, não para vos afligir, e sim para vos alegrar. Pois são estas as fontes de meus lucros, as riquezas, os tributos de meus pecados, caminhar incessantemente no meio de tais tribulações, e infligidas por aqueles dos quais de forma alguma teria esperado.

Quando estávamos para entrar na Capadócia, depois de nos termos desembaraçado do Gálata, que quase nos ameaçara de morte, muitos vieram ao nosso encontro no caminho, dizendo: “O senhor Farétrio vos aguarda, circula por toda parte, receoso de não ter a sorte de vos encontrar e tudo faz e emprega todos os meios para vos ver, estreitar-vos nos braços e mostrar todo o seu afeto. Movimentou os mosteiros de homens e de mulheres”. Ouvindo isso, nada de semelhante esperava, e era o contrário que suspeitava comigo mesmo. Mas nada dizia a nenhum daqueles que me anunciavam essas boas notícias.

2. Quando, porém, cheguei enfim a Cesaréia, alquebrado, extenuado, devorado por febre ardente que atingira o auge, fora de mim, sofrendo males extremos, encontrei uma hospedaria situada na periferia

da cidade e empenhei-me por encontrar um médico para extinguir aquela fomalha. Estava então no auge da febre terçã. A isto acrescentavam-se a fadiga da viagem, o esgotamento, a prostração, a carência de enfermeiros, a privação do necessário, a falta da presença de um médico, a tensão proveniente do cansaço, o calor, as vigílias; quase exânime entrei na cidade. Então chegaram o clero todo, o povo, os monges, as monjas, os médicos; todos solícitos, trazendo-nos tudo, ministrando-nos, servindo-nos. Mas, tomado de febre muito alta, estávamos correndo perigo extremo. Finalmente, a doença se acalmou um pouco e cedeu. De Farétrio, nada; ele esperava nossa partida. Não sei o que pensava.

Vendo que a doença cedia devagar, queria partir a fim de chegar a Cucuso e descansar um pouco das tribulações da viagem. Enquanto estávamos lá, de repente anuncia-se que uma multidão inumerável de isauros percorria a região de Cesaréia, depois de incendiar uma grande aldeia e ter cometido os piores desatinos. O tribuno, ao ouvir isto, tomando os soldados de que dispunha, partiu para fora. Temia-se verdadeiramente um ataque à cidade e todos estavam com medo, angustiados, vendo em perigo o solo pátrio, de sorte que os próprios anciãos participavam da guarda das muralhas.

Assim andavam as coisas quando, de repente, perto da aurora, uma horda de monges (convém falar deste modo, com uma expressão sugestiva de seu furor) lançou-se sobre a casa onde estávamos, ameaçando incendiá-la, pilhá-la, reduzir-nos a nada se não saíssemos. Nem o temor dos isauros, nem a grave doença, nem qualquer outra razão os comoveu, mas insistiam respirando tal raiva que até os nossos guardas tiveram medo. De fato, ameaçavam-nos de golpes e gabavam-se de já terem batido vergonhosamente em muitos guardas. Ao ouvirem isso, os guardas se refugiaram perto de nós, rogando e suplicando: “Mesmo se tivermos de combater os isauros, livrai-nos destas feras”. Informado dos acontecimentos, o governador correu a nossa casa querendo nos socorrer. Mas os monges não atenderam nem mesmo a seus pedidos, de maneira que ele próprio desanimou. Vendo a gravidade da situação, e sem ousar aconselhar-nos a sair ao encontro de morte certa, nem a ficar por causa do enorme furor deles, enviou uma mensagem a Farétrio, exortando-o a dar-nos um prazo de poucos dias, por causa da doença e do perigo iminente. Porém, nada conseguiu, e em seguida os monges se tornaram mais violentos, de forma que nenhum dos presbíteros ousava nos assistir e socorrer; vexados, corando de vergonha (pois dizia-se que tudo isso se fazia com o consentimento de Farétrio), furtavam-se, escondiam-se e, se os chamávamos, não atendiam.

Para que dizer mais? Entre esses temores, tendo a morte por certa, consumido de febre (não tivera ainda alívio dos males que ali me sobrevieram), em pleno meio-dia, jogando-me numa liteira, fugi de lá, enquanto o povo gritava, berrava, lançando imprecações contra o fautor desta maldade, e todos gemiam e se lamentavam.

Depois que partimos da cidade, alguns dos membros do clero, tendo saído isoladamente, acompanhavam-nos com suas queixas. Nós os escutávamos a dizer: “Aonde o levais para uma morte certa?”. Um outro, que nos dedicava grande amizade, declarava: “Parti, por favor. Caí nas mãos dos isauros, contanto que vos afasteis de nós. Seja onde for que cairdes, estareis em maior segurança se escapardes de nossas mãos”. A excelente senhora Selêucia, esposa de meu senhor Rufino (ela realmente cuidou muito de nós), tendo ouvido e visto tudo isso, pediu e suplicou que nos hospedássemos em sua propriedade, a cinco milhas da cidade; enviou-nos homens e partimos para lá.

3. Contudo, nem ali devíamos escapar dessa conspiração. Quando Farétrio o soube, fez-lhe, conforme ela assegurou, muitas ameaças. Ao ser recebido em sua propriedade, eu ignorava tudo isso. De fato, tendo vindo ao nosso encontro, escondeu-nos o fato, recomendando ao intendente que lá estava que nos proporcionasse completo repouso, e se alguns monges viessem com o intuito de nos injuriar ou maltratar, reunisse camponeses de outras propriedades e a eles resistissem. Convidou-me até a refugiar-me em sua própria casa, que era bem defendida e ao abrigo de ataques, de sorte que podia escapar das mãos do bispo e dos monges. Mas não aceitamos e ficamos no subúrbio, ignorando o que viria depois. Nem isso bastou para acalmar seu furor contra nós. No meio da noite, sem que nada soubéssemos (pois Farétrio exercia muita pressão, com terríveis ameaças, como se diz, constrangendo, insistindo para nos expulsar também de sua propriedade), a mulher, não podendo suportar o ódio dele, anunciou, sem que eu o soubesse, que os bárbaros estavam chegando; tinha vergonha de confessar a coação que lhe impingiam. E no meio da noite, entrou o presbítero Evécio, acordou-me com grandes gritos, dizendo-me: “Levantai-vos, por favor, os bárbaros se aproximam, estão bem perto daqui”. Imaginai o estado em que fiquei com esta notícia. Perguntei-lhe, então, o que devíamos fazer. “Não podemos nos refugiar na cidade para não termos destino mais cruel do que aquele que nos podem dar os isauros”. E forçava-me a sair.

Era noite sem luar, plena noite, completamente obscura, tenebrosa; e isso piorava nossas condições. E ninguém nos assistia, ninguém nos socorria, todos nos abandonaram. Entretanto, impelido pelo temor e contando com morte iminente, levantei-me sob o peso do infortúnio, depois de mandar que se acendessem os fachos. Porém, o presbítero mandou apagá-los, de medo, disse ele, que os bárbaros atraídos pela luz nos atacassem. E apagou os fachos. Então, o jumento que carregava a liteira (porque a estrada era muito estreita, escarpada, rochosa) tendo caído sobre os joelhos, arrastou-me, a mim que estava dentro, e por pouco me matava. Depois, saltei da liteira, fui me arrastando, sustentado pelo presbítero Evécio (que também desceu de seu animal) e assim, guiado pela mão, mais me arrastava que andava. Não era possível caminhar num terreno tão irregular, de montanhas intransitáveis, no meio da noite. Imaginai o que naturalmente suportei, envolvido em tais males, com febre, ignorando a cilada, mas com medo dos bárbaros, trêmulo e na expectativa de cair em suas mãos. Não vos parece que só estes sofrimentos, mesmo se outra coisa não me sucedesse, poderiam apagar muitos pecados e dar-me oportunidade de obter maior glória?

O motivo, a meu ver, consistia em que, logo que cheguei a Cesaréia, todos, os magistrados, seus assistentes, aqueles que exerciam influência junto do governador, alguns tribunos, todo o povo ia me visitar diariamente, cercava-me, estimava-me mais do que a pupila dos olhos. Foi este, acredito, o aguilhão para Farétrio; a inveja dele, que me perseguia desde Constantinopla, nem ali terminou, creio eu. Não posso provar, mas suponho.

Como descrever as outras circunstâncias da viagem, os temores, os perigos? Relembrando-os cada dia e trazendo-os todos sempre na memória, vôo prazerosamente, exulto, pois está-me reservado grande tesouro. Sou assim e assim continuo a ser. Por esta razão, suplico-vos que vos alegreis e fiqueis contente, exultando e glorificando a Deus que nos julgou dignos de suportar tais padecimentos. E vos peço guardar este segredo só para vós, e a ninguém transmiti-lo, embora os soldados talvez

encham a cidade inteira com a notícia, porque eles mesmos estiveram expostos aos piores perigos. Ninguém o saiba, contudo, por vosso intermédio, e faizei com que se calem os que disso estiverem falando.

4. Se os resquícios da maldade vos causam dor, ficai ciente de que estou completamente livre de tudo e sinto-me fisicamente mais forte do que no tempo em que vivia aí. Estais com medo do frio? Entretanto, foi-nos cedida uma casa bem adaptada. Meu senhor Dióscoro faz o possível e emprega todos os meios para que não sintamos nem um pouco de frio. Se me é permitido calcular segundo os inícios, a atmosfera atual parece-me a do Oriente, e nada menos que a de Antioquia. Tão grande é a boa temperatura, tão grande a suavidade do ar.

Fiquei muito pesaroso com as vossas palavras: “Talvez estejais aborrecido porque fomos esquecida”. Todavia, há muitos dias vos escrevi, suplicando-vos não me tirar daqui. De meu lado, penso que necessitaríeis de uma apologia, de muitos suores e esforços para justificar esta sentença. Talvez em parte a justificastes, dizendo: “De fato, talvez pense assim para aumentar meu tormento”. Mas justamente julgo ser grande motivo de censura dizer: “Alimento meu desgosto com minhas cogitações”. Pois convém tudo fazer e empregar todos os meios para suprimir o tormento, e fazeis a vontade do diabo aumentando vossa tristeza e pesar. Não sabeis, pois, que a tristeza é um grande mal? Relativamente aos isauros, não é necessário ter medo ainda. De fato, eles voltaram para sua região. O governador fez o possível para isso. Estamos aqui em grande tranqüilidade, muito mais do que no tempo que passamos em Cesaréia. Aliás, de ninguém tenho tanto medo como dos bispos, com poucas exceções. Numa palavra, quanto aos isauros, não deveis ter medo algum. Partiram e, quando começou o inverno, fecharam-se em casa. Se saírem, será depois de Pentecostes.

Como podeis dizer que não tendes o prazer de receber cartas? Já vos enviei três, uma por meus guardas, outra por Antônio, outra por Anatólio, vosso servo, e eram longas. Duas delas principalmente continham um remédio salutar, próprio para reanimar qualquer um que estivesse desencorajado, escandalizado, e para restituir-lhe alegria completa. Quando as receberdes, deveis relê-las sem cessar, integralmente. Vereis a força nelas contida, compreendereis o bom resultado e a utilidade do tratamento, e comunicai-nos qual o proveito que delas retirastes. Tenho pronta a terceira, sobre o mesmo assunto. Não quis enviá-la agora, porque fiquei muito aborrecido com o que declarais: “Acumulo pensamentos dolorosos, imaginando coisas inexistentes”. Palavra indigna de vós, que me envergonha e me faz cobrir o rosto. Além do mais, lede as supramencionadas cartas e não falareis mais assim, mesmo se mil vezes tiverdes o ímpeto de vos acabrunhardes. Uma vez que me pusestes a par do assunto do bispo Heráclides, se ele quiser, pode pedir demissão e deixar tudo; não lhe resta outro recurso. Quanto a mim, embora não tenha conseguido grande coisa, pelo menos adverti a minha senhora Pentádia que empregasse toda diligência se descobrisse algum alívio para o mal. Segundo dizeis, foi por ordem dele que tivestes a ousadia de me informar acerca dessas tribulações. Que ousadia haveria nisso? Jamais cessei nem cessarei de afirmar que a única tribulação é o pecado. O restante não passa de pó e fumaça. O que há de penoso, na verdade, em permanecer num cárcere e em cadeias? O que há de penoso em sofrer, quando o sofrimento é a garantia de tão grande lucro? O que há de aflitivo no exílio? Na confiscação dos bens? São palavras vazias de efeitos terríveis, palavras

destituídas de aflições. Se, porém, vos referis à morte, tratais do tributo devido à natureza, ao qual tereis de vos submeter, ainda que ninguém vo-la inflija. Se aludis a um exílio, nada mais representa que ver outra região e muitas cidades. Se falais de espoliação de bens, significaís liberdade e feliz libertação.

5. Não abandoneis o bispo Maruthas; cuidai dele, quanto possível, para tirá-lo do abismo. Preciso muito dele por causa da questão da Pérsia. Procurai saber, se possível, o que ali pôde fazer, por que voltou e comunicai-me se lhe entregastes as duas cartas que enviamos. Se ele nos responder, escrever-lhe-ei novamente. Se não quiser escrever, comunique a vós se algum bem foi feito ali e se ele espera melhorar a situação com sua volta. Este o motivo por que eu queria entrar em contato com ele. Aliás, resolva-se tudo por vosso intermédio, e mesmo que todos se precipitem, cumpri o que vos incumbe. Vossa recompensa será completa. Apropriaí-vos dela, portanto, à medida do possível.

Por favor, não tratai negligentemente o que vou dizer: empregai grande zelo nesta questão. Os monges marsos e godos, entre os quais estava escondido o bispo Serapião, contaram-me que o diácono Maduários foi anunciar-lhes que Unilas, aquele bispo admirável ao qual outrora impus as mãos e enviei a Gótia, após ter realizado muitas obras grandiosas faleceu; e veio trazendo uma carta do rei dos godos, pedindo que lhes fosse mandado um bispo. Como não vejo outra solução para transformar a catástrofe iminente em bem do que contemporizar e adiar (pois não seria possível navegar pelo Bósforo agora, nem para aquela região), fazei com que se espere durante o inverno. Mas não acolhais esta recomendação de qualquer modo; é importantíssima. Efetivamente, duas coisas me afligirão muitíssimo se acontecerem, que Deus não permita: que se realize uma eleição entre aqueles que praticaram tanto mal e de maneira contrária à justiça, e que seja eleito qualquer um. De fato, eles pouco se importam de consagrar alguém que não o mereça, como bem o sabeis. Se isto suceder, e queira Deus que não aconteça, sabeis o que daí resultaria. A fim de evitá-lo, empregai toda a diligência. Se for possível que Maduário venha logo ter conosco, sem ruído e às ocultas, seria ótimo. Se não for, faça-se o que se puder.

Sucede nos negócios o mesmo que acontece com as riquezas e o que sobreveio àquela viúva. Ela, de fato, por ter dado dois óbolos, superou os que tinham dado mais porque se despojara de tudo o que tinha;⁴⁸ igualmente, os que se dão com todas as forças e fazem o possível para solucionar uma questão, mesmo se nada obtiverem, obtêm a recompensa ligada a sua ação.

Agradeço profundamente ao bispo Hilarião; escreveu-me para pedir licença de voltar a sua Igreja, de ali colocar tudo em ordem e em seguida voltar. Como sua presença me presta grande auxílio, pois é piedoso, perseverante e de zelo ardente, eu lhe roguei na partida que voltasse depressa. Fazei de sorte que minha carta lhe seja entregue rápida e seguramente e não se desvie. De fato, ele reclamou uma carta com grande desejo e insistência e sua presença me é utilíssima. Bastante cuidado, portanto, com minhas cartas. Se o presbítero Heládio não está aí, tratai de remetê-las a nossos amigos por intermédio de um homem prudente e sensato.

1. Os corpos que se debateram em febre alta, os mares que resistiram a ventos impetuosos, nem

imediatamente os primeiros se recuperam do mal causado pela febre, nem os segundos da agitação causada pelas vagas, e sim devagar e paulatinamente. Pois os corpos precisam de um tempo bastante longo, depois que a febre os largou, para recuperar a saúde e livrar-se da fraqueza remanescente da moléstia. As águas, depois que os ventos se acalmaram, ficam revoltas e agitadas, impelidas e arrastadas com grande impetuosidade, e igualmente necessitam de tempo para voltar à plena calmaria.

Propositadamente comecei com este proêmio, a fim de entenderdes que sou coagido a enviar-vos esta carta. Se as cartas precedentes conseguiram derribar a tirania da tristeza e destruir a cidadela, no entanto sinto grande necessidade de sustentar-vos com a palavra, a fim de se produzir em vós paz profunda e, eliminada a lembrança dos movimentos desordenados, que a calma surja clara e firme e se estabeleça perfeita alegria.

Nossa meta é a seguinte: não apenas expelir a tristeza, mas também encher-vos de grande e permanente alegria. Aliás, isto é possível, se o quiserdes. Com efeito, a alegria não depende de leis imutáveis da natureza, que não se podem domar e alterar, mas das livres decisões da vontade, fácil de ter nas mãos. E sabeis, se vos lembrais (pois não decorreu muito tempo) que anteriormente me dediquei a muitos e longos discursos sobre o assunto, e sempre mencionava exemplos da história de que tratava. A felicidade não se origina tanto da natureza das coisas, como da concepção que têm os homens.

Assim sendo, e visto que muitos homens afogados em riquezas julgaram que a vida não valia a pena ser vivida, enquanto outros, que viviam em extrema pobreza, não deixaram de ser os mais alegres; uns usufruindo de uma guarda de honra, de glória e de honrarias muitas vezes maldisseram a vida, enquanto homens obscuros, de origem humilde e que em nada se destacavam, julgavam-se mais felizes que muitos outros – pois a alegria não depende da natureza das coisas, mas da concepção que têm os homens (não cessarei de cantar continuamente este refrão) – não vos deixeis abater, minha irmã. Reerguei-vos, estendei a mão com gosto a nossas palavras e colaborai com vossa valiosa ajuda, para que possamos vos arrebatrar completamente da escravidão amarga de vossas cogitações. Se, portanto, não quereis empregar zelo idêntico ao nosso, de nenhuma serventia será o tratamento. É de admirar que isso aconteça? Quando o próprio Deus onipotente exorta e aconselha, mas o ouvinte não atende às suas palavras, nada daí se origina a não ser previsão de maior castigo para o desobediente. E Cristo, a fim de expor esta questão, declarava: “Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado; mas agora não têm escusa para o seu pecado”.⁴⁹ Por isso, gemendo por causa de Jerusalém, declarava: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, e não quiseste! Eis que a vossa casa ficará abandonada”.⁵⁰

2. Ciente dessas coisas, minha senhora, por Deus tão amada, esforçai-vos, empenhai-vos com energia em ajudar, conforme dissemos, a expulsar e repelir energicamente os pensamentos que vos perturbam e causam tal agitação e tempestade. Se, contudo, puserdes em ação e acolherdes as nossas exortações, penso que não haverá dúvida. Mas é preciso agora preparar espadas, lanças, arcos, flechas, couraças, escudos e cnêmidas, para vos proteger com uns, derrubar e demolir com outros e transformar em

cadáveres os pensamentos que vos assaltam e tumultuam. Donde tiraremos essas máquinas de guerra e esses projéteis de modo a impedir a aproximação dos inimigos, e vigorosamente repeli-los ainda de longe? Da própria tristeza, quando refletirmos um pouco sobre ela, mostrando que constitui um fardo pesado e esmagador.

A tristeza, na realidade, é para as almas um local horrível de tortura, uma espécie de dor inexplicável, castigo mais amargo do que todos os tormentos e penalidades. Assemelha-se a um verme venenoso que corrói não somente a carne, como a própria alma, e não só tritura os ossos, mas também a mente; um carrasco perpétuo que não rasga as costas, e sim arruína o vigor espiritual; uma noite contínua e trevas sem luar; é tempestade, agitação, fogo secreto mais ardente que qualquer chama, guerra sem tréguas, doença que sombreia a maioria das coisas visíveis. O sol, porém, e a limpidez da atmosfera para os assim mal-dispostos parecem importunação e o pleno meio-dia compara-se à noite profunda.

Por isso, o admirável profeta o comprovava: “Eu farei o sol declinar para eles em pleno meio-dia”.⁵¹ Não quer dizer que o astro desapareça ou interrompa o curso habitual, mas que a alma entristecida imagina ser noite o momento mais brilhante do dia. Na verdade, a sombra da noite não é comparável à noite da tristeza que não segue a lei da natureza, mas origina-se do obscurecimento dos pensamentos, algo de terrível e insuportável. Tem aspecto implacável, é mais cruel do que qualquer tirano, não cede facilmente a nenhum dos que querem dissipá-la, mas freqüentemente segura com mais força que o aço a alma aprisionada, se ela não se saturar de sabedoria.

3. Mas, por que falar longamente, argumentando sobre o assunto, se é possível procurar os dela dependentes para captar toda a força que detém? Ou melhor, se vos apraz, apresentaremos antes um exemplo haurido em outra passagem. Adão, ao cometer aquele grave pecado e condenar consigo todo o gênero humano, recebeu a sentença de labutar e se afadigar. Aquela, porém, que cometeu falta mais grave, a ponto de que o pecado do homem em comparação com sua falta nem mesmo seria considerado pecado – pois diz a Escritura: “Não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão”⁵² –, aquela, pois, que tinha sido enganada, caiu em transgressão e preparou para si e para o homem a bebida deletéria, foi condenada a castigo maior, capaz de atormentar mais duramente que o trabalho: “Multiplicarei as tuas dores e teus gemidos. Na dor darás à luz os filhos”.⁵³ Em parte alguma “fadiga”, em parte algum “suor”, em parte alguma “labuta”, e sim “tristezas e gemidos”, e o castigo que contrabalança mil penas e mil mortes, ou antes é muito mais doloroso. Entretanto, que há de pior que a morte? Não será talvez o principal dos males entre os homens, o mais terrível, insuportável e digno de mil lamentações? Paulo não asseverou ser este o castigo da transgressão mais grave? De fato, os que se aproximam indignamente dos santos Mistérios e participam daquela mesa terrível, conforme ele afirma, o castigo a que ficam sujeitos é o seguinte: “Eis porque há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos morreram”.⁵⁴ Todos os legisladores não condenam a esta pena os que cometeram faltas irreparáveis? E Deus não acrescentou este último castigo em sua lei para aqueles que gravemente pecaram? Não foi por temor da morte que o patriarca que tinha vencido a própria natureza aceitou entregar a própria mulher à sensualidade dos bárbaros, à

tiraniam egípcia e ele mesmo organizou o drama ignominioso e convidou a mulher a representar com ele esta horrorosa tragédia? Ele não corou de lhe sugerir o motivo desta ficção: “Acontecerá quando te virem no viço da juventude, com beleza de atrair os olhares, eles me matarão, deixando-te com vida. Dizei, eu te peço, que és minha irmã, para que me tratem bem por causa de ti e, por tua causa, me conservem a vida”.⁵⁵

Vês o medo, vês o tremor que agita esta alma elevada e amiga da sabedoria? Vês o aço que a angústia amolece? Ele mente a respeito do parentesco, impõe à mulher fingir ser outra personagem, e faz da ovelha uma presa fácil para os lobos. E que mais intolerável para os homens do que ver sua mulher vítima da violência, ou apenas de suspeita? Esta é ainda mais penosa (ora, não se tratava apenas de suspeita, mas de violência efetiva), pois não apenas ele vê, mas ousa preparar a realização e isto lhe parece leve e suportável. De fato, uma paixão vencida a outra, um mal temível a outro mal temível e o medo da morte triunfava do ciúme. E Elias, aquele homem tão grande, por medo da morte, evadiu-se, tornou-se fugitivo, exilado, apenas devido às ameaças de uma mulher de má vida e maldita.

Aquele que fechara o céu e tinha realizado tantos prodígios, não agüentou o temor inspirado por palavras, mas a angústia o abalou de tal modo que esta alma da altura do céu abandonou simultaneamente a pátria, o grande povo em favor do qual passara por tantos perigos e empreendeu sozinho uma viagem de quarenta dias, emigrou para o deserto, depois de ter tido tanta ousadia, tal liberdade de linguagem e haver demonstrado tamanha coragem. O problema é de natureza a causar muito medo. Por isso, a morte, que cada dia sobrevém ao gênero humano, nos impressiona, perturba e deprime diante de cada cadáver, como se aparecesse de repente. Nem a consideração sobre o tempo, nem o fato de nos exercermos cada dia a vê-la têm valor para nos consolar, e a impressão de tristeza e espanto não se atenua com o tempo, mas se renova e aumenta continuamente. Acarreta um temor inalterado e que refloresce cada dia.

É evidente. Quem não ficaria confundido, abatido, ao ver alguém que ontem, há poucos dias, andava, agia, carregava o fardo de mil ocupações, casa, mulher, filhos, escravos, colocado à frente de cidades inteiras, a ameaçar, causar medo, perdoar, impor castigo, ocupar-se de mil questões nas cidades e nos campos, de repente estendido, mudo como uma pedra, enquanto todos se lamentam, ficam abatidos os amigos, a mulher prostrada, arranhando o rosto, com os cabelos soltos, e reunindo em torno de si o coro das escravas com grandes gemidos. E ele nada percebe! Tudo sumiu de repente, o raciocínio, a inteligência, a alma, o brilho dos olhos, o movimento dos membros e sucedem-se tristes condições: afonia e insensibilidade, corrupção, pus, vermes, cinza, pó, fetidez, desaparecimento total e o corpo inteiro prestes a se desfazer em ossadas disformes e vis.

4. No entanto, esse terrível evento, revelado por meio da experiência e da fraqueza desses santos, é muito mais leve do que a tristeza. Por causa dela, aventurei-me a longas digressões para vos instruir acerca de que, à medida dos padecimentos, ser-vos-á reservada recompensa proporcional, ou antes, muito maior. E no intuito de perceberdes que assim é, conforme meus esforços recentes, pressurosamente irei para junto daqueles dos quais a tristeza se apossou.

Ora, o povo hebreu, ao anunciar-lhe Moisés a liberdade e a libertação dos males de que padecia no Egito, nem quis ouvir, e o legislador, em explicação da causa da atitude deles, dizia: “Mas eles não

ouviram a Moisés por causa da ânsia do espírito”.⁵⁶ E quando o Senhor proferiu grandes ameaças contra os judeus devido às múltiplas transgressões da Lei após o cativeiro: a vida em terra estrangeira, a escravidão, a fome, a peste, a antropofagia, adita o seguinte castigo: “Lá eu lhes darei um coração inquieto, olhos amortecidos, uma alma consumida de desgosto”.⁵⁷

Mas, por que falar dos judeus, povo indisciplinado, irrefletido, carnal, que não sabe entregar-se à sabedoria, se é possível encontrar exemplo junto de almas grandes e elevadas? O grupo todo dos apóstolos que conviveram durante três anos com Cristo, receberam abundantes ensinamentos sobre a imortalidade e outros mistérios, realizaram maravilhas e prodígios, e durante tão longo tempo assistiram aos milagres dele próprio e participaram de sua mesa, de sua intimidade, de suas conversas, foram instruídos de todos os modos, ao ouvirem palavras que lhes causavam tristeza, eles que o possuíam sem cessar, dependentes como crianças do seio materno e que não cessavam de lhe perguntar: “Aonde ides?” de tal forma ficaram abafados pela tirania da tristeza, tornaram-se presa de tal desgosto, que já não faziam perguntas. E Cristo, censurando-os, lhes dizia: Ouvistes que “vou para aquele que me enviou” e eu virei de novo a vós “e nenhum de vós me pergunta: ‘para onde vais?’, mas, porque vos disse isso, a tristeza encheu os vossos corações”.⁵⁸ Vedes como a tirania da tristeza obscureceu-lhes o amor e como os tornou prisioneiros colocando-os sob seu jugo?

De novo, o profeta Elias (ainda não pretendo deixá-lo), depois da fuga e retirada da Palestina, não suportando a tirania da tristeza (pois estava profundamente triste; seu historiador no-la faz notória, nesses termos: “Partiu para salvar a vida”), escutai como reza: “Agora basta, Senhor! Retira-me a vida, pois não sou melhor que meus pais”.⁵⁹ Ele suplica em forma de oração a realidade mais terrível, o cume dos tormentos, o principal dos males, o castigo de todo pecado, e tenta colocá-lo na lista dos favores. De tal modo a tristeza é mais terrível que a morte. Para evitar uma, recorre à outra.

5. Agora, quero resolver um problema, visto conhecer vosso interesse na solução de tais questões. Qual o problema? Se ele julgava que a morte é mais fácil de suportar do que a tristeza, porque abandonou às pressas a pátria e o povo para não incorrer na morte? E por que, fugindo dela primeiro, agora a procura? A fim de constatares quanto a tristeza é mais terrível que a morte. Quando o temor desta última era o único a abalá-lo, ele empregava todos os recursos lícitos para evitá-la. Mas, ao se instalar nele a tristeza, ter-lhe-ia revelado sua própria natureza devorando-o, esgotando-o, roendo-o com os dentes, tornando-se-lhe intolerável; então, o sofrimento que ele considerava anteriormente como o pior de todos, pareceu-lhe mais leve que o outro. Foi igualmente para escapar a uma que Jonas recorreu à outra e pede a morte para si, nesses termos: Toma a “minha vida, pois é melhor para mim a morte do que a vida”.⁶⁰

E Davi, quer fale no próprio nome, quer escreva um salmo no lugar de outros atribulados, exprime a mesma opinião: “Enquanto o ímpio estava à minha frente, eu me calei, humilhei-me, em silêncio, embora privado de todo bem e minha dor piorou. Meu coração queimava dentro de mim, ao meditar nisto o fogo se inflamava”,⁶¹ querendo dizer que este fogo mais terrível é a tristeza. Por isso, não podendo mais suportar seus golpes nem as dores que ela provoca, disse: “Exprimi em minhas

palavras...” O que exprimistes, dissei-me? Ele também invoca a morte, dizendo: “Mostrai-me o meu fim, Senhor, e qual é a medida dos meus dias, para eu saber por que me retardo aqui”.⁶² Exprime-se com palavras diferentes dos de Elias, mas são idênticos os pensamentos.

Um diz: “Não sou melhor que meus pais”; o outro assim o expressa: “Mostrai-me, Senhor, qual é a medida dos meus dias, para eu saber por que me retardo aqui!”. Por que fui deixado na terra, diz ele, e me retardo, e para que gastar-me nesta vida, enquanto os outros partiram? E deseja de tal forma a morte, ele, ou aqueles em cujo nome fala, que, se ela ainda não está presente, quer saber o tempo de sua vinda: “Mostra-me o meu fim” a fim de daí extrair grande alegria. Assim o que incute medo transforma-se em evento desejável, sob a dor insuportável da tristeza e por causa do fogo que lhe inflama o espírito. Porque, “ao meditar nisso, o fogo se inflamava”.

Por tal tribulação esperai grandes compensações, prêmios numerosos, recompensas inefáveis, coroas esplêndidas e floridas, depois de tamanhas lutas. Efetivamente, não é somente pelo bem praticado, mas também pelo mal suportado que se obtêm numerosas recompensas e fartas remunerações. Vou agora iniciar um discurso para vós e os demais muito proveitoso, capaz de induzir à paciência, despertar a coragem e evitar o desânimo dos que lutam contra as provações.

6. O discurso anterior demonstrou suficientemente que a tristeza é o mais doloroso, o cúmulo dos males, e a maior das coisas temíveis. Resta-nos estabelecer uma comparação entre virtudes e sofrimentos, a fim de compreenderdes claramente que não apenas as virtudes, mas igualmente os sofrimentos alcançam recompensas, recompensas enormes; os sofrimentos não menos que as virtudes, ou melhor, os sofrimentos por vezes com maior vantagem.

Apresentemos, portanto, se vos apraz, esse grande atleta da paciência que brilhou de ambas as maneiras, homem de aço, um rochedo que existiu na terra de Hus, mas alumiou o mundo com o esplendor de peculiar virtude. Narremos as virtudes e os sofrimentos dele, para verificardes donde se origina principalmente o seu fulgor. Quais eram, então, suas virtudes? “Abri sempre minha porta ao viandante, era um porto acolhedor para os estrangeiros”.⁶³ Todos os seus bens eram, por assim dizer, propriedade dos indigentes. “Eu era olhos para o cego, era pés para o coxo. Era o pai dos pobres e examinava a causa de um desconhecido. Quebrava as mandíbulas do malvado, para arrancar-lhe a presa dos dentes. Os pobres, quando necessitavam de alguma coisa, jamais eram repelidos e ninguém saiu de minha casa com as mãos vazias”.⁶⁴ Vedes as diferentes modalidades de seu amor aos homens, os refúgios variados e generosos, e os socorros multiformes aos necessitados? Vós o vedes a aliviar a pobreza, reconfortar as viúvas, defender os oprimidos, e ser temido pelos insolentes? Pois não mostrava zelo apenas assistindo e ajudando (isto muitos o fazem), mas levava a ação até o fim, com muita firmeza: “Quebrava as mandíbulas do malvado”, diz ele, opondo sua providente bondade ao amor deles pelas disputas. Não era somente aos insultos dos homens, mas ainda às ciladas da natureza que ele resistia com solicitude, remediando-lhe as falhas por meio de generosos auxílios. Com efeito, sendo impossível restituir-lhes os membros, aos cegos os olhos, aos coxos os pés, ele os supria, e por seu intermédio, os que haviam perdido os olhos viam, os que tinham amputado as pernas andavam. A que seria comparável seu amor aos homens?

Conheceis bastante suas outras virtudes, de sorte que é desnecessário prolongar o discurso para enumerá-las: a equanimidade, a mansidão, a sabedoria, a consciência, e – coisa admirável! – enquanto se voltava com veemência contra os injustos, era amável, polido e mais doce que o mel para todos os outros e para os seus domésticos, que, dando provas de grande afeição por ele, diziam: “Oxalá nos deixassem saciar-nos de sua carne!”.⁶⁵ Mas se os domésticos – os quais também por vezes era necessário que o temessem – dedicavam-lhe tanta ternura e amor, muito mais todos os outros homens.

7. Havendo, pois, colecionado esses fatos e outros mais numerosos, vinde comigo ao catálogo de suas provações e vejamos, numa comparação, em que momento ele era mais ilustre. Brilhava mais ao praticar todas essas virtudes ou ao padecer? Ao abrir a casa a todo recém-vindo, ou quando, depois que esta desabara, não proferia uma só palavra amarga, mas bendizia a Deus? De um lado a virtude, e do outro o sofrimento.

Qual o maior fulgor, dissei-me, quando oferecia sacrifícios pelos filhos e entre eles restabelecia a concórdia, ou quando, tendo sido eles soterrados e havendo terminado a vida com o gênero de morte mais amargo, ele recebeu os acontecimentos com sabedoria? Mais se ilustrou, dissei-me, quando com a lã de suas ovelhas aquecia os ombros nus, ou se depois de ser informado de que o fogo que caíra do céu, consumira seu rebanho e os pastores, não se perturbou, mas acolheu a provação com mansidão?

Quando foi maior? Enquanto o vigor físico lhe permitia defender os injustamente oprimidos, quebrando os molares dos opressores, arrancando-lhes a presa dos dentes, fazendo-se para os oprimidos um refúgio seguro, ou quando via o próprio corpo, armadura para eles, consumido pelos vermes, e ele, sentado no esterco, raspava as chagas, com um caco? “Amoleço os torrões com o pus que raspo”,⁶⁶ diz ele. Ora, de um lado só havia virtudes, do outro, tudo era sofrimento. Mas este o fez mais célebre que aquelas. De fato, tratava-se da parte mais dura da luta, que carecia de maior coragem, de alma mais enérgica, de mente mais elevada e de maior amor a Deus.

Por isso, enquanto advinham esses eventos, o diabo, desavergonhado e verdadeiro bandido, objetava: “Acaso é em vão que Jó teme a Deus?”. Mas ao chegarem essas aflições, ele se escondeu, virou as costas, sem poder apresentar uma sombra de petulante contradição. Aqui se encontra o cume da coroa, a flor da virtude, a prova evidente da coragem, o esforço mais apurado da sabedoria. O mesmo bem-aventurado Jó, manifestando quanto a tirania da tristeza é mais temível que a da morte, chama a morte de repouso: “A morte é um repouso para o homem”.⁶⁷ E a suplica como uma graça para ser libertada da outra, dizendo: “Oxalá se cumprisse o que pedi, e Deus concedesse o que espero. Que se dignasse esmagar-me, e me suprimisse”.⁶⁸ A cidade cujas muralhas eu percorria rapidamente, seja meu túmulo! Assim, portanto, a tristeza é o mais pesado dos fardos, mas quanto mais pesado, maiores as retribuições.

8. De outro ponto de vista, a fim de compreenderdes qual o lucro dos padecimentos – mesmo se a aflição não é pela causa de Deus (e ninguém pense que é exagero), mas na realidade é suportada e sofrida nobre e suavemente, acompanhada de graças a Deus por tudo –, o próprio Jó não sabia que sofria no serviço de Deus, e no entanto, merecia ser coroado porque, desconhecendo a causa do

sofrimento, contudo o acolhia nobremente. Igualmente Lázaro,⁶⁹ alquebrado pelas fraquezas físicas (não era propriamente sofrer por causa de Deus), porque agüentou firme o auge do sofrimento, e suportou nobremente o abandono dos que podiam cuidar dele, a dor causada pelas feridas, pela fome, pelo desprezo e a crueldade do rico, sabeis que coroas mereceu. Todavia não encontramos mencionado ato algum de virtude a respeito dele: não compadeceu-se dos pobres, nem assistiu aos injustiçados, nem praticou qualquer boa ação desta espécie, mas verificam-se a prostração diante da porta do rico, o esgotamento, as línguas dos cães e o desprezo do rico, tudo isso do âmbito das provações. Apesar de nada ter realizado de importante, simplesmente porque suportou com nobreza a dor resultante desta situação, obteve a mesma porção que o patriarca que praticara tantos atos de virtude.

Ainda devo dizer, depois disso, outra coisa talvez paradoxal, mas verdadeira. Se alguém praticar uma ação boa, grande e nobre, no entanto sem dificuldade, perigo, ou incomodidade, não receberá notável recompensa. “Cada um receberá o salário próprio, segundo a medida do seu trabalho”,⁷⁰ não de acordo com a virtude, mas segundo a extensão dos padecimentos. Por isso, Paulo, ao glorificar-se, não se gloria somente de ter praticado a virtude e ter agido nobremente, mas por ter sofrido. Depois de dizer: “São ministros de Cristo? Como insensato digo, muito mais eu”,⁷¹ e sugerindo a superioridade de seu mérito por uma comparação, não diz: “Eu anunciei a mensagem a tantos e tantos homens”, mas deixando de lado os atos de virtude que realizou, enumera o que padeceu, nesses termos: “Muito mais pelas fadigas; muito mais pelas prisões; infinitamente mais, pelo açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui açoitado com varas. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite no abismo. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte de meus irmãos de raça, perigos por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos! Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede e desnudamento. E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana!”.⁷²

9. Vedes a fileira de seus sofrimentos e o motivo de se gloriar? Em seguida, acrescenta as boas obras, e entre elas ainda o principal é o esforço, não a virtude. Após dizer: “A minha preocupação cotidiana”, designando deste modo as perseguições contínuas, os tumultos, as dificuldades (é isto que significa: “minha preocupação”), ele acrescentou: “A solicitude que tenho por todas as Igrejas”.⁷³ Não disse: “a orientação”, mas a “preocupação”, que se refere antes ao sofrimento do que à virtude. E prossegue igualmente: “Quem fraqueja sem que eu também me sinta fraco?”. Não declara: “Eu reanimo”, mas: “Eu me sinto fraco”. E ainda: “Quem se escandaliza, sem que eu também me abraze?”.⁷⁴ Não disse: “Eliminei o escândalo”, mas: “Participei da tristeza”. Mostrando em seguida o que sobretudo acarreta recompensa, completa: “Se é preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei”. E ainda acrescenta outro feito, a fuga pela janela, num cesto, ao longo da muralha. Isto igualmente pertence ao âmbito do sofrimento.

Se, portanto, os sofrimentos acarretam grandes retribuições, no atinente à tristeza, a mais custosa e dolorosa de todas as dores, imaginai quais os prêmios correspondentes! Não cessarei de cantar esse

refrão, para cumprir agora o que prometi no começo: da própria tristeza retirar as deduções que darão origem ao consolo para a tristeza.

De outro ponto de vista, haveis de compreender quanto se enobrece a ação acompanhada de sofrimento e como lhe é inferior idêntica ação, praticada sem esforço. Nabucodonosor, aquele rei babilônio, que vivia entre cetros e diademas, publicou outrora uma boa notícia. Depois do milagre da fornalha, encarregou-se de informar a toda a terra, não apenas de viva voz, mas ainda por escrito, e a todos os lugares enviou uma missiva nos seguintes termos: “O rei Nabucodonosor, a todos os povos, nações e línguas que habitam sobre toda a terra. Entre vós multiplique-se a paz! Aprouve-me anunciar-vos os sinais e maravilhas que o Deus altíssimo fez, em meu favor. Quão grandiosos e poderosos! Seu reino é um reino eterno e seu domínio vai de geração em geração”.⁷⁵ E proclamou um edito que todo o povo, nação e língua que blasfemasse contra o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago “fosse condenado à morte e sua casa submetida ao saque. E acrescenta: “Pois não há outro deus que possa libertar dessa maneira”.⁷⁶ Vedes a ameaça contida nessas cartas? Vedes o pavor? Vedes o ensinamento? Vedes o importante arauto e as mensagens dirigidas a todas as regiões da terra? O que me dizeis, então? Receberá ele recompensa idêntica à dos apóstolos, por ter anunciado o poder de Deus desta maneira, por ter sido tão zeloso para propagar em toda parte esta palavra? Não lhe será destinada grande parte, mas uma parte assaz diminuída. Entretanto, realizou a mesma obra que eles. Todavia, como não houve esforço adicional, nem sofrimento, a recompensa foi reduzida. Ele agia assim com toda liberdade e impunemente; aqueles outros achavam-se impedidos, perseguidos, golpeados, torturados, atribulados, jogados do alto de precipícios, afogados no mar, consumidos de fome, entregues à morte cada dia, atormentados no espírito, fracos com os fracos, abrasados com cada um dos escandalizados; mas os prêmios de todas as suas fadigas e tristeza eram bem maiores. “Cada um receberá o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho”,⁷⁷ não cessarei de repeti-lo continuamente.

Por esta razão Deus, que ama os homens, apesar de Paulo lhe ter pedido muitas vezes que apartasse dele os sofrimentos, as tristezas, o pesar, os perigos, não o atendeu: “A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor”, diz ele, mas não obtive o que pedia.⁷⁸ Por que motivo devia ele receber as maiores retribuições? Porque anunciou o evangelho sem dificuldade, no meio de delícias, vivendo na alegria? Porque abriu a boca e moveu a língua, sentado dentro de casa? Seria fácil para qualquer um, mesmo para alguém inteiramente sem ânimo e de vida fácil e dissoluta. Mas, relativamente às feridas, aos perigos de morte, aos percursos por terra e mar, à própria tristeza, às lágrimas, ao pesar – “Durante três anos, dia e noite, não cessei de exortar com lágrimas a cada um de vós”⁷⁹ –, receberá, com toda a confiança, compensações e coroas.

10. Refletindo sobre isso e como traz grande lucro a vida dolorosa e árdua, alegrai-vos, ficai contente, vós que prosseguistes desde a juventude, entre padecimentos incessantes e múltiplos, por um caminho lucrativo, carregado de mil coroas. Efetivamente, o sofrimento físico multiforme e de toda espécie, bem mais penoso que mil mortes, não cessou de vos cercar perpetuamente. Afligiram-vos sempre nuvens de injúrias e ultrajes, calúnias ininterruptas, desgostos múltiplos e seguidos, motivos de

lágrimas. Cada uma das mencionadas provações bastaria, por si só, para obter grande lucro a quem as tivesse recebido bem. Na verdade, Lázaro, apenas pela doença, partilhou idêntica sorte à do patriarca.⁸⁰ Ao publicano, as injúrias do fariseu ocasionaram uma justiça que ultrapassava muito a deste último.⁸¹ O príncipe dos apóstolos, por suas lágrimas, curou a ferida causada por seu grave pecado.⁸² Uma vez que das supracitadas aflições, cada qual e uma só delas talvez seja suficiente, refleti quantas retribuições recebereis, vós que as suportastes todas de modo extraordinário e ininterruptamente. Nada com efeito, nada torna tão magnífico, tão digno de inveja, nada cumula de bens múltiplos como a abundância das provas, dos perigos, das fadigas, dos desgostos, dos ataques seguidos da parte daqueles dos quais menos se esperava e a mansidão com que são suportados. Igualmente o filho de Jacó, nada o tornou feliz e célebre como a calúnia, a prisão, as cadeias e a conseqüente miséria. Grande, indubitavelmente, foi o valor da castidade ao triunfar da impudência egípcia e ao repelir a infeliz que o incitava a relações culpadas. Mas isto não era tão grande quanto seus padecimentos. Que motivo de louvor, dissei-me, existe em não cometer adultério, não arruinar o casamento de outrem, não manchar o leito que não era dele, não fazer injustiça a seu benfeitor, não cercar de vergonha a casa de seu protetor? Mas principalmente fizeram-no grande o perigo, a conspiração, a insânia da mulher escrava, a violência contra ele, a prisão sem saída do quarto nupcial que lhe preparara a adúltera, as ciladas que lhe armara de todos os lados, a acusação, a calúnia, a prisão, as cadeias, a falta de alguém que lhe fizesse justiça depois de tal combate pelo qual merecia ser coroado, o fato de ser levado como culpado e devedor a uma fortaleza e ser encerrado com os últimos criminosos, a imundície, os ferros, a miséria da prisão. Em tal situação é que o vejo emitir maior brilho do que na ocasião em que estava sentado no trono do Egito, a distribuir o trigo aos necessitados, saciar-lhes a fome e ser geral refúgio para todos. É então que o vejo mais radioso, de mãos e pés carregados de grilhões, do que ao estar revestido do poder, com vestes esplêndidas. Para ele a prisão foi oportunidade de trabalhos e de grande proveito; a vida luxuosa, cheia de lazer e honrarias comportava sem dúvida muito prazer, mas poucas vantagens. Por isso, não o proclamo tão feliz ao ser honrado pelo pai quanto ao ser odiado pelos irmãos, combatido por aqueles com os quais ele habitava. De fato, desde a juventude, uma guerra cruel se declarara contra ele, apesar de não terem os que a faziam motivo algum de censurá-lo; mas eles se consumiam e estouravam de inveja porque gozava de maior consideração junto do pai. No entanto, Moisés, o legislador, não disse que a afeição provinha da virtude do menino, e sim das condições do nascimento. Na verdade, foi o último a ser gerado em extrema velhice (os filhos assim nascidos são particularmente amados, porque vieram além de toda esperança); por isso era amado. Seu pai o amava, diz a Escritura, “porque ele era o filho de sua velhice”.⁸³

11. O legislador assim escreve, a meu ver, não para exprimir a realidade, mas para manifestar a desculpa e o pretexto do pai. Vendo, com efeito, o jovem invejado e querendo acalmar a paixão dos irmãos, inventou uma razão para amá-lo que não provocasse inveja. É evidente, levando-se em conta a Benjamim, que não foi este o motivo da afeição e sim a virtude da alma, além da idade. Se era amado por causa da idade juvenil, seria preciso que fosse mais amado o que era mais moço que ele. Pois

Benjamim foi gerado após José e era bem mais para Jacó o filho da velhice. Mas, como já disse, era uma invenção do pai que queria apaziguar a luta entre os irmãos. Nem assim o conseguiu, mas a chama ardia com mais vigor. E como eles nada podiam fazer no momento, lançaram-lhe uma censura maldosa, envolveram-no em vergonhosa causa, antecipando, eles seus irmãos, uma mulher bárbara e mostrando-se muito piores do que ela. Pois ela agia contra um estrangeiro, eles, ao invés, eram malvados contra um irmão. E não parou aí sua perversidade, porque acrescentavam sem cessar um assalto aos anteriores. Tendo-o apreendido quando sozinho num lugar deserto, tomaram-no pela garganta, venderam-no e transformaram um homem livre em escravo, e submetido à pior escravidão. Pois não foi a homens da mesma raça, mas a bárbaros que falavam outra língua, que iam para um país bárbaro, que eles entregaram o irmão. Deus, para torná-lo mais ilustre, permitia os acontecimentos, tinha paciência, enquanto um perigo se sucedia a outro. Com efeito, depois da inveja e da calúnia vergonhosa, eles o entregaram para ser imolado e a uma escravidão pior que a imolação.

Não passeis por alto relativamente ao que digo, mas imaginai este nobre jovem, nutrido na casa paterna com toda a liberdade, cercado de grande amor paterno, de repente vendido por seus irmãos, que em nada podiam censurá-lo, entregue a bárbaros que falavam outra língua, de costumes diferentes, mais semelhantes a animais selvagens do que a homens, apátrida, exilado, servo e estrangeiro, em vez de livre e cidadão, e depois de ter gozado de prosperidade, cair na miséria extrema da escravidão, à qual não estava absolutamente acostumado, sob o jugo de senhores muito duros e ser transferido para uma terra estrangeira e bárbara. Mas as tribulações não pararam aí. Alternavam-se as ciladas, após os sonhos maravilhosos, prenúncios de que seus irmãos se prostrariam diante dele. Os negociantes que o haviam apreendido não o guardaram consigo, mas entregaram-no a outros bárbaros piores ainda do que eles.

Compreendeis que sofrimento consiste em passar de dono a dono. A escravidão é mais intolerável se além disso os compradores são estrangeiros e mais cruéis que os precedentes. Ele encontrava-se no Egito, outrora enfurecido inimigo de Deus, agora de bocas insolentes, línguas blasfemas. Convive com egípcios dos quais um só bastava para transformar o grande Moisés em fugitivo e exilado. Mal aí respirou um pouco e Deus, que no seu amor aos homens, dispõe coisas admiráveis, depois de ter transformado em ovelha o animal feroz que o havia adquirido, preparava-lhe logo uma palestra, um estádio e lutas, combates e suores mais intensos que os primeiros. Pois aquela que o havia comprado tendo-o olhado com olhos impuros, dominada pela beleza de seu aspecto, presa do ímpeto da paixão, tornou-se uma leoa de mulher que era, sob o jugo do desejo impudico. De novo o inimigo habitava a mesma casa que ele, mas tinha argumentos diferentes dos precedentes. Uns expulsaram-no de casa porque o odiavam, ela porque amava apaixonadamente o jovem e abrasava-se por ele; e a guerra era dupla, ou antes tríplice, múltipla. Porque ele escapou das redes, rompeu os fios estendidos, rapidamente, não penseis que tenha adquirido esse resultado sem esforço; passou por muito suor.

12. Se quereis vê-lo claramente, ponderai o que é a juventude e o viço da juventude. Ele se achava então na flor da idade, quando a chama da natureza se levanta com maior ardor, a tempestade do desejo é violenta, a razão é mais fraca. As almas dos jovens não são protegidas pelo hábito da reflexão, não têm grande zelo pela virtude, mas dum lado a tempestade das paixões é mais temível e

de outro a razão que governa as paixões é mais débil. Além da idade e da natureza, a insolência desta mulher era imensa. Como as mãos dos persas acendiam com ardor a fôrnalha de Babilônia, alimentando abundantemente o fogo e jogando na chama combustíveis variados, da mesma forma esta infeliz e miserável mulher atiçava mais forte a chama da fôrnalha, exalando perfumes, suscitando langor pelo colorido das faces, a pintura dos olhos, a voz alquebrada, os movimentos, o andar, enfeitando o jovem com vestes que denotavam indolência, ornamentos de ouro e mil outros artifícios. E como um hábil caçador para apanhar uma caça difícil utiliza todos os instrumentos de sua arte, assim, conhecendo a prudência do jovem (pois esta não devia escapar-lhe com o decorrer do tempo), ela pensou que precisava de muitos preparativos para o cativar e para isso empregava todos os recursos de sua insolência. Não se contentava com isso, mas espreitava o lugar e a oportunidade favoráveis à caça.

Por isso não atacou logo que ficou aprisionada, mas esperou muito tempo, contendo esses maus desejos e alimentando-os, receando, por precipitação e seus laços prematuros, deixar escapar a presa. Um dia, encontrando-o sozinho em casa, entregue às costumeiras ocupações, cavou um fosso mais profundo; expandindo inteiramente as asas da volúpia, retendo o jovem no meio de suas redes, ela o cerca, o toma a sós. Mas antes, não estava só. Tinha a seu favor a idade, a natureza, as outras maquinações acrescentadas. Ela arrasta por força o nobre jovem a uma ação culpada. Que prova mais terrível que essa? Não ultrapassa a violência da fôrnalha e duma chama? É um jovem cheio de viço, escravo, isolado, apátrida, estrangeiro, exilado, sob a autoridade de uma dona sem pudor e insana, rica, revestida de tal poder, em tal solidão (pois ela a prepara para um aprisionamento tão importante), é retido depois de estar preso, lisonjeado e arrastado para o leito de sua senhora e depois de tantos perigos e ciladas? Vós sabeis que a maioria dos homens, quando esgotados e em dificuldades, se em seguida são convidados ao prazer, ao lazer, a uma vida fácil e dissoluta, nela se precipitam com mais ardor. Não, porém, este jovem. No meio de tudo mostrava a própria firmeza. Este quarto, ousou compará-lo à fôrnalha de Babilônia, à fossa dos leões de Daniel, ao ventre do monstro marinho onde caiu o profeta, ou algo mais terrível. Pois, de um lado, o êxito da cilada era a destruição do corpo, de outro era a ruína completa da alma, morte eterna, infelicidade inconsolável. A cova não era temível somente por isso, mas além da violência e da astúcia, era cheia de lisonjas, dum fogo de formas variadas e múltiplas, que não queima o corpo, mas devora a própria alma.

Salomão atesta o mesmo, ele que sabia como é grave ter relações culpadas com uma mulher casada. “Pode alguém carregar fogo consigo sem queimar a própria roupa? Pode alguém caminhar sobre brasas sem queimar os próprios pés? Assim acontece com aquele que procura a mulher do próximo, quem a toca não ficará impune”.⁸⁴ Ele quer dizer o seguinte: como não é possível que um homem se aproxime do fogo sem ser queimado, assim não é possível que um homem que frequenta uma mulher escape do incêndio que dela se desprende. Era muito mais terrível o que José suportou. Pois não foi ele que a tocou, mas ele estava em seu poder, sozinho, arrastado por ela só; contudo, tinha sido exposto a tantos males, tinha provado tantas adversidades, e desejava ardentemente a calma e a segurança.

13. Apesar disto, preso em tais redes e vendo um animal de formas variadas lançar-se contra ele,

empregar todos os meios, o contato, a voz, os olhos, as cores, a pintura, o ouro, os perfumes, as vestes, as atitudes, as palavras, o luxo circundante, a solidão, o segredo assegurado, a riqueza, o poder, tendo além disso como cúmplice o que acabo de dizer, a idade, a natureza, a escravidão, a permanência num país estrangeiro, ele triunfou de todas essas chamadas.

A meu ver, mais que a inveja dos irmãos, o ódio da parentela, a venda, o jugo dos bárbaros, o longo exílio, a estada em país estrangeiro, a prisão, as cadeias, o tempo decorrido, a miséria do lugar, esta prova era muito mais terrível pois havia ali sumo perigo. Ao escapar deste combate, surgiu uma brisa orvalhada, oriunda da graça de Deus e da virtude do jovem. Estava cercado de tal paz, de tal castidade, que se esforçou por acabar com a loucura desta mulher. Quando saiu intacto, como os jovens que escaparam da chama dos persas (não tinham nem mesmo o odor do fogo, diz o autor), foi considerado como o grande atleta da castidade e comparável ao aço.

Vejamos de que vantagens foi gratificado e coroado o vencedor. Novamente ciladas, abismos, morte, perigo, calúnias, ódio indizível. Esta infeliz consola seu amor com a cólera, desencadeia paixão sobre paixão, adita ira iníqua ao desejo incontinente, e depois do adultério, o homicídio. Respirando ainda imensa ferocidade, lançando olhares sanguinários, instala um tribunal corrupto, o dono do jovem, seu próprio marido, bárbaro, egípcio; e intenta uma acusação sem testemunhas. Não deixa o acusado comparecer ao tribunal, mas sozinha acusa, fiada na ignorância e na benevolência do juiz, na confiança que lhe inspira, no fato de ser o acusado um escravo, e depois de ter declarado o oposto dos fatos, influencia o juiz, convence-o de emitir a sentença que lhe assegura a vitória, de condenar aquele que não pudera se defender, pronunciar uma pena muito pesada, a prisão e logo, a detenção, as cadeias. Mesmo sem ter visto o juiz, este homem admirável foi condenado. E coisa mais árdua, foi condenado como adúltero, cobiçoso do leito de seu dono, que destruiu a união de outrem, e foi surpreendido em flagrante delito, convencido de crime.

O juiz, a acusadora perante muitos que ignoravam a realidade e o castigo subsequente tornavam o fato verossímil. Mas nada disso o perturba. Ele não diz: “Será esta a realização de meus sonhos? O final de minhas visões? Este o preço de minha castidade? Um juízo desarrazoado, um decreto injusto e de novo uma cruel suspeita. Da mesma forma fui expulso outrora da casa paterna, como aliciante de favores, agora sou levado à prisão como adúltero, por ter tentado a castidade de uma mulher e todos lançam contra mim esta acusação. Meus irmãos, que deviam se prostrar diante de mim (pois assim mostravam meus sonhos), vivem em liberdade, sem temor, no bem-estar, na pátria, na casa paterna, e eu, que devia governá-los, é com os espoliadores de cadáveres, com bandidos, com os que cortam as bolsas que sou encadeado; nem expulso da pátria, fiquei isento de perturbações e questões, mas, até em terra estrangeira, encontro novamente abismos, espadas aguçadas. Aquela que me fez este mal e me caluniou, e a duplo título merece ser castigada por aquilo que ousou perpetrar, dança e salta agora, como se tivesse sido coroada no meio de troféus e esplêndidos cantos triunfais; eu, porém, que em nada sou culpado, estou submetido ao pior castigo”.

Nada disso diz ou pensa; mas qual atleta que se adianta no meio de coroas, alegrava-se, sentia-se feliz e não desejava o mal nem aos irmãos, nem à adúltera. Onde o sabemos? Daquilo que ele próprio disse um dia a um dos presos, entre os quais estava. Estava tão longe de estar subjugado pela tristeza, que dissipava o desgosto dos outros. Pois, quando viu alguns deles perturbados, transtornados,

desencorajados, procurou-os logo para saber o motivo. Tomando conhecimento de que a perturbação provinha de visões em sonhos, explicou estes sonhos. Suplicou em seguida que se lembrassem dele diante do rei para libertá-lo, pois se era nobre e admirável, contudo era homem e não queria viver miseravelmente nesses ferros. Suplicando por conseguinte que se lembrassem dele diante do rei e que o persuadissem a livrá-lo de seus laços, e forçado a declarar a razão por que havia sido lançado na prisão, e a fim de que tivesse quem ia interceder em seu favor um bom motivo de defendê-lo, não mencionou nenhum dos que lhe haviam feito injustiça, mas tendo refutado as acusações, deteve-se neste ponto, sem nomear os que haviam agido mal contra ele. “Com efeito, fui arrebatado fraudulentamente da terra dos hebreus e aqui mesmo nada fiz de mal e fui jogado nesta cova”.⁸⁵ E por que não falas da meretriz, da adúltera, dos fraticidas, da inveja, da venda, do furor de sua senhora, dos meios de acesso, da impudência, das ciladas, das maquinações, da calúnia, do julgamento injusto, do juiz corrupto, da sentença fora da lei, da infundada condenação? Por que calas e escondes tudo isso? Porque não sei lembrar-me das injúrias – diz ele – visto que são para mim coroas e recompensas, oportunidade de maior lucro.

14. Vedes a alma amiga da sabedoria, vedes como se acha isenta de cólera e acima das ciladas. Vedes como se compadece dos que lhe fizeram injustiça em vez de guardar rancor. No intuito de não acusar os irmãos, nem essa sanguinária, declara: “Fui arrebatado fraudulentamente da terra dos hebreus e aqui mesmo nada fiz de mal”. Nada menciona, nem a cova, nem os ismaelitas, coisa alguma. Mas, depois de tudo isso, aguardava-o uma prova extraordinária. Com efeito, aquele que tinha recebido de sua parte tão grande consolação e havia sido libertado de seus liames, conforme a predição que lhe fora feita, que fora restabelecido na situação anterior, esqueceu o benefício e o pedido do justo. O ministro estava na corte do rei, gozando de prosperidade; mas aquele que brilhava mais que o sol e havia emitido os raios de sua virtude, permanecia ainda na prisão e ninguém havia para o relembrar diante do rei.

Fazia-se mister que lhe fossem tecidas numerosas coroas e maiores recompensas lhe fossem reservadas. Por isso foram-lhe impostas duplas e mais longas carreiras. Deus deixava que subsistisse a arena, entretanto não o abandonava definitivamente, permitia aos que lhe armavam emboscadas que desenvolvessem toda a atividade sem contudo eliminar o atleta, nem manter distante o inimigo da virtude. Permitiu que fosse lançado numa cova, que seu manto fosse manchado de sangue, mas não lhes permitiu chegar à imolação. Foi um irmão que sugeriu esta solução, mas tudo se realizou conforme à providência de Deus. O mesmo aconteceu com a egípcia. Por que razão, disse-me, este homem ardente e incontinente (é sabido quanto a raça dos egípcios é exaltada e colérica, pois esta paixão é muito forte neles) não suprimiu logo aquele que ele acreditava ser adúltero e culpado contra sua mulher, por que não o entregou ao fogo? Foi, contudo, bastante insensato para ser informado só por uma das partes, sem ter dado ao acusado a palavra. Por que no momento da pena mostrou-lhe grande equanimidade, e isto, vendo sua mulher enfurecida, raivosa, clamando por violência, com as vestes rasgadas, e por esta razão ainda mais irritada, lamentando-se e dando gemidos. Mas, nada disso o arrastou ao assassinato. Por que? Disse-me. Não é evidente que aquele que amordaçou os leões e atenuou o fogo da fornalha conteve a ira desmesurada da fera selvagem, extinguiu a cólera

inexprimível para suavizar com medida o castigo? Poder-se-ia ver que isso se deu também na prisão. Deus permitiu que ele fosse encarcerado, que se achasse entre criminosos, mas arrancou-o à crueldade dos carcereiros. Vós sabeis, com efeito, o que é um carcereiro; mas o de então era para com José manso e polido e não somente não o afligiu com certos trabalhos pesados, mas colocou-o à frente de todos os companheiros e isso após tê-lo recebido como um adúltero, culpado, adúltero insigne. De fato, sabia-se que não era numa casa comum, mas grande e esplêndida, que ele tivera a audácia deste ato. Mas, nada disso o assustou nem o persuadiu de ser cruel para com ele. Mas o fato é que as coroas se teciam com as provações e a ajuda de Deus fluía com grande abundância.

Tinha desejado aumentar ainda esta longa carta, mas como penso que ultrapassou de muito a medida, depois de interromper aqui meu discurso, peço-vos, como jamais cessei de vos suplicar, que fujais da tristeza, que deis glória a Deus, o que sempre fizestes e não cessais de fazer, dando-lhe graças por todas essas provações e desgostos. Desta forma, colhereis os mais belos frutos, dareis um golpe mortal no demônio, obtereis grande conforto e podereis fazer desaparecer suavemente a nuvem da tristeza e gozar de uma pura calma. Não vos entregueis à fraqueza, mas, elevando-vos acima de toda essa fumaça (pois vós dissipareis toda esta tristeza mais facilmente que a fumaça), comunicai-nos isso por nossa vez a fim de que, apesar da distância, experimentemos em vossas cartas uma grande alegria.

CARTA 11

1. As tribulações aumentaram para todos, os fossos a atravessar tornaram-se mais largos, a carreira mais longa e a cólera dos que conspiram contra vós eleva-se em chama mais ardente. Não importa agitar-se, nem perturbar-se, mas justamente por este motivo, convém alegrar-se, saltar, coroar-se e dançar em coro. Se não tivésseis antes infligido ao demônio feridas mortais, esta fera não se teria tornado furiosa a ponto de ir mais adiante. Certamente, constitui prova de vossa coragem e de vossa vitória e de sua grande derrota que ele se lance com maior vigor, ataque, mostre maior falta de pudor e espalhe um veneno mais abundante. Assim, no caso do bem-aventurado Jó, em que, havendo lhe tirado as riquezas, arrebatado os filhos, foi, entretanto, vencido. Qual prova de que recebera cruéis feridas, empregou o pior dos males: o assalto da carne, o pulular dos vermes, o coro das chagas. Denomino, de fato, a isso um coro, mas também uma coroa e um enxame de mil recompensas. E não se deteve nisso, mas como não lhe restava mais meio algum desta espécie (pois fizera entrar em cena esta doença como o último termo das tribulações), empregou ainda outros recursos armando sua mulher contra ele, irritando os amigos, excitando os servos, fazendo-os semelhantes a feras selvagens, reavivando de todos os modos as suas feridas.

Agora ainda, não cessa com seus empreendimentos, mas contra sua própria cabeça. Vossa situação diariamente, por isso, torna-se mais brilhante, mais importante, mais radiosa, vossa riqueza aumenta, vossos negócios prosperam, vossas coroas se multiplicam e acumulam e acarretam-vos, devido ao fato mesmo de vossos infortúnios, aumento de coragem, e os ataques dos inimigos induzem à luta vossa força de alma. Tal é a natureza da tribulação. Ela torna os que a atravessam com doçura e nobreza superiores às tribulações, mais elevadas que os dardos do demônio, ensina a desprezar os embustes. Também as árvores que crescem na sombra são mais delicadas e menos aptas a dar frutos. As que

estão expostas às alterações da temperatura, que recebem os embates dos ventos, o calor do sol, são as mais fortes, coroadas-se de folhas, vergam sob os frutos. Outro tanto acontece no mar. Efetivamente, os que sobem pela primeira vez a um navio, mesmo se muito corajosos, ficam perturbados, por falta de experiência, agitam-se e são tomados de vertigens e tonturas.

Ao invés, os que viajaram muito por mar, que conheceram múltiplas tempestades, escolhos, rochedos, recifes, ataques de monstros marinhos, conjurações de corsários e piratas, passaram por naufrágios e tempestades contínuas, mantêm-se no navio mais tranqüilamente que os que andam sempre sobre terra firme, e não somente sentados no interior, perto da carena, mas até nos bordos do navio ou de pé, sem medo, na popa e na proa; e os que antes se ofereciam aos olhares com temor e tremor, depois de longa experiência das tempestades, puxam cordas, desfraldam velas, apanham remos e percorrem o barco em todos os sentidos com segurança. Não vos perturbeis, portanto, com o que acontecer. Os inimigos, efetivamente, a contragosto, nos reduziram a incapazes de sofrer dano, porque esgotaram todos os seus dardos, e deste modo nada mais conseguiram senão cobrir-se de vergonha, cair no ridículo e revelar-se por toda parte quais inimigos comuns do mundo inteiro. Esta é a paga dos que tramam conspirações, o resultado das guerras. Ah! como é grande a virtude e o desprezo das coisas presentes! Retira das conspirações seus lucros; por meio dos conspiradores é coroada; por aqueles que praticam o mal, ela brilha com maior fulgor; por intermédio dos que tentam arrastá-la ao mal, torna mais fortes os seus seguidores, mais elevados, indômitos, livres, sem necessidade de armas, lanças, redutos, fossos, torres, riquezas, exércitos, mas somente de resolução firme, de alma inflexível; ela convence de culpa qualquer conjuração humana.

2. Cantai assim, minha senhora, de Deus muito amada, para vós e para as companheiras que convosco lutam neste belo combate, animai a todas, dispõe em linha de batalha o exército para que se duplique, triplique, multiplique a coroa de vossa virtude, por meio dos sofrimentos, dos estímulos que dais às outras, persuadindo-as de suportar tudo com mansidão, desdenhar as sombras, desprezar a ilusão dos sonhos, calcar aos pés o lodo, não dar importância alguma à fumaça, não crer que teias de aranha possam importunar e passar sem se deter sobre uma erva que se putrefaz. Tudo isso é a vaidade da felicidade humana; mais vil ainda que tudo isso. Não se poderia facilmente encontrar imagem fiel de tal vaidade. Além de nada ser, causa considerável prejuízo aos que por ela aspiram, não somente na vida futura, mas ainda na vida presente e em todos os dias em que se julga nela encontrar prazer. Na verdade, como a virtude, no momento mesmo em que é combatida, exulta, floresce e mostra-se mais ilustre, assim a malícia, no próprio instante em que é entretida e lisonjeada, revela fraqueza, profunda derisão, inexplicável comédia.

Que há de mais miserável, disse-me, do que Caim no momento mesmo em que parecia dominar o irmão, ter vencido, saciar-se de furor e daquela ira injusta e abominável? O que existe de mais impuro que a mão que parece ter triunfado, a direita que deu o golpe e cometeu o homicídio, a língua infame que urdiu o dolo e estendeu as redes? Por que enumerar os membros que cometeram o crime? Sofreu castigo o corpo inteiro, entregue para sempre aos gemidos e arrepios de pavor. Ó novidade, maravilhosa vitória, troféu até então desconhecido. Quem jazia imolado, morto, era coroado e proclamado! O vencedor e triunfador, não somente era privado da coroa, mas por causa disso era

entregue a castigos insuportáveis e a infundo tormento. O ferido e morto, sem voz, acusa aquele que anda, vive, fala. Bem mais, nem mesmo é o defunto, mas apenas seu sangue, separado do corpo, que basta para tanto. Tal a superioridade dos homens virtuosos, mesmo depois de mortos; tal a miséria dos maus, apesar de vivos. Se na arena os prêmios são tão grandes, imaginai as recompensas após os combates no momento da retribuição, da distribuição de bens além de toda palavra. As penas, de fato, quaisquer que forem, vêm dos homens e, como aqueles que as causam, possuem bem pouco valor. Os dons e as recompensas, porém, são doados por Deus. Por isso são tais como é possível esperar, porque provêm daquele benfeitor inefável. Alegrai-vos, portanto; regozijai-vos, corando-vos, em procissão, calcando mais aos pés os agulhões dos inimigos do que outros o lodo. Dai-nos sem cessar notícias de vossa saúde, para que experimentemos grande alegria. Sabeis, sem dúvida, e será para nós não pequeno consolo, apesar da solidão, ser freqüentemente informado de vossa boa saúde. Passai bem!

CARTA 12

1. Regressando das próprias portas da morte, remeto-vos a presente carta. Por isso, alegrei-me muitíssimo de que vossos servos vieram ao nosso encontro agora, quando alcançávamos o porto. Na verdade, se tivessem chegado quando eu ainda era balançado em alto-mar, alvo das ondas terríveis da doença, não me teria sido fácil enganar-vos, dando boas notícias em vez de más. Aliás, o inverno, tendo sido mais rigoroso que de costume, provocou uma moléstia de estômago mais penosa, e passei esses dois meses em estado pior que o de um cadáver, ou antes, péssimo. Vivia apenas o suficiente para perceber os males que me cercavam de todos os lados, tudo era noite para mim: o dia, a aurora, o meio dia, e passava o dia inteiro preso ao leito. Tentava mil recursos, mas não conseguia livrar-me do mal-estar proveniente do frio. No entanto, acendia o fogo, suportava uma fumaça muito incômoda, fechava-me num só compartimento, punha inúmeras cobertas, não ousava atravessar o limiar da porta, passava pelos piores sofrimentos, com vômitos seguidos, dores de cabeça, inapetência, insônias contínuas. Atravessava em vigília o oceano tão vasto da noite. Mas, para não torturar mais vossa mente, detendo-me nas aflições, agora estamos livres de tudo. Porque logo que chegou a primavera e houve pequena mudança de temperatura, tudo desapareceu automaticamente. Todavia, ainda agora, tenho necessidade de muitas precauções com minha dieta. Por isso, trato do estômago com alimentação leve, de fácil digestão. Mas, nem tudo isso impediu nossos cuidados, ao saber que estivestes a ponto de expirar. E como vos dedico a maior estima, eu me aflijo e preocupo com o que vos sucede; mas fui libertado desta ansiedade mesmo antes de receber as cartas, porque vários dos recém-chegados deram-me notícias de vossa saúde. Agora muito me alegro e regozijo, não somente porque a doença cedeu, mas sobretudo porque suportais tão nobremente as tribulações que vos atingem, considerando-as um mito, e mais ainda, atribuístes esse mesmo termo às aflições físicas, o que denota uma alma vigorosa, que recolhe abundantes frutos de sua coragem. Ora, não somente suportar as dificuldades com nobreza, mas ainda não lhes dar atenção, desprezá-las e com toda tranqüilidade cingir a coroa da paciência, sem esforço nem suor, sem levantar dificuldades nem causá-las aos outros, mas de certo modo a exultar e dançar, comprova a mais autêntica sabedoria. Por esta razão, alegro-me e salto de alegria, vôo feliz, indiferente à solidão atual e a outras reviravoltas, contente, radioso, exibindo-me diante de vossa grandeza de alma e sucessivas vitórias, e não apenas

por vossa causa, mas também devido a esta cidade imensa e populosa para a qual vos tornastes qual cidadela, porto, muralha, pregando de modo magnífico por atos e ensinando a homens e mulheres, com vossos padecimentos, a despir-se sem dificuldade para tais combates, a descer à arena com toda coragem, a suportar de boa mente o suor originário de tais lutas. É admirável que, sem descer à praça, sem ir ao centro da cidade, mas permanecendo sentada num quartinho estreito e apartado, fortificais, preparais para a luta os que vos cercam e, enquanto o mar está revoltado, as vagas se levantam, surgem rochedos, recifes, escolhos, monstros marinhos de todos os lados, e uma noite profunda repercute sobre todas as coisas, navegais tranqüila, como se fosse meio-dia, o tempo calmo e o vento soprasse na popa, desfraldando as velas da paciência, não apenas sem que esta terrível tempestade vos angustie, mas sem ser aspergida por nenhuma gota d'água. E com razão: assim é o leme da virtude. Os mercadores, os timoneiros, os marinheiros, os navegantes, ao perceberem as nuvens se acumularem, desencadearem-se violentos furacões, ou o ruído das ondas fervilhando com forte espuma, conduzem os navios para o porto. Se acaso se encontrarem a navegar em alto-mar, fazem o possível e usam de todos os recursos para ancorar a embarcação ou conduzi-la a uma ilha ou promontório. Vós, no meio de milhares de ventos, de ondas bravias que se entrechocam em todas as direções, enquanto as profundezas do mar se revolvem pelo furor da tempestade, e alguns submergem, outros mortos flutuam nas águas, outros, nus, são arrastados numa prancha, vós, saltando no meio do oceano de males, denominais a tudo isso um mito, realizando feliz travessia no meio da tempestade. E com razão. De fato, os próprios timoneiros, mesmo se sumamente peritos em conhecimentos, não possuem, contudo, técnica suficiente para resistir a qualquer espécie de tempestade. Por esta razão procuram escapar muitas vezes da luta contra as vagas.

Quanto a vós, porém, tendes ciência superior a qualquer tempestade, sapiente força de alma, mais vigorosa que a de mil exércitos, mais forte que as armas, mais segura que torres e baluartes. Efetivamente, os soldados têm armas, muralhas, torres, válidas apenas para a segurança corporal, e isso nem sempre, nem totalmente, mas há casos em que todas essas coisas são insuficientes e deixam desprotegidos os que nelas confiam. Vossas armas não são destinadas a vencer os dardos dos bárbaros, nem as máquinas de guerra inimigas, nem os assaltos, nem as fraudes desta espécie, mas calcaram aos pés as exigências da natureza, destruíram-lhe a tirania, arruinaram-lhe a fortaleza. Lutando sem cessar com os demônios, obtivestes mil vitórias, não recebestes golpe algum, mas ficastes de pé, invulnerável, entre tal número de dardos e as flechas projetadas contra vós retrocedem contra os que as lançam. Tal a perícia de vossa arte: pelos males que vos atingem, repeli os que os causam; pelas insídias tramadas contra vós, afligis os adversários, aproveitando a maldade deles qual excelente oportunidade de fundamentar maior glória. Por saber por vós mesma, conhecer por experiência tudo isso, é com razão que o considerais um mito. Como não o trataríeis de mito, dissei-me, vós que recebestes um corpo mortal e desprezais a morte de igual forma que os que se sentem pressurosos de deixar a terra estrangeira e voltar à própria pátria? Vós que viveis com moléstias físicas muito dolorosas, mas vos sentis muito melhor do que os homens corpulentos e vigorosos, sem ficar abatida com os insultos, nem orgulhosa por honrarias e louvores? Ora, tal é a causa de milhares de males para muitos, até entre alguns ilustres no sacerdócio, que, no entanto, chegando à extrema velhice, cobertos de cãs, resvalaram e ofereceram público espetáculo aos que gostam de se divertir. Vós, porém, sois

mulher dotada de corpo frágil como uma teia de aranha, alvo de tão fortes assaltos, e não somente em nada fostes atingida, mas até impedistes a muitos outros de sofrer. De fato, estes mal haviam travado combate, desde o início, desde a muralha, por assim dizer, no momento em que se atiravam, foram abatidos. Vós, ao contrário, que mil vezes ultrapassastes o marco final, em cada curso obtivestes o prêmio, tendo dado múltiplos exemplos de esforços e lutas. E isto, com razão. Nas pelejas empreendidas pela virtude, a idade e o corpo para nada valem, mas somente a alma e a resolução. Desta forma, enquanto mulheres foram coroadas, homens deslizaram, e igualmente crianças foram proclamadas vencedoras e velhos cobertos de vergonha.

Sempre faz-se mister admirar os que procuram a virtude, especialmente quando, diante do abandono de grande número, mal se encontram alguns que por ela pelejam. Por isso, é justo admirar-vos totalmente, pois enquanto perderam o rumo tantos homens, mulheres, velhos que pareciam ter merecida reputação, jazem por terra aos olhares de todos e caíram, não devido à suma violência da luta, nem pelos ataques encarniçados dos inimigos, mas foram vencidos antes do confronto, de travado o combate, vós, após tais pugnas, tais refregas, não apenas não fraquejastes, não vos extenuastes perante o enorme número das aflições, mas vos fortalecesteis e o aumento das batalhas vos trouxe suplemento de força. A recordação das virtudes passadas, por conseguinte, torna-se para vós causa de felicidade, alegria, maior zelo. Por este motivo alegramo-nos, exultamos, regozijamo-nos. Não cessarei de repeti-lo sempre e de transmitir por toda a parte ao meu redor qual a causa de minha alegria. Se nosso afastamento vos entristece, grande é, contudo, o conforto proveniente de vossas virtudes. Quanto a nós, apesar de separados por tão grande distância, experimentamos por esse motivo, isto é, por vossa coragem, não pequena felicidade.

CARTA 13

1. O que dizeis? Não fincastes o troféu, não obtivestes brilhante vitória? Não cingistes uma coroa sempre florida? Não é o que diz o mundo inteiro? Em todos os lugares da terra não se cantam vossas ações virtuosas? Efetivamente, se, na arena, os combates se limitam a uma região apenas, se o duplo sulco de vosso curso e os esforços que, em vez de suor, vos custam sangue, se realizam num só lugar, a glória e a fama deles atingiram os confins da terra. Vós, porém, querendo realizar feitos melhores, obter maiores prêmios, acrescentastes as coroas da humildade, dizendo que elas divergem tanto destes troféus quanto os mortos se diferenciam dos vivos. São palavras oriundas da humildade; esforçar-me-ei de vos convencer disso pelos próprios fatos. Fostes expulsa da pátria, de casa, dos amigos, dos parentes, transferida para o exílio; não cessastes de morrer cada dia; completastes o que faltava naturalmente pela generosa intenção. Na realidade, se ninguém pode por várias vezes ter a experiência da morte, vós a realizastes em espírito. Mais ainda, suportando certas provações, na iminência de outras, não deixastes, por isso, de dar glória a Deus que as permitia e infligir ao demônio acertado golpe. Demonstrou ele ter sido golpe ajustado, porque se armou com mais força para a batalha. Por conseguinte, os acontecimentos recentes foram mais terríveis que os anteriores.

Da mesma forma, efetivamente, que o escorpião ou a serpente, ao receberem um golpe mais pesado, atira com mais vigor o aguilhão e se levanta contra aquele que o bateu, em assalto violento contra o atacante, dando provas de intensa dor, assim aquele monstro insolente, ao receber as feridas

profundas da parte de vossa alma admirável e sublime, salta com maior veemência e suscita outras provações. De fato, foi ele quem as suscitou e não Deus; mas Deus as permitiu para vos aumentar a riqueza, crescer o lucro, obter ganho mais considerável, recompensa mais farta. Por conseguinte, não vos perturbeis, nem vos agiteis. Quem, de fato, jamais sofreu por se enriquecer? Quem se afligiu por aceder às mais altas dignidades? Se, portanto, os que acumulam estes bens humanos perecíveis e mais instáveis que a sombra, mais expostos a secar que as flores que murcham, saltam, dançam, voam por causa do prazer que vem e vai ao mesmo tempo, qual curso de impetuoso rio, muito mais justo será que, se anteriormente estivestes cheia de tristeza, as circunstâncias atuais vos ocasionem imensa alegria! De fato, o tesouro que acumulastes é inviolável. A glória que vossos padecimentos plasmaram não conhece sucessão, não aguarda um desfecho, mas é ilimitada, inquebrantável, tanto diante das dificuldades dos tempos, quanto dos ataques dos homens, dos assaltos dos demônios, e até da própria morte.

Se quereis chorar, chorai por aqueles que praticam tais ações, os instigadores de tais males, os cúmplices que reservaram para si no futuro grande castigo e já aqui na terra sofrem a pior das penas, porque todos deles se apartam, consideram-nos inimigos, maldizem-nos, e os condenam. Se eles não o percebem, por isto mesmo são mais dignos de comiseração, de lágrimas, como os que estão atacados de doença mental, a gritar e a bater nos que deles se aproximam, ao acaso e em vão, e muitas vezes até em benfeitores e amigos, insensíveis à loucura que os enfurece. E como sofrem de mal incurável, não deixam que os médicos se aproximem, não toleram os remédios, mas retribuem aos que querem cuidar deles e fazer-lhes o bem com sentimentos opostos. Por isso principalmente são dignos de compaixão, apesar de não perceberem tal maldade. Se não caem em si em consideração ao juízo dos outros, torna-se-lhes impossível escapar à acusação da própria consciência; ela é inevitável, incorruptível, intemerata, invulnerável à lisonja, à sedução por presente em dinheiro, imarcescível com o decurso do tempo.

2. O filho de Jacó,⁸⁶ que disse ao pai ter um animal feroz devorado José e que, representando esta terrível tragédia, esforçou-se sob esta máscara por lançar um véu sobre o assassinato do irmão, enganou então o pai, mas não sua consciência, que ele não conseguiu tranquilizar; ela continuava a se revoltar, gritando incessantemente, sem jamais fechar a boca. Após um tempo considerável, aquele que tinha negado diante do pai a ação audaciosa que cometera, e não havia confessado a ninguém, enquanto ninguém o acusava, ninguém o censurava, ninguém o atacava, nem lhe recordava esta encenação, quando era ameaçado em sua liberdade e até na própria vida, mostrando que o acusador de sua consciência não havia fechado a boca depois de tanto tempo, nem fora contido, exprime-se nesses termos: “Em verdade, expiamos o que fizemos a nosso irmão; vimos a aflição e a dor de sua alma, quando ele nos pedia graça, e não o ouvimos. Eis que se nos pede conta de seu sangue”.⁸⁷

No entanto, era outra a acusação levantada contra ele; era processado por roubo e levado a julgamento por ter subtraído uma taça de ouro. Mas como se nada de semelhante lhe fosse imputado, não era por isso que experimentava dor, e não declara que sofria pelo crime imputado, que o punha em cadeias. Era por uma causa de que ninguém o exprobrava, do qual não tinha de prestar contas, pelo

qual não era arrastado ao tribunal, mais ainda, que ele não cometera naquele momento. Deste crime ele se torna seu próprio acusador e juiz. Sua consciência, de fato, o atormentava; e aquele que tinha derramado o sangue de seu irmão tão audaciosamente e sem pesar, agora tornava-se sensível ao sofrimento dele.

Acusava o grupo dos cúmplices na mancha do crime, e dramatizava toda a sua crueldade, dizendo: “Vimos a aflição e a dor de sua alma, quando ele nos pedia graça, e não o ouvimos”. A natureza devia ter bastado, disse ele, para amansar e inclinar à piedade. Ele, contudo, acrescentava lágrimas, súplicas e no entanto não nos dobrou, mas desprezamos “a aflição e a angústia de sua alma”. Foi por esta razão que esta acusação foi forjada contra nós, diz ele, e somos ameaçados de derramamento de sangue, porque pecamos contra o sangue dele. De igual modo Judas, não suportando a acusação da consciência, apressou-se a tomar um laço e pôs termo à vida por enforcamento. E, ao ousar fazer o infame contrato, dizendo: “O que me dareis se eu o entregar?”, não enrubescia diante dos que o ouviam, ele o discípulo, de planejar tais coisas contra seu mestre e, nos dias seguintes, não se enchera de remorsos, mas ébrio do prazer que lhe trazia a avareza, não percebia absolutamente a acusação da consciência. Mas depois que cometeu o pecado, agarrou o dinheiro e passou o prazer do ganho, a condenação do pecado por fim medrou; então ninguém o obrigava, ninguém o forçava, ninguém o exortava, mas espontaneamente foi jogar o dinheiro diante daqueles que lho havia dado, confessou o delito, declarando aos que o ouviam: “Pequei, entregando um sangue inocente”.⁸⁸ Com efeito, não agüentou a admoestação da consciência. Tal é o pecado: antes de cometido, embriaga o cativo; uma vez realizado e praticado, o prazer desaparece e se extingue, o acusador apresenta-se sem disfarce, a consciência desempenha o ofício de carrasco, dilacera o que pecou, exige o pior castigo, pesa mais do que um bloco de chumbo.

3. Tais são os suplícios aqui na terra. Quanto aos do além, conheceis os males destinados aos fautores de tão grandes crimes. Choremos por eles, lamentemos, pois assim fazia Paulo, que se alegrava com os lutadores, combatentes, sofredores, mas afligia-se a respeito dos pecadores. Por esta razão afirmava: “Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação que cometeram”.⁸⁹ Aos que lutavam: “Alegro-me e me regozijo com todos vós”.⁹⁰ Nada, portanto, vos aflija, nem o que já sucedeu, nem o que ameaça acontecer. Porque as vagas não abalam o rochedo, mas com quanto maior impetuosidade elas se quebram, tanto mais se desfazem. Foi isto que aconteceu nessas circunstâncias e ainda sucederá e muito mais. Os vagalhões, de fato, não racham o rochedo; quanto a vós, não somente não vos partiram, mas ainda vos fortaleceram. Assim a maldade, assim a virtude: uma, ao atacar, destrói-se a si mesma; a outra, combatida, brilha com maior fulgor. E esta recebe os prêmios não apenas depois dos combates, mas até no meio deles, e a peleja é para ela um galardão. A outra, ao alcançar a vitória, sente maior vergonha, é punida, saciada de imenso desprezo, e com o castigo que lhe é reservado, é fustigada na própria ação e não apenas depois dela.

Se este discurso não é suficientemente compreensível, escutai como são Paulo distingue uma da

outra. Na verdade, ao escrever um dia aos romanos e denunciando a vida impura de alguns e mostrando que, antes do castigo, na própria ação, a obra recebe a punição que lhe está conjunta, depois de ter lembrado as relações culpadas de homens e de mulheres, que transgrediram os limites da natureza e conceberam desejos estranhos, exprime-se mais ou menos assim: “Suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga da sua aberração”.⁹¹ O que dizeis, ó Paulo? Sem dúvida encontram prazer em ousar fazer isto, e realizam esta união culpada por causa da concupiscência. Como, pois, dizeis que são castigados na própria ação? Emito este juízo, diz ele, não segundo o desejo dos doentes, mas de acordo com a natureza das ações. Com efeito, o adúltero antes do castigo e no momento mesmo em que adultera é castigado; apesar de aparentemente se comprazer, faz a própria alma pior e mais vil. E o assassino, antes de comparecer no tribunal e ver as espadas aguçadas, antes de prestar contas do que ousou cometer, morre no instante mesmo em que mata, porque tornou sua alma mais vil. O que é para o corpo a doença, a febre, a hidropisia ou coisa semelhante, o que é para o ferro a ferrugem, a traça para a lã, o caruncho para a madeira, para o corno a traça, é a maldade para a alma. Ela a torna escrava e indigna de um homem livre. Por que digo escrava e indigna de um homem livre? Ela priva a alma da razão, fazendo-a como a de um lobo, um cão, uma serpente, uma víbora ou outro animal. Evidenciam-no os profetas e manifestam a todos a alteração introduzida pela maldade. Um deles dizia: “Cães mudos, incapazes de latir”,⁹² comparando a cães raivosos os homens enganadores, que secretamente armam ciladas. Com efeito, quando raivosos, não atacam com latidos, mas, aproximando-se em silêncio, ocasionam aos que são mordidos feridas piores que as dos cães que ladram. Um outro dava a certos homens o nome de gralhas. Outro ainda dizia: “Mas o homem com seu luxo não entende, é semelhante ao animal irracional e tornou-se-lhe semelhante”.⁹³ E o maior dos profetas,⁹⁴ filho de mulher estéril, às margens do Jordão, deu a alguns homens o nome de “serpentes e raça de víboras”. O que se igualaria ao castigo de um homem feito à imagem de Deus, com o gozo de tão grande privilégio, isto é, duma natureza racional e cheia de suavidade, que decai em tal estado de animal selvagem?

4. Vedes como, antes de ser castigada, a malícia traz em si a própria penalidade? Compreendi também como, ao se tratar de virtude, esta se transforma, antes dos prêmios, em sua própria recompensa. Assim acontece com o corpo. Nada nos impede, de fato, de empregarmos ainda esta comparação, pois traz grande clareza; ora, assim como no corpo, se está com saúde e passa bem, isento de qualquer mal-estar e frui disso antes do gozo, experimentando o prazer ligado à boa saúde, nem as intempéries, nem a seca, o frio, a frugalidade da mesa, nem qualquer outra coisa semelhante poderia afetá-lo, pois a saúde basta para dissipar o dano resultante destas provações. Outro tanto acontece comumente à alma. Por isso Paulo, flagelado, maltratado, passando por uma infinidade de suplícios, alegrava-se, dizendo: “Eu me regozijo em meus sofrimentos por vós”.⁹⁵ Não é somente no reino dos céus que a virtude é premiada, mas pelo fato mesmo de sofrer, pois a maior das recompensas

é padecer pela verdade. Por esta razão o coro dos apóstolos saía alegre do sinédrio dos judeus,⁹⁶ não apenas por causa do reino dos céus, mas porque haviam sido julgados dignos de ser ultrajados pelo nome de Jesus. Em si, já constituía grande honra, coroa, prêmio, fundamento de alegria imperecível.

Alegrai-vos, portanto, exultai de alegria. Na verdade, não é pequena, mas enorme a recompensa que vos obtém a calúnia, sobretudo quando originada de acusação tão grave quanto a que nos lançaram, culpando-nos de incêndio diante do tribunal público. Por este motivo Salomão, querendo mostrar o quanto é áspera esta angústia, disse: “Observei todas as calúnias que se levantam debaixo do sol: vi as lágrimas dos caluniados sem que ninguém os consolasse”.⁹⁷ Se o prélio é grande, como de fato é, faz-se evidente ser a recompensa a ele destinada maior ainda. Por isso Cristo ordena que se alegrem e exultem todos os que sustentaram tal peleja com a conveniente paciência. “Quando, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim, alegrai-vos e regozijai-vos porque será grande a vossa recompensa nos céus”.⁹⁸ Vedes que felicidade, que salário, que fruição nos ocasionam os inimigos? Não seria insensato que causeis a vós mesma os males que eles não puderam vos infligir, visto que se transformaram no oposto? Que digo? Eles não apenas não conseguiram infligir-vos uma pena, mas ainda vos ofereceram a oportunidade de obter a felicidade, o fundamento de uma alegria imperecível.

Vós, porém, atormentando-vos com a tristeza, impõe-vos esta aflição a vós mesma, pela perturbação e angústia, enchendo-vos de imenso desgosto. Caberia a eles agir assim se algum dia quisessem reconhecer as próprias faltas. Seria justo que eles agora chorassem, se lamentassem, afundassem, velassem a face, se ocultassem debaixo da terra, não olhassem o sol, mas, encerrados na escuridão, deplorassem os próprios males e aqueles com que cercaram tantas Igrejas. Vós, ao invés, deveis glorificar-vos e alegrar-vos, pois atingistes o cume das virtudes. Sabeis, na verdade sabeis, que nada se iguala à paciência, mas que ela é, sobretudo, a rainha das virtudes, o fundamento das ações retas, o porto sem ondas, a paz no meio das guerras, o mar liso na tempestade, a segurança no meio das emboscadas; ela faz os que a realizaram até o fim mais forte que o aço, ela a quem não poderão prejudicar, nem o brandir das armas, nem os exércitos em linha de batalha, nem as máquinas de guerra, nem as flechas, nem os dardos, nem o próprio exército dos demônios, nem as temíveis falanges das potências inimigas, nem o próprio diabo, em ordem de batalha com todo o seu exército e seus artifícios. Que temeis então? Por que sofreis, se estais pronta a desprezar a própria vida, se as circunstâncias o exigirem? Mas desejais ver o fim dos males que vos afligem? Isto acontecerá e acontecerá em breve, se Deus quiser. Alegrai-vos, portanto, regozijai-vos, usufruí de vossas virtudes e jamais renuncieis à esperança de nos revermos um dia e então vos lembraremos essas palavras.

CARTA 14

1. Duplo testemunho da bondade inefável de Deus: permitir primeiro que provações tão grandes vos sejam infligidas e se alternem de forma a tecer-vos coroas mais brilhantes, e em seguida livrar-vos de maneira tão rápida, abreviando a persistência dos males que vos atacaram. Assim Deus governou a vida desses homens generosos, refiro-me aos apóstolos e os profetas, ora deixando elevarem-se as vagas, ora comandando ao oceano dos males e depois de terrível tempestade, restabelecendo a

calmaria brilhante. Cessai, portanto, de chorar e de prolongar o desgosto e não olheis somente as aflições terríveis que vos atingiram, sucessivas e contínuas, mas a rápida libertação e a compensação e a retribuição inefáveis, delas resultantes.

Teia de aranha, sombra, fumaça, ou algo mais insignificante que tudo isso são todos os terríveis males ocorrentes, em comparação com os futuros prêmios que por isso vos hão de ser outorgados. Que significa, por conseguinte, ser exilado, deslocar-se de região em região, ser expulso de toda parte, ver seus bens confiscados, ser arrastado ao tribunal, ser dilacerado pelos soldados, ser submetido a tratamento oposto da parte daqueles que por vós foram mil vezes beneficiados, ser vexado por escravos e homens livres, considerando-se que a paga destes males no céu consiste em bens inalteráveis que palavras não podem expressar e são infindos, acarretando o gozo imperecível que daqueles se origina. Esquecida agora de ciladas, insultos, perda dos bens, mudanças contínuas de residência, vida em país estrangeiro, e calcando aos pés tudo isso como mais vil que o lodo, pensai nos tesouros que em compensação vos foram preparados no céu, no plano que não pode fracassar, na riqueza que não pode ser arrebatada. Mas o corpo sentiu-se mal nessas aflições, nessas misérias, e os embustes dos inimigos desgastaram-vos a saúde? Estais mencionando ainda a oportunidade de um lucro imenso e indescritível. Sabeis, com efeito, sabeis muito bem como é importante suportar nobremente a doença, dando graças a Deus. Foi isto, conforme eu o repito freqüentemente, que coroou Lázaro, foi o que confundiu o demônio nas lutas contra Jó, que tornou mais esplêndido o atleta da paciência. Isto, mais ainda que o amor da pobreza, o desprezo das riquezas, a perda em golpes maciços de seus filhos e mil provações que fizeram proclamar seu nome, que fechou a boca insolente do demônio perverso, com pleno êxito. Ao meditar seguidamente nisso, alegrai-vos e regozijai-vos porque sustentastes até o fim o mais terrível combate e suportastes com mansidão a principal das provações, celebrando a Deus em todas as coisas, um Deus que ama os homens, que pode fazer desaparecer todos os vossos males de uma vez, mas deixa-os subsistir, a fim de vos tornar mais gloriosa esta bela realização. Por conseguinte, sem interrupção vos proclamamos feliz.

Regozijamo-nos porque, depois de vos terdes desembaraçado da melhor forma dos processos e das questões, encerrastes a causa referente a vossa libertação, não deixando as coisas correrem de uma maneira indigna de um homem, nem de outro lado vos obstinar ainda expondo-vos aos tribunais e aos males daí decorrentes, mas adotando uma via mediana, obtendo a liberdade que vos convém, e dando provas em tudo de grande inteligência, longanimidade, força de alma, paciência e comprovando a inerrância de vosso juízo.

CARTA 15

1. Teríeis calculado, vós que demonstrastes tal sabedoria desde a infância e que calcastes aos pés a vaidade humana, que levaríeis uma vida isenta de tumultos e guerras? E isto seria possível? Se os homens que travam um pugilato recebem mil feridas nas pelejas e nas guerras, vós que vos aprontastes para combater contra os próprios principados e potências, contra os dominadores deste século de trevas, contra os espíritos do mal, que vos preparastes para a batalha com tanta nobreza, fincastes tantos troféus, e de tantos modos mergulhastes na tristeza aquele demônio feroz e maldito, como teríeis esperado viver uma vida tranqüila e despreocupada?

De forma alguma deveis afligir-vos com o fato de serem numerosas de todos os lados as guerras e os tumultos e múltiplos os motivos de angústia; ao invés, se nada disso acontecesse, então é que seria de admirar. A labuta e o perigo são a sorte da virtude. Vós o sabíeis anteriormente a nossa carta e não precisais de uma informação alheia; quanto a nós, não vos remetemos a presente para instruir a uma ignorante. Sabemos, na verdade, que não é o exílio, nem a espoliação (o que é para muitos intolerável), não são as injúrias nem qualquer outra tribulação semelhante que poderão vos afligir. Se é digno de estima partilhar as angústias de outrem, com maior razão estar no meio delas.

Paulo, por este duplo motivo, publica os louvores dos hebreus que abraçaram a fé: “Lembraí-vos, contudo, dos vossos primórdios: apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso. Éreis às vezes apresentados como espetáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam”.⁹⁹ Por isso, não vos escrevemos uma longa carta. Ninguém, de fato, vai ao encontro de quem obteve a vitória e ergueu brilhante troféu a fim de lhe oferecer ajuda, e sim apenas para apresentar-lhe elogios. Uma vez que conhecemos o grande amor da sabedoria que revelastes diante dos acontecimentos, nós vos felicitamos, admiramos vossa paciência atual e as recompensas que por isso vos estão reservadas.

Cientes de que quereis saber nossas notícias (é verdade que guardei longo silêncio), se nos livramos de muito doloroso mal-estar, ainda conservamos os resquícios da doença. Tivemos excelentes médicos, mas a falta do necessário compromete o bom resultado do tratamento. Não apenas carecemos dos remédios e de outras coisas que podem restaurar um corpo fatigado, mas preocupa-nos a fome e a peste. E a causa de todos esses males são os ataques seguidos dos bandidos. Eles se propagam por longos trechos das estradas, interceptam-nas cortando-as de todos os lados e assim causam grande perigo para os viajantes. Andrônicos, diz-se, caiu em suas mãos e só escapou depois de despojado de tudo. Suplico-vos não mandar ninguém agora. É de se temer que o desígnio de viajar até aqui ofereça oportunidade para um assassinato do portador e bem sabeis o pesar que tal acontecimento nos causaria. Mas se encontrardes alguém de confiança que venha até aqui por outro motivo, mandai-nos por seu intermédio notícias de vossa saúde. Que ninguém venha aqui só por este motivo, nem para nosso serviço, por causa do receio supramencionado.

CARTA 16

1. Nada de estranho nem de inverossímil no que vos sucedeu, mas, acumuladas, a resistência de vossa alma seja mais intensa, o zelo e o vigor tenham crescido para defrontar as lutas e delas retireis grande alegria. Tal é a natureza da tribulação que, sobrevindo a uma alma nobre e forte, produz esses efeitos. Como o fogo torna o ouro mais puro ao entrar em contato com ele, assim a tribulação, quando recai sobre almas de ouro, torna-as mais puras e provadas. Por isso dizia Paulo: “A tribulação produz a paciência e a paciência uma virtude comprovada”.¹⁰⁰ Por conseguinte, exultamos e nos regozijamos e consolamo-nos plenamente de nossa solidão diante de vossa coragem. Se, portanto, milhares de lobos, e multidões de malvados vos cercam, nada tememos. No entanto, pedimos que as provações atuais se acalmem, não advenham outras, cumprindo o mandamento de nosso Senhor que nos ordena rezar para não cair em tentação. Mas, se for permitido reaparecerem, temos confiança em vossa alma de ouro, que acumula por isso mesmo uma imensa riqueza.

Que medo poderão vos incutir aqueles cuja audácia se transforma em castigo. Perda da fortuna? Mas sei que isso não passa de poeira a vossos olhos e é considerado como mais vil que o lodo. Exílio longe da pátria e da própria casa? Mas sabeis habitar tanto em cidades imensas e populosas como em lugares solitários, vivendo sempre em calma e tranqüilidade, uma vez que calcastes aos pés todas as ilusões da vida. Ameaças de morte? Mas vós, que previamente a aceitastes, nela meditastes em todo tempo e se fordes arrastada ao suplício, um corpo já morto é que será arrastado. Para que dizer mais? Ninguém contra vós poderá coisa alguma que não encontre a paciência em vós instalada há muito tempo, em profusão. Com efeito, sempre andastes por caminho estreito e apertado, e em tudo vos exercitastes. Havendo praticado essa ciência maravilhosa em ginásios, apresentastes-vos agora mais esplêndida nos combates, não somente imperturbável diante dos acontecimentos, mas ainda abrindo as asas, saltando e dançando em coro. Em consequência dos prévios exercícios, sustentais agora os assaltos com toda facilidade. Com um corpo feminino, mais fraco que uma teia de aranha, rindo, calcastes aos pés o furor de homens cheios de saúde que rangiam os dentes e estais disposta a suportar mais ainda do que as provas que eles vos reservam.

Feliz, três vezes feliz, por causa das coroas daí provenientes, ou antes por causa dos combates em si mesmos. Tal é a natureza destas lutas que antes mesmo dos prêmios, em plena liça, acarretam recompensas e retribuições, o gozo então experimentado, a felicidade, a coragem, a persistência, a paciência; continuar livre, indomável, e acima de tudo, estar treinada de tal sorte que nada de temível podeis sofrer da parte de ninguém, de pé sobre o rochedo no meio dos embates e ser levada por vento favorável em plena calma num mar revolto. Tais são os prêmios da tribulação, até mesmo antes daqueles do Reino dos céus. Sei, efetivamente, sei que considerais desde agora não estar mais revestida de um corpo, em vós de felicidade; mas se a oportunidade se apresentasse, deportaríeis mais facilmente que outros os mantos em que se envolvem. Alegrai-vos e regozijai-vos por vós mesma e pelo fim bem-aventurado daqueles que morreram, não num leito, nem em casa, mas em prisão, cadeias e provações. Gemei apenas por aqueles que aplicam as torturas e chorai. Somente isto é digno de vossa sabedoria. Visto que quereis notícias de nossa saúde, livramo-nos da doença que recentemente nos afligia e agora vamos melhor, contanto que o inverno vindouro não incomode novamente nosso frágil estômago. Quanto aos isauros, estamos em plena segurança.

CARTA 17

1. O rigor do inverno, nossa doença de estômago, as incursões dos isauros, nada disso vos atormente por nossa causa, nem acresça vossos cuidados. Com efeito, o inverno tem sido o que é natural na Armênia; nada mais é preciso dizer, mas pouco nos prejudicou. Como precaução, utilizamos múltiplos recursos para nos subtrair aos danos dele oriundos, mantendo sempre o fogo aceso, calafetando todas as partes do quarto onde permanecemos, envolvendo-nos de vários mantos e ficando continuamente dentro de casa. É penoso, mas suportável por causa da vantagem que traz. Pois, enquanto estamos dentro de casa, não somos atormentados pelo frio, mas se somos obrigados a sair um pouco e respirar o ar de fora, não é pequeno o mal-estar que experimentamos. Por isso, exorto-vos e, como grande favor, suplico que cuideis de corrigir a fraqueza de vosso corpo. De fato, a tristeza também produz doença. Quando o corpo está fatigado e totalmente fraco, surge enorme e progressivo perigo. Por isso,

suplico-vos consultar vários médicos experientes e usar remédios que curem tais males. Assim nós, há alguns dias, como o estômago estava sujeito a vômitos em consequência da temperatura, depois de empregar outras precauções, usei também o remédio enviado pela veneranda senhora Syncletium e, sem precisar de usá-lo mais de três dias, curamos a doença. Rogo-vos que o tomeis também, e fazer com que me seja remetido mais dele.

Com efeito, como sentíamos novamente vontade de vomitar, nós o utilizamos novamente, e ficamos completamente bem. Ele acalma as inflamações internas, é sudorífico, aquece moderadamente, dá um vigor extraordinário, desperta o apetite para os alimentos; tudo isso, em alguns dias, pudemos experimentar. Mande pedir a meu respeitável senhor, o conde Teófilo, que providencie ainda sua preparação e no-lo envie. Não vos consterneis por passarmos o inverno aqui. Pois estamos mais animado e saudável do que no ano passado; vós também, se tomásseis os cuidados necessários, estaríeis muito melhor. Se dizeis que as doenças são provocadas pela tristeza, por que ainda reclamais nossas cartas, uma vez que delas não colhestes como fruto animação alguma e mergulhastes na tirania da tristeza a ponto de desejar agora deixar esta vida.

Ignorais o proveito originário da doença na alma que dá graças a Deus? Não vos tenho muitas vezes dissertado sobre o assunto de viva voz ou nas cartas? Mas se, por acaso, o acúmulo dos negócios, a natureza da doença ou as sucessivas dificuldades se não vos permitem conservar sempre a lembrança do que dissemos, escutai ainda, acalmando com idêntico cântico as feridas de vossa tristeza. Diz são Paulo: “Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós”.[101](#)

2. O que é, portanto, o que digo e escrevo? Nada, Olímpia, tão apropriado para despertar a estima como a paciência nos sofrimentos. É a rainha dos bens, a coroa das coroas, e como ultrapassa as outras virtudes, assim é principalmente junto dela que o aspecto das outras se torna mais brilhante. Talvez seja obscuro o que digo. Pois bem. Vou explicar melhor. O que é então que estou dizendo? Não se trata nem de ser privado de bens, mesmo se o despojamento das posses for total, nem de ter perdido a estima, nem de ser expulso da pátria e ser arrastado a uma terra estrangeira, nem de ser provado pela fadiga e o suor, nem de viver na prisão, carregado de cadeias, ou de vitupérios, injúrias, ou zombarias. Não julgueis, entretanto, que seja sinal de coragem de pouca valia suportar tudo isso nobremente.

Demonstra-o Jeremias, este homem tão grande e tão forte, que foi atingido de modo extraordinário por provações desta espécie. Não, nem mesmo a perda dos filhos, embora arrebatados de uma só vez, nem inimigos sempre ameaçadores, nem qualquer coisa semelhante, nem o que parece ser o cúmulo dos males, a morte temível e espantosa, não é tão penoso quanto um péssimo estado de saúde. Mostra-o bem, o grande atleta da paciência, que, tendo caído doente, considerava a morte como o fim dos males que o afligiam. Ao sofrer outros males, não o percebia, embora tivesse recebido golpes reiterados e o último fora mortal. Não constituía leve provação, mas extremo malefício de quem o guerreava, no momento em que não tinha mais vigor, nem estava mais no começo da luta, mas já acabrunhado pela intensidade dos ataques sucessivos, dar-lhe o golpe mortal por meio dos filhos, e de forma tão dolorosa fazendo-os perecer de morte violenta, filhos e filhas simultânea e prematuramente, e esta espécie de morte repentina abriu-lhes o túmulo. Efetivamente, não os viu estendidos no leito, não lhes beijou as mãos, não ouviu suas últimas palavras, não lhes tocou os pés e os joelhos, não lhes

fechou a boca e não lhes abaixou as pálpebras quando iam morrer, o que é grande consolo para os pais prestes a perder os filhos. Não acompanhou uns até a sepultura nem encontrou os outros ao voltar para se consolar da partida dos outros; mas soube que foi durante uma refeição; e uma refeição onde regorgitava, não a embriaguez, mas a afeição, o amor fraterno ao redor da mesa, que eles tinham sido queimados enquanto reclinados em almofadas; tudo se misturara, o sangue, o vinho, as taças, o teto, a mesa, a poeira, os membros de seus filhos. Entretanto, ao tomar conhecimento de tudo isso, havia tido antes outras notícias, igualmente dolorosas. Havia lamentavelmente acontecido o seguinte: o péssimo mensageiro desta tragédia havia contado que os rebanhos miúdos, os bandos inteiros dos animais de grande porte tinham sido uns destruídos pelo fogo que caíra do céu, outros na íntegra roubados por inimigos devastadores e os próprios pastores haviam sido estraçalhados.

Todavia, ao contemplar tal tempestade que se levantara num instante sobre os campos, a casa, o gado, os filhos, os vagalhões sucessivos, as rajadas sempre renascentes, a obscuridade profunda, a agitação intolerável das ondas, não ficara acabrunhado de tristeza; mal percebia o que se passara e somente na medida em que era homem e pai. Mas, ao ser entregue à doença e às chagas, então deseja a morte, geme, lamenta-se; assim podereis saber quanto este mal é mais dorido que todos os outros e exige a forma mais elevada da paciência. E isto, nem o demônio maligno o ignora. Mas, tendo empregado todos os meios, e visto o atleta permanecer calmo e imperturbável, arremessou-se no combate supremo, dizendo: “Tudo o mais é suportável, até mesmo a perda dos filhos, dos bens, seja do que for (tal o significado da palavra: ‘Pele por pele!’), mas o golpe mortal consiste em experimentar as dores no próprio corpo”. Por isto, o demônio, vencido nesta luta, não podia nem mesmo grunhir, no máximo contradizia antes insolentemente. Então, não encontrou nem mesmo uma insolência a imaginar, mas escondendo o rosto afastou-se.

Não penseis, porém, que o fato de Jó ansiar pela morte, devido às dores que não tolerava, vos sirva de justificativa para desejar o termo da vida. Ponderai quando a desejava e a que se achava submetido. A lei não fora ainda promulgada, os profetas não haviam aparecido, a graça não se difundira e ele não tivera em partilha outra espécie de sabedoria. Escutai como Cristo declara que temos de prestar contas mais severas que aqueles que então viviam e abre-se uma arena muito maior: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus”.¹⁰² Não julgueis, portanto, que pedir agora a morte não seja condenável, mas ouvi a voz de Paulo: “Partir e ir estar com Cristo me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa”.¹⁰³ Quanto mais intensa a tribulação, mais aumentam as coroas quanto mais o ouro é provado pelo fogo, mais se purifica; quanto mais o mercador navega na extensão do mar, mais acumula mercadorias.

Não imagineis, portanto, que se apresenta agora um combate insignificante, mas entre todos os que travastes é o mais sublime, isto é, a luta contra a doença. Na verdade, para Lázaro¹⁰⁴ – eu vo-lo disse muitas vezes, nada, porém, me impede de repeti-lo – bastou para sua salvação. Aquele que partilhava sua casa com os hóspedes e se mantinha sempre exilado sob a ordem de Deus, que havia imolado o próprio filho,¹⁰⁵ o filho único, que lhe havia sido dado na extrema velhice, acolhia em seu seio quem nada possuía de semelhante, simplesmente porque havia aturado serenamente a pobreza, a doença, a falta de assistentes. É tão grande o proveito dos que toleram nobremente as tribulações, que, se acaso

alguém tiver pecado gravemente, é libertado do jugo muito pesado de seus pecados. E se é virtuoso e justo, daí resulta um acréscimo não pequeno, mas muito valioso, de ousada confiança.

Para os justos, efetivamente, constitui fulgurante coroa de brilho incomparavelmente maior que o do sol, e para os pecadores um excelente meio de purificação. Por esta razão, aquele que havia destruído a união de seu pai e manchado seu leite, Paulo o entregou à ruína da carne para purificá-lo deste modo. Escutai o Apóstolo assegurar que se tratava efetivamente de expiação de tal mancha: “A fim de que o espírito seja salvo no dia de nosso Senhor Jesus Cristo”.¹⁰⁶ E, ao exprobrar a outros por causa de um pecado de arrepiar, àqueles que participam indignamente do banquete sagrado e dos mistérios inefáveis, depois de ter dito que se tornarão réus do corpo e do sangue do Senhor,¹⁰⁷ vede como diz que se purificaram desta terrível mancha: “Eis por que há entre vós tantos débeis e enfermos”.¹⁰⁸ Em seguida, mostrando que não apenas serão castigados, mas que daí retirarão grande proveito, a libertação das penas devidas a este pecado, acrescenta: “Se examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas por seus julgamentos o Senhor nos corrige, para que não sejamos condenados com o mundo”.¹⁰⁹ Aqueles que praticaram grandes atos de virtudes daí retiram também enorme lucro; isso se conclui do exemplo de Jó, que, devido à doença, emitiu tal fulgor, do exemplo de Timóteo, que era tão virtuoso e se desempenhou de um ministério tão importante, que percorreu com Paulo toda a terra; e vivia doente, não apenas dois ou três dias, nem dez, nem vinte, nem cem, mas continuamente, com um corpo completamente esgotado. Demonstra-o Paulo, nesses termos: “Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas freqüentes fraquezas”.¹¹⁰ Aquele que ressuscitava os mortos não melhorou seu mau estado de saúde, mas deixou-o na fornalha da doença, de sorte que obteve com isso grande crédito. Ele ensinou também ao discípulo o que havia recebido com alegria do Mestre e dele aprendera. Pois não sucumbe à doença, provas não menos terríveis que a doença o esbofeteiam e são para sua carne causa de grande sofrimento. “Foi-me dado um aguilhão na carne – um anjo de Satanás para me espancar”,¹¹¹ designando os golpes, os liames, as cadeias, as prisões, o fato de ser arrastado, dilacerado, batido com chicotes muitas vezes pelos carrascos. Assim, não suportando as dores físicas daí resultantes dizia: “A esse respeito, três vezes (três vezes, isto é, freqüentemente) pedi ao Senhor que o afastasse de mim”.¹¹² Ora, como não o conseguiu e tendo compreendido a utilidade da situação, ficou tranqüilo e alegrou-se com o sucedido.

Quanto a vós, se ficais em casa, presa ao leito, não julgueis que se trata de uma vida sem sentido. Mas, suportais provas mais árduas do que os que são arrastados pelos carrascos, dilacerados, desconjuntados, tendo continuamente um algoz instalado dentro de vós: a má saúde. Não desejeis, no entanto, a morte e não negligencieis os cuidados de que precisais. Isso não é prudente. É por isto que Paulo aconselha energicamente a Timóteo que cuide de si. Mas a respeito do estado ruim de vossa saúde, basta.

Se de outro lado, a causa de vossa tristeza é o fato de estarmos separados, aguardai o alívio. Não é para vos consolar que o digo agora, mas porque sei que isto seguramente acontecerá. Se, de fato, isso não devesse acontecer, há muito, a meu ver, teria partido daqui, em vista das provações que me advieram. Sem falar de tudo o que me sucedeu em Constantinopla depois de meu exílio, podeis

informar-vos de todas as provações que experimentei durante esta longa e dolorosa viagem, algumas das quais seriam suficientes para ocasionar a morte, todas as que suportei depois de minha chegada aqui, após minha partida de Cucuso, depois de minha estada em Arabissos.

Mas escapamos de tudo isso e agora estamos em bom estado de saúde e em segurança completa a ponto de que todos os armênios se espantam de que num corpo tão fraco e parecido com uma teia de aranha, ature um frio insuportável, possa respirar, enquanto os habitantes daqui costumam agüentar com dificuldade os rigores do inverno. Quanto a nós, continuamos indene até hoje, tendo escapado das mãos dos bandidos que nos assaltaram freqüentemente, vivendo na privação do necessário, não podendo nem mesmo tomar banho e, contudo, quando vivíamos aí, precisávamos disso sempre; mas agora, estamos firmes em tais disposições, que não desejamos nem mesmo o alívio daí e passamos melhor assim. Nem a insalubridade da atmosfera, nem a solidão dos lugares, nem a dificuldade em adquirir provisões, nem a carência de servos, nem a incapacidade dos médicos, nem a falta dos banhos, nem o fato de estarmos encerrado o dia todo num só compartimento, como num cárcere, sem poder nos movimentar conforme sempre tínhamos necessidade, nem estar sempre cercado de fumaça e perto do fogo, nem o medo dos ladrões, nem suas contínuas incursões, nem qualquer outra coisa semelhante nos venceu. Mas estamos em melhor estado de saúde do que aí, aliás, tomando muitas precauções. Cogitando em tudo isso, sacudi a tristeza que por este motivo vos domina agora e não vos infliais com angústias exageradas e dolorosas.

Enviei-vos o que escrevi recentemente sobre o seguinte assunto: “Ninguém pode prejudicar a quem não se prejudica a si mesmo”. O discurso que agora envio combate de forma idêntica. Deveis relê-lo sempre e se estais em bom estado de saúde, em alta voz. Será, com efeito, remédio adequado, se o quiserdes. Mas se nos contradizeis, descuidando-vos de vós mesma, se fruindo de mil conselhos e consolações, não quereis sair das águas estagnadas da tristeza, também nós, de nosso lado, não atenderemos o pedido de cartas freqüentes e longas, uma vez que delas não tirais proveito algum para recuperar a alegria. Como então ficaremos informados disso? Não se o disserdes, mas se o demonstrardes em atos, uma vez que nos confessastes recentemente que nada vos causa mal-estar senão a tristeza. Visto que vós mesma o reconhecestes, se não se cura a doença, não nos persuadiremos de que vos curastes da tristeza. Se, na verdade, esta é a causa da doença, conforme escrevestes, é evidente que, supressa uma, a outra também será destruída, e arrancada a raiz, os ramos murcharão. Enquanto eles continuam floridos e cheios de viço, dando frutos impróprios, não nos persuadimos de que vos desembaraçastes da raiz. Não apresenteis, portanto, doravante palavras, mas fatos e se estiverdes com boa saúde, vereis de novo que as cartas que haveremos de remeter vão ultrapassar a medida de um discurso. Considerai que não constitui pequeno consolo estarmos, embora no meio de tamanhas dificuldades, com vida e boa saúde, isentos de doença e mal-estar, o que, estou certo, muito aborrece e contraria os nossos inimigos. É, portanto, normal que considereis tudo isso grande encorajamento e o essencial da consolação. Não deis o nome de deserto ao vosso relacionamento, já inscrito nos céus, devido aos sofrimentos a que estais submetida.

Tive muito pesar por causa do monge Pelágio. Meditai de que coroas são dignos os que ficam corajosamente de pé, quando homens que vivem em tal austeridade e com tamanha força de alma são talvez assim arrastados à ruína.

[1](#) Olímpia (368?-410?), diaconisa da Igreja de Constantinopla.

[2](#) Sl 68,21.

[3](#) Mt 7,13.

[4](#) Cf. Lc 16,19-32.

[5](#) 2Cor 4,18.

[6](#) Is 40,6.

[7](#) Is 51,7-8.

[8](#) Ef 3,20.

[9](#) Jo 3,26.

[10](#) Jo 3,25.

[11](#) Jo 8,48.

[12](#) Cf. Jo 7,12.

[13](#) Mt 9,34.

[14](#) Lc 7,34.

[15](#) Lc 7,39.

[16](#) Jo 7,5.

[17](#) Mt 26,68.

[18](#) Mt 27,40-42.

[19](#) Jo 19,12.

[20](#) Cf. 9,58.

[21](#) Mt 26,65.

[22](#) Mt 28,13.

[23](#) Jo 20,9.

[24](#) Cf. 2Cor 11,32-33.

[25](#) Cf. At 12,5-11.

[26](#) Cf. At 16,14.

[27](#) Cf. At 18,3.

[28](#) Cf. At 10,6.

[29](#) 2Cor 12,9.

[30](#) 1Cor 5,1.

[31](#) 1Cor 5,2.

[32](#) 2Cor 2,7-11.

[33](#) Mt 24,29.

[34](#) Is 3,16.18.24.

[35](#) Mt 22,30.

[36](#) Mt 19,12.

[37](#) Jó 6,7.

[38](#) Jó 30,10.

[39](#) Jó 30,1.

[40](#) Jó 1,21.

[41](#) Eclo 19,27.

[42](#) Cf. Lc 16,19-31.

[43](#) 1Cor 12,27.

[44](#) 2Cor 2,12-18.

[45](#) 1Ts 2,17-18; 3,1-2.

[46](#) 1Ts 2,17.

[47](#) Cf. Gl 6,14.

[48](#) Cf. Mc 12,42.

[49](#) Jo 15,22.

[50](#) Mt 23,37-38.

[51](#) Am 8,9.

[52](#) 1Tm 2,14.

[53](#) Gn 3,16.

[54](#) 1Cor 11,30.

[55](#) Gn 12,12-13.

[56](#) Ex 6,9.

[57](#) Dt 28,65.

[58](#) Jo 16,5-6.

[59](#) 1Rs 19,3-4.

[60](#) Jn 4,3.

[61](#) Sl 38,2.4.
[62](#) Sl 38,5.
[63](#) Jó 31,32.
[64](#) Jó 29,15-17; 31,16-34.
[65](#) Jó 31,31.
[66](#) Jó 7,5.
[67](#) Jó 3,23.
[68](#) Jó 6,8-9.
[69](#) Lc 16,19-31.
[70](#) 1Cor 3,8.
[71](#) 2Cor 11,23.
[72](#) 2Cor 11,23-28.
[73](#) 2Cor 11,28.
[74](#) 2Cor 11,29.
[75](#) Dn 3,98-100.
[76](#) Dn 3,96.
[77](#) 1Cor 3,8.
[78](#) 2Cor 12,8.
[79](#) At 20,31.
[80](#) Cf. Lc 16,19-31.
[81](#) Cf. Lc 18,9-14.
[82](#) Cf. Mc 14,72.
[83](#) Gn 37,3.
[84](#) Pr 6,27-29.
[85](#) Gn 40,15.
[86](#) Cf. Gn 37,32-36.
[87](#) Gn 42,21.
[88](#) Mt 27,4.
[89](#) 2Cor 12,21.
[90](#) Fl 2,17.
[91](#) Rm 1,26-27.
[92](#) Is 56,10.
[93](#) Sl 48,13.
[94](#) Cf. Mt 3,7.
[95](#) Cl 1,24.
[96](#) Cf. At 5,41.
[97](#) Ecl 4,1.
[98](#) Mt 5,11-12.
[99](#) Hb 10,32-33.
[100](#) Rm 5,3-4.
[101](#) Fl 3,1.
[102](#) Mt 5,20.
[103](#) Fl 1,23-24.
[104](#) Cf. Lc 16,19-31.
[105](#) Cf. Gn 12,25.
[106](#) 1Cor 5,5.
[107](#) 1Cor 11,27.
[108](#) 1Cor 11,30.
[109](#) 1Cor 11,31-32.
[110](#) 1Tm 5,23.
[111](#) 2Cor 12,7.
[112](#) 2Cor 12,8.

Coleção **PATRÍSTICA**

- 1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
- 2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
- 3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
- 4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
- 5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
- 6. Sermões, Leão Magno
- 7. A Trindade, S. Agostinho
- 8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
- 10. Confissões, S. Agostinho
- 11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
- 12. A Graça (I), S. Agostinho
- 13. A Graça (II), S. Agostinho
- 14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
- 15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
- 16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
- 17. A doutrina cristã, S. Agostinho
- 18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
- 19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
- 20. Contra Celso, Orígenes
- 21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
- 22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
- 23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
- 24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
- 25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial

Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital

Erivaldo Dantas

Título original

Perì akataléptou

Perì tês toû Theoû pronóias

Tê diakóno Olympiádi

Tradução

Mosteiro de Maria Mãe do Cristo

Coordenação editorial e Introdução

Maria Paula Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

João Crisóstomo, Santo, ca. 347-407.

Da incompreensibilidade de Deus; Da providência de Deus; Cartas a Olímpia / São João Crisóstomo; [tradução Mosteiro de Maria Mãe do Cristo]. — São Paulo: Paulus, 2007. — (Coleção patrística)

eISBN 9788534938976

1. Deus - conhecimento 2. Padres da Igreja primitiva 3. Providência divina - Cristianismo I. Título . II. Título: Da providência de Deus. III. Título: Cartas a Olímpia. IV. Série.

07-4605 CDD-200.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Religião: Sistemas, valores, princípios científicos, psicologia 200.1

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938976